O Senhor do Mundo

Robert Hugh Benson

ECCLESIAE

O Senhor do Mundo

O Senhor do Mundo

Robert Hugh Benson

Tradução de Ronald Robson

ECCLESIAE

Dedicatória

Clavi Domus David

Tenho inteira consciência de que este é um livro terrivelmente exagerado, o qual por esse motivo, bem como por muitos outros, se expõe a inumeráveis críticas. Mas eu não sabia como expressar os princípios que eu desejava expressar (os quais apaixonadamente acredito serem verdadeiros) senão expondo seus limites ao nível do exagero. Tentei, contudo, não fazer escândalo indevido e preservar, tanto quanto possível, respeito e consideração pelas opiniões de outras pessoas. Se consegui ou não fazê-lo, esta já é questão bem outra.

Robert Hugh Benson
Cambridge, 1907

Prólogo

Aqueles que não gostam de prólogos maçantes não precisam ler este. Ele é essencial apenas ao esclarecimento da situação, não da história.

– Eu preciso de um tempo – disse o velho, voltando-se para trás.

Percy tornou a se sentar em sua cadeira e aguardou, o queixo apoiado na mão.

A sala na qual os três homens estavam sentados era muito silenciosa, mobiliada de acordo com o extremo senso comum do período. Não tinha porta nem janela, pois já se iam sessenta anos desde que o mundo, admitindo que o espaço não se limita à superfície do globo, começou a cavar pra valer. A casa do velho Sr. Templeton ficava cerca de quarenta pés abaixo do Aterro do Rio Thames, no que se considerava uma localização um tanto cômoda, pois ele tinha que andar só cem metros para chegar à estação do Segundo Circuito Central de Automóveis e um quarto de milha até a estação de *volor*, em Blackfriars. Todavia, ele tinha mais de noventa anos e raramente saía de casa agora. A sala era totalmente revestida com o delicado esmalte verde-jade prescrito pelo Conselho de Saúde e preenchida com a luz solar artificial descoberta

pelo grande Reuter, quarenta anos antes; tinha a coloração de uma floresta na primavera e era aquecida e ventilada através de frisos clássicos graduados na temperatura de 18 graus. O Sr. Templeton era um homem simples, satisfeito com viver como seu pai viveu antes dele. A mobília também era um pouco antiquada em seu aspecto e desenho, embora construída de acordo com o método dominante de esmalte de amianto leve fundido sobre ferro, indestrutível, agradável ao toque e lembrando mogno. Duas estantes de livros bem preenchidas ficavam uma de cada lado do suporte de bronze do fogo elétrico, diante do qual estavam sentados os três homens; e, nos cantos mais afastados, estavam os elevadores hidráulicos, um levando ao quarto, o outro levando ao corredor cinqüenta pés acima que se abria para o Aterro.

Padre Percy Franklin, o mais velho dos dois padres, era um homem de aparência um tanto marcante, com não mais que trinta e cinco anos, mas com cabelo totalmente branco; seus olhos cinza, sob sobrancelhas negras, tinham um brilho característico e eram quase impetuosos, e seu nariz e queixo proeminentes e a extrema definição de sua boca reasseguravam ao observador a sua determinação. Estranhos geralmente olhavam duas vezes para ele.

No entanto, o Padre Francis, sentado em uma cadeira do outro lado do fogo, destoava da média, pois, embora seus olhos castanhos fossem agradáveis e comoventes, não havia força nenhuma em seu rosto; havia até mesmo certa tendência para uma melancolia feminina nos cantos de sua boca e na acentuada prostração de suas pálpebras.

O Sr. Templeton era de fato um homem muito idoso, com um rosto forte e enrugado, barbeado com perfeição, assim como todo mundo, e ele estava agora deitado de costas sobre seus travesseiros d'água e com a colcha sobre seus pés.

Finalmente ele falou, olhando primeiro para Percy, à sua direita.

– Bem – ele disse –, é um trabalho e tanto lembrar com exatidão, mas é assim que coloco a coisa toda para mim.

– O nosso partido na Inglaterra foi pela primeira vez alarmado seriamente no Parlamento Trabalhista de 1917. Isso nos mostrou quão profundamente o herveísmo havia impregnado toda a atmosfera social. Tinha havido socialistas antes, mas nenhum como o Gustav Herve da velhice, pelo menos nenhum com o mesmo poder. Ele, você talvez tenha lido, pregava o absoluto materialismo e o absoluto socialismo levados ao seu máximo desenvolvimento lógico. O patriotismo, dizia ele, era um vestígio da barbárie passada e o prazer sexual era o único bem seguro. Evidentemente, todos riram dele. Diziam que sem religião não poderia haver motivo algum para as massas manterem a mais simples ordem social. Mas ao que parece isso estava certo. Depois da queda da Igreja Francesa no começo do século e dos massacres de 1914, a burguesia parou para refletir e se organizar, e esse movimento extraordinário começou sério, impulsionado pelas classes médias, sem patriotismo nem distinção de classe, praticamente sem exército. Óbvio, a maçonaria dirigia tudo isso. Foi se espalhando pela Alemanha, onde a influência de Karl Marx já tinha...

– Sim, certo – interveio Percy com polidez –, mas e quanto à Inglaterra, o que...

– Ah, sim, a Inglaterra. Bem, em 1917 o Partido Trabalhista tomou as rédeas e o comunismo começou de verdade. Isso foi muito antes do que posso me lembrar, claro, mas o meu pai costumava datar daí. A única surpresa foi que as coisas não tenham ido adiante mais rapidamente, mas creio que havia um bom número de *tories* meio esquerdistas. Além disso, os séculos geralmente passam mais devagar do que se espera, especialmente depois de começar com um impulso. Mas a

nova ordem começou ali, e os comunistas desde então nunca tiveram sérios problemas, com exceção de um probleminha em 1925. Foi quando Blenkin fundou *O Novo Povo*, quando o *The Times* caiu fora, mas, o que é muito estranho, foi só em 1935 que a Câmara dos Lordes tombou pela última vez. A Igreja Oficial desapareceu em 29.

– E o efeito religioso disso? – perguntou Percy rapidamente, quando o velho parou para tossir levemente, tirando o seu inalador. O padre estava ansioso para chegar àquele ponto.

– Isso foi mais um efeito – disse o outro – que uma causa. Veja bem, os ritualistas, como eles costumavam se chamar, depois de uma tentativa desesperada de entrar na onda do Partido Trabalhista, vieram para a Igreja após a Convocação de 1919, quando o Credo Niceno caiu, e não havia entusiasmo nenhum, só no grupo deles. Mas, na medida em que a última desoficialização da igreja teve algum efeito, acho que foi o efeito de o que restou da Igreja Estatal ter se dissolvido na Igreja Livre, e no fim das contas a Igreja Livre não era nada mais que um pequeno sentimento. A Bíblia foi totalmente abandonada como autoridade depois dos ataques alemães na década de 20, e da Divindade de Nosso Senhor, alguns pensam, tinha sobrado só o nome logo no começo do século. A teoria kenótica tinha previsto isso. Houve aquele estranho e pequeno movimento dos homens da Igreja Livre, até mesmo antes disso, quando ministros que não faziam mais que seguir a onda – que eram sensíveis ao movimento do tabuleiro, por assim dizer – abandonaram suas posições antigas. É curioso ler na história da época que eles eram saudados como pensadores independentes. Era exatamente isso o que eles não eram... Onde eu estava? Ah, sim... Bem, aquilo abriu caminho para a gente e a Igreja fez um progresso extraordinário por um tempo – quer dizer, extraordinário para as circunstâncias, porque você deve se lembrar de que as coisas eram diferentes

de vinte, até dez anos antes. Quero dizer que, de um modo geral, a separação das ovelhas e das cabras tinha começado. As pessoas religiosas eram praticamente todas católicas e individualistas, as pessoas sem religião rejeitavam totalmente o sobrenatural e eram, sem exceção, materialistas e comunistas. Mas fizemos progresso porque tínhamos alguns homens excepcionais, Dalaney, o filósofo, McArthur e Largent, os filantropos, e assim por diante. Realmente parecia que Delaney e seus discípulos eram capazes de perceber tudo ao redor deles. Você se lembra do *Analogia* dele? Ah, sim, está tudo nos livros...

– Bem, então, no fim do Concílio Vaticano, que tinha sido convocado no século XIX e nunca havia sido desfeito, nós perdemos um grande número por conta das definições finais. "O êxodo dos intelectuais" – foi como o mundo chamou...

– As decisões bíblicas – interrompeu o padre mais jovem.

– Isso em parte; também todo o conflito que tinha começado com o modernismo no começo do século, mas muito mais a condenação de Delaney e do Novo Transcendentalismo de um modo geral, como foi compreendido na época. Ele morreu fora da Igreja, você sabe. Houve então a condenação do livro de religião comparada de Sciotti... Depois disso os comunistas avançaram a passos largos, embora através de passos lentos. Pode parecer extraordinário para você, imagino, mas você não pode imaginar a excitação quando o *Projeto de Profissões Necessárias* virou lei nos anos 60. As pessoas pensaram que toda empresa iria parar quando um número tão grande de profissões fosse estatizado; mas, como você sabe, não parou. Certamente a nação estava por trás disso.

– Em que ano foi que o *Projeto de Taxação de Dois Terços* passou? – perguntou Percy.

– Ah!, muito antes disso – um ano ou dois depois da queda da Câmara dos Lordes. Foi necessário, creio eu, ou então os

individualistas teriam pirado... Bom, o *Projeto de Taxação de Dois Terços* foi inevitável: as pessoas tinham começado a seguir isso desde muito antes, no tempo em que as ferrovias foram municipalizadas. Por um momento houve uma febre de arte, por conta de todos os individualistas que puderam seguir esse caminho (foi aí que a escola de Toller foi fundada), mas eles logo se voltaram para o funcionalismo público; no fim das contas, o limite de sessenta por cento para todo empreendimento individual não era lá coisa muito tentadora, e o Governo pagava bem.

Percy sacudiu a cabeça.

– Certo, mas eu não consigo entender a situação. Você acabou de dizer que as coisas aconteceram devagar?

– Sim – disse o velho –, mas você deve se lembrar das Leis dos Pobres. Isso consagrou os comunistas para sempre. Braithwaite certamente sabia fazer o seu trabalho.

O padre mais moço ergueu a vista com curiosidade.

– A abolição do antigo sistema de assistência social – disse o Sr. Templeton. – Tudo isso é velho demais para você, claro, mas eu lembro como se fosse ontem. Foi isso que acabou com o que ainda se chamava monarquia e com as universidades.

– Ah – disse Percy. – Eu gostaria de ouvir você falar a respeito, senhor.

– Pouco tempo depois, padre... Bem, o que Braithwaite fez foi isto. De acordo com o velho sistema, todos os indigentes eram tratados igualmente, e eles se ofendiam com isso. De acordo com o novo sistema haveria as três classes que temos hoje e a emancipação das duas classes mais altas. Apenas os absolutamente imprestáveis eram direcionados para a terceira classe e tratados mais ou menos como criminosos – claro que depois de exame cuidadoso. Depois houve a reorganização das Pensões dos Idosos. Ora, vocês não percebem quão fortes isso fez os comunistas? Os individualistas – eles ainda eram

chamados de *tories* quando eu era criança – os individualistas não tiveram chance desde então. Hoje não são mais que uma resistência exaurida. Todas as classes trabalhadoras – e isso quer dizer noventa e nove de cada cem – estão contra eles. Percy o olhou, mas o outro prosseguiu.

– Então houve o Projeto de Reforma do Sistema Prisional no período de Macpherson e a abolição da pena de morte; houve o último Decreto de Educação de 59, pelo qual se estabeleceu o secularismo dogmático; a abolição prática da herança com a reforma dos Impostos por Patrimônio Herdado...

– Esqueci como era o sistema antigo – disse Percy.

– Céus, parece inacreditável, mas o sistema antigo era que todos pagavam o mesmo. Primeiro veio o Decreto de Heirloom, e assim a mudança com a qual o patrimônio herdado pagava três vezes o imposto de um patrimônio adquirido, levando à aceitação das doutrinas de Karl Marx em 89 – mas a primeira veio em 77... Bem, todas essas coisas puseram a Inglaterra no mesmo passo do resto da Europa; ela chegou bem a tempo de tomar parte do último plano do Livre-Comércio Ocidental. Esse foi o primeiro efeito, você lembra, da vitória dos socialistas na Alemanha.

– E como saímos da Guerra Oriental? – perguntou Percy afobadamente.

– Ah, essa é uma longa história; mas, em resumo, a América nos parou; daí que perdemos a Índia e a Austrália. Creio que isso foi a coisa mais próxima da queda dos comunistas desde 25. Mas Braithwaite se saiu dessa muito habilmente nos conseguindo o protetorado da África do Sul de uma vez por todas. Ele também já era um homem idoso.

O Sr. Templeton parou para tossir de novo. O Padre Francis suspirou e mudou de posição em sua cadeira.

– E a América? – perguntou Percy.

– Ah, tudo isso é muito complicado. Mas ela sabia o poder que tinha e anexou o Canadá no mesmo ano. Isso foi quando estávamos em nosso momento mais fraco.

Percy ficou de pé.

– Você tem um Atlas Comparativo, senhor? – ele perguntou.

O velho apontou para uma prateleira.

– Ali – ele disse.

Percy observou as folhas, por um minuto ou dois, em silêncio, abrindo-as sobre seu colo.

– Tudo está bem mais simples, isso é certo – murmurou, primeiro observando o velho e complicado colorido de começo do século XX e, em seguida, as três grandes manchas do XXI.

Ele correu o dedo pela Ásia. As palavras IMPÉRIOS ORIENTAIS cruzavam o amarelo pálido, desde os Montes Urais à esquerda até o Estreito de Behring à direita, contornando, em letras gigantescas, a Índia, a Austrália e a Nova Zelândia. Ele observou o vermelho; era consideravelmente menor, mas ainda da maior importância, levando em conta que cobria não apenas a Europa, mas toda a Rússia subindo até os Montes Urais e a África até o sul. A REPÚBLICA AMERICANA pintada de azul cobria a totalidade do continente e desaparecia próximo ao limite esquerdo do Hemisfério Ocidental, num espraiar de chispas azuis sobre o mar branco.

– Sim, é mais simples – disse o velho secamente.

Percy fechou o livro e o pôs ao lado da sua cadeira.

– E o que virá agora, senhor? O que irá acontecer?

O velho estadista *tory* sorriu.

– Sabe lá Deus – ele disse. – Se o Império Oriental escolher agir, não poderemos fazer nada. Não sei por que ainda não agiram. Suponho que por causa de diferenças religiosas.

– A Europa não irá se partir? – perguntou o padre.

– Não, não. Nós sabemos do risco que corremos agora. E a América certamente nos ajudaria. Mas, mesmo assim, que Deus nos ajude – ou ajude você, eu diria – se o Império agir! Ele afinal sabe a força que tem.

Houve silêncio por um instante, e ainda. Uma fraca vibração tremulou pelo aposento cavado fundo, como se lá em cima tivesse passado uma máquina imensa pelo bulevar.

– Faça suas previsões, senhor – Percy disse de repente. – Sobre religião.

O Sr. Templeton tomou outro longo fôlego de seu instrumento. E novamente prosseguiu com seu relato.

– De forma breve – disse –, há três forças – catolicismo, humanitarismo e as religiões orientais. Sobre estas últimas não posso prever, embora ache que os sufis sairão vitoriosos. Tudo pode acontecer; o esoterismo está fazendo estragos enormes – e isso quer dizer panteísmo; e a fusão entre as dinastias chinesa e japonesa perturba todas as nossas previsões. Mas na Europa e na América não há dúvida de que a luta está entre as outras duas. Podemos não levar em conta todo o resto. E acredito eu – se você quer mesmo que eu diga o que penso – que, humanamente falando, o catolicismo agora irá decair rapidamente. É perfeitamente verdadeiro que o protestantismo está morto. Os homens afinal reconhecem que uma religião sobrenatural envolve uma autoridade absoluta, e que o julgamento privado em matérias de fé não é nada além do princípio da desintegração. E também é verdade que, na medida em que a Igreja Católica é a única instituição que ainda reivindica autoridade sobrenatural, com toda a sua lógica impiedosa, ela tem de novo a fidelidade de praticamente todos os cristãos nos quais ainda resta alguma crença sobrenatural. Existem uns poucos gurus, especialmente na América e aqui, mas eles são insignificantes. Tudo isso está muito bem; mas, por outro lado, você deve lembrar que o humanitarismo, ao contrário

das previsões de todos, está se tornando uma verdadeira religião, ainda que anti-sobrenatural. Ele é panteísmo; está desenvolvendo um ritual com a Maçonaria; tem um credo, "Deus é Homem", e assim por diante. Tem portanto um alimento de verdade para oferecer às ânsias religiosas; ele idealiza, e ainda assim não faz nenhuma exigência quanto às faculdades espirituais. Então, eles têm de usar todas as igrejas, exceto a nossa, e todas as catedrais, e eles por fim estão começando a estimular a sensibilidade. Assim, eles podem exibir seus símbolos e nós não: creio que no mais tardar estarão legalmente oficializados em mais uns dez anos.

- Ora, lembre que nós, católicos, estamos perdendo; perdemos sem parar por mais de cinqüenta anos. Creio que nominalmente agora nós somos cerca de um a cada quarenta na América - e esse é o resultado do movimento católico do início dos anos vinte. Na França e na Espanha não temos lugar; na Alemanha somos menos. Mantemos nossa posição no Oriente, é certo, mas mesmo lá não temos mais que um em cada duzentos - segundo as estatísticas - e estamos dispersos. Na Itália? Bom, temos Roma de volta, mas nada além disso; aqui nós temos a Irlanda toda e talvez um em cada sessenta da Inglaterra, País de Gales e Escócia, mas nós tínhamos um em cada quarenta setenta anos atrás. Então houve o enorme desenvolvimento da psicologia - tudo claramente contra nós por pelo menos um século. Primeiro, veja só, houve o materialismo, aquele puro e simples que meio que falhou - era rude demais - até que a psicologia veio a resgatá-lo. Agora a psicologia reivindica todo o resto do terreno, e o senso do sobrenatural parece estar incluído aí. Essa é a reivindicação. Não, padre, nós estamos perdendo, devemos continuar perdendo e creio que devemos estar até preparados para uma catástrofe a qualquer momento.

- Mas... - começou Percy.

– Você acho isso fraco vindo da parte de um velho com o pé na cova. Bom, mas é isso que eu penso. Não vejo esperança. Na verdade, mesmo agora me parece que algo possa vir a nos acontecer rapidamente. Não; não vejo esperança alguma até que...

Percy ergueu a vista bruscamente.

– Até que nosso Senhor volte – disse o velho político.

O Padre Francis suspirou novamente, e se assentou um silêncio.

– E a queda das universidades? – disse Percy afinal.

– Meu caro padre, foi exatamente como a queda dos mosteiros sob Henrique VIII, o mesmo resultado, os mesmos argumentos, os mesmos incidentes. Elas eram as fortalezas do individualismo, assim como os mosteiros eram as fortalezas do papismo, e elas eram vistas com o mesmo tipo de espanto e inveja. Então começou o tipo habitual de comentários sobre a quantidade de vinho do porto bebido, e subitamente as pessoas disseram que elas haviam cumprido com sua missão, que os internos estavam confundindo meios com fins, e havia mais um bocado de razões para dizer isso. No fim das contas, permitido o sobrenatural, as Casas Religiosas são uma conseqüência óbvia, mas o propósito da educação secular é presumivelmente a produção de algo visível – seja caráter ou competência, e se tornou impossível provar que as universidades produziam um ou outro – que valia a pena tê-las. A distinção entre a partícula negativa grega *ou* e a partícula negativa *me* não é um fim em si mesma, e o tipo de pessoa produzida por esse estudo não era lá um que importasse tanto à Inglaterra no século XX. Não sei nem se importava tanto para mim mesmo (e eu sempre fui um firme individualista), a não ser como uma espécie de *pathos*...

– E? – disse Percy.

– Ah, é patético demais. As Faculdades de Ciência de Cambridge e o Departamento de Estudos Coloniais de Oxford eram a última esperança, e por fim se foram. Os velhos catedráticos saíram de fininho com os seus livros, mas ninguém os queria – eles eram puramente teóricos demais; alguns foram parar nos asilos, de primeira e segunda classe, alguns recebiam cuidados de clérigos caridosos; houve aquela tentativa de reuni-los em Dublin, mas falhou e as pessoas logo se esqueceram deles. Os prédios, você sabe disso, foram utilizados para todo tipo de coisa. Por um tempo Oxford foi um espaço de maquinários e Cambridge uma espécie de laboratório do Governo. Eu estava no King's College, você sabe. Óbvio que era a coisa mais horrível possível, mesmo eu estando feliz por eles terem deixado a capela aberta mesmo que como um museu. Não foi nada divertido ver as capelas ocupadas por espécimes anatômicos. Mas não creio que fosse muito pior que ter mantido fornos e sobrepelizes lá dentro.

– O que aconteceu com você?

– Ah, desde bem cedo eu estava no Parlamento e também tinha um dinheirinho meu. Mas era muito difícil para alguns; eles tinham pequenas pensões, pelo menos todos os que já haviam prestado serviço. E mesmo assim, não sei: creio que tinha de acontecer. Eles não eram muito mais que sobreviventes pitorescos, sabe, e não havia neles nem a graça de uma fé religiosa.

Percy suspirou de novo, vendo a bem-humorada expressão rememorativa daquele velho homem. Então repentinamente ele mudou de novo de assunto.

– E quanto ao Parlamento Europeu? – disse.

O velho começou.

– Ah... eu acho que irá acabar – disse – caso se possa achar um homem que lhe dê um empurrão. Todo esse último século levou a ele, como você pode ver. O patriotismo foi morrendo

rapidamente, mas tinha de morrer, como a escravidão e o resto, sob a influência da Igreja Católica. Tal como é, o trabalho foi feito sem a Igreja, e o resultado é que o mundo está começando a se organizar contra nós: é o antagonismo estabelecido – uma espécie de católico anti-Igreja. A democracia fez o que a Monarquia Divina deveria ter feito. Se a proposta passar, creio que podemos esperar algo como perseguição mais uma vez... Mas, aqui de novo, a invasão oriental pode nos salvar, se ela cessar... Eu não sei...

Percy ainda se sentou por um instante; então de súbito se ergueu.

– Eu preciso ir, senhor – disse ele, escorregando para o esperanto. – Já passa das sete horas. Muito obrigado. Você vem, padre?

O Padre Francis também se levantou, com seu terno cinza escuro permitido a padres, e apanhou seu chapéu.

– Bem, padre – falou o velho novamente –, volte outro dia, se é que não divaguei demais. Suponho que você ainda tenha de escrever a sua carta...?

Percy assentiu.

– Fiz metade nesta manhã – ele disse –, mas senti que eu precisava ter outra visão geral antes que eu pudesse entender corretamente: estou muito grato por você ter me permitido isso. É realmente um grande trabalho, essa carta diária ao Cardeal Protetor. Estou pensando em renunciar, se for permitido.

– Meu caro padre, não faça isso. Se é que posso dizer isso na sua cara, acho que você tem uma mente muito perspicaz, e, a menos que Roma tenha informação sensata, não pode fazer nada. Não creio que os seus colegas sejam tão cuidadosos como você.

Percy sorriu, erguendo suas negras sobrancelhas numa censura.

– Vamos, padre – ele disse.

Os dois padres partiram pelos degraus do corredor e Percy parou por um minuto ou dois observando a cena familiar de outono, na tentativa de compreender o que tudo aquilo significava. O que ele tinha ouvido lá embaixo parecia iluminar estranhamente aquela visão de esplêndida prosperidade que se mostrava à sua frente.

O ar estava claro como o dia; a luz do sol artificial sustentava tudo e agora Londres não sabia a diferença entre a escuridão e a luz. Ele parou numa espécie de claustro envidraçado, densamente pavimentado com uma manipulação de borracha nas quais os passos não faziam nenhum barulho. Abaixo dele, ao pé das escadas, era despejada uma fila dupla sem fim de pessoas separadas por uma divisória, indo para a direita e para a esquerda, silenciosamente, à exceção do murmúrio do esperanto falado, que soava incessantemente à medida que seguiam. Através do vidro transparente e duro da via pública, aparecia uma lustrosa e ampla estrada negra, sulcada de um lado a outro e enrugada ao centro, significantemente vazia, mas, quando ele ainda permanecia ali, soou um sinal de bem longe, vindo de Old Westminster, como o zumbido de uma colméia gigante, intensificando-se à medida que se aproximava, e um instante depois uma coisa transparente havia passado disparada, reluzindo de todos os ângulos, e o sinal reduziu-se a um zumbido novamente, e a um silêncio, enquanto o grande automóvel do Governo turbilhonava do sul para o leste com as correspondências. Esta era uma estrada privilegiada; nada senão veículos estatais podia utilizá-la, e estes a uma velocidade que não excedesse cem milhas por hora.

Outros barulhos eram abafados nessa cidade de borracha; o circuito de passageiros estava a uns cem metros, e o tráfego subterrâneo ficava situado abaixo demais do nível do solo para que algo, além de uma vibração, pudesse ser sentido. Foi para acabar com essa vibração e silenciar o zumbido dos veí-

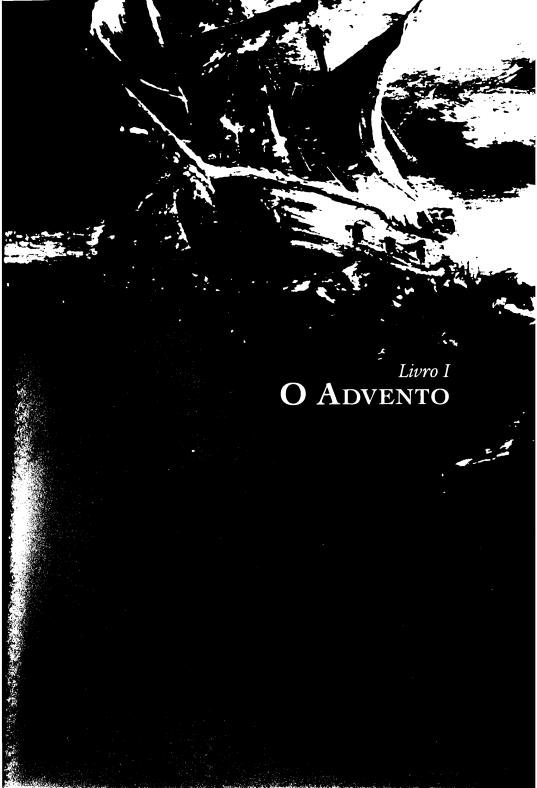
culos comuns que os especialistas do Governo trabalharam nos últimos vinte anos.

Novamente, antes que ele se movesse, veio um longo fragor desde o alto, desconcertantemente belo e agudo, e, como havia erguido os olhos da visão do rio ainda firme e forte – a única coisa da paisagem que havia se recusado a ser alterada –, ele viu bem acima de si, contra as pesadas nuvens iluminadas, um longo objeto fino, brilhando com luz leve, ir suavemente em direção ao norte e desaparecer com suas asas abertas. Aquele barulho musical, disse para si mesmo, era a voz de uma das linhas européias de *volors* anunciando sua chegada à capital da Grã-Bretanha.

"Até que o Senhor volte", ele pensou consigo mesmo, e por um momento a velha angústia lhe esfaqueou o coração. Quão difícil era manter os olhos focados naquele distante horizonte quando este mundo se mostra de imediato tão constrangedor em seu esplendor e sua força! Ah, ele havia discutido uma hora atrás com o Padre Francis que tamanho não era o mesmo que grandeza, e que a persistência externa pode não excluir uma sutileza interna; e ele acreditou no que havia dito; mas a dúvida permaneceu até que ele a silenciou com um esforço violento, clamando em seu coração ao Pobre Homem de Nazaré para conservar o seu coração como o coração de uma pequena criança.

Então selou os lábios, imaginando o quanto o Padre Francis poderia suportar a pressão, e desceu os degraus.

Livro I

O Advento

Capítulo I

I

Oliver Brand, o novo integrante de Croydon, sentou-se em seu escritório a observar através da janela, posta logo acima de sua máquina de escrever.

Sua casa ficava voltada para o norte, no ponto mais alto de um dos picos dos Montes Surrey, agora tornados irreconhecíveis, abertos e perfurados por túneis; só para um comunista a vista era inspiradora. Imediatamente abaixo das amplas janelas, o chão aterrado ia desaparecer, a uns cem pés de distância, dando em um muro alto, e, para além dele, o mundo e as obras dos homens lá estavam triunfantes, até onde a vista podia alcançar. Dois grandes caminhos, tais como pistas de corrida listradas, cada um com não menos que um quarto de milha de largura, e indo a vinte pés de profundidade na terra, uniam-se uma milha à frente em um imenso entroncamento. Desses caminhos, o da esquerda era a estrada Primeiro Tronco, que ia para Brighton, registrada em letras maiúsculas no Guia da Ferrovia, o da direita a Segundo Tronco, que ia para Tunbridge e o distrito de Hastings. Cada uma era dividida longitudinalmente por um muro de cimento, de cujo um dos lados, em estradas de ferro, seguiam os trens elétricos, e do outro a via de automóveis propriamente dita, por sua vez dividida em três, nas quais seguiam primeiro os técnicos do Governo à velocidade de cento e cinqüenta milhas por hora, depois os automóveis particulares à velocidade de não mais

que sessenta por hora, e depois a linha do Governo, mais barata, a trinta por hora, com estações a cada cinco milhas. Esta ainda ficava ao lado de uma estrada restrita a pedestres, ciclistas e carros comuns, na qual nenhum veículo podia andar a mais que doze milhas por hora.

Acima dessas grandes pistas fica uma imensa planície de telhados, com pequenas torres aqui e ali assinalando prédios públicos, do distrito de Caterham à esquerda até Croydon à frente, tudo claro e brilhante num ar sem fumaça; e, bem distante ao norte e a oeste, exibem-se os baixos montes suburbanos contra o céu de abril.

Espantosamente havia pouco barulho, levando em conta a pressão da população; e, com exceção do zumbido das estradas de ferro quando um trem partia para o norte ou para o sul, e o doce acorde ocasional dos grandes veículos quando se aproximavam ou deixavam o entroncamento, havia pouco o que se ouvir no escritório a não ser um suave, calmo burburinho que preenchia o ar, como o burburinho de abelhas no jardim.

Oliver amava cada sugestão de vida humana – todas as paisagens de ocupação e todos os sons – e agora estava ouvindo, sorrindo debilmente para si próprio enquanto observava o ar limpo. Ele então fechou os lábios, novamente pôs os dedos sobre as teclas e prosseguiu redigindo o discurso.

Ele era bastante afortunado pela posição de sua casa. Ficava no canto de uma daquelas teias de aranha gigantes com que o país é coberto e, para seus objetivos, era tudo que ele poderia esperar. Era próximo o suficiente de Londres para ser considerado local extremamente pobre, pois todos os ricos haviam se retirado para no mínimo cem milhas de distância do coração latejante da Inglaterra; e, ainda assim, era tão quieto quanto ele poderia desejar. De um lado ele estava a dez minutos de Westminster, do outro, a vinte minutos do mar, e seu eleitora-

do situava-se logo à sua frente como um mapa erguido. Mais ainda, como a estação final da grande Londres ficava somente a dez minutos dali, havia a seu dispor as linhas do Primeiro Tronco indo a todas as grandes cidades da Inglaterra. Para um político sem grandes recursos, que era chamado a falar em Edinburgh numa noite e em Marseilles na seguinte, ele estava tão bem localizado quanto qualquer outro homem da Europa poderia estar.

Era um homem bonito de se ver, com não muito mais que trinta anos; de cabelos pretos, bem barbeado, magro, viril, atraente, de olhos azuis e pele branca; e nesse dia ele aparentava estar extremamente satisfeito consigo e com o mundo. Seus lábios se moviam levemente enquanto trabalhava, seus olhos se dilatavam e retraíam de entusiasmo, e mais de uma vez parou e olhou de novo para fora, corado e a sorrir.

Então a porta se abriu; um homem de meia idade entrou nervosamente com um maço de papéis, deixou-o sobre a mesa sem dizer palavra e saiu. Oliver ergueu a mão pedindo atenção, estalou uma tecla e falou.

– E então, Sr. Phillips? – disse.

– Há notícias do oriente, senhor – disse o secretário.

Oliver atirou um olhar de lado e pôs a mão no maço.

– Alguma mensagem completa? – perguntou.

– Não, senhor, está interrompida de novo. O nome do Sr. Felsenburgh é mencionado.

Oliver não parecia ouvir; ele ergueu as finas folhas impressas com um movimento repentino e começou a virá-las.

– A quarta a partir de cima, Sr. Brand – disse o secretário.

Oliver sacudiu a cabeça impacientemente, e o outro se retirou como se tivesse recebido uma ordem para tanto.

A quarta folha a partir de cima, impressa em vermelho e verde, parecia absorver inteiramente a atenção de Oliver, pois ele a leu três ou quatro vezes, estirado e sem se mover em sua

cadeira. Até que suspirou e observou novamente através da janela.

Em seguida a porta se abriu de novo e uma moça alta entrou.

– E então, querido? – falou.

Oliver sacudiu a cabeça, os lábios comprimidos.

– Nada de definido – ele disse. – Até menos que de costume. Escute.

Ele pegou a folha verde e começou a ler enquanto a garota se sentava em uma cadeira perto da janela.

Ela era uma criatura de aparência encantadora, alta e esbelta, com sérios e ardentes olhos cinza, lábios vermelhos bem definidos e um belo conjunto de cabeça e ombros. Ela havia andado vagarosamente pelo aposento, enquanto Oliver pegava a folha, e agora se sentara com seu vestido marrom numa atitude elegante e imponente. Ela parecia ouvir com uma espécie de paciência hesitante, mas seus olhos piscavam com interesse.

–"Irkutsk--14--de--abril--Ontem--o--de--sempre--Mas--propalou-se--deserção--de---sufis--Tropas--continuam-se-reunindo-Felsenburgh-discursou-para-massa-budista-Atentado--ao--Lama--última-sexta--trabalho-de-anarquistas-Felsenburgh-partindo-para-Moscou-como-planejado-ele..." Eis – isso é tudo – concluiu Oliver desanimado. – Está interrompido como sempre.

A garota começou a balançar um pé.

– Não entendo nada – ela disse. – Afinal, quem é Felsenburgh?

– Minha pequena, isso é o que o mundo inteiro está se perguntando. Não se sabe nada além de que ele foi incluído na delegação americana no último momento. O *Herald* publicou seu perfil semana passada, mas já foi negado. É certo que ele é um homem bem novo e que ele foi bastante desconhecido até agora.

– Bem, agora ele não é desconhecido – observou a garota.

– Eu sei; parece como se ele estivesse mandando na coisa toda. Ninguém ouve sequer uma palavra dos outros. Que sorte ele estar do nosso lado.

– E o que você acha?

Oliver voltou novamente os olhos vagos para fora da janela.

– Eu acho que a coisa está preta – ele disse. – A única coisa notável é que aqui praticamente ninguém parece se dar conta disso. É coisa demais para a imaginação, creio eu. Não há dúvida de que o oriente tem preparado seu assalto à Europa nos últimos cinco anos. Eles só foram reprimidos pela América, e essa é a última tentativa de pará-los. Mas por que Felsenburgh viria para o fronte... – ele estancou. – Ele deve ser um bom lingüista, seja em que nível for. Esta é no mínimo a quinta multidão para quem ele discursou; talvez ele seja apenas o intérprete americano. Deus do céu! Gostaria de saber quem é ele.

– Ele tem outro nome?

– Julian, creio eu. Uma mensagem diz isso.

– Como isso chegou?

Oliver sacudiu a cabeça.

– Empresa privada – disse. – As agências européias pararam o trabalho. Toda agência de telégrafo é vigiada dia e noite. Há linhas de *volors* espalhadas por toda a fronteira. O Império pretende resolver o assunto sem nós.

– E se der errado?

– Minha querida Mabel, se o mundo virar de cabeça para baixo... – fez um gesto negativo.

– E o que o Governo está fazendo?

– Trabalhado noite e dia, assim como no resto da Europa. Será o fim do mundo, como uma vingança, se isso vier a dar em guerra.

– E no que você acha que isso pode dar?

– Eu vejo duas possibilidades – disse Oliver pausadamente –; uma é que eles possam ficar com medo da América e se conterem por puro medo; a outra é que eles possam ser induzidos a se conterem por caridade; ah, se fosse possível fazê-los compreender que a cooperação é a única esperança do mundo! Mas essas religiões malditas deles...

A garota suspirou e observou mais uma vez a imensa planície de telhados abaixo da janela.

A situação realmente não poderia ser mais séria. Aquele Império gigantesco, feito de um federalismo de Estados sob o Filho do Céu (tornado possível pela fusão das dinastias japonesa e chinesa e pela queda da Rússia), tendo consolidado suas forças e estudado seu próprio poder durante os últimos trinta e cinco anos, desde então, enfim, havia posto suas mãos amarelas na Austrália e na Índia. Enquanto o resto do mundo havia experimentado a loucura da guerra desde a queda da república russa sob o ataque combinado das raças amarelas, estas últimas haviam aproveitado a oportunidade. Agora parecia que a civilização do último século estava em vias de ser varrida de volta mais uma vez para o caos. Não que a plebe do oriente se importasse tanto; foram seus governantes que começaram a estender sua ação depois de uma letargia quase eterna, e agora, a essa altura, era difícil imaginar como eles poderiam ser contidos. Havia um toque de crueldade também no rumor de que fanatismo religioso estava por trás do movimento e de que o resignado oriente havia planejado catequizar, pelos equivalentes modernos do fogo e da espada, aqueles que haviam ficado de fora da maior parte das fés religiosas, com exceção daquela na Humanidade. Para Oliver isso era simplesmente enlouquecedor. Como olhasse de sua janela e visse aquele vasto limite de Londres pacificamente assentado à sua frente, como sua imaginação atravessasse a Europa e visse em toda parte aquele triunfo seguro do senso

comum e dos fatos sobre os contos de fadas do cristianismo, parecia-lhe intolerável que pudesse haver sequer uma possibilidade de que tudo isso fosse mandado de volta para uma barafunda bárbara de seitas e dogmas; pois não menos que isso aconteceria se o oriente pusesse as mãos na Europa. Até mesmo o catolicismo poderia renascer, disse para si mesmo, aquela estranha fé que havia resplandecido tão freqüentemente à medida que a perseguição havia disparado no sentido de extingui-la; e, de todas as formas de fé, para a cabeça de Oliver o catolicismo era a mais grotesca e escravizadora. E a perspectiva de tudo isso sinceramente o incomodava bem mais que a idéia da catástrofe física e do derramamento de sangue que se abateria sobre a Europa com o advento do oriente. Em religião havia uma única esperança, conforme ele havia dito para Mabel uma dúzia de vezes, e esta era que o panteísmo quietista que desde o último século provocara danos gigantescos tanto no oriente como no ocidente, entre os maometanos, os budistas, os hindus, os confucionistas e o resto, pudesse ajudar a deter o frenesi sobrenatural que inspirava seus irmãos exotéricos. Panteísmo, ele compreendia, era o que ele próprio sustentava; para ele "Deus" era a totalidade da vida criada em desenvolvimento, e a Unidade impessoal era a essência de Seu ser; a concorrência era portanto a grande heresia que punha homem contra homem e atrasava todo o progresso, pois, como via, o progresso está na fusão do indivíduo com a família, da família com a comunidade, da comunidade com o continente e do continente com o mundo. Por fim, em qualquer momento o mundo nada mais é que o estado de ânimo de uma vida impessoal. Isto representava, de fato, deixar de lado a idéia católica bem como a do sobrenatural, representava uma união de destinos terrenos, um abandono do individualismo por um lado e do sobrenaturalismo por outro. Era traição apelar de um Deus Imanente para um Deus Transcen-

dente; não havia Deus Transcendente algum; Deus, até onde podia ser conhecido, era o homem.

Até agora esses dois, até certo ponto marido e mulher – pois haviam firmado aquele contrato rescindível agora explicitamente reconhecido pelo Estado – até agora esses dois estavam muito longe de partilhar da dura obtusidade costumeira dos materialistas puros. O mundo, para eles, pulsa como uma vida ardente a brotar na flor, na besta e no homem, uma torrente de bela vitalidade a florescer de uma fonte profunda e a irrigar tudo que se movia ou sentia. Essa aventura romântica era tanto mais apreciável porque era compreensível às mentes que dela se desenvolviam; havia mistérios aí, mas mistérios que mais seduziam que confundiam, pois revelavam novas glórias a cada descoberta que o homem podia fazer; mesmo objetos inanimados, o fóssil, a corrente elétrica, as tão distantes estrelas, eram poeira atirada pelo Espírito do Mundo – perfumado com a Sua Presença e expressivo de Sua Natureza. Por exemplo, o anúncio feito vinte anos antes por Klein, o astrônomo, de que a possibilidade de habitar certos planetas havia se tornando fato comprovado – quão radicalmente isso alterou a visão que os homens tinham de si próprios. Mas a única condição para o progresso e construção de Jerusalém, no planeta que calhou de ser o lar do homem, era a paz, não a espada que Cristo trouxe ou que Maomé empunhou, mas a paz que nascia do entendimento e que não o trespassava; a paz que brotava do conhecimento de que o homem era tudo e de que estava apto a desenvolver-se somente através da compaixão pelos seus pares. Para Oliver e sua esposa, portanto, o último século parecia como uma revelação; pouco a pouco as velhas superstições haviam morrido e a nova luz se expandido; o Espírito do Mundo havia despertado, o sol havia raiado no ocidente, e com horror e repugnância eles agora viam as

nuvens se ajuntarem novamente lá no canto de onde saíram todas as superstições.

Mabel logo se levantou e veio até seu marido.

– Querido – disse –, você não deve se afligir. Tudo isso pode passar como antes já passou. Conta muito que, de qualquer modo, eles estejam ouvindo a América. E esse Sr. Felsenburgh parece estar do lado certo.

Oliver pegou sua mão e a beijou.

II

Oliver parecia totalmente deprimido no café da manhã, uma hora e meia depois. Sua mãe, uma senhora idosa de cerca de oitenta anos que nunca dava as caras antes do meio-dia, pareceu de pronto notar isso, pois, após pouco olhá-lo e trocar uma palavra, recolheu-se em silêncio diante de seu prato.

O aposento em que estavam era pequeno e agradável, imediatamente atrás do aposento de Oliver, e estava mobiliado em verde claro, de acordo com o costume geral. As janelas se abriam para um trecho do jardim ao fundo e o alto muro de trepadeiras que separava aquele terreno do próximo. A mobília também era do tipo usual; uma mesa redonda e prática ficava no centro, tendo bem adequadas a ela três altas cadeiras de braços, com os ângulos e encostos apropriados; e, no centro, similar a uma grande coluna circular, permaneciam os pratos. Faziam já trinta e cinco anos desde que a prática de colocar a sala de jantar acima da cozinha, e de subir e descer os pratos de refeição por sistema hidráulico posto no centro da mesa de jantar, havia se tornado universal nas casas dos abastados. O piso era inteiramente feito da fórmula de cortiça

de amianto inventada na América, silencioso, limpo e aprazível aos pés como aos olhos.

Mabel quebrou o silêncio.

– E o seu discurso amanhã? – perguntou, pegando o garfo.

Oliver se animou um pouco e começou a falar.

Parecia que a situação começava a ficar séria em Birmingham. Estavam clamando novamente por livre-comércio com a América: as fábricas européias não eram suficientes e a função de Oliver era mantê-los quietos. De nada valia, ele planejava lhes dizer, se agitarem até que a situação no oriente se resolvesse: eles não deveriam incomodar o Governo com tais detalhes nesse momento. Também iria lhes dizer que o Governo estava inteiramente do lado deles; que era certo que isso viria logo.

– Eles são teimosos – acrescentou ferozmente –, teimosos e egoístas; são como crianças que choram por comida dez minutos antes do jantar: isso necessariamente há de vir se esperarem um pouco.

– E você dirá isso a eles?

– Que eles são teimosos? É claro.

Mabel olhou para seu marido com um brilho de agrado nos olhos. Ela sabia perfeitamente bem que a popularidade dele se assentava em grande medida na sua sinceridade: o povo gostava de ser repreendido e abusado por um homem audaz e genial que dançava e gesticulava em uma fúria magnética; ela mesma gostava disso.

– Como você irá? – ela perguntou.

– *Volor*. Devo pegar às seis da noite em Blackfriars; o encontro é às dezenove e devo estar de volta às vinte e uma.

Voltou-se vigorosamente para sua refeição, e sua mãe o admirou com um sorriso paciente de velha senhora.

Mabel começou a batucar levemente seus dedos no damasco.

– Por favor, apresse-se, querido – ela disse. – Tenho de estar em Brighton às três horas.

Oliver engoliu sua última bocada, empurrou seu prato pela superfície, observou se todos os pratos estavam ali e então pôs sua mão sob a mesa.

De pronto, com um som, a peça central se foi, e os três esperaram despreocupadamente enquanto o tinido dos pratos vinha desde baixo.

A Sra. Brand era uma velha senhora de aspecto saudável, corada e enrugada, tendo sobre a cabeça uma mantilha de cinqüenta anos atrás; mas também ela parecia um pouco abatida nesta manhã. O prato de entrada não foi muito eficiente, pensou; a nova comida não estava à altura da antiga, era uma ninharia com gosto de saibro: depois ela se preocuparia com isso. Houve um tinido, um som suave como um impulso, e a peça central estalou em seu lugar, trazendo uma imitação admirável de galinha assada.

Oliver e sua esposa ficaram de novo a sós por um ou dois minutos depois do café da manhã, antes que Mabel seguisse caminho para pegar a linha auxiliar de quarta classe, das duas e meia da tarde, que leva ao entroncamento.

– O que mamãe tem? – ele disse.

– Ah, é de novo essa questão de comida: ela nunca se acostuma a isso, diz que isso não a satisfaz.

– Nada além disso?

– Não, querido, tenho certeza. Ultimamente ela não tem falado nada.

Tranqüilo, Oliver viu sua esposa descer a estrada. Vez ou outra havia ficado desconfortável nos últimos tempos com uma ou duas palavras que sua mãe havia deixado escapar. Ela havia se mostrado cristã uns anos atrás, e isso às vezes parecia ter deixado uma mácula nela. Havia um velho "Jardim da Alma" que ela gostava de manter para si mesma, embora ela

sempre protestasse, com uma aparência de desdém, que isso não era nada mais que um absurdo. Ainda assim, Oliver teria preferido que ela o tivesse queimado: superstição é uma coisa louca para manter-se viva, e, enfraquecendo-se o cérebro, é concebível que volte a se afirmar. O cristianismo é tanto selvagem quanto obtuso, ele disse para si mesmo, selvagem pelo óbvio de seu grotesco e impossibilidade e obtuso porque tão pronunciadamente desvinculado da emocionante torrente da vida humana; o cristianismo ainda mal se mantinha, ele sabia, em pequenas e escuras igrejas aqui e ali; gritava com um sentimentalismo histérico na Catedral de Westminster, na qual certa vez ele havia entrado e reparado com uma espécie de fúria enojada; tagarelava estranhas, falsas palavras ao incompetente, ao velho, ao imbecil. Mas seria terrível demais se a sua própria mãe visse o cristianismo novamente com benevolência.

Oliver, até onde ele era capaz de se lembrar, havia sido violentamente contra as concessões feitas a Roma e Irlanda. Era intolerável que esses dois lugares pudessem ter se rendido definitivamente a esse disparate tolo e traiçoeiro: eram focos de sedição; marcas de peste na face da humanidade. Ele nunca concordara com aqueles que diziam ser melhor que todo o veneno do ocidente estivesse reunido do que disperso. Mas, em que medida fosse, lá estava ele. Roma havia sido inteiramente abandonada àquele velho homem de branco em troca de todas as paróquias e catedrais da Itália, e se compreendeu que as trevas medievais reinavam supremas ali; e a Irlanda, depois de receber autonomia de governo trinta anos atrás, havia se declarado pelo catolicismo e aberto seus braços para o individualismo em sua forma mais violenta. A Inglaterra sorriu e assentiu, pois assim se salvava de muita agitação com a imediata partida de metade de sua população religiosa para aquela ilha, e teve garantida ali, seguindo sua política colo-

nial comunista, a redução *ad absurdum* de qualquer tendência ao individualismo. Todo tipo de coisas engraçadas estavam acontecendo lá: Oliver havia lido com um divertimento amargo sobre novas aparições, aí, de uma Mulher de Azul e sobre os sacrários que eram erguidos onde os pés dela haviam descansado; mas ele estava bem pouco satisfeito com Roma, pois o movimento do Governo Italiano em direção a Turim havia privado a república de um bom montante de prestígio sentimental e havia aureolado o velho disparate religioso com todo o falso brilho de uma sociedade histórica. Entretanto, isso obviamente não poderia durar muito: o mundo afinal estava começando a entender isso.

Ele permaneceu por um momento à porta após sua esposa ter saído, sorvendo a reafirmação daquela visão gloriosa de firme sensatez que se espalhava diante de seus olhos: as incontáveis casas; as altas abóbadas de vidro dos banheiros públicos e ginásios; as escolas em locais íngremes onde a Cidadania era ensinada toda manhã; os guindastes e andaimes em forma de aranha que se erguiam aqui e ali; e mesmo os poucos pináculos pontiagudos não o desconcertavam. Ali se estendia na cinza neblina de Londres, realmente bela, essa vasta colméia de homens e mulheres que haviam aprendido pelo menos a lição básica do evangelho de que não existe Deus algum senão o homem, padre algum senão o político, profeta algum senão o professor.

Em seguida voltou novamente a redigir seu discurso.

Mabel também ficou um pouco pensativa enquanto, sentada com o jornal sobre o colo, descia o longo caminho até Brighton. As notícias vindas do oriente a haviam embaraçado mais que havia deixado transparecer ao seu marido; ainda lhe parecia inacreditável que pudesse existir algum perigo real de invasão. A vida no ocidente era tão racional e pacífica; as pessoas pisavam em terra firme e era inconcebível que fossem

forçadas a regredir à lama: isso era contrário a toda a lei de desenvolvimento. Ainda que não pudesse deixar de reconhecer que a catástrofe parecia ser um dos métodos da natureza...

Sentou-se muito quieta, vez ou outra dando uma olhada no escasso e pequeno fragmento de notícias, e leu o artigo de destaque: o que também parecia motivo significante de desânimo. Do outro lado dois homens, numa meia-cabine, falavam do mesmo assunto; um descreveu as obras de engenharia do Governo que havia visitado, a pressa desabalada que as dominava; o outro propôs perguntas e problemas. Não havia muito conforto ali. Não havia janelas pelas quais ela pudesse ver algo; nas estradas principais a velocidade era grande demais para os olhos; a grande cabine inundada por fraca luz limitava o seu horizonte. Fixou a vista nas deliciosas figuras feitas em carvalho no teto branco e moldado, nos fundos estofados de molas, nos globos agradáveis que do alto derramavam luz, numa mãe e numa criança diagonalmente opostas a ela. Então soou o grande acorde, a fraca trepidação até se intensificou levemente e, um instante depois, as portas se abriram e ela saiu para a plataforma da Estação de Brighton.

À medida que descia os degraus até o saguão da estação, notou um padre que ia à sua frente. Ele parecia um senhor bastante saudável e robusto, pois, embora seu cabelo fosse branco, ele caminhava de maneira firme e determinada. Ao pé da escada ele parou e se virou um pouco, e, para sua surpresa, viu que o rosto era de um homem jovem, forte e de traços finos, com sobrancelhas negras e olhos cinza muito brilhantes. Em seguida ela passou adiante e cruzou o saguão na direção da casa de sua tia.

E então, sem o menor aviso, à exceção de um silvo estridente vindo do alto, um bocado de coisas aconteceu.

Uma grande sombra girou sobre a luz do sol aos pés dela, um som de laceração cortou o ar e um barulho como o suspi-

ro de um gigante; e, enquanto ela ficara parada aturdida com um barulho como o de dez mil chaleiras esmagadas, uma coisa gigantesca se estatelou no pavimento de borracha bem à sua frente, lá ficando a preencher metade do saguão, contorcendo longas asas em sua parte superior, as quais batiam e rodopiavam como as barbatanas de algum monstro sinistro já extinto, a lançar gritos humanos e começando, quase que instantaneamente, a rastejar quase sem vida.

Mabel mal sabia o que havia se passado ali; mas ela logo se viu forçada para frente por uma pressão violenta vinda desde trás, até que se deparou aos seus pés com uma espécie de corpo de homem esmagado, gemendo e se mexendo, a sacudir-se da cabeça aos pés. Uma espécie de língua articulada saía dessa coisa; ela compreendeu bem os nomes de Jesus e Maria, e em seguida uma voz sibilou subitamente em seus ouvidos:

- Deixem-me passar. Eu sou padre.

Ela permaneceu ali por mais um instante, confusa com o súbito da coisa toda e viu, quase sem dar atenção, o jovem padre grisalho posto de joelhos, com seu casaco aberto e um crucifixo; ela o viu se curvar para perto, mover as mãos num sinal rápido, e ouviu um murmúrio de uma língua que não conhecia. E então ele estava de pé novamente, segurando o crucifixo à frente, e ela o viu começar a ir adiante no meio do chão alagado de vermelho, olhando aqui e ali como se à procura de um sinal. Descendo os degraus do hospital, à direita dela, vinham pessoas agora correndo, sem chapéu, cada uma carregando o que parecia uma antiga máquina fotográfica. Ela sabia quem eram esses homens, e seu coração se tranqüilizou. Eram os ministradores da eutanásia. Em seguida, sentiu-se pegada pelo ombro e puxada para trás e logo se viu junto de uma multidão, que se movia e gritava, e atrás de uma fila de policiais e civis, que tinham formado um cordão para conter a pressão.

III

Oliver ficou apavorado quando sua mãe, meia hora depois, apareceu com a notícia de que um dos *volors* do Governo havia caído no saguão da estação de Brighton logo após o trem das duas e meia ter descarregado seus passageiros. Ele sabia bem o que isso significava, pois se lembrava de um acidente como esse dez anos antes, imediatamente após ter sido aprovada a lei que proibia *volors* particulares. Isso significava que toda criatura que estivesse nele tinha morrido e provavelmente muitos outros que estavam no local onde caiu – e agora? A mensagem era bastante clara; ela certamente estava no saguão naquele momento.

Ele mandou um telegrama desesperado para a tia dela pedindo notícias, e se sentou, tremendo na cadeira, a aguardar a resposta. Sua mãe sentou perto.

– Por Deus... – ela soluçou uma vez, e quedou-se confusa como ele se virasse para ela.

Mas o Destino era piedoso, e, três minutos antes que o Sr. Phillips se arrastasse pelo caminho com a resposta, a própria Mabel entrou pela porta, um tanto pálida e sorrindo.

– Cristo! – gritou Oliver e arquejou fortemente, enquanto saltava da cadeira.

Ela não tinha muito o que lhes contar. Ainda não haviam publicado nenhuma explicação para o desastre; parecia que as asas de um dos lados simplesmente haviam parado de funcionar.

Ela descreveu a sombra, o silvo e a colisão.

Então parou.

– E então, querida? – disse seu marido, ainda um pouco pálido sob os olhos, enquanto se sentava próximo dela, afagando sua mão.

– Tinha um padre lá – disse Mabel. – Eu vi ele antes, na estação.

Oliver bufou numa risada um pouco histérica.

– Ele imediatamente ficou de joelhos – disse –, com o crucifixo, mesmo quando os médicos vieram. Querido, as pessoas realmente acreditam em tudo isso?

– Ué, eles acham que acreditam – disse o marido.

– Foi tudo tão... tão de repente; e lá estava ele, como se estivesse esperando tudo aquilo. Oliver, como eles podem ser assim?

– Ah, as pessoas podem acreditar em qualquer coisa se começarem a crer suficientemente cedo.

– E o homem também parecia acreditar nisso – o homem que estava morrendo, digo. Eu vi os olhos dele.

Ela parou.

– Sim, querida?

– Oliver, o que você diz para as pessoas quando estão morrendo?

– Ora, o que digo! Ah, nada! O que posso dizer? Mas não creio que eu já tenha visto alguém morrer.

– Nem eu tinha, até hoje – disse a garota e tremeu um pouco. – A equipe de eutanásia logo estava trabalhando.

Oliver tomou sua mão suavemente.

– Amor, isso deve ter sido horrível. Veja, você ainda está tremendo.

– Não; mas veja... Sabe, se eu tivesse algo a dizer, também teria dito. Eles estavam todos bem na minha frente: eu tentei pensar em algo, e soube que eu não tinha nada a dizer. Talvez eu pudesse ter falado sobre a Humanidade.

– Minha querida, tudo isso é muito triste, mas você sabe que tudo isso não importa. Já passou.

– E... e eles simplesmente terminaram?

– Bom, é.

Mabel apertou um pouco os lábios; depois suspirou. Ela havia feito uma espécie de reflexão inquieta no trem. Sabia perfeitamente bem que tudo isso era só nervosismo, mas não conseguia se livrar dele. Como disse, tinha sido a primeira vez que viu a morte.

– E aquele padre – aquele padre não pensa assim?

– Minha querida, vou dizer no que ele acredita. Ele acredita que aquele homem para quem ele mostrou o crucifixo, e sobre o qual disse aquelas palavras, está vivo em algum lugar, embora seu cérebro esteja morto: ele não sabe bem onde, mas é ou numa espécie de fábrica de fundição onde ele é vagarosamente queimado, ou, se ele for muito sortudo e se aquele pedaço de madeira fizer efeito, ele está em algum lugar para além das nuvens, diante das Três Pessoas que são apenas Uma, embora Elas sejam Três; acredita que tem também várias outras pessoas lá, uma Mulher de Azul, vários outros de branco com a cabeça sob os braços, fora outros que têm a cabeça de um dos lados; e acredita que eles têm harpas e que prosseguem cantando para sempre, caminhando pelas nuvens e realmente apreciando tudo isso. Ele também pensa que todas essas pessoas boas estão perpetuamente observando lá embaixo as fábricas de fundição de que falei e agradecendo às Três Pessoas por terem criado eles. É nisso que o padre acredita. Agora você sabe que isso não é coisa plausível; esse tipo de coisa pode ser bem interessante, mas não é verdade.

Mabel sorriu com prazer. Ela nunca tinha ouvido isso ser tão bem expresso.

– Não, querido, você está certo. Essas coisas não são verdade. Como ele pode acreditar nisso? Ele parecia tão inteligente!

– Minha pequena garota, se eu tivesse dito para você no berço que a lua era queijo verde, e se tivesse martelado em você desde então, dia após dia, que isso é assim, você hoje estaria bem perto de acreditar. Ora, você sabe no fundo do seu coração que os ministradores da eutanásia são os verdadeiros padres. É claro que você sabe isso.

Mabel suspirou de contentamento e se levantou.

– Oliver, você é a pessoa mais reconfortante que há. Realmente te adoro! Bom, tenho de ir para o meu quarto: ainda estou toda me tremendo.

Pelo meio do quarto ela parou e tirou um sapato.

– Ai... – deixou escapar debilmente.

Havia no objeto o que parecia um curioso salpico cor de ferrugem, e seu marido a viu ficar branca novamente.

– Minha querida – ele disse – , não seja tola.

Ela olhou para ele, sorriu com destemor e saiu.

Quando ela se foi, ele permaneceu sentado um instante onde ela o havia deixado. Nossa, mas quão sortudo ele era! Ele não gostava de pensar como teria sido a vida sem ela. Ele a conhecia desde que ela tinha doze anos – sete anos atrás – e no ano anterior eles haviam ido juntos ao distrito oficial para fazer o contrato. Ela realmente havia se tornado necessária para ele. Claro que o mundo poderia prosseguir sem ela, e ele imaginava que também poderia, mas não queria ter que tentar. Ele sabia perfeitamente bem, pois era essa a sua crença sobre o amor humano, que havia entre eles uma afeição mútua, tanto de mente como de corpo; e não havia absolutamente nada além disso: mas ele amava as intuições rápidas dela e ouvir o seu próprio pensamento ecoar tão perfeitamente. Eram como duas chamas somadas para formar uma terceira maior que as duas: é claro que uma chama poderia queimar sem a outra – de fato, uma o teria de fazer, um dia –, mas por

ora o calor e a luz eram estimulantes. Sim, ele estava feliz por ter ocorrido de ela estar longe do *volor* que caiu.

Ele não pensou mais em sua exposição do credo cristão; era-lhe apenas uma banalidade que os católicos acreditassem naquele tipo de coisa; para sua mente não era mais blasfemo descrevê-lo do que seria rir de um ídolo Fiji com olhos de pérola e peruca de crina de cavalo; era simplesmente impossível tratar isso seriamente. Em sua vida ele também havia vez ou outra se perguntado como seres humanos podem acreditar em tais idiotices; mas a psicologia o tinha auxiliado, e ele agora sabia bem que a sugestão é capaz de fazer praticamente qualquer coisa. E essa coisa odienta que há tanto tempo havia refreado o movimento pela eutanásia e toda a sua esplêndida misericórdia.

Suas sobrancelhas se enrugaram um pouco quando se lembrou da exclamação de sua mãe, "Por Deus..."; em seguida sorriu daquela coisa antiga e ordinária e da criancice patética dela, e voltou-se novamente para a sua mesa, pensando na hesitação de sua esposa - apesar dele próprio - quando viu o salpico de sangue em seu sapato. Sangue! Sim, isso é um fato como qualquer outro. Como se deve lidar com isso? Ora, com o glorioso credo da Humanidade - esse magnífico Deus que morria e renascia dez mil vezes por dia, que havia morrido diariamente como o velho e louco fanático Saulo de Tarso, desde que o mundo tivera início, e renascido de novo, não apenas uma vez como o Filho do Carpinteiro, mas com toda criança que vinha ao mundo. Essa era a resposta, e por que ela não era cabal o suficiente?

O Sr. Phillips entrou uma hora mais tarde com mais um maço de papéis.

"Sem mais notícias do oriente, senhor", ele disse.

Capítulo II

I

A correspondência de Percy Franklin com o Cardeal Protetor da Inglaterra o ocupava diretamente por pelo menos duas horas diárias e, indiretamente, por quase oito horas.

Nos últimos oito anos, a Santa Sé havia se ocupado mais uma vez de rever seus métodos tendo em vista as necessidades modernas, e agora toda província importante, no mundo todo, possuía não só um bispo metropolitano, mas também um bispo representante em Roma, cuja tarefa era manter-se em contato por um lado com o Papa e, por outro, com o povo que representa. Em outras palavras, a centralização avançou rapidamente, de acordo com as leis da vida, e com a centralização a liberdade de método e a expansão do poder. O Cardeal Protetor da Inglaterra era um certo Prior Martin, um beneditino, e era incumbência de Percy, tal como de tantos outros bispos, padres e leigos (com os quais, aliás, ele era proibido de manter qualquer conversa formal), escrever-lhe uma longa carta diária sobre assuntos que tenham vindo ao seu conhecimento.

Era assim uma vida curiosa, a que Percy levava. Alguns quartos lhe eram destinados na Casa do Arcebispo, em Westminster, e ele era informalmente vinculado ao quadro de funcionários da Catedral, ainda que com liberdade considerável. Ele se levantava cedo e meditava por uma hora, após o que ia dizer sua missa. Tomava seu café logo em seguida, dizia um

pequeno ofício e então se aprumava para planejar minuciosamente a sua carta. Às dez horas estava pronto para receber visitas e, até o meio-dia, ele geralmente se ocupava tanto com aqueles que vinham vê-lo por conta própria, quanto com seu grupo de meia dúzia de repórteres cuja tarefa era trazer-lhe parágrafos marcados em jornais e seus próprios comentários. Tomava então o café da manhã com outros padres da casa e, logo após, se punha a chamar as pessoas cuja opinião era necessária, retornando para uma xícara de chá às seis da noite. Em seguida se concentrava, depois de rezar o resto do seu ofício e de uma visita ao Sagrado Sacramento, em escrever sua carta, que conquanto curta precisava de um bocado de atenção e exame minucioso. Após o jantar, fazia alguns apontamentos para o dia seguinte, ainda recebia visitas e ia para a cama logo após as dez horas. Ele tinha de assistir às Vésperas da tarde duas vezes por semana e costumava cantar nas missas de sábado.

Era, logo, uma vida curiosamente inquieta e com perigos singulares.

Houve um dia, uma ou duas semanas após sua visita a Brighton, em que estava quase terminando sua carta quando seu criado apareceu e lhe disse que o Padre Francis estava lá embaixo.

– Dez minutos – disse Percy, sem erguer a vista.

Estalou as teclas nas últimas linhas, retirou a folha e se concentrou para lê-la, traduzindo-a inconscientemente do latim para o inglês.

"WESTMINSTER, 14 de maio

EMINÊNCIA: Desde ontem tenho alguma informação a mais. Parece certo que o Projeto de Lei estabelecendo o esperanto para os assuntos de Estado virá em junho. Soube disso

através de Johnson. Isso, como observei antes, é a última pedra de nosso alinhamento ao resto da Europa, o que, no momento, é de se lamentar... É de se esperar uma grande adesão dos judeus à Maçonaria; até agora eles têm se mantido até certo ponto indiferentes, mas a 'abolição da Idéia de Deus' tende a atrair esses judeus, agora de novo em número crescente, que repudiam toda a noção de um Messias pessoal. Também é a 'Humanidade', aqui, que está atuando. Hoje ouvi o Rabino Simeon falar nesse sentido na Cidade e fiquei impressionado com os aplausos que ele recebeu... Ainda assim, entre outros cresce a expectativa de que em breve se encontrará um homem para liderar o movimento comunista e unir suas forças. Mando em anexo um recorte palavroso do *New People*, para servir de exemplo, e isso se reflete em toda parte. Eles dizem que em breve a causa deve dar vida a alguém assim e que eles tiveram profetas e precursores cem anos atrás e, mais recentemente, uma ausência deles. É estranho como isso coincide superficialmente com as idéias cristãs. Vossa Eminência irá observar que um símile da 'nona onda' é utilizado com alguma eloqüência... Ouvi falar hoje da separação de uma velha família católica, os Wargrave, de Norfolk, feita com o capelão deles, Micklem, que parece estar ocupado com coisas como essa já há algum tempo. O *Epoch* anunciou isso com satisfação, devido às circunstâncias peculiares; mas infelizmente tais coisas já não são incomuns... Há muita desconfiança entre os leigos. Sete padres da diocese de Westminster nos deixaram nos últimos três meses; por outro lado, tenho o prazer de lhe dizer, Eminência, que sua Graça recebeu em Comunhão Católica esta manhã o ex-Bispo Anglicano de Carlisle, junto a alguns de seus clérigos. Já se esperava isso há algumas semanas. Também incluo recortes do *Tribune*, do *London Trumpet* e do *Observer*, com meus comentários neles. Vossa Eminência verá quão grande é o entusiasmo com relação ao último.

"Recomendação. Que seja feita a excomunhão formal dos Wargrave e daqueles oito padres em Norfolk e Westminster, respectivamente, e sem mais."

Percy pôs a folha na mesa, reuniu certo número de outros papéis que continham seus recortes e comentários, assinou o último e os colocou em um envelope já pronto.

Em seguida vestiu seu barrete e foi para o elevador.

No momento em que entrou na envidraçada sala de espera, viu que a crise havia chegado, se é que já não havia passado. O Padre Francis parecia miseravelmente doente, mas havia uma curiosa rigidez em seus olhos e sua boca enquanto aguardava. Ele balançou a cabeça repentinamente.

– Vim para dizer adeus, padre. Eu não agüento mais.

Percy teve o cuidado de não demonstrar nenhuma emoção. Fez um breve gesto em direção a uma cadeira e também se sentou. "Isso é o fim de tudo", disso o outro novamente com uma voz perfeitamente firme. "Eu não acredito em nada. Não tenho acreditado em nada já faz um ano."

– Que você não tem sentido nada, você quer dizer – disse Percy.

– Isso não vai funcionar, padre – prosseguiu o outro. – Digo pra você que não sobrou nada. Agora não posso nem sequer discutir. É apenas um adeus.

Percy não tinha nada para dizer. Ele havia falado a esse homem por um período de oito meses, desde que o Padre Francis havia lhe confidenciado que sua fé estava definhando. Compreendia perfeitamente que tensão ele vivia; sentia-se amargamente compadecido dessa pobre criatura que de alguma forma havia sido apanhada pelo turbilhão triunfante e vertiginoso da Nova Humanidade. Os fatos externos eram horrivelmente fortes logo agora, e a fé, exceto para aquele que havia aprendido que o Arbítrio e a Graça são tudo e a emoção

nada, era uma criança engatinhando no meio de uma maquinaria gigantesca: pode tanto sobreviver como não sobreviver, mas requer nervos de aço para permanecer firme. Era difícil saber onde se podia encontrar a culpa, ainda que a fé de Percy lhe dissesse que havia culpa aí. Em épocas de fé, uma compreensão bastante inadequada da religião pode ser considerada aceitável; nestes dias árduos somente os puros e humildes podem resistir ao teste por muito tempo, a menos que realmente sejam protegidos pelo milagre da ignorância. A aliança entre psicologia e materialismo realmente parecia, se vista de determinado ângulo, dar conta de tudo; era necessária uma vigorosa percepção sobrenatural para perceber a verdadeira insuficiência de ambos. E, no que diz respeito à responsabilidade pessoal do Padre Francis, ele não podia deixar de pensar que o outro havia deixado que os elementos cerimoniais exercessem papel excessivo em sua religião, e a oração, um papel muito pequeno. Nele, o exterior havia absorvido o interior.

Assim, ele não permitiu que sua simpatia se mostrasse em seus olhos brilhantes.

– Você pensa que é minha culpa, é claro – disse o outro bruscamente.

– Meu caro padre – disse Percy sem mover-se em sua cadeira –, eu sei que é culpa sua. Veja só. Você diz que o cristianismo é absurdo e impossível. Ora, você sabe, não pode ser assim! Ele pode ser falso – não estou tratando disso agora, apesar de eu estar de todo certo de que ele é absolutamente verdadeiro –, mas ele não pode ser absurdo na medida em que pessoas educadas e virtuosas continuam a professá-lo. Dizer que é absurdo é orgulho puro e simples; isso é desprezar todos aqueles que acreditam nele como não apenas equivocados, mas também como estúpidos...

– Pois muito bem – interrompeu o outro –, então suponha que eu retire aquilo que disse e eu simplesmente diga que não acredito que seja verdadeiro.

– Você não retira aquilo – continuou Percy com tranqüilidade –, você de fato ainda acredita que é um absurdo: você me disse isso incontáveis vezes. Bom, repito que isso é orgulho, e orgulho o suficiente para ser responsável por tudo isso. É a atitude moral que importa. Também podem haver outras coisas...

Padre Francis de repente ergueu os olhos.

– Ah, a história de sempre! – disse zombeteiramente.

– Se você me der a sua palavra de honra de que isso não tem nada a ver com mulher nem com nenhum projeto pecaminoso que você pretenda levar adiante, eu acredito em você. Mas é a história de sempre, como você diz.

– Eu juro que não é isso – gritou o outro.

– Então graças a Deus! – disse Percy. – Agora são poucos os obstáculos a um retorno para a fé.

Depois houve silêncio por um instante. Percy não tinha mesmo mais nada a dizer. Havia falado a ele repetidas vezes sobre a vida interior, na qual as verdades se mostram verdadeiras e os atos de fé são ratificados; tinha incitado-o à oração e à humildade até quase cansar dessas palavras e recebeu por resposta que isso era aconselhar pura auto-hipnose; desesperou de tornar claro – a alguém que não consegue ver isso por si só – que o Amor e a Fé, se de um determinado ângulo podem ser chamados de auto-hipnose, de outro são tão reais quanto, por exemplo, as faculdades artísticas e necessitam de cultivo semelhante; que o Amor e a Fé produzem a convicção de que eles são convicções, que tratam e tocam em coisas que quando tratadas e tocadas são esmagadoramente mais reais e objetivas do que os objetos dos sentidos. As provas parecem não dizer nada a esse homem.

Ficou então em silêncio, ele próprio deprimido com uma tal crise, a procurar sem se dar conta, na pequena, modesta e antiquada sala de espera, a sua janela alta, a sua tira de carpete, sobretudo consciente da melancólica desesperança deste seu irmão que tinha olhos mas não via, que tinha ouvidos mas era surdo. Queria que ele dissesse adeus e fosse embora. Não havia mais nada a fazer.

Padre Francis, que ficara sentado numa espécie de lassa desorientação mental, parecia conhecer seus pensamentos e de súbito se endireitou.

– Você está cansado de mim – ele disse. – Vou indo.

– Não estou cansado de você, meu caro padre – disse Percy com simplicidade. – Só estou terrivelmente triste. Você entende que eu sei que tudo isso é verdade.

O outro o olhou de maneira grave.

– E eu sei que não é verdade – ele disse. – Isso é muito bonito; quem me dera poder acreditar. Acho que nunca mais poderei ser feliz de novo, mas – mas é isso.

Percy suspirou. Tantas vezes ele lhe dissera que o coração é um dom tão divino quanto a mente e que negligenciá-lo na busca por Deus é procurar a ruína, mas esse padre mal podia ver como isso se aplicava à sua vida. Este havia respondido com os velhos argumentos psicológicos de que as sugestões da educação justificam tudo.

– Suponho que você irá me abandonar – disse o outro.

– É você que está me deixando – disse Percy. – Não posso seguir com você, se é isso que você quer dizer.

– Mas... mas nós não podemos ser amigos?

Um calor inesperado subiu ao coração do padre mais velho.

– Amigos? Sentimentalismo é tudo o que você entende por amizade? Que tipo de amigos podemos ser?

O rosto do outro de repente se fechou.

– Foi o que imaginei.

– John! – clamou o outro. – Você está vendo, não? Como é que nós podemos fingir ser qualquer coisa se você não acredita em Deus? Pois lhe dou a honra de achar que você não acredita.

Francis se levantou.

– Bem – ele irrompeu. – Eu não tinha como acreditar. Estou indo.

Deu-lhe as costas para sair.

– John! – disse Percy novamente. – Você vai embora assim? Você não pode apertar minha mão?

O outro se voltou de novo, com o rosto carregado de raiva.

– Ora, você disse que não pode ter amigos como eu!

A boca de Percy se abriu. E então compreendeu, e sorriu. "Ah, isso é tudo o que você entende por amizade, hein? Peço desculpas. Ah, podemos ser educados um com o outro, se você quiser."

Ele ainda permanecia estendendo a mão. O Padre Francis a olhou por um instante, seus lábios tremeram: e em seguida deu as costas mais uma vez e se foi sem dizer palavra.

II

Percy permaneceu imóvel até ouvir a campainha automática lá fora lhe dizer que o Padre Francis realmente tinha ido embora, e então ele próprio saiu e tomou o rumo do longo corredor que leva à Catedral. Enquanto atravessava a sacristia ouviu, distante, lá na frente, o leve rumor de um órgão e, ao passar pela capela que é utilizada como uma igreja paroquial, percebeu que as Vésperas ainda não haviam terminado

no grande coro. Veio direto pela nave lateral, virou à direita, passou pelo centro e pôs-se de joelhos.

Aproximava-se o pôr-do-sol, e a imensa área escura era iluminada aqui e ali por nesgas da avermelhada luz londrina, as quais se estendiam pelo suntuoso mármore e pelas decorações afinal concluídas com o auxílio de um rico que se convertera. À frente de Percy se erguia o espaço dedicado ao coro, com uma fila, de cada lado, de cônegos de sobrepeliz branca e estola, e o grande baldaquino no meio, sob o qual queimavam as seis chamas como haviam queimado, dia após dia, por mais de um século; mais atrás ficava o alto contorno da abside, com a abóbada turva e vazada, sob a qual reina Cristo em sua grandiosidade. Ele deixou seus olhos voguearem por algum tempo antes de começar sua diligente oração, sorvendo da glória do espaço, ouvindo o coro trovejante, o som forte do órgão e a voz fina e branda do padre. À esquerda resplandecia o brilho refratado das chamas que queimavam diante do Senhor no Sacramento; à direita algumas velas tremulavam aqui e ali ao pé das imagens sombrias; em cima pendia a gigantesca cruz com aquele esguio e magro Pobre Coitado, que chamava a todos os que o viam aos abraços de um Deus.

Em seguida escondeu o rosto entre as mãos, deu alguns suspiros e começou a trabalhar.

Ele começou, como era seu costume em oração mental, por um ato calculado de auto-exclusão do mundo dos sentidos. Com a imagem de um mergulho sob uma superfície, ele se forçava a ir abaixo e para dentro, até que o forte som do órgão, o barulho dos passos, a rigidez do espaldar do banco sob seus pulsos – até que tudo lhe parecesse à parte e externo, e ele fosse uma simples pessoa com o seu coração a bater, um intelecto que sugeria imagem após imagem, e emoções que eram demasiado apáticas para se agitarem. Em seguida fez a sua segunda descida, renunciou a tudo que possuía e era e fez-se consciente

de que até o corpo fora deixado para trás, e que sua mente e seu coração, aterrorizados pela Presença nos quais encontravam a si próprios, agarravam-se rente e obedientes à vontade que era seu senhor e protetor. Deu outro longo suspiro, ou dois longos suspiros, como sentisse a Presença atirar-se sobre ele; repetiu algumas palavras mecânicas e mergulhou naquela paz que se segue à renúncia do pensamento.

Ficou ali por um tempo. Muito acima dele soava uma música estática, o choro das trombetas e o estrídulo das flautas; mas eram tão insignificantes quanto barulhos vindos da rua a quem houvesse adormecido. Ele agora estava dentro do véu das coisas, além das barreiras dos sentidos e da reflexão, naquele lugar secreto cujo caminho ele havia aprendido com um esforço sem fim, naquela estranha região onde as realidades são evidentes, onde as percepções vão e vêm com a rapidez da luz, onde a vontade oscilante ora pega isso, ora aquilo, molda isso e acelera aquilo; onde todas as coisas se encontram, onde a verdade é conhecida e tocada e provada, onde o Deus Imanente é um só com o Deus Transcendente, onde o sentido do mundo externo é evidente desde sua face interna e a Igreja e seus mistérios são vistos desde dentro de uma bruma de glória.

Depois aguardou alguns instantes, a absorver e a descansar.

Então voltou à consciência e começou a falar.

"Senhor, aqui estou, aqui estás! Conheço-te. Não existe nada além de ti e mim... Deposito tudo em Tuas mãos – Teu padre apóstata, Teu povo, o mundo e eu mesmo. Ponho tudo isto diante de Ti – ponho tudo isto diante de Ti."

Parou, cheio de confiança em seu ato, até que tudo em que pensara se assentasse como uma planície diante de um monte.

"Eu mesmo, Senhor – que somente por Tua graça eu posso prosseguir, em meio às sombras e à miséria. Tu és Aquele que me protege. Prossiga e termina Teu trabalho em minha alma.

Não me deixa vacilar sequer por um instante. Se afastas Tua mão, caio no nada completo."

E então sua alma se conteve por um instante, as mãos estendidas em gesto de súplica, desamparado e confiante. Logo a vontade chamejou em sua auto-consciência e ele repetiu os atos de fé, esperança e amor para estabilizá-la. Depois tomou fôlego longamente mais uma vez, sentindo a Presença formigar e tremer em si, e começou de novo.

"Senhor, olha para o Teu povo. Muitos estão se apartando de Ti. *Ne in aeternum irascaris nobis. Ne in aeternum irascaris nobis*... Eu me junto a todos os santos e anjos e a Maria, Rainha do Céu; olha para eles e para mim, nos ouça. *Emitte lucem tuam et veritatem tuam*. Tua luz e tua verdade! Não nos dá fardos mais pesados do que podemos carregar. Senhor, por que tu não falas!"

Ele se flexionou para frente num ardor de desejo expectante, a ouvir seus músculos estalarem no esforço. Relaxou mais uma vez e começou o rápido jogo de atos sem palavras que ele sabia ser o cerne da oração. Os olhos de sua alma deitaram-se aqui e acolá, do Calvário ao céu e de volta à agitada e aflita terra. Ele viu Cristo morrendo de desolação enquanto a terra sacudia e gemia; Cristo reinando como um padre em Seu Trono em vestes de luz, Cristo paciente e inexoravelmente silencioso nas espécies sacramentais, a cada uma das quais por sua vez ele direcionou os olhos do Pai Eterno...

Em seguida esperou por respostas, e elas vieram, tão suaves e delicadas, passando como sombras, de modo que sua vontade suou sangue e lágrimas no esforço de apanhá-las e determiná-las e de com elas se harmonizar...

Ele viu o Corpo Místico em agonia, estropiado sobre o mundo como se numa cruz, silencioso em sua dor; viu este e aquele nervo torcer-se e contorcer-se, até que viu a dor se mostrar sob a forma de lampejos de cor; ele viu o sangue da

vida esvair-se gota a gota de Sua cabeça, mãos e pés. Embaixo o mundo zombava e estava de bom humor. "Ele salvou aos outros: a Si próprio Ele não pode salvar... Que Cristo permita que da Cruz voltem doze e nós iremos crer". Bem distante dali, atrás de arbustos e em buracos cavados na terra, os amigos de Jesus espiavam e soluçavam; Maria mesma estava em silêncio, trespassada por sete palavras; o discípulo amado não tinha palavras de consolo.

Ele também viu que nenhuma palavra poderia ser dita no céu; aos próprios anjos foi ordenado que embainhassem a espada e aguardassem na paciência eterna de Deus, pois a agonia mal havia começado; ainda haveria milhares de horrores antes que o tempo viesse, aquele desfecho final da crucificação... Ele deveria esperar e observar, satisfeito com ali permanecer e nada fazer, e a Ressurreição deveria lhe parecer nada mais que uma esperança fantasiosa. Ainda haveria o Sábado, enquanto o Corpo Místico jazeria no sepulcro apartado da luz, e até a dignidade da Cruz deveria ser esquecida, assim como o conhecimento de que Jesus havia vivido. Aquele mundo interior, cujo caminho ele havia aprendido através de longo esforço, era todo iluminado de aflição; era acre como água salgada, tinha aquela luminosidade pálida que é o produto máximo da dor, zumbia em seus ouvidos com uma nota que subia a um grito... pressionava-o, penetrava-o, violentava-o como se numa cremalheira... E assim seu ânimo se tornava enfermo e sem forças.

"Senhor, eu não consigo suportar isso!", afligiu-se.

Logo estava novamente de volta, dando longos suspiros de angústia. Passou a língua pelos lábios e abriu os olhos à negra abside à sua frente. Agora o órgão estava em silêncio, o coro se havia ido e as luzes foram apagadas. A cor do pôr-do-sol também havia desbotado dos muros, e rostos frios e ameaçadores o olhavam do muro e da abóbada. Ele havia retornado

à superfície da vida; a visão havia se desfeito; ele mal sabia o que é que tinha visto.

Mas ele tinha de reunir as pistas e por puro esforço absorvê-las. Ele também tinha de cumprir o seu dever para com o Senhor que Se havia oferecido aos sentidos como também ao espírito interior. Ele então se ergueu, teso e constrangido, e seguiu para Capela do Santo Sacramento.

Quando passou do bloco de assentos, muito alto e ereto com seu barrete posto de volta sobre seu cabelo branco, viu uma senhora a observá-lo bem de perto. Hesitou por um momento, imaginando se não seria uma penitente, e como ele hesitasse ela fez um gesto em sua direção.

– Desculpe-me, senhor – disse.

Não se tratava de uma católica. Ele tirou seu barrete.

– Posso lhe ajudar em algo? – ele perguntou.

– Desculpe-me, mas o senhor não estava em Brighton no acidente dois meses atrás?

– Eu estava.

– Ah, foi o que pensei: minha nora viu você lá.

Percy teve um espasmo de impaciência: estava um pouco cansado de ser reconhecido pelo cabelo branco e o rosto jovem.

– A senhora estava lá?

Ela o olhou de modo curioso e suspeito, movendo seus velhos olhos pela figura dele. E então voltou ao que disse.

– Não, senhor; foi a minha nora – desculpe-me, mas...

– E? – disse Percy, tentando manter sua impaciência longe da voz.

– Você é o arcebispo, senhor?

O padre sorriu, mostrando seus dentes brancos.

– Não, senhora; sou apenas um simples padre. O Dr. Cholmondeley é o arcebispo. Sou o Padre Percy Franklin.

Ela não disse nada, mas, ainda a olhá-lo, fez o gesto – um tanto de um mundo antigo – de inclinar-se ligeiramente, e Percy passou pela sombria, esplêndida capela para prestar sua devoção.

III

Muito falaram os padres naquela noite, durante o jantar, acerca da expansão extraordinária da Maçonaria. Ela já havia prosseguido por muitos anos e os católicos perceberam perfeitamente bem os seus perigos, pois professar o credo maçom havia se tornado, no curso de alguns séculos, incompatível com a religião por conta de sua firme condenação pela Igreja. As coisas haviam se precipitado espantosamente ao longo do último século. Primeiro houve um ataque organizado à Igreja na França, e aquilo de que os católicos sempre suspeitaram tornou-se uma certeza com as descobertas de 1918, quando P. Gerome, dominicano e ex-maçom, fez suas revelações a respeito dos maçons de Grau de Mestre de Marca. Tornou-se então evidente que os católicos estavam certos e que a Maçonaria, pelo menos em seu alto escalão, havia sido responsável por aquele estranho movimento contra a religião ao redor do mundo. Mas ele morreu na fonte, e o público ficou impressionado com o fato. Depois vieram as doações grandiosas na França e na Itália – para hospitais, orfanatos e assim por diante, e novamente a suspeita começou a desaparecer. No fim das contas, por mais de setenta anos pareceu – e continuava a parecer – que a Maçonaria não era nada mais que uma imensa sociedade

filantrópica. Agora, mais uma vez, os homens começavam a ter suas dúvidas.

– Ouvi dizer que Felsenburgh é maçom – comentou o Monsenhor Macintosh, o administrador da Catedral. – Um Grão-Mestre ou coisa assim.

– Mas quem é Felsenburgh? – interveio um padre jovem.

O monsenhor contraiu os lábios e sacudiu a cabeça. Ele era uma dessas pessoas tão orgulhosas da ignorância quanto outras são orgulhosas do conhecimento. Gabava-se de nunca ler os jornais nem qualquer livro, exceto aqueles que tivessem recebido o *imprimatur*; cabia a um padre, ele sempre comentava, preservar a fé, não adquirir conhecimento mundano. Vez ou outra Percy havia até invejado esse ponto de vista.

– Ele é um mistério – disse outro sacerdote, o Padre Blackmore –, mas parece estar causando grande rebuliço. Estavam vendendo a *Vida* dele hoje lá no Aterro.

– Três dias atrás encontrei um senador americano – interferiu Percy – que me disse que até lá eles não sabem nada a respeito dele, exceto sobre sua eloqüência extraordinária. Ele só apareceu ano passado e parece ter arrastado tudo que estava pela frente com métodos bastante incomuns. Ele também é um grande lingüista. Por isso é que o mandaram para Irkutsk.

– Bom, os maçons... – continuou o monsenhor. – É coisa séria. Mês passado quatro de meus penitentes me deixaram por causa disso.

– A aceitação de mulheres foi o golpe de mestre deles – resmungou o Padre Blackmore, servindo-se do vinho tinto.

– É incrível como hesitaram por tanto tempo quanto a isso – comentou Percy.

Outros padres também acrescentaram seus testemunhos. Parecia que eles também haviam perdido penitentes recentemente por conta da expansão da Maçonaria. Falava-se que era preparada andares acima uma carta pastoral sobre o assunto.

O monsenhor sacudiu a cabeça em desagrado.

– Precisa-se de mais que isso – disse.

Percy observou que a Igreja havia dito sua última palavra muitos séculos atrás. Ela havia lançado sua excomunhão sobre todos os membros de sociedades secretas, e realmente não havia mais nada que pudesse fazer.

– Exceto mostrar isso aos seus filhos com freqüência – interveio o monsenhor. – Devo pregar sobre isso no próximo domingo.

Percy tomou uma nota quando chegou ao seu quarto, no sentido de dizer alguma palavra sobre o assunto ao Cardeal Protetor. Tantas vezes antes ele havia mencionado a Maçonaria, mas parecia ser tempo para mais um comentário. Em seguida abriu suas cartas, primeiro se voltando para uma que reconheceu ser do Cardeal.

Pareceu uma coincidência curiosa que, enquanto lia uma série de perguntas do Cardeal Martin contidas na carta, uma delas fosse precisamente sobre esse assunto. Dizia:

"O que há sobre a Maçonaria? Dizem que Felsenburgh é um deles. Reúna toda a boataria que você puder acerca dele. Mande quaisquer biografias americanas ou inglesas dele. Você ainda está perdendo católicos por causa da Maçonaria?"

Percorreu com os olhos o resto das perguntas. Diziam respeito principalmente a comentários anteriores dele próprio, mas por duas vezes, mesmo aí, o nome de Felsenburgh aparecia.

Deixou o papel e refletiu um pouco.

Era curioso, pensou, como o nome desse homem estava na boca de todos apesar do fato de se saber tão pouco sobre ele. Por curiosidade, ele havia comprado na rua três fotografias que alegavam retratar essa figura estranha, e, embora uma

delas pudesse ser genuína, todas as três podiam não ser. Ele as tirou do guarda-cartas e dispôs diante de si.

Uma retratava uma criatura feroz e de barba parecida com um cossaco, de olhos penetrantes e grandes. Não; uma prova intrínseca a condenava: era exatamente como uma imaginação grosseira retrataria um homem que parecia ter grande influência no oriente.

A segunda mostrava um rosto gordo com pequenos olhos azuis e barba somente no queixo. Era concebível que fosse genuína: virou-a e viu o nome de uma empresa de Nova York no verso. Então passou para a terceira. Esta mostrava uma face longa e bem barbeada de pincenê, inegavelmente inteligente mas dificilmente forte: e Felsenburgh obviamente era um homem forte.

Percy estava disposto a pensar que a segunda era a mais provável, mas nenhuma era convincente; ele as reuniu descuidadamente e colocou noutro canto.

Depois pôs os cotovelos sobre a mesa e começou a pensar.

Ele tentou recordar o que o Sr. Varhaus, o senador americano, lhe tinha dito sobre Felsenburgh, ainda que aparentemente isso não desse conta dos fatos. Ao que parece, Felsenburgh não empregara nenhum dos métodos comuns na política moderna. Ele não controlava jornal algum, não havia injuriado ninguém, não havia patrocinado ninguém: não havia escolhido seus subalternos; não lançava mão de subornos; não se alegava que tivesse cometido crimes monstruosos. Mais parecia como se sua originalidade estivesse em suas mãos limpas e em seu passado sem mácula – isso, e mais a sua personalidade atraente. Era o tipo de figura que mais pertencia à era do cavalheirismo: uma personalidade pura, honesta, fascinante, como uma criança radiante. Ele portanto havia pegado as pessoas de surpresa, emergindo das sufocantes águas pardas do socialismo americano como uma visão – daquelas águas

tão violentamente contidas para que não irrompessem numa torrente desde a extraordinária revolução social, sob os discípulos do Sr. Hearst, um século atrás. Foi o fim da plutocracia; as famosas antigas leis de 1914 haviam em parte trazido as pessoas à realidade da época, e os decretos de 1916 e 1917 os haviam impedido de se organizarem em qualquer coisa com força similar à que tinham antes. Fora a salvação da América, sem dúvida, mesmo que essa salvação tivesse sido de uma espécie lúgubre e nada inspiradora; e agora, da monótona classe socialista tinha surgido essa figura romântica completamente diferente de qualquer uma que havia surgido antes... Isso que o senador havia insinuado... Era complicado demais para Percy, logo agora, e ele desistiu.

Este mundo nos cansa, disse para si mesmo, voltando a vista para o espaço interno do quarto. Tudo parecia tão incorrigível e infrutífero. Tentou não pensar em seus companheiros padres, mas pela enésima vez não pôde evitar ver que eles não eram os homens apropriados à situação presente. Não que ele preferisse a si próprio; sabia perfeitamente bem que ele também era tão incompetente quanto: não provara sê-lo com o pobre Padre Francis e um monte de outros que tinham se agarrado a ele em agonia durante os últimos dez anos? Até o arcebispo, santo homem que era, com toda a sua devoção infantil - era esse o homem para guiar os católicos ingleses e confundir seus inimigos? Aparentemente não havia gigantes no mundo por esses tempos. Que diabos fazer? Enterrou o rosto entre as mãos...

Sim, o que era preciso era uma nova Ordem na Igreja; as velhas estavam presas a normas, embora não tivessem culpa. Era preciso uma Ordem sem hábito nem tonsura, sem tradições ou costumes, uma Ordem com nada mais que uma devoção sincera e total, sem orgulho nem mesmo de seus privilégios mais sagrados, sem uma história própria

na qual pudesse encontrar um refúgio complacente. Eles devem ser franco-atiradores do Exército de Cristo, como os jesuítas, mas sem a sua reputação funesta, o que, mais uma vez, não era culpa deles... Mas tinha de haver um Fundador – mas quem, meu Deus? – um Fundador *nudus sequens Christum nudum...* Sim, franco-atiradores padres, bispos, leigos e mulheres – com os três votos, claro, e uma cláusula especial proibindo, completamente e para sempre, a posse de riqueza da corporação. Toda doação recebida deveria ser entregue ao bispo da diocese na qual foi dada, o qual deve ele próprio prover os demais com os produtos indispensáveis à vida e à viagem. Ah, o que estaria além das possibilidades deles?... Tinha ido parar longe numa rapsódia.

Dentro em pouco se recuperou e chamou a si mesmo de tolo. Não era tal projeto tão velho quanto as eternas colinas e igualmente inútil para propósitos práticos? Ora, havia sido o sonho de todo homem entusiasmado, desde o Primeiro Ano da Salvação, que uma tal Ordem fosse fundada! Era um tolo...

Mais uma vez começou a pensar sobre tudo isso.

Certamente era isso o que se precisava contra os maçons – e também as mulheres. Projeto atrás de projeto não haviam ido abaixo porque os homens tinham se esquecido do poder das mulheres? Tal ausência foi que arruinou Napoleão: ele havia confiado em Josephine, e ela falhou para com ele, e então ele não acreditou em nenhuma outra mulher. Também na Igreja Católica às mulheres não foi dado nenhum trabalho ativo senão algum servil ou ligado à educação: e será que não existia espaço para outras atividades além dessas? Bom, de nada adiantava pensar nisso. Não era atribuição sua. Se o *Papa Angelicus* que agora reinava em Roma não havia pensado nisso, por que um padre tolo e presunçoso de Westminster havia se disposto a fazê-lo?

Bateu no peito mais uma vez e pegou seu caderno de trabalho.

Terminou em meia hora e, de novo, sentou-se a pensar, mas desta vez sobre o coitado do Padre Francis. Pensou no que ele estaria fazendo agora, se teria tirado o colarinho romano que os escravos íntimos de Cristo usam. Pobre diabo! E ele, Percy Franklin, quão responsável era por isso?

Quando, em seguida, uma batida veio da porta e o Padre Blackmore o visitou para uma pequena conversa antes que fosse para a cama, Percy lhe contou o que havia acontecido.

Padre Blackmore tirou o cachimbo e suspirou demoradamente.

– Eu sabia que aconteceria – disse. – Bem, bem.

– Ele vinha sendo bastante honesto – explicou Percy. – Oito meses atrás ele me disse que estava com problemas."

Padre Blackmore voltou ao seu cachimbo pensativamente.

– Padre Franklin – ele disse –, as coisas estão realmente sérias. É a mesma coisa em toda a parte. Que afinal está acontecendo?

Percy fez uma pausa antes de responder.

– Creio que essas coisas estão passando em ondas – disse.

– Em ondas? Você acha? – disse o outro.

– Como, então?

Padre Blackmore o encarou atentamente.

– Está mais para uma calmaria, me parece – disse. –Você já esteve no meio de um tufão?

Percy sacudiu a cabeça.

– Bom – continuou o outro –, a coisa mais ameaçadora é a calmaria. O mar está como um óleo, você se sente meio morto, não pode fazer nada. E então vem a tempestade.

Percy o olhou com interesse. Nunca antes havia notado esse ânimo no padre.

– Antes de um grande choque, sempre vem essa calmaria. É sempre assim na história. Foi assim na Guerra Oriental; foi assim na Revolução Francesa. Foi assim antes da Reforma. Fica uma espécie de densidade oleosa, e tudo está lânguido. Também a América ficou assim, por quase oitenta anos... Padre Franklin, eu acho que alguma coisa está prestes a acontecer.

– Conte-me – disse Percy, inclinando-se para frente.

– Bom, eu vi Templeton uma semana antes de ele morrer, e ele pôs uma idéia na minha cabeça... Veja, padre. Pode ser que seja esse incidente no oriente que esteja vindo em nossa direção; mas, de alguma forma, eu não acho que seja. É na religião que algo está acontecendo. Pelo menos, eu acho... Padre, por Deus, quem é Felsenburgh?

Percy ficou tão assustado com o inesperado desse nome a surgir mais uma vez, que ficou a olhar com espanto e sem falar.

Lá fora, a noite de verão estava bastante calma. Havia uma fraca vibração vez ou outra vinda da via ferroviária subterrânea que passava a vinte metros da casa em que estavam, como se alguma ave migratória de mau agouro estivesse cruzando o caminho entre Londres e as estrelas, e uma hora o choro de uma mulher soou fino e estridente vindo da direção do rio. De resto, não havia nada além daquele zumbido suave e solene que agora nunca parava, noite e dia.

– Sim; Felsenburgh – disse o Padre Blackmore mais uma vez. – Não consigo tirar o homem da minha cabeça. E, ainda assim, o que sei dele? O que poderá alguém saber sobre ele?

Percy lambeu os lábios para responder e respirou longamente para abrandar as batidas de seu coração. Sequer imaginava por que estava excitado. Afinal, quem era o velho Blackmore para amedrontá-lo? Mas o velho Blackmore continuou antes que ele pudesse falar.

– Veja só como as pessoas estão deixando a Igreja! Os Wargrave, os Henderson, Sir James Bartlet, Lady Magnier e mais esses padres todos. Não é que todos eles sejam uns patifes – antes fossem; seria bem mais fácil falar a respeito. Mas Sir James Bartlet, no mês passado! Ora, tem um homem que gastou metade de sua fortuna com a Igreja e não se arrepende disso mesmo agora. Ele diz que qualquer religião é melhor que nenhuma, mas ele não consegue mais crer. Que então tudo isso significa? Digo para você que algo irá acontecer. Sabe lá Deus o quê! E não consigo tirar Felsenburgh da minha cabeça. Padre Franklin...

– Sim?

– Você já notou quão poucos homens de valor nós temos? Não é como cinqüenta anos atrás, ou mesmo trinta. Naquela época havia Mason, Selborne, Sherbrook e mais uma meia dúzia de outros. Também havia Brightman como arcebispo – e veja agora! O mesmo para os comunistas. Braithwaite morreu há quinze anos. Sem dúvida ele era muito importante, mas estava falando sempre do futuro, não do presente; agora me diga que grandes homens eles tiveram desde então! E agora tem essa nova figura, que ninguém conhece, que tomou a frente na América uns meses atrás e cujo nome agora está na boca de todos. Muito bem, então!

Percy franziu a testa.

– Não sei se estou compreendendo bem – disse.

Padre Blackmore esvaziou o cachimbo antes de responder.

– Bem, é isso – disse se levantando. – Não posso deixar de pensar que Felsenburgh irá fazer alguma coisa. Eu não sei o que; pode ser por nós ou contra nós. Mas ele é maçom, lembre-se disso... Certo, certo, devo dizer que sou um velho tolo. Boa noite.

– Um momento, padre – disse Percy devagar. – Você quer dizer que – meu Deus! O que você quer dizer? – Parou, observando o outro.

O velho padre olhou para trás, com suas sobrancelhas espessas; pareceu a Percy que também ele, apesar de toda a sua conversa fácil, estava com medo de algo; mas ele não fez sinal algum.

Percy aguardou ainda um momento quando a porta foi batida. Depois foi para o seu genuflexório.

Capítulo III

I

A Sra. Brand e Mabel estavam sentadas junto a uma janela dos novos escritórios do Ministério da Marinha, em Trafalgar Square, para ver Oliver discursar no qüinquagésimo aniversário da Reforma das Leis dos Pobres.

Era inspirador, na clara manhã de junho, ver as massas reunidas ao redor da estátua de Braithwaite. O político, falecido há quinze anos, era retratado em sua célebre pose, com braços abertos e pendentes, a cabeça erguida e um dos pés ligeiramente à frente, e hoje ele estava enfeitado, conforme se tornava cada vez mais costumeiro nessas ocasiões, com a sua insígnia maçônica. Tinha sido ele quem dera imensa força àquele movimento secreto com a sua declaração, no Parlamento, de que a chave do progresso futuro e da fraternidade entre as nações estava nas mãos daquela Ordem. Somente assim a falsa unidade da Igreja, com sua fantástica fraternidade espiritual, pôde ser combatida. São Paulo estava certo, ele declarou, em seu desejo de quebrar os muros que separam as nações e errado apenas em sua exaltação de Jesus Cristo. Em seguida introduziu seu discurso sobre a questão das Leis dos Pobres, indicando a verdadeira caridade que existia entre os maçons, independente de qualquer motivação religiosa, e recorrendo às famosas obras beneficentes no resto da Europa; e, com o entusiasmo do sucesso do projeto de lei, a Ordem havia recebido uma grande adesão de novos membros.

A Sra. Brand estava muito bem disposta e aparentava considerável entusiasmo com a turba gigantesca que havia se reunido para ouvir seu filho falar. A plataforma estava erguida ao redor da estátua a uma altura tal que o estadista parecia ser um dos oradores, embora a uma altura ligeiramente maior, e essa plataforma estava cheia de flores, encimada por um teto acústico, tendo uma cadeira e uma mesa.

Todo o largo estava coberto de cabeças e repleto de barulho, os murmúrios de milhares de vozes, vencidos repetidas vezes pelo estampido dos metais e o trovão dos tímpanos, quando as Sociedades Beneficentes e as Guildas democráticas, cada uma trazendo à frente uma bandeira, se alinhavam vindas do norte, do sul, do leste e do oeste, e se juntavam em direção ao imenso e disputado espaço próximo da plataforma onde lugares lhes estavam reservados. De todos os lados, as janelas estavam repletas de rostos; foram erguidas tendas altas em frente à National Gallery e à Igreja de São Martinho e canteiros floridos atrás das estátuas brancas e mudas com a vista voltada para fora do largo: a de Braithwaite em frente, depois as dos vitorianos – John Davidson, John Burnes e os demais – e as de Hampden e de Montfort ao norte. Não existia mais a velha coluna com seus leões. Não acharam Nelson útil à *Entente Cordiale* nem os leões à nova arte e, em seus lugares, estendia-se um amplo passeio interrompido por aclives de degraus que levavam à National Gallery.

Acima, nos telhados se viam frisos atulhados de cabeças contra o céu azul de verão. Ao meio-dia, da plataforma se tinha a vista e o barulho de não menos que cem mil pessoas, segundo estimativa dos jornais.

Quando os relógios começaram a dar a hora, duas pessoas surgiram de trás da estátua e vieram até a frente, e num instante o rumor de vozes cresceu em aplausos.

O velho Lorde Pemberton veio primeiro, um ilustre homem de cabelos grisalhos, cujo pai havia sido ativo na acusação do Parlamento, do qual era membro, na ocasião de sua queda setenta anos atrás, e seu filho o havia sucedido dignamente. Este homem agora era membro do Governo e representava Manchester, e era ele quem deveria ser o presidente desta ocasião auspiciosa. Atrás dele veio Oliver, elegante e de cabeça descoberta, e mesmo àquela distância sua mãe e sua esposa podiam ver seu movimento vivo, seu sorriso repentino e o aceno com a cabeça quando seu nome emergiu da tempestade de sons ao redor da plataforma. Lorde Pemberton veio para frente, ergueu a mão e fez um sinal, e, num instante, os poucos aplausos sumiram sob o súbito rufar dos tímpanos que anunciava o Hino Maçônico.

Não há dúvida de que esses londrinos sabem cantar. Foi como se uma gigantesca voz humana cantarolasse a sonora melodia, indo ao arrebatamento, até que o som das bandas reunidas a seguisse como uma bandeira segue seu mastro. O hino havia sido composto dez anos antes e toda a Inglaterra o conhecia. A Sra. Brand ergueu mecanicamente o papel impresso à vista e viu as palavras que conhecia tão bem:

"O Senhor que mora na terra e no mar..."

Deu uma olhada nos versos, os quais do ponto de vista humanitarista haviam sido compostos tanto com habilidade quanto com fervor. Eles tinham um acento religioso; o cristão de pouco espírito podia cantá-los sem sentir enjôo, ainda que seu sentido fosse bastante claro – a velha crença humana de que o homem é tudo. Até palavras de Cristo eram citadas. O Reino de Deus, dizia-se, está no coração humano e a maior de todas as graças é a Caridade.

Ela espiou Mabel e viu que a garota estava cantando com todo o seu coração, com os olhos fixos na figura negra do seu marido a cem metros de distância e com sua alma transbordando por eles. Ao que também a mãe começou a mover seus lábios em coro com o imenso volume sonoro.

Quando o hino terminou, e antes que os aplausos pudessem recomeçar, o velho Lorde Pemberton estava de pé voltado para frente no topo da plataforma, e sua voz metálica e fina vozeou umas duas frases em meio ao borrifo tilintante dos chafarizes às suas costas. Então recuou e Oliver veio para frente.

Estava longe demais para que as duas pudessem ouvir o que ele dizia, mas Mabel, sorrindo tremulamente, pôs uma folha na mão da velha senhora e se inclinou para frente querendo ouvir.

A Sra. Brand olhou, sabendo que era a análise que ela fizera do discurso de seu filho e sabendo que ela não conseguiria ouvir as palavras dele.

Primeiro houve um exórdio, em agradecimento a todos os presentes por honrarem o grande homem que, desde o seu pedestal, presidia à ocasião deste grande aniversário. Veio então um retrospecto, comparando o antigo estado da Inglaterra com o presente. Cinqüenta anos atrás, disse o orador, a pobreza ainda era uma desgraça, e agora já não é mais. A desgraça ou o mérito estava nas causas que levavam à pobreza. Quem não há de honrar um homem que se esgotou a serviço do seu país ou que foi derrotado por circunstâncias sobre as quais seus esforços não podiam prevalecer? Ele enumerou as reformas aprovadas cinqüenta anos atrás neste mesmo dia, pelas quais a nação de uma vez por todas declarou a honradez da pobreza e a simpatia humana para com os desafortunados.

Em seguida lhes disse que faria o elogio da pobreza paciente e de sua recompensa, e isso, mais algumas frases sobre a

reforma das leis penitenciárias, supunha ele, formaria a primeira metade de seu discurso.

A segunda parte seria um panegírico de Braithwaite, tomando-o como o Precursor de um movimento que só há pouco havia começado.

A Sra. Brand esticou-se em sua cadeira e olhou ao redor.

A janela junto à qual estavam lhes havia sido reservada; duas cadeiras com braços ocupavam o espaço, mas logo atrás estavam outras pessoas, bem silenciosas agora, inclinadas para frente, também assistindo boquiabertas: duas mulheres com um senhor imediatamente atrás, com outros rostos visíveis ainda atrás deles. A concentração tão evidente deles fez a velha senhora se envergonhar um pouco de sua distração, e ela de novo se voltou resolutamente para o largo.

Ah, ele agora estava fazendo seu panegírico! Ele, aquela pequenina figura negra, estava de volta, cerca de um metro mais próximo da estátua, e, quando a Sra. Brand o viu, ele ergueu a mão e se voltou apontando, enquanto um murmúrio de aplausos por um instante submergiu aquela voz diminuta, ressoante. Logo ele estava de volta à frente, meio agachado - era um ator nato - e um trovão de gargalhadas reverberou através da multidão de cabeças. Ela ouviu um pequeno suspiro de sobressalto detrás de sua cadeira e em seguida uma exclamação de Mabel... Que foi aquilo?

Houve um forte estrondo, e a minúscula figura que gesticulava cambaleou um passo atrás. O velho homem à mesa num instante estava de pé e, ao mesmo tempo, uma comoção violenta borbulhou e se elevou, como água a chocar-se numa rocha, em certo ponto da multidão bem próximo do espaço cercado, e diretamente oposto à frente da plataforma, lá onde as bandas estavam reunidas.

A Sra. Brand, aturdida e confusa, viu-se de pé, segurando-se ao parapeito da janela enquanto a garota se agarrava a ela

gritando algo que ela não conseguia entender. Berros tomaram o largo, as cabeças se atiravam em todos os sentidos, tal como milho numa borrasca. E eis Oliver de volta à frente, apontando e gritando, pois ela podia ver os seus gestos e se retraiu rapidamente, o sangue a correr ao longo de suas velhas veias e seu coração a bater no pé da sua garganta.

– Querido, querido, o que é isso? – ela soluçou.

Mas Mabel também estava de pé, olhando fixamente para o seu marido lá fora, e um súbito balbucio de vozes e exclamações vindo desde trás se fez audível apesar do tumulto ribombante no largo.

II

Oliver lhes explicou tudo naquela noite em casa, recostado em sua cadeira, com um braço enfaixado e com uma tipóia.

Na hora elas não puderam chegar perto dele; a agitação no largo havia sido violenta demais, mas uma mensagem chegou para a sua esposa dizendo que seu marido só havia sofrido um pequeno ferimento e que estava sob cuidados médicos.

– Ele era católico – explicou Oliver, de rosto abatido. – Ele deve ter vindo preparado, pois encontraram a sua arma de repetição carregada. Bom, agora não tem vez para padres.

Mabel assentiu devagar: ela havia lido nos letreiros sobre o destino daquele homem.

– Ele foi morto – pisoteado e estrangulado imediatamente – disse Oliver. – Fiz o que pude: vocês viram. Mas – bem, me atrevo a dizer que isso foi coisa mais misericordiosa.

– Mas você fez o que pôde, querido? – disse a velha senhora, afoita, no seu canto.

– Eu gritei com eles, mãe, mas não puderam me ouvir.

Mabel inclinou-se para frente.

– Oliver, eu sei que isso soa algo estúpido, mas – mas eu queria que não tivessem matado ele.

Oliver sorriu para ela. Ele conhecia esse seu temperamento sensível.

– Teria sido mais perfeito se não tivessem matado ele – ela disse. Então parou e recompôs-se em seu lugar.

– Por que ele só atirou naquela hora? – ela perguntou.

Oliver voltou os olhos para a mãe por um instante, mas ela estava tricotando tranqüilamente.

Depois respondeu ponderando curiosamente.

– Eu disse que Braithwaite tinha feito mais pelo mundo com um discurso do que Jesus e todos os seus santos juntos. – Ele percebeu que as agulhas de tricô pararam por um segundo; depois continuaram como antes.

– Mas ele deve ter planejado fazer isso de qualquer forma – continuou Oliver.

– Como souberam que ele era católico? – perguntou a garota novamente.

– Havia um rosário com ele, e ele só teve tempo de chamar pelo seu Deus.

– E não se sabe mais nada?

– Nada. Só que ele estava bem vestido.

Oliver inclinou-se um pouco cansado e fechou os olhos; seu braço ainda latejava insuportavelmente. Mas, no fundo, ele estava feliz. É verdade que ele havia sido ferido por um fanático, mas não se lamentava de sentir dor em tal situação, e era óbvio que a simpatia da Inglaterra estava com ele. O Sr. Phillips estava ocupado até agora, na outra sala, respondendo os telegramas que se acumulavam a cada instante. Caldecott,

o Primeiro-Ministro, Maxwell, Snowford e muitos outros haviam de pronto mandado telegramas com seus parabéns, e, de todo canto da Inglaterra, fluíam mensagens atrás de mensagens. Foi um tremendo choque para os comunistas; o porta-voz deles havia sofrido um atentado durante o cumprimento de seu dever, falando em defesa de seus princípios; era um ganho incalculável para eles, e uma derrota para os individualistas, que não houvesse mártires só de um lado. Os enormes letreiros elétricos por toda a Londres haviam cintilado os fatos em esperanto enquanto Oliver entrava no trem ao fim da tarde.

"Oliver Brand ferido... Agressor é católico... Indignação pelo país... Desfecho merecido para assassino..."

Ele também estava satisfeito por ter honestamente feito o que podia para salvar o homem. Mesmo naquele momento de dor repentina e aguda, ele havia gritado por um julgamento justo; mas já era tarde. Ele viu os olhos sobressaltados girarem no rosto avermelhado e o terrível sorriso aparecer e desaparecer à medida que as mãos agarravam e torciam sua garganta. Então o rosto sumiu e um pisotear intenso começou onde ele havia desaparecido. Ah, pelo menos alguma paixão e lealdade havia restado na Inglaterra!

Sua mãe logo se levantou e saiu, ainda sem dizer palavra, e Mabel se voltou para ele, pondo uma mão sobre seu joelho.

– Você está cansado para conversar, querido?

Ele abriu os olhos.

– Claro que não, amor. Que foi?

– Como você acha que serão as conseqüências?

Ele se ergueu um pouco, como de costume olhando através das escuras janelas aquela paisagem impressionante. Em toda parte agora as luzes brilhavam, um mar de suaves luas logo

acima das casas e, no alto, o forte e misterioso azul de uma noite de verão.

– As conseqüências? – disse. – Só as melhores. Já era tempo de algo acontecer. Como você sabe, querida, às vezes me sinto muito desanimado. Bom, não creio que eu deva ficar de novo. Às vezes tenho medo de que estejamos perdendo todo nosso espírito e que os velhos *tories* estavam em parte certos ao profetizarem no que daria o comunismo. Mas depois disso...

– O quê?

– Bom, nós mostramos que também podemos derramar o nosso sangue. Já estava mais que na hora, justamente no momento crítico. Não quero exagerar, é apenas um arranhão – mas foi algo tão calculado e... e algo tão dramático. O pobre coitado não poderia ter escolhido momento pior. As pessoas não vão esquecer isso.

Os olhos de Mabel brilharam de prazer.

– Coitado de você, meu bem! – disse. – Está doendo?

– Não muito. Além disso, por Cristo, por que me importo? Ah, se esse incidente infernal no oriente tivesse fim!

Ele sabia que estava febricitante e irritável e fez um grande esforço para se controlar.

– Ah, amor – ele continuou, um pouco ruborizado. – Se eles não fossem esses tolos rematados: eles não compreendem; eles não compreendem.

– O que, Oliver?

– Eles não compreendem que coisa gloriosa é a Humanidade, a Vida, a Verdade em suma, e a morte da Loucura! Mas eu não disse isso a eles incontáveis vezes?

Ela o olhou com olhos inflamados. Ela adorava vê-lo assim, seu rosto corado, confiante, o entusiasmo em seus olhos azuis, e saber da dor que ele sentia dava um tom apaixonado a seus sentimentos. Ela se curvou para frente e de repente o beijou.

– Querido, tenho tanto orgulho de você! Ah, Oliver.

Ele não disse nada, mas ela pôde ver o que amava ver, aquela resposta ao seu coração, e então eles ficaram em silêncio enquanto o céu escurecia ainda mais e o tique-taque do digitador na sala ao lado lhes dissesse que o mundo estava vivo e que eles tinham seu lugar em tais questões.

Oliver logo se mexeu.

– Você notou uma coisa ainda há pouco, amor – quando eu disse aquilo sobre Jesus Cristo?

– Ela parou de tricotar um momento – disse a garota.

Ele fez que sim.

– Então você também viu... Mabel, você acha que ela está tendo uma recaída?

– Oh, ela está ficando velha – disse a garota alegremente. – É claro que ela olha um pouco para o passado.

– Mas você não acha que... isso seria tão terrível!

Ela balançou a cabeça.

– Não, não, querido; você está agitado e cansado. É só um pequeno sentimento... Oliver, eu não sei se diria aquele tipo de coisa na frente dela.

– Mas agora ela ouve isso em toda parte.

– Não, não ouve. Lembre-se de que ela mal sai de casa. Aliás, ela odeia tudo isso. Afinal de contas, ela cresceu como católica.

Oliver fez que sim com a cabeça e estirou-se de novo, olhando sonhadoramente.

– Não é espantoso o modo como as sugestões perduram? Ela não consegue tirar isso da cabeça mesmo passados cinqüenta anos. Bom, veja ela, não é? Aliás...

– Sim?

– Há algumas notícias do oriente. Dizem que Felsenburgh está comandando a coisa toda agora. O Império está enviando ele para todo canto – Tobolsk, Benares, Yakutsk – tudo quanto é canto; e ele está na Austrália.

Mabel sentou-se animadamente.

– Isso não dá esperança?

– Creio eu. Não há dúvida de que os sufis estão vencendo, mas por quanto tempo é outra questão. Além disso, as tropas não se dispersaram.

– E a Europa?

– A Europa está se armando rápido como pode. Ouvi dizer que devemos encontrar as Potências em Paris na próxima semana. Tenho de ir.

– E o seu braço, querido?

– Meu braço ficará bem. De qualquer forma, ele terá de ir comigo.

– Fale mais.

– Não há nada além disso. Mas é coisa tão certa como é certo que estamos em crise. Se o oriente puder ser convencido de conter-se agora, ele nunca mais poderá se erguer novamente. Haverá livre-comércio em todo o mundo, creio eu, e todas aquelas coisas. Mas se não...

– O quê?

– Se não, haverá uma catástrofe como nunca se imaginou. Toda a raça humana entrará em guerra e tanto o ocidente como o oriente serão simplesmente dizimados. Essas novas bombas de Benninschein garantirão isso.

– Mas é totalmente certo que o oriente conseguiu elas?

– Totalmente. Benninschein as vendeu ao mesmo tempo para o ocidente e para o oriente e depois morreu, felizmente para ele.

Mabel já tinha ouvido antes esse tipo de conversa, mas sua imaginação simplesmente se recusara a compreender tal coisa. Um duelo entre ocidente e oriente nessas novas condições era uma coisa inconcebível. Não tinha havido nenhuma guerra européia de que algum vivo pudesse se lembrar e as guerras orientais do último século haviam se dado sob as antigas con-

dições. Agora, se as lendas forem verdadeiras, cidades inteiras poderiam ser destruídas com uma única bomba. A nova situação era inimaginável. Especialistas militares fizeram prognósticos extravagantes, uns contradizendo os outros em pontos vitais; todo o andamento da guerra era uma questão de teoria; não havia precedentes com que comparar isso. Era como se arqueiros especulassem sobre os resultados da pólvora. Uma única coisa era certa - que o oriente tinha toda e qualquer máquina moderna e, no que diz respeito à população masculina, tinha em gente o que era o restante do mundo somado e mais uma metade; e a conclusão a ser extraída dessas premissas não era tranqüilizante para a Inglaterra.

Mas a imaginação simplesmente se recusava a falar. Os jornais traziam uma manchete curta e cuidadosa todos os dias, baseadas em retalhos de informações roubadas a conferências do outro lado do mundo; o nome de Felsenburgh aparecia com mais freqüência do que nunca: ou então, fosse de outro modo, pareceria ser uma espécie de ocultação. Nada foi muito afetado; o comércio prosseguia; as bolsas de valores européias não estavam notavelmente abaixo do usual; homens ainda construíam casas, casavam-se, geravam filhos e filhas, cuidavam de seus trabalhos e iam ao teatro, tão-só porque não havia nada mais a se fazer. Eles não podiam nem resolver nem precipitar a situação; era coisa grande demais para eles. Vez ou outra alguém enlouquecia - pessoas que haviam conseguido incitar a imaginação a uma altura tal de onde se podia ter um vislumbre da realidade; e havia uma atmosfera difusa de tensão. Mas isso era tudo. Sequer havia muitos discursos sobre o assunto; foram considerados inoportunos. Afinal, nada havia a fazer além de esperar.

III

Mabel se lembrou do conselho do marido para que ficasse atenta e, por alguns dias, fez o melhor que pôde. Mas nada a alarmou. A velhinha talvez estivesse um pouco quieta, mas prosseguia com suas pequenas ocupações como sempre. Às vezes pedia que a garota lesse para ela e ouvia impassível qualquer coisa que lhe fosse proposta; diariamente dava atenção à cozinha, organizava os alimentos e parecia interessada em tudo que dissesse respeito ao seu filho. Ela própria arrumou a bagagem dele, vestiu-lhe o casaco de peles para o rápido vôo até Paris e acenou-lhe da janela à medida que ele descia o curto trajeto até o Entroncamento. Estaria de volta em três dias, disse ele.

Foi na noite do segundo dia que ela se sentiu doente, e Mabel, correndo escada acima, alarmada com o aviso da empregada, encontrou-a um pouco avermelhada e agitada em sua cadeira.

– Não é nada, querida – disse a velhinha tremulamente, acrescentando a descrição de alguns sintomas.

Mabel levou-a a cama, mandou chamar o médico e sentou para esperar.

Ela era sinceramente afeiçoada à velhinha e sempre considerou a presença dela na casa uma espécie sossegada de prazer. O efeito que ela produzia sobre a mente era o mesmo que uma poltrona produz sobre o corpo. A velhinha era tão tranqüila e humana, tão absorta em pequenas coisas externas, vez ou outra tão saudosa dos dias de sua juventude, tão completamente desprovida de ressentimento ou rabugice. À garota parecia curiosamente patético ver aquele calmo e velho espírito se aproximar de sua extinção, ou melhor, como pensava

Mabel, de sua perda da personalidade na reabsorção no Espírito da Vida que permeia o mundo. Ela via menos dificuldade em acompanhar o fim de um espírito vigoroso, pois neste caso imaginava uma espécie de precipitação energética da força de volta à sua origem nas coisas; mas nessa velhinha serena havia bem pouca energia; para ela todo o segredo estava, por assim dizer, no débil e delicado tecido da personalidade, construído, a partir de coisas frágeis, como uma entidade bem mais significativa que a soma de suas partes componentes: a morte de uma flor, refletia Mabel, é mais triste que a morte de um leão; a quebra de um pedaço de porcelana mais irreparável que a ruína de um palácio.

– É uma síncope – disse o médico, lá tendo chegado. – Ela pode morrer a qualquer momento; ela pode viver dez anos.

– Não é preciso telegrafar ao Sr. Brand?

Ele fez um pequeno movimento de desaprovação com as mãos.

– Mas não é certeza que ela vai morrer – não é algo iminente? – ela perguntou.

– Não, não; como disse, quem sabe ela viva até dez anos.

Ele tinha algumas coisas a dizer sobre o uso do injetor de oxigênio, e assim fez.

A velhinha estava deitada sossegada na cama quando a garota veio e segurou uma de suas mãos enrugadas.

– E então, minha querida? – ela perguntou.

– É só um pouco de fraqueza, mãe. Você deve ficar quieta e não fazer nada. Quer que eu leia algo?

– Não, minha amada, vou ficar pensando um pouco.

Não fazia parte da noção que Mabel tinha de seus deveres dizer que ela estava em perigo, pois não havia passado algum a ser ajeitado, Juiz algum a ser confrontado. A morte era um fim, não um começo. Era um Evangelho sereno; pelo menos se mostrava bastante sereno tão logo vinha o fim.

Em seguida a garota desceu as escadas novamente, com uma pequena e contida aflição no coração, o qual se recusava a ficar tranqüilo.

Que coisa estranha e bela era a morte, disse para si mesma – o repouso de um acorde que havia se sustentado por trinta, cinqüenta ou setenta anos – de volta à tranqüilidade do imenso Instrumento que era tudo em tudo e para si. Essas mesmas notas podem ser tocadas de novo, poderiam estar sendo tocadas agora mesmo em todo o mundo, ainda que com uma infinita sutileza a diferenciar o seu toque; mas aquela emoção em particular já não existia: era tolice pensar que estivesse soando eternamente em algum outro lugar, pois não havia outro lugar. Também ela própria cessaria um dia, veria que o espírito da nota era puro e belo.

O Sr. Phillips veio na manhã seguinte como de costume, logo após Mabel ter acabado de sair do quarto da velhinha, e pediu notícias dela.

– Ela está um pouco melhor, eu acho – disse Mabel. – Ela precisa repousar bastante, o dia todo.

O secretário fez uma reverência e voltou-se ao lado para o quarto de Oliver, onde havia uma pilha de cartas a serem respondidas.

Algumas horas depois, quando subia as escadas novamente, Mabel encontrou com o Sr. Phillips descendo. Ele parecia um pouco afogueado em sua pele descorada.

– A Sra. Brand me chamou – ele disse. – Queria saber se o Sr. Oliver já estará de volta à noite.

– Ele estará, não é? Você não sabia?

– O Sr. Brand disse que chegaria atrasado para o jantar. Ele alcançará Londres às sete horas.

– E há mais alguma notícia?

Ele contraiu os lábios.

– Existem rumores – ele disse. – O Sr. Brand telegrafou para mim uma hora atrás.

Ele parecia querer chegar a algum ponto, e Mabel o olhou com surpresa.

– São novidades do oriente? – perguntou.

As sobrancelhas dele se enrugaram um pouco.

– Você há de me perdoar, Sra. Brand – ele disse. – Não tenho liberdade para dizer nada.

Ela não se ofendeu, pois confiava inteiramente em seu marido; mas entrou com o coração acelerado no quarto da enferma.

A senhora também parecia agitada. Estava na cama com um rubor visível em suas bochechas brancas e mal sorriu à saudação da garota.

– Quer dizer então que a senhora estava com o Sr. Phillips, não? – disse Mabel.

A Sra. Brand a olhou penetrantemente, por um instante, mas não disse nada.

– Não fique ansiosa, mãe. De noite Oliver estará de volta.

A velhinha deu um longo suspiro.

– Não se preocupe comigo, querida – ela disse. – Agora já devo ficar bem. Ele virá para o jantar, não é?

– Se o *volor* não se atrasar. Agora, mãe, você está pronta para o café da manhã?

Mabel passou a tarde numa agitação considerável. Tinha certeza de que algo havia acontecido. O secretário, que ficara olhando para o jardim enquanto almoçava com ela na sala de estar, parecera estranhamente ansioso. Ele disse a ela que estaria fora pelo resto do dia: o Sr. Oliver lhe havia dado ordens. Ele se absteve de qualquer discussão sobre o problema do oriente e não deu a ela notícia alguma sobre a Convenção em Paris; apenas repetiu que o Sr. Oliver estaria de volta à noite. Meia hora depois saiu com pressa.

A velhinha parecia estar dormindo quando a garota subiu, e Mabel não gostava de perturbá-la. Tampouco gostava de sair de casa; daí que ficou a andar sozinha no jardim, meditando, ansiando e temendo, até que a grande sombra se pôs ao longo do caminho, e a plataforma de telhados em declive fosse banhada numa névoa árida e verde vinda do ocidente.

Ao entrar, ela pegou o jornal da tarde, mas não havia nenhuma novidade exceto no sentido de que a Convenção terminaria à noite.

Deram as oito horas, e nem sinal de Oliver. O *volor* de Paris deveria ter chegado há uma hora, mas Mabel, observando lá fora o céu a escurecer, tinha visto as estrelas surgirem uma a uma, mas nenhum peixe esguio e de asas havia passado pelo ar. Claro que ela poderia não tê-lo visto; não tinha certeza sobre o trajeto preciso, mas o havia visto incontáveis vezes antes e sem razão se perguntava por que não o tinha visto agora. Mas não se sentaria para jantar, e andou pra lá e pra cá em seu vestido branco, olhando sempre para a janela, ouvindo o avanço suave dos trens, os fracos silvos da estrada de ferro e os acordes musicais do Entroncamento a uma milha de distância. As luzes agora estavam acesas e a imponente extensão de cidades parecia uma terra encantada entre a luz do solo e a escuridão do céu. Por que Oliver não chega ou pelo menos a deixa saber o porquê?

Em determinado momento subiu a escada, ela própria miseravelmente ansiosa, para acalmar a velhinha, e de novo a encontrou bastante entorpecida.

– Ele não chegou – disse. – Talvez ele tenha precisado ficar em Paris.

O velho rosto no travesseiro assentiu e murmurou, e Mabel desceu novamente. Já se passava uma hora desde o horário do jantar.

Oh, havia incontáveis coisas que poderiam ter segurado ele lá. Ele muita vez se atrasava mais que isso: podia ter perdido o *volor* que deveria ter pegado; a Convenção podia ter se alongado; ele podia estar exaustado, ter no fim das contas achado melhor dormir em Paris e esquecido de telegrafar. Podia até mesmo ter telegrafado para o Sr. Phillips, e o secretário ter esquecido de dar o recado.

Por fim, sem esperança, foi até o telefone e o observou. Lá estava, completamente silenciosa ao longo de todo um mês, a pequena fileira de botões identificados. Quase se decidiu a discar um por um e perguntar se tinham ouvido algo a respeito de seu marido: havia o seu clube, o seu escritório em Whitehall, a casa do Sr. Phillips, a casa do Parlamento e outros. Mas ela hesitou, dizendo a si mesma para ser paciente. Oliver odiava interferências, e ele certamente logo se lembraria e atenuaria a ansiedade dela.

E então, tendo ela se voltado para outro lado, a campainha tocou bruscamente e um sinal se iluminou - "WHITEHALL".

Ela apertou o botão correspondente e, com a mão tremendo tanto que mal conseguia segurar o fone contra o ouvido, ouviu.

- Quem é?

Seu coração saltou ao soar da voz do marido, fraca e mínima, ao longo de quilômetros de fiação.

- Eu - Mabel - ela disse. - Sozinha aqui.

- Oh, Mabel! Está certo. Já voltei: está tudo bem. Agora preste atenção. Está ouvindo?

- Sim, sim.

- Aconteceu o que de melhor poderia ter acontecido. Em todo o oriente. Felsenburgh é o responsável. Agora escute. Não posso voltar para casa esta noite. Será feito o anúncio daqui a duas horas na Paul's House. Estamos mantendo con-

tato com a imprensa. Venha para cá imediatamente. Você tem que estar presente... Está ouvindo?

- Oh, sim.

- Então venha imediatamente. Será o maior acontecimento de toda a história. Venha antes que o *rush* comece. Em meia hora a via estará parada.

- Oliver.

- Sim? Diga rápido.

- A mãe está doente. Eu devo deixá-la?

- Como assim doente?

- Oh, sem risco imediato. O médico esteve com ela.

Houve silêncio por um instante.

- Sim, então venha. De qualquer forma nós estaremos de volta esta noite ainda. Diga a ela que chegaremos tarde.

- Está certo.

- Bom, você tem de vir. Felsenburgh vai estar lá.

Capítulo IV

I

Na mesma noite Percy recebeu uma visita.

Nada de notável havia no homem, e Percy, quando desceu a escada em roupa de passeio e o viu sob a luz da janela alta da saleta, nada pôde concluir sobre o que ele queria ou quem era, exceto que ele não era católico.

– Você queria me ver – disse o padre apontando a uma cadeira.

– Infelizmente não posso demorar muito.

– Não vou tomar tanto tempo – disse o estranho com impaciência. – É coisa de cinco minutos.

Percy esperava de olhos baixos.

– Uma certa pessoa me mandou até você. Ela já foi católica; ela quer retornar à Igreja.

Percy fez um pequeno movimento com a cabeça. Era uma mensagem que ele não recebia muito freqüentemente nesses tempos.

– Você virá, senhor, não virá? Você me promete?

O homem parecia extraordinariamente agitado. Seu rosto pálido tinha um certo brilho de suor e seus olhos eram de condoer.

– Claro que irei – disse Percy sorrindo.

– Certo, senhor, mas você não sabe quem é ela. Isso... isso fará um grande rebuliço, senhor, caso as pessoas venham a

saber. Ninguém pode saber, senhor; você também me promete isso?

– Não me cabe fazer nenhuma promessa desse tipo – disse o padre gentilmente. – Eu ainda não sei quais são as circunstâncias.

O estranho passou a língua nos lábios nervosamente.

– Certo, senhor – disse com pressa –, você não dirá nada até que tenha encontrado com ela? Isso você pode me prometer.

– Ah, sem dúvida – disse o padre.

– Bom, senhor, é melhor o senhor não saber o meu nome. Isso... isso pode tornar as coisas mais fáceis para você e para mim. E... e... por obséquio, senhor, a mulher está doente; você tem de ir hoje, por obséquio, mas não antes da noite. Às dez da noite seria conveniente, senhor?

– Onde é? – perguntou Percy de repente.

– É... é perto do Entroncamento de Croydon. Já, já irei anotar o endereço. E você não virá antes das dez horas, não é, senhor?

– Por que não agora?

– Porque os outros... os outros podem estar lá. Mais tarde não estarão, sei disso.

Isso era um tanto suspeito, pensou Percy: sabia-se de conluios pouco honrosos que já tinham se dado antes. Mas ele não podia recusar abertamente.

– Por que ela não manda chamar o padre de sua própria paróquia?

– Ela ainda não o conhece, senhor; ela uma vez viu você na catedral, senhor, e perguntou o seu nome. Você se lembra, senhor? – uma senhora de idade?

Percy de fato se lembrava vagamente de algo assim um ou dois meses antes, mas não tinha certeza, e assim disse.

– Bom, senhor, mas você virá, não?

– Tenho de participar isso ao Padre Dolan – disse o padre. – Se ele me der permissão...

– Por obséquio, senhor, o Padre... o Padre Dolan não pode saber o nome dela. Você não dirá para ele...?

– Se nem eu sei ainda – disse o padre, sorrindo.

Diante disso o estranho se reclinou, e seu rosto fez um esforço.

– Bom, deixe-me primeiro lhe dizer isso. O filho dessa senhora é o meu patrão e um proeminente comunista. Ela vive com ele e sua esposa. De noite os outros dois estarão fora de casa. É por isso que estou pedindo tudo isso. E então, você ainda virá, senhor?

Percy o olhou firmemente por um instante. Caso fosse uma conspiração, os conspiradores eram gente bastante sem noção. Ele respondeu:

– Eu irei, senhor, eu prometo. Agora, o nome.

O estranho de novo lambeu os lábios nervosamente e observou timidamente ao redor. Em seguida pareceu juntar suas forças; inclinou-se para frente e murmurou bruscamente.

– O nome da senhora é Brand, senhor – a mãe do Sr. Oliver Brand.

Percy ficou aturdido por um instante. Era extraordinário demais para ser verdade. Conhecia muito bem o nome do Sr. Oliver Brand; com o consentimento de Deus, ele no momento estava trabalhando mais que qualquer outro homem vivo, na Inglaterra, contra a causa católica; e fora ele a quem o incidente na Trafalgar Square havia elevado a tão grande popularidade. E agora, eis a sua mãe.

Ele se voltou ferozmente para o homem.

– Eu não sei quem é você, senhor – se você acredita em Deus ou não; mas você jura pela sua religião e pela sua honra que tudo isso é verdade?

Os olhos tímidos o encontraram e hesitaram; mas era uma hesitação de fraqueza, não de traição.

– Eu... eu juro, senhor; por Deus Todo Poderoso.

– Você é católico?

O homem sacudiu a cabeça.

– Mas acredito em Deus", disse. "Pelo menos, eu acho.

Percy reclinou-se para trás, tentando compreender o que tudo isso significava. Não havia sentimento de triunfo em sua mente – esse tipo de emoção não era o seu fraco; havia uma espécie de medo, de ansiedade, de perplexidade e, permeando tudo, uma satisfação por a graça de Deus ser tão soberana. Se pôde chegar a essa mulher, quem pode estar tão distante a ponto de ela não poder agir? Logo em seguida deu-se conta do outro a olhá-lo alito.

– Você está com medo, senhor? Você não voltará atrás de sua promessa, não é?

Aquilo dissipou um tanto a nuvem e Percy sorriu.

– Oh, não – disse. – Estarei lá às dez horas... É caso de morte iminente?

– Não, senhor, é uma síncope. De manhã ela já estava um pouco melhor.

O padre passou as mãos sobre os olhos e se levantou.

– Bom, eu irei – ele disse. – Você estará lá, senhor?

O outro sacudiu a cabeça, também se levantando.

– Eu tenho de estar com o Sr. Brand, senhor; haverá um encontro à noite, mas não devo falar sobre isso... Não, senhor, chame pela Sra. Brand e diga que ela está esperando pelo senhor. De imediato conduzirão o senhor até ela.

– Suponho que eu não deva dizer que sou um padre.

– Não, senhor, por obséquio.

Ele tirou uma caderneta, rabiscou nela por um momento, arrancou a folha e a entregou ao padre.

– O endereço, senhor. Você poderia por gentileza destruir isso depois que tiver copiado ele? Eu... eu não quero perder minha posição, senhor, se é que se pode evitar isso.

Percy permaneceu girando o papel em seus dedos por um instante.

– Por que você mesmo não é católico? – perguntou.

O homem sacudiu a cabeça em silêncio. Então pegou seu chapéu e caminhou em direção à porta.

Percy teve uma tarde bastante emotiva.

Nos últimos dois meses, pouco havia ocorrido que o encorajasse. Ele tinha sido obrigado a reportar uma meia dúzia de dissidências importantes e raramente alguma conversão de qualquer tipo. Não havia a menor dúvida de que a maré estava indo decididamente contra a Igreja. O ato maluco na Trafalgar Square, aliás, havia provocado um dano incalculável na última semana: as pessoas estavam dizendo mais que nunca – e os jornais rugindo – que a confiança da Igreja no sobrenatural era desmentida por cada um de seus atos públicos. "Raspe a superfície de um católico e você encontrará um assassino", dizia um artigo de destaque no *New People*, e o próprio Percy estava consternado com a loucura do ataque. É verdade que, do púlpito da Catedral, o arcebispo havia repudiado formalmente tanto o ato como a sua motivação, mas isso também só serviu como uma oportunidade, de pronto aproveitada pelos principais jornais, para relembrar a política contínua da Igreja de se valer da violência ao mesmo tempo em que a repudia. A morte horrorosa do homem de forma alguma havia apaziguado a indignação popular; houve até insinuações de que o homem tinha sido visto saindo da casa do arcebispo uma hora antes da tentativa de assassinato.

E agora, com uma velocidade dramática, havia chegado a mensagem de que a própria mãe do herói queria se reconciliar com a Igreja que havia tentado matar o seu filho.

Inúmeras vezes, naquela tarde, enquanto corria em direção ao norte para visitar um padre em Worcester e de volta ao sul, quando as luzes começavam a brilhar com a chegada da noite, ele se perguntou se afinal isso tudo não seria uma armação – algum tipo de retaliação, uma tentativa de o encurralar. Ainda assim, ele havia prometido não contar nada e ir.

Como de costume terminou sua carta após o jantar, com um curioso senso de fatalidade; endereçou-a e a carimbou. Em seguida desceu as escadas, em sua roupa de passeio, até o quarto do Padre Blackmore.

– Você vai ouvir a minha confissão, padre? – disse repentinamente.

II

A Victoria Station, que ainda guardava o nome da grande rainha do século XIX, não estava nem mais nem menos cheia que o de costume quando ele lá chegou meia hora depois. A imensa plataforma, agora cavada a cerca de duzentos pés abaixo do nível do solo, exibia a dupla multidão de passageiros que chegavam e que partiam da cidade. Os que estavam à extrema esquerda, em direção aos quais Percy começou a descer no elevador envidraçado e transparente, eram bem mais numerosos, e a afluência à porta do elevador fez com que ele se movesse vagarosamente.

Ele afinal havia chegado, caminhando à fraca luz sobre o silencioso piso de borracha, e parou perto da porta do longo veículo que passava diretamente pelo Entroncamento. Era o último de uma série de mais de dez, dos quais um partia a cada minuto. Em seguida, ainda assistindo ao movimento intermi-

nável dos elevadores subindo e descendo entre as entradas do extremo superior da estação, ele entrou e se sentou.

Ele se sentia calmo, agora que realmente havia começado. Tinha feito sua confissão só para se afiançar, ainda que pouco esperasse qualquer perigo, e agora se acomodava, seu terno cinza e seu chapéu de palha de forma alguma o assinalando como um padre (pois uma permissão geral fora concedida pelas autoridades para vestir-se assim se houvesse motivo apropriado). Como a ocasião não era iminente, ele não trouxera estola ou píxide – o Padre Dolan lhe tinha telegrafado dizendo que se quisesse poderia ir buscá-las na Igreja de São José, próxima do Entroncamento. Trazia apenas um pedaço de tecido roxo no bolso, como era seu costume em visitas por doença.

Ele estava indo muito sossegadamente, fixando os olhos no assento vazio do lado oposto e tentando preservar a serenidade, quando o carro parou bruscamente. Procurou ver o que era e, surpreso, viu, pelas paredes brancas esmaltadas a vinte pés das janelas, que eles já estavam no túnel. A parada poderia ter tido muitas causas, e ele não ficou lá muito agitado nem pareceu que outros no vagão a tenham tomado muito a sério; ele pôde ouvir, depois de um momento de silêncio, a conversa recomeçar além da divisória.

Em seguida veio, ecoando pelas paredes, o som de gritos de muito longe, misturado com apitos e acordes; ficou mais alto. O burburinho no vagão cessou. Ele ouviu uma janela ser aberta e no instante seguinte um carro passou voado, retornando à estação pela linha de descida. Isso merecia atenção, pensou Percy: alguma coisa certamente acontecera; então se levantou e atravessou o compartimento vazio até a próxima janela. De novo veio o clamor das vozes, de novo os sinais e, mais uma vez, um carro passou, seguido quase imediatamente por outro. Houve um arranque – um movimento suave. Per-

cy cambaleou e se sentou em um banco, enquanto o vagão em que ele mesmo estava começou a ir para baixo.

Agora houve um brado vindo do próximo compartimento e Percy seguiu até lá através da porta para encontrar alguns homens com a cabeça colada às janelas, os quais não deram atenção às suas perguntas. Lá permaneceu, consciente de que eles não sabiam nada mais que ele, a aguardar uma explicação de alguém. Era vergonhoso, disse consigo, que algum contratempo pudesse desarranjar seu plano.

O carro parou pela segunda vez; desta vez se moveu de novo depois de um ou dois apitos, e afinal chegou à plataforma de onde havia partido, embora uns cem metros mais à frente.

Ah, não restava dúvida de que algo tinha acontecido! No instante em que ele abriu a porta, um grande rugido foi ao encontro de seus ouvidos e, quando se moveu ligeiro para a plataforma e olhou para o fim da estação, começou a entender.

Da direita para a esquerda da gigantesca parte interna, depois da plataforma, a avolumar-se a cada instante, surgiu uma multidão enorme a remexer-se, a urrar. O lance de escadas de vinte metros de extensão, utilizado apenas em casos de emergência, parecia uma catarata negra gigante com cerca de duzentos pés de altura. Cada carro, à medida que chegava, descarregava mais e mais homens e mulheres, os quais corriam como formigas até o amontoado de seus companheiros. O barulho era indescritível, os berros de homens, os gritos de mulheres, o tinido e o silvo de máquinas imensas e, três ou quatro vezes, o clamor agudo de um clarim, quando uma porta de emergência mais acima foi expelida e um pequeno redemoinho de multidão vazou por ela em direção às ruas. Mas após uma espiada Percy não mais olhou para as pessoas, pois lá em cima, abaixo do relógio, no painel de informações do Governo, acenderam-se letras de fogo monstruosas, dizendo em esperanto e em inglês a mensagem pela qual a

Inglaterra estava obcecada. Ele a leu repetidas vezes antes de se mover, olhando fixamente como se a um sinal sobrenatural que pudesse denotar o triunfo do céu ou do inferno.

"CONVENÇÃO DO ORIENTE DISPERSADA.

PAZ, NÃO GUERRA.

FRATERNIDADE UNIVERSAL ESTABELECIDA.

FELSENBURGH EM LONDRES HOJE À NOITE."

III

Percy só chegaria à frente da casa, do outro lado do Entroncamento, cerca de duas horas depois.

Ele havia discutido, protestado e ameaçado, mas os oficiais estavam como homens possuídos. Metade deles tinha desaparecido na correria em direção à cidade, pois havia vazado, apesar das precauções tomadas pelo Governo, que a Paul's House, antes conhecida como Catedral de São Paulo, viria a abrigar a cena final da recepção de Felsenburgh. Outros pareciam loucos; um homem havia caído morto na plataforma por exaustão nervosa, mas ninguém parecia se importar, e o corpo estava lá jogado debaixo de um banco. Várias vezes Percy foi varrido pelo borbotão de gente, à medida que lutava, de plataforma em plataforma, à procura de um carro que o levasse até Croydon. Parecia não haver nenhum, e os vagões inúteis se acumularam como troncos de madeira entre as plataformas,

enquanto outros surgiam vindo do interior a trazer montes e montes de homens delirantes e frenéticos, os quais se esvaíam como fumo das áreas de embarque brancas e emborrachadas. As plataformas permaneciam continuamente abarrotadas de gente, e, ao irem se esvaziando, não foi antes de meia hora antes da meia-noite que os vagões começaram a se mover no sentido de saída novamente.

Bom, até que enfim estava ali, desgrenhado, sem chapéu e exausto, olhando para as janelas negras.

Ele nem sabia ao certo o que pensava sobre a questão. A guerra, claro, era terrível. E uma guerra como essa teria sido terrível demais para que a imaginação conseguisse visualizá-la; mas para a mente do padre existiam coisas ainda piores. Que paz universal era essa – quer dizer, paz estabelecida por métodos que não eram o de Cristo? Ou estaria Deus por trás de tudo isso? As perguntas eram irrespondíveis.

Felsenburgh – tinha sido ele quem fizera isso – isso que, inquestionavelmente, era maior que qualquer acontecimento secular até então conhecido pela civilização. Que tipo de homem ele era? Como eram sua personalidade, suas motivações, seu método? Como ele usaria o seu sucesso?... Então as possibilidades se ergueram à sua frente como uma corrente de fagulhas, uma, talvez, inofensiva; outra, igualmente incerta, capaz de incendiar o mundo. Enquanto isso, aqui estava uma senhora que queria ser reconciliada com Deus antes de morrer...

Apertou o botão novamente, três ou quatro vezes, e aguardou. Então uma luz se acendeu acima e ele soube que tinha sido ouvido.

– Mandaram-me vir aqui – exclamou para a empregada aturdida. – Eu deveria ter vindo às dez horas: fui impedido pelo tráfego.

Ela lhe balbuciou uma pergunta.

– Sim, é verdade, creio eu – ele disse. – Foi paz, não guerra. Por gentileza, conduza-me pelas escadas.

Ele atravessou o salão de entrada com um sentimento curioso de culpa. Eis aqui a casa de Brand – aquele orador intenso, tão amargamente eloqüente contra Deus; e aqui estava ele, um padre, esgueirando-se adentro protegido pela noite. Bem, bem, isso não estava entre suas atribuições.

Em frente à porta de um quarto do andar de cima, a empregada se voltou para ele.

– Médico, senhor?

– É o que faço – Percy disse brevemente e abriu a porta.

Um apelo um pouco choroso irrompeu do canto do quarto, antes que ele tivesse tempo de fechar a porta.

– Oh, graças a Deus! Pensei que Ele tinha se esquecido de mim. Você é padre, não é?

– Sou padre. Você não se lembra de mim na Catedral?

– Sim, sim, senhor, eu vi você rezando, padre. Ai, graças a Deus! graças a Deus!

Percy ficou por um momento olhando-a, vendo seu velho rosto avermelhado no gorro de dormir, seus olhos fundos e brilhantes e suas mãos trêmulas. Sim; aquilo era realmente pra valer.

– Agora, minha filha – ele disse –, conte para mim.

– Minha confissão, padre.

Percy tirou o pedaço de tecido roxo, deslizou-o sobre seus ombros e se sentou perto da cama.

Mas, depois disso, ela ainda o reteria por um tempo.

– Diga, padre. Quando você irá trazer a Sagrada Comunhão para mim?

Ele hesitou.

– Suponho que o Sr. Brand e sua esposa não saibam nada sobre isto.

– Não, padre.

– Me diga, você está muito doente?

– Eu não sei, padre. Eles não vão me contar. Eu pensei que não passaria desta noite.

– Você quer que eu traga a Sagrada Comunhão quando? Farei como você disser.

– Posso mandar chamá-lo em um ou dois dias? Padre, eu devo contar a ele?

– Você não é obrigada.

– Se tiver de fazer, eu farei.

– Bom, pense a respeito e me diga... você ouviu falar sobre o que aconteceu?

Ela assentiu, mas quase que desinteressadamente, e Percy percebia uma pequena picada de remorso em seu próprio coração. Afinal de contas, a reconciliação de uma alma com Deus era mais importante que a reconciliação entre ocidente e oriente.

– Pode ser que faça alguma diferença para o Sr. Brand – ele disse. – Ele agora será um homem famoso, você sabe.

Ela ainda o olhava em silêncio, sorrindo um pouco. Percy estava impressionado com a juventude daquele velho rosto. Em seguida a expressão dela se alterou.

– Padre, não devo segurar você aqui; mas diga – quem é esse homem?

– Felsenburgh?

– Sim.

– Ninguém sabe. Deveremos saber mais amanhã. Hoje ele está aqui na cidade.

Ela parecia tão estranha que Percy por um momento pensou que fosse um ataque. O rosto dela parecia se perder numa espécie de emoção metade de ardil, metade de medo.

– E então, minha filha?

– Padre, fico com um pouco de medo quando penso nesse homem. Ele não pode me machucar, pode? Agora estou em segurança? Eu sou católica...?

– Minha filha, é claro que você está segura. O que foi? Como esse homem poderia fazer mal a você?

Mas a aparência de terror ainda estava ali, e Percy se aproximou um passo à frente.

– Você não pode dar asas a fantasias – disse. – Apenas se comprometa com o nosso Santíssimo Senhor. Esse homem não pode lhe fazer mal algum.

Ele agora falava como a uma criança, mas de nada valia. A boca idosa dela ainda estava encolhida e seus olhos vagaram dele para a escuridão do quarto atrás.

– Minha filha, diga-me qual é o problema. O que você sabe sobre Felsenburgh? Você deve ter sonhado.

Ela assentiu súbita e energicamente e Percy, pela primeira vez, sentiu seu coração dar um pequeno salto de apreensão. Estaria a velhinha fora de si, afinal? Ou por que seria que esse nome parecia sinistro a ela? Ele então se lembrou que uma vez o Padre Blackmore havia falado desse modo. Ele fez um esforço e se sentou novamente.

– Agora me diga francamente – ele disse. – Você sonhou. Sonhou com o quê?

Ela se ergueu um pouco na cama, mais uma vez lançando o olhar pelo quarto; em seguida estendeu uma mão com anéis até a mão dele, e ele a deu, imaginando o que fosse.

– A porta está fechada, padre? Não tem ninguém ouvindo?

– Não, não, minha filha. Por que você está tremendo? Você não deve ser supersticiosa.

– Padre, vou contar pra você. Sonhos são coisa sem sentido, não são? Bom, pelo menos foi isso o que sonhei.

– Eu estava em algum lugar numa casa enorme; não sei onde ficava. Era uma casa que eu nunca tinha visto. Era uma casa

do tipo antigo e estava muito escuro. Eu era criança, creio, e eu estava... Eu estava com medo de alguma coisa. Os corredores estavam totalmente escuros e comecei a chorar no escuro, procurando por uma luz, e não tinha nenhuma. Foi então que ouvi uma voz falando, muito distante. Padre...

A mão dela apertou mais ainda a dele, e novamente seus olhos passearam pelo quarto.

Com grande dificuldade, Percy reprimiu um suspiro. Ainda que ele não ousasse deixá-la logo agora. A casa estava bastante calma; só do lado de fora é que vez ou outra soava o tinido dos carros, como indo ligeiros de volta para o interior, saindo da cidade congestionada, e uma vez ouviu o barulho alto de uma gritaria. Ele se perguntou que horas seriam.

– Não é melhor me dizer agora? – ele perguntou, falando ainda com uma simplicidade paciente. – Que horas eles vão voltar?

– Não agora – ela sussurrou. – Mabel disse que não antes das duas. Que horas são agora, padre?

Ele tirou seu relógio e o olhou com a mão que estava desocupada.

– Ainda não é uma – disse.

– Muito bem, ouça, padre... Eu estava nessa casa e ouvi aquela conversa, e corri pelos corredores até que vi luz sob uma porta e então parei... Venha mais perto, padre.

Percy estava um pouco intimidado, apesar do que ele próprio dizia. A voz dela repentinamente havia descido a um sussurro e seus velhos olhos pareciam contemplá-lo estranhamente.

– Eu parei, padre; não ousei entrar. Eu podia ouvir a conversa e podia vez a luz; e eu não ousei entrar. Padre, era Felsenburgh que estava naquele quarto.

De baixo, veio o repentino bater de uma porta e em seguida o som de passos. Percy virou a cabeça abruptamente e, na mesma hora, ouviu a velha senhora inspirar com rapidez.

– Silêncio! – ele disse. – Quem será?

Duas vozes agora estavam falando no salão logo abaixo e, diante do som, a velhinha se acalmou.

– Eu, eu pensei que fosse ele – ela murmurou.

Percy se levantou; ele via que ela não tinha entendido a situação.

– Sim, minha filha – disse ele com tranqüilidade –, mas quem é?

– Meu filho e a sua esposa – ela disse; depois sua expressão se alterou mais uma vez. – Por que – por que, padre?...

A voz dela morreu na garganta quando um passo soou do lado de fora. Por um momento houve completo silêncio; e então um sussurro, plenamente audível, numa voz de garota.

– Ora, a luz dela está acesa. Venha, Oliver, mas devagar.

Depois o trinco girou.

Capítulo V

I

Veio um grito, em seguida silêncio, quando uma garota bonita e alta, de rosto afogueado e olhos verdes brilhantes, avançou e parou, seguida por um homem que de imediato Percy reconheceu pelas fotos. Um choramingo soou da cama, e o padre, instintivamente, ergueu a mão para silenciá-lo.

– Ah! – disse Mabel e, ato contínuo, olhou para o homem de rosto jovem e cabelos brancos.

Oliver abriu a boca e a fechou novamente. Ele também tinha uma expressão estranha de ansiedade no rosto. Depois falou.

– Quem é esse? – disse, com cautela.

– Oliver – exclamou a garota, voltando-se bruscamente para ele –, esse é o padre que eu vi...

– Um padre! – disse o outro e deu um passo adiante. – Ora, eu pensei...

Percy deu um suspiro para regularizar aquela vibração enlouquecedora em sua garganta.

– Sim, sou padre – disse.

Mais uma vez o choramingo irrompeu da cama, e Percy, de novo se virando um pouco para silenciá-lo, viu a garota desamarrar mecanicamente a fivela da capa fina e escovada que lhe cobria o vestido branco.

– Você mandou chamá-lo, mãe!? – vociferou o homem com um tremor na voz e um impulso inaudito de todo o seu corpo para frente. Mas a garota interpôs sua mão.

– Calma, querido – ela disse. – Então, senhor...

– Sim, eu sou padre – disse Percy novamente, apoiando-se agora numa força de vontade desesperada, mal sabendo o que havia dito.

– E você vem até a minha casa! – gritou o homem. Deu um passo à frente, recuou um pouco. – Você jura que é um padre? – disse. – Você está aqui a noite toda?

– Desde a meia-noite.

– E você não é... – ele se deteve de novo.

Mabel de pronto se pôs entre eles.

– Oliver – ela disse, ainda com aquele ar de empolgação reprimida –, não podemos fazer uma cena aqui. A nossa probrezinha está muito doente. Pode aguardar lá embaixo, senhor?

Percy deu um passo em direção à porta e Oliver se moveu ligeiramente para o lado. Então o padre parou, se virou e ergueu a mão.

– Deus lhe abençoe! – disse, apenas, à figura emudecida na cama. Em seguida saiu e esperou do lado de fora da porta.

Pôde ouvir uma conversa baixa lá dentro; em seguida um murmúrio compadecido na voz da garota; depois Oliver estava ao seu lado, tremendo inteiro, branco como gesso, e fez um gesto silencioso quando passou por ele descendo as escadas.

Para Percy, a situação parecia um sonho inacreditável; tudo foi tão inesperado, inverossímil demais para a vida. Sentiu-se ciente de uma vergonha tremenda pela sordidez da situação e, ao mesmo tempo, ciente de uma espécie de imprudência incorrigível. O pior tinha acontecido e também o melhor – esse era seu único motivo de reconforto.

Oliver empurrou uma porta aberta, apertou um botão e entrou no quarto repentinamente iluminado, seguido por Percy. Ainda em silêncio, apontou para uma cadeira , Percy se sentou e Oliver se manteve perto da lareira, suas mãos enfiadas fundo nos bolsos de sua jaqueta, ligeiramente voltado para o outro lado.

Os sentidos aguçados de Percy atinaram a cada detalhe no quarto - o tapete verde bastante elástico, macio sob seus pés, as cortinas finas de seda pendendo bem postas, a opulência de algumas mesas baixas tendo flores em cima e os livros que forravam as paredes.

Toda a sala recendia ao odor pesado das flores, embora as janelas estivessem abertas e a brisa da noite agitasse as cortinas continuamente. Era um quarto de mulher, disse consigo. Olhou em seguida para a figura do homem, gracioso, tenso, ereto; o paletó cinza-escuro não muito diferente do seu próprio, a bela curva do queixo, a pele pálida, o nariz fino, o acento saliente de idealismo nos olhos e o cabelo preto. Era um rosto de poeta, disse consigo, e a personalidade inteira era viva e vigorosa. Em seguida se virou um pouco e se levantou quando a porta abriu e Mabel entrou, fechando-a atrás de si.

Ela veio direto até seu marido e colocou uma das mãos sobre o ombro dele.

- Sente-se, querido - ela disse. - Precisamos conversar um pouco. Por favor, senhor, sente-se.

Os três se sentaram, Percy de um lado, o marido e a esposa num assento com encosto bem em frente.

A garota recomeça.

- Isso deve ser resolvido imediatamente - ela disse -, mas sem tragédia nenhuma. Oliver, você está entendendo? Você não pode fazer uma cena. Deixe isso comigo.

Ela falava com um contentamento curioso; e Percy, para sua surpresa, viu que ela estava sendo bastante sincera: não havia traço algum de cinismo.

– Oliver, querido – disse ela novamente –, não fique com essa cara! Está tudo perfeitamente bem. Eu vou dar um jeito nisso.

Percy notou um olhar venenoso do homem vindo diretamente sobre si; a garota também o notou, movendo seus olhos enérgicos e bem-humorados de um para o outro. Pôs a mão sobre um joelho dele.

– Oliver, preste atenção! Não olhe tão amargamente para esse senhor. Ele não fez mal algum.

– Mal algum! – sussurrou o outro.

– Não – não fez mal algum mesmo. O que afinal interessa o que aquela pobrezinha lá em cima pensa? Agora, senhor, você se importaria de nos dizer por que veio até aqui?

Percy deu outro suspiro. Não contava com isso.

– Eu vim para receber a Sra. Brand de volta à Igreja – ele disse.

– E você fez isso?

– Fiz.

– Você se importa de nos dizer o seu nome? Tornaria tudo isso bem mais simples.

Percy ficou indeciso. Acabou se decidindo por aceitar os termos dela.

– Certamente. Meu nome é Franklin.– Padre Franklin? – perguntou a garota, apenas com um matiz sutil de ênfase desdenhosa sobre a primeira palavra.

– Sim. Padre Percy Franklin, da Casa do Arcebispo, em Westminster – disse prontamente o padre.

– Bom, Padre Percy Franklin, você pode nos dizer como chegou aqui? Quero dizer, quem mandou chamá-lo?

– A Sra. Brand mandou me chamar.

– Sim, mas como?

– Isso eu não devo dizer.

– Hum, está certo... Pode nos dizer qual é o benefício de ser recebido na Igreja?

– Ao ser recebida na Igreja, a alma é reconciliada com Deus.

– Oh! (Oliver, tenha calma.) E como você faz isso, Padre Franklin?

Percy se levanta bruscamente.

– Isso não está certo, senhora – ele disse. – Qual o propósito dessas perguntas?

A garota o olhou com visível espanto, ainda com a mão sobre o joelho do marido.

– O propósito, Padre Franklin! Ora, nós gostaríamos de saber. Não existe nenhuma lei da igreja que o impede de nos dizer, não é?

Percy hesitou mais uma vez. Ele não compreendia nem um pouco o que ela buscava. Em seguida se deu conta de que lhes daria uma vantagem caso de algum modo perdesse a cabeça: então se sentou novamente.

– Claro que não. Eu lhe direi, se você quiser saber. Eu ouvi a confissão da Sra. Brand e lhe dei a absolvição.

– Ah!, certo, e o que isso faz? E o que vem em seguida?

– Ela tem de receber a Sagrada Comunhão; e a unção, caso corra risco de vida.

Oliver, de súbito, se encrispou.

– Por Cristo! – disse brandamente.

– Oliver! – clamou a garota em tom de súplica. – Por favor, deixe isso comigo. Será bem melhor. E então, Padre Franklin, suponho que você também queira dar essas outras coisas à minha mãe.

– Não são absolutamente indispensáveis", disse o padre, percebendo, não sabendo bem por que, que de alguma forma estava jogando um jogo perdido.

– Ah, não são indispensáveis? Mas você gostaria de dá-las?

– Farei, se for possível. Mas fiz o que era necessário.

Foi preciso toda a sua força de vontade para se manter calmo. Ele era um homem que havia sido forjado em aço, apenas para vir a descobrir que o seu inimigo o havia sido na forma de um vapor sutil. Ele simplesmente não tinha idéia do que fazer em seguida. Ele preferiria ter oferecido um motivo qualquer para que o homem se levantasse e voasse sobre sua garganta, pois essa garota era demais tanto para um como para o outro.

– Certo – ela disse com amenidade. – Bom, é difícil contar com que o meu marido o deixe vir aqui novamente. Mas fico muito feliz por você ter feito o que achava necessário. Sem dúvida que isso será uma satisfação para você, Padre Franklin, assim como para a nossa pobrezinha lá em cima. Ao passo que nós – nós –, ela apertou o joelho do marido –, nós não nos importamos de forma alguma. Ah, mas tem uma coisa.

– Sim, por obséquio – disse Percy, imaginando de que diabos se tratava.

– Vocês cristãos – perdoe-me se eu disser qualquer coisa de rude – mas, você sabe, vocês cristãos têm a reputação de contar cabeças e serem responsáveis pela maior parte dos convertidos. Ficaremos muito agradecidos, Padre Franklin, se você nos der a sua palavra de que não irá tornar isso público, esse incidente. Isso aborreceria o meu marido e lhe traria um monte de problemas.

– Sra. Brand... – começou o padre.

– Um momento... Veja, nós não o tratamos mal. Não houve violência. Nós prometemos não arrumar confusão com a minha mãe. Você nos promete?

Percy tivera tempo de considerar e respondeu de pronto.

– Certamente, eu prometo.

Mabel suspirou de contentamento.

– Bom, está tudo bem. Ficamos muito gratos... E acho que podemos dizer assim, que depois de melhor considerar talvez o meu marido possa ver um jeito de permitir que você venha aqui para fazer a Comunhão – e a outra coisa...

De novo aquele espasmo percorreu o homem ao lado dela.

– Bom, depois veremos isso. Seja como for, nós sabemos o seu endereço e podemos fazê-lo vir a saber... Aliás, Padre Franklin, você retornará para Westminster esta noite?

Ele assentiu.

– Ah, espero que você consiga... Você irá encontrar Londres muito agitada. Talvez você ouça falar...

– Felsenburgh?

– Sim. Julian Felsenburgh – disse a garota com delicadeza, mais uma vez com aquela empolgação estranha subitamente acesa nos olhos. – Julian Felsenburgh – repetiu. – Ele está aqui, você sabe. Ele por ora ficará na Inglaterra.

Novamente Percy se fez consciente de um leve toque de medo à menção daquele nome.

– Suponho que haverá paz – ele disse.

A garota se levantou, e o marido com ela.

– Sim – ela disse, quase compadecidamente –, haverá paz. Paz, finalmente. – Deu meio passo na direção dele e seu rosto brilhou como uma rosa de fogo. Sua mão se ergueu um pouco. – Volte para Londres, Padre Franklin, e abra bem os olhos. Você o verá, ouso dizer, e verá mais coisas ainda. – Sua voz começou a oscilar. – E você talvez vá entender por que tratamos você dessa maneira – por que não temos mais medo de você – por que queremos que minha mãe faça o que a agrada. Ah, você irá compreender, Padre Franklin, se não hoje, amanhã, se não amanhã, pelo menos muito em breve.

– Mabel! – implorou o seu marido.

A garota se virou, atirou seus braços ao redor dele e o beijou na boca.

– Oh, eu não tenho vergonha, Oliver, meu querido. Deixe que ele vá e veja com os seus próprios olhos. Boa noite, Padre Franklin.

Quando ele ia para a porta, ouvindo o tilintar do sino que alguém tocou no quarto que lhe estava atrás, ele se virou novamente, atônito e confuso; e lá estavam os dois, marido e esposa, em pé à luz clara e suave, como que transfigurados. A garota estava com o braço ao redor dos ombros do homem e permanecia ereta e radiante, como um pilar de fogo; e mesmo no rosto do homem já não havia raiva – nada além de um orgulho e uma confiança quase sobrenaturais. Ambos estavam sorrindo.

Em seguida Percy saiu para a noite calma, de verão.

II

Percy não compreendia nada, exceto que sentia medo, enquanto estava sentado no carro lotado que o conduzia até Londres. Ele mal ouviu as conversas que se passavam ao seu redor, embora fossem altas e contínuas; e o que ouviu em nada lhe dizia respeito. Compreendeu apenas que cenas estranhas haviam se dado, que se dizia que Londres havia subitamente enlouquecido, que Felsenburgh havia falado aquela noite na Paul's House.

Ele temia por conta do modo como havia sido tratado e perguntava a si mesmo, teimosamente, repetidas vezes, o que havia motivado aquele tratamento; era-lhe como se tivesse estado em presença do sobrenatural; estava ciente de que tremia um pouco e dos sintomas de uma sonolência irresistível.

Era-lhe imensamente estranho estar sentado em um carro lotado às duas horas de uma madrugada de verão.

Por três vezes o carro parou, e ele observava do lado de fora os sinais de confusão em toda parte, as pessoas que corriam à luz do nascer do sol por entre as pistas, alguns vagões danificados, lonas a voar; ouvia mecanicamente os silvos e gritos que vinham de todos os lados.

Quando saltou na última estação, encontrou-a quase como a deixara duas horas atrás. Lá estava a mesma correria desesperada à medida que os carros desembarcavam os passageiros, o mesmo corpo morto debaixo do banco e, sobretudo, enquanto ele corria ao léu da multidão, mal sabendo para onde ia ou por que, acima dele queimava a mesma mensagem estupenda sob o relógio. Em seguida se viu já no elevador e, um minuto depois, estava lá fora, nos degraus à frente da estação.

Dali também se tinha uma visão impressionante. As lâmpadas ainda queimavam no alto, mas para além delas se via os primeiros vestígios pálidos da falsa aurora. A rua que agora ia dar direto no antigo palácio real, ali se unindo, como se no centro de uma teia, com aquelas que vinham de Westminster, de Mall e Hyde Park, era um sólido pavimento de cabeças. Deste lado e daquele se elevavam os hotéis e as "Casas da Felicidade", todas as janelas incendiadas de luz, solenes e triunfantes como se a dar boas-vindas a um rei, enquanto que longe, lá na frente, contra o céu, estava o palácio monstruoso desenhado em fogo e iluminado desde dentro como todas as outras casas que se podia ver. O barulho era perturbador. Era impossível distinguir um som do outro. Vozes, trompas, tímpanos, o batucar de milhares de passos sobre o chão de borracha, o sombrio deslizar de rodas da estação logo atrás – tudo junto em uma sobrepujante e solene barulheira, entremeada de notas estridentes.

Era impossível se mover.

Ele se viu em uma posição extremamente vantajosa, no topo mesmo do amplo lance de degraus que levava abaixo à área da velha estação, agora um espaço imenso que unia, à esquerda, a grande estrada até o palácio e, à direita, a Victoria Street, que como o resto mostrava um panorama vivo de luzes e cabeças. Contra o céu, à sua direita, elevava-se a cabeça iluminada da Campânula da Catedral. Parecia-lhe como se já a tivesse conhecido em uma existência anterior.

Subiu mecanicamente um passo ou dois à sua direita até segurar numa pilastra; depois aguardou, tentando não analisar suas emoções, mas sim absorvê-las.

Aos poucos foi se dando conta de que essa multidão não se parecia a nenhuma outra que vira antes. Ao seu senso sobrenatural parecia que ela tinha uma unidade como nenhuma outra. Havia magnetismo no ar. Era a sensação de que um ato criativo estava em processo, um pelo qual milhares de células individuais estavam sendo fundidas mais e mais perfeitamente, a cada instante, em um único ser senciente gigantesco, com uma única vontade, emoção e cabeça. O clamor das vozes parecia ter algum sentido apenas enquanto ímpeto de movimento desse poder criativo que se expressava. Aqui estava essa humanidade gigantesca, estendendo-se em membros vivos tão longe quanto se podia ver de todos os lados, a esperar, a esperar por alguma consumação – estendendo-se, ainda, como seu cérebro cansado começou a perceber, por cada uma das vias daquela cidade tremenda.

Ele nem mesmo se perguntava pelo que eles esperavam. Ele sabia, ainda que não soubesse. Ele sabia que esperavam por uma revelação – por algo que viesse a coroar suas aspirações e assim resolvê-las para sempre.

Ele tinha o pressentimento de já ter visto tudo isso antes; e, como uma criança, começou a se perguntar onde isso poderia ter acontecido, até que recordou que fora dessa forma que

um dia sonhara com o Dia do Julgamento – a humanidade reunida para encontrar Jesus Cristo – Jesus Cristo! Ah!, quão pequena aquela Figura lhe parecia agora – quão distante – de fato real, mas insignificante para ele – quão irremediavelmente desligada dessa vida estupenda! Deu uma olhadela acima, para a Campânula. Sim; havia um quê da Verdadeira Cruz ali, não havia? – um pequeno pedaço do madeiro no qual o Pobre Homem morrera vinte séculos antes... Certo, certo. Isso foi há muito tempo...

Ele não entendia muito bem o que lhe estava acontecendo. "Doce Jesus, seja para mim não um Juiz, mas um Salvador", murmurou por sob a respiração, agarrando o granito da pilastra; e no instante seguinte viu quão fútil tinha sido aquela oração. Tinha se ido como um sopro nessa atmosfera vasta e vívida do homem. Ele tinha dito missa, não tinha?, esta manhã – em vestes brancas. – Sim; ali tinha acreditado em tudo – desesperada, mas verdadeiramente; e agora...

Olhar para o futuro era tão sem porquê quanto olhar para o passado. Não existia nenhum futuro e nenhum passado: tudo era um único instante eterno, presente e final...

Depois deixou de lado todo o esforço e, novamente, começou a ver com os seus olhos corpóreos.

A aurora agora já cobria o céu, um reluzir firme e macio, que se mostrava apesar de sua soberania não ser nada se comparada à luz brilhante das ruas. "Nós não precisamos de sol", ele sussurrou, sorrindo piedosamente; "nem do sol ou da luz de uma vela. Nós temos a nossa própria luz na terra – a luz que ilumina cada homem..."

A Campânula agora parecia mais distante que nunca naquele bruxuleio fantasmal da aurora – cada vez mais e mais indiferente, quando comparado com o belo e vívido brilhar das ruas.

Depois atinou aos sons, e pareceu a ele como se em algum lugar, distante, indo abaixo, a leste, houvesse um silêncio a começar. Ele sacudiu a cabeça impacientemente quando um homem atrás dele começou a falar rápida e confusamente. Por que ele não ficava em silêncio e deixava que se ouvisse o silêncio?... O homem logo parou, e, lá da distância, avolumou-se um rugido tão suave como o deslizar de uma maré de verão; avançou em sua direção vindo da direita; estava perto dele, estrondando em seus ouvidos. Não havia mais nenhuma voz individual: era o respirar do gigante que havia nascido; ele também estava gritando; ele não sabia o que tinha dito, mas não podia ficar em silêncio. Seus nervos e veias pareciam acesos por vinho; e, quando começou a descer a extensa rua, ouvindo o gigantesco refluxo do clamor em relação a ele e seu mover-se em direção ao palácio, soube por que havia gritado e por que agora estava em silêncio.

Uma coisa delgada, em formato de peixe, branca como leite, fantasmal como uma sombra e bela como a aurora, entrou no raio de visão à distância de meia milha, voltou-se e veio até ele, flutuando, parecia, na própria onda de silêncio que criara, acima, acima da extensa rua curva, com suas asas abertas, não mais que vinte pés acima das cabeças da massa. Deu-se um grande suspiro, e depois silêncio novamente.

Quando Percy pôde pensar conscientemente de novo - pois sua vontade só era capaz de esforços como um relógio de ponteiro -, o estranho objeto branco estava mais perto. Disse para si mesmo que já tinha visto inúmeros como esse antes e, na mesma hora, que esse era diferente de todos os outros.

Logo ele viria a ficar ainda mais perto, flutuando devagar, devagar como uma gaivota sobre o mar; ele pôde se aperceber do barulho suave, do parapeito mais além, a cabeça imóvel do timoneiro; pôde até mesmo ouvir o girar macio da hélice - e então ele viu aquilo pelo que esperara.

Bem no convés central havia uma cadeira, recoberta ainda por uma cortina branca, com alguma insígnia visível sobre suas costas, e na cadeira estava sentada a figura de um homem, imóvel e só. Não fez gesto algum enquanto vinha; sua roupa negra se mostrava vividamente contra a brancura; sua cabeça estava erguida e ele a virava delicadamente, vez ou outra, pra cá e pra lá.

Chegou ainda mais perto, em profunda calmaria; a cabeça se virou e, por um instante, o rosto ficou plenamente visível na luz leve, radiante.

Era um rosto pálido, vigorosamente definido, como se de um homem jovem, com sobrancelhas negras e arqueadas, lábios finos e cabelo branco.

Então o rosto se virou mais uma vez, o piloto ergueu sua cabeça e aquela bela forma, girando um pouco, passou pela esquina e se moveu acima em direção ao palácio.

Deu-se um uivo histérico em algum lugar, um choro; e de novo irrompeu o violento gemido.

Livro II
O Encontro

Capítulo I

I

Na tarde do dia seguinte, Oliver Brand lia, sentado à sua mesa de trabalho, a matéria principal do New People, edição vespertina.

"Já tivemos tempo suficiente", ele leu, "para nos recuperarmos um pouco da intoxicação da noite de ontem. Antes de enveredarmos pela profecia, também será bom rever os fatos. Até a noite de ontem continuávamos ansiosos acerca da crise no oriente; e, quando deram as vinte e uma horas, não havia em Londres mais que quarenta pessoas - isto é, os delegados ingleses - que realmente sabiam que o perigo não existia mais. Entre aquele momento e meia hora depois, o Governo deu alguns passos discretos: pessoas seletas foram informadas; a polícia foi chamada, alguns de seus regimentos, para preservar a ordem; a Paul's House foi evacuada; as companhias ferroviárias foram alertadas; e, precisamente em meia hora, foi feito o anúncio através dos painéis elétricos em todo canto de Londres, bem como em todas as grandes províncias. Não temos espaço agora para descrever o modo admirável como as autoridades públicas cumpriram com o seu dever; basta dizer que não passaram de setenta as fatalidades em toda a Londres; nem nos cabe criticar a ação do Governo ao escolher tal modo de fazer o anúncio.

"Por volta das vinte e duas horas a Paul's House tinha cada canto seu lotado, o Antigo Coro havia sido reservado para membros do Parlamento e funcionários públicos, as galerias sob o domo estavam repletas de damas e, ao resto do espaço, o público tinha livre acesso. A polícia de *volors* também nos informou que, a cerca de uma milha de distância, em todas as direções, a partir desse centro, toda via pública estava bloqueada por pedestres, e, duas horas depois, como todos sabemos, praticamente todas as ruas importantes de toda a Londres estavam da mesma forma.

"Excelente a escolha do Sr. OLIVER BRAND para ser o primeiro a falar. Seu braço ainda estava enfaixado e o atrativo de sua imagem, bem como o de suas palavras apaixonadas, fizeram soar as primeiras emoções mais fortes da noite. Notícia de suas palavras pode ser encontrada em outra coluna. Cada um à sua vez, o PRIMEIRO-MINISTRO, Sr. SNOWFORD, o PRIMEIRO-MINISTRO DA MARINHA, o SECRETÁRIO DE RELAÇÕES COM O ORIENTE e LORDE PEMBERTON, todos disseram algumas palavras reafirmando a novidade espantosa. Quando faltavam quinze para as vinte e três horas, o barulho da vibração do lado de fora anunciava a chegada dos delegados americanos vindos de Paris, e, um a um, eles subiram à plataforma através do acesso sul ao Velho Coro. Por sua vez, cada um falou. É impossível julgar as palavras ditas em um momento como esse; mas talvez não seja injusto ter o Sr. MARKHAM como o orador que, mais que todos os outros, comoveu àqueles que tiveram o privilégio de ouvi-lo. Também foi ele quem nos disse explicitamente o que os outros haviam apenas insinuado, que o sucesso dos esforços americanos se devia inteiramente ao Sr. JULIAN FELSENBURGH. Àquela altura, o Sr. FELSENBURGH ainda não tinha chegado, mas, em resposta aos brados de indagação, o Sr. MARKHAM anun-

ciou que o cavalheiro estaria entre eles dali a poucos minutos. Ele então passou a descrever, tanto quanto era possível fazê-lo em poucas palavras, o modo como o Sr. FELSENBURGH logrou realizar aquilo que era o feito mais impressionante de toda a história. De suas palavras se depreendia que o Sr. FELSENBURGH (cuja biografia, até onde se a conhece, damos em outra coluna) era o maior orador já surgido no mundo – e usamos essas palavras muito a propósito. Para ele, todas as línguas parecem a mesma; ao longo dos oito meses que durou Convenção do Oriente, ele discursou em não menos que quinze línguas diferentes. De seu modo de falar, logo teremos algumas observações a fazer. Ele também mostrou possuir, disse-nos o Sr. MARKHAM, o mais impressionante conhecimento, não apenas da natureza humana, mas de tudo aquilo em que o divino se manifesta. Ele parecia estar familiarizado com a história, os preconceitos, os medos, as esperanças e expectativas de todas as inumeráveis seitas e castas do oriente a que lhe cabia falar. A verdade é que, segundo o Sr. MARKHAM, ele era provavelmente o primeiro produto acabado da nova criação cosmopolita pela qual o mundo havia batalhado ao longo da história. Ele foi reverenciado como o Messias por uma massa de maometanos em não menos de nove lugares – entre estes, Damasco, Irkutsk, Constantinopla, Calcutá, Benares e Nanking. Por fim, na América, onde essa figura extraordinária havia surgido, todos falavam bem dele. Ele não era culpado de nenhum desses crimes – nenhuma pessoa qualquer lhe atribuía algum pecado –, esses crimes da imprensa marrom, da corrupção, do abuso político ou financeiro, esses crimes que haviam maculado o passado de todos aqueles velhos políticos que fizeram do nosso irmão continente o que ele se tornou. O Sr. FELSENBURGH nem mesmo formou um partido. Ele, e não os seus submetidos, tinha triunfado. Aqueles que estavam presentes na Paul's House na

ocasião nos compreenderão ao dizermos que o efeito dessas palavras foi indescritível.

"Quando o Sr. MARKHAM se sentou, houve silêncio; em seguida, para conter a agitação, o organista atacou os primeiros acordes do Hino Maçônico; as palavras foram endossadas e, logo, não apenas o interior do prédio tremia com elas, mas também do lado de fora as pessoas respondiam e, por uns poucos momentos, a cidade Londres realmente se tornara o templo do Senhor.

"Chegamos, a bem da verdade, à parte mais difícil de nossa tarefa, e é melhor confessar de uma vez que tudo que lembre o modo jornalístico de descrição deve de pronto ser posto de lado. Melhor se conta os maiores fatos se com as palavras mais simples.

"Chegando ao fim do quarto verso, uma figura de terno preto liso foi vista subindo os degraus da plataforma. Por um momento não atraiu atenção alguma, mas, quando se viu que uma movimentação súbita irrompera em meio aos delegados, o canto começou a ser interrompido e cessou inteiramente quando a figura, após uma ligeira inclinação à direita e à esquerda, seguiu acima pelos degraus que levavam à tribuna. Então se deu um incidente curioso. O organista, lá em cima, pareceu não ter entendido e continuou tocando, mas um som se desprendeu da multidão, semelhante a um gemido, e logo ele parou. Mas não se seguiu nenhum apupo. Na verdade, um silêncio profundo dominou em um segundo a imensa multidão, silêncio o qual, por algum estranho magnetismo, se comunicou àqueles fora do prédio; e, quando o Sr. FELSENBURGH proferiu suas primeiras palavras, o fez em uma

tranqüilidade que era como que algo vivo. Deixamos a explicação desse fenômeno a algum especialista em psicologia.

"Sobre suas palavras em si nada temos a dizer. Até onde sabemos, nenhum repórter tomou notas no momento; mas o discurso, feito em esperanto, foi bem simples e bem curto. Consistiu de um breve anúncio do grande acontecimento da Fraternidade Universal, um agradecimento a todos aqueles que ainda estavam vivos para testemunhar tal consumação da história; e, ao fim, um louvor ao Espírito do Mundo cuja encarnação fora agora realizada.

"Podemos dizer muitas coisas; mas não podemos dizer nada acerca da impressão passada pela personalidade que estava lá de pé. Pela aparência, o homem parecia ter cerca de trinta e três anos, estava bem barbeado, postura ereta, com cabelo branco e olhos e sobrancelhas negros; permaneceu imóvel com as mãos no anteparo, fez apenas um gesto que provocou uma espécie de soluço na multidão, disse essas palavras vagarosamente, cuidadosamente, e numa voz clara; depois ficou esperando.

"Não houve nenhuma resposta além de um suspiro, o qual soou aos ouvidos de pelo menos uma pessoa que o testemunhou como se o mundo inteiro tivesse respirado pela primeira vez; e depois se abateu novamente aquele silêncio estranho e comovente. Muitos choravam em silêncio, os lábios de milhares se moviam sem palavra e todos os rostos estavam voltados para aquela simples figura, como se a esperança de toda alma se concentrasse ali. Assim estavam, se podemos crer nisso, os olhos de muitos, séculos atrás, voltados para aquele hoje conhecido na história como JESUS DE NAZARÉ.

"O Sr. FELSENBURGH permaneceu assim por um momento mais longo e depois desceu os degraus, passou pela plataforma e desapareceu.

"Acerca do que se deu do lado de fora, recebemos o seguinte relato de uma testemunha. O *volor* branco, agora tão bem conhecido daqueles que estavam em Londres nessa noite, ficara estacionado em frente à porta ao sul da coxia do Antigo Coro, parado a cerca de vinte pés acima do solo. Nesses poucos minutos, gradativamente se tornou claro às massas quem havia chegado nele, e à reaparição do Sr. FELSENBURGH ressoou o mesmo clamor estranho em toda a extensão do adro da igreja, seguido do mesmo silêncio. O *volor* desceu; o mestre embarcou e a embarcação voltou a subir à altura de vinte pés. A princípio se pensou que seria feito algum discurso, mas não era necessário; e, após um momento parado, o *volor* começou aquele desfile maravilhoso que Londres jamais esquecerá. Quatro vezes, no curso da noite, o Sr. FELSENBURGH circulou pela imensa metrópole, nada falando; e em toda parte o clamor o precedia e o seguia, enquanto o silêncio era o que se dava durante a sua passagem. Duas horas após o nascer do sol a embarcação elevou-se sobre Hampstead e desapareceu indo em direção ao norte; e desde então não voltou a ser visto aquele que com razão chamamos o Salvador do mundo.

"E agora, o que resta a dizer?

"De nada vale comentar. Basta dizer, em uma única sentença curta, que uma nova era teve início, à qual reis e profetas, assim como os que sofrem, os moribundos, todos os que trabalham e são sobrecarregados, haviam aspirado em vão. Não apenas a rivalidade intercontinental deixou de existir, como também as brigas por dissensões internas cessaram. Sobre

aquele que foi o arauto dessa nova era, nada mais temos a dizer. Apenas ao tempo cabe mostrar o que resta a ele fazer.

"Mas o que já foi feito é isto. O perigo oriental foi dissipado para sempre. Agora se compreende, tanto por parte de bárbaros fanáticos como por parte de cidadãos civilizados, que o reino da Guerra chegou ao fim. 'Não a paz, mas a espada', disse CRISTO; e essas palavras provaram ser amargamente verdadeiras. 'Não a espada, mas a paz', é a resposta, rapidamente articulada, daqueles que renunciaram às declarações de CRISTO ou que nunca as aceitaram. O princípio do amor e da união, que no ocidente foi aprendido no último século, ainda que com titubeio, acabou também endossado no oriente. Não haveria mais um chamado às armas, mas à justiça; não mais o choro por um Deus que esconde a Si mesmo, mas pelo Homem que havia conhecido a sua própria Divindade. O sobrenatural está morto; ou melhor, hoje sabemos que ele nunca esteve vivo. O que resta é praticar essa nova lição, trazer toda ação, palavra e pensamento ao tribunal do Amor e da Justiça; e isso sem dúvida será tarefa para anos. Todo código deve ser revogado; toda barreira, atirada fora; partido deve se unir a partido, país com país e continente com continente. Não existirá mais medo do medo, o terror do que virá a seguir ou a paralisia pela discórdia. O homem gemera demais nos trabalhos de parto; o seu sangue tinha sido derramado por conta de sua própria tolice; mas ele finalmente compreendeu a si próprio e alcançou a paz.

"Que se note ao menos que a Inglaterra não está atrás das outras nações nesse trabalho de reforma; que nenhum isolamento nacional, orgulho racial ou embriaguez de riqueza ate as suas mãos diante dessa tarefa grandiosa. A responsabilidade é incalculável, mas a vitória é certa. Que prossigamos cal-

mamente, acabrunhados pelo conhecimento de nossos crimes no passado, confiantes na esperança de nossas realizações no futuro, em direção à recompensa que afinal está à vista - a recompensa há tanto tempo ocultada pelo egoísmo dos homens, pelas trevas da religião e pela balbúrdia das línguas - a recompensa prometida por aquele que não sabia o que havia dito e que negava o que havia declarado - bem-aventurados os mansos, os promotores da paz, os misericordiosos, pois herdarão a terra, serão chamados de filhos de Deus e encontrarão misericórdia."

Oliver, de lábios brancos, com sua esposa ajoelhada a seu lado, virou a página e leu mais um parágrafo curto, assinalado como sendo as últimas notícias.

"Supõe-se que o Governo esteja mantendo contato com o Sr. Felsenburgh."

II

- Ah, isso é pura conversa fiada de jornal - afinal disse Oliver, reclinando-se. - Que coisa mais desgostosa! Mas - mas e o principal!

Mabel se levantou, foi para a poltrona junto da janela e sentou. Seus lábios se abriram, vez ou outra, mas ela não disse nada.

- Querida - pediu o homem -, você não tem nada a dizer?

Ela o olhou tremulamente por um instante.

- Ora! - ela disse. - Como você mesmo disse, de que valem aí as palavras?

– Conte-me de novo – disse Oliver. – Como vou saber que isso não é um sonho?

– Um sonho – ela disse. – Alguma vez já houve um sonho como esse?

Ela se levantou de novo, impaciente, atravessou o quarto e se ajoelhou junto ao marido novamente, tomando as mãos dele entre as suas.

– Querido, ela disse –, digo para você que isso não é um sonho. É enfim uma realidade. Eu também estava lá – você lembra? Você ficou me esperando quando tudo já havia terminado – quando Ele já tinha ido – nós vimos Ele juntos, você e eu. Nós O ouvimos – você da plataforma e eu da galeria. Nós O vimos novamente quando ele passou sobre o Entroncamento enquanto estávamos no meio do povo. Depois viemos para casa e encontramos o padre.

Seu rosto tinha se transfigurado enquanto falava. Era o rosto de quem tivesse tido uma Visão Divina. Ela falou muito calmamente, sem agitação ou histeria. Oliver a observou por um instante; depois se inclinou para frente e a beijou.

– Sim, minha querida, é verdade. Mas quero ouvir isso de novo e de novo. Conte-me mais uma vez o que você viu.

– Eu vi o Filho do Homem – ela disse. – Ah, não existe outra expressão adequada para isso. O Salvador do mundo, como dizem os jornais. Eu O conheci em meu coração tão logo O vi – como todos nós fizemos – tão logo ele apareceu lá segurando na balaustrada. Havia como que um halo de glória sobre a sua cabeça. Só agora compreendi isso. Foi Ele que esperamos por tanto tempo; e Ele chegou, trazendo Paz e Boa Vontade em Suas mãos. Quando Ele falou, eu soube isso mais uma vez. A sua voz era como... como o som do mar – tão simples quanto... tão, tão lamentável... tão forte como o mar... Você não ouviu assim também?

Oliver assentiu com a cabeça.

– Confio totalmente n'Ele – prosseguiu a garota suavemente. – Eu não sei onde Ele está nem quando Ele irá voltar, nem o que Ele fará. Creio que haja bastante coisa para Ele fazer antes que venha a ser inteiramente conhecido – leis, reformas – isso caberá a você, querido. E o resto de nós deve esperar, e amar, e ter satisfação.

Oliver levantou o rosto mais uma vez e olhou para ela.

– Mabel, minha querida...

– Ah, eu já sabia disso na noite passada mesmo – ela disse –, mas não percebi que já tinha conhecimento disso até que eu acordasse hoje e me lembrasse. Eu sonhei com Ele a noite toda... Oliver, onde Ele está?

Ele sacudiu a cabeça.

– Sim, eu sei onde Ele está, mas estou sob juramento...

Ela assentiu rapidamente e se levantou.

– Sim. Eu não deveria ter perguntado isso. Bom, ficamos satisfeitos apenas com esperar.

Houve silêncio por alguns instantes. Oliver o quebrou.

– Querida, o que você quer dizer com Ele ainda não ser totalmente conhecido?

– Quis dizer só isso mesmo – ela disse. – Os outros só conhecem o que Ele fez – não conhecem quem Ele é; mas também isso terá o seu tempo.

– E enquanto isso...

– Enquanto isso, você deve trabalhar; o resto há de vir aos poucos. Oh, Oliver, seja forte e tenha fé.

Ela o beijou rapidamente e saiu.

Oliver continuou sentado sem se mexer, fixando o olhar, como era seu costume, lá naquele extenso panorama para além das janelas. A essa hora, ontem, ele estava partindo de Paris, já sabedor do fato – pois os delegados tinham chegado uma hora antes –, mas ignorante do Homem. Agora ele também conhecia o Homem – pelo menos pôde vê-lO, ouvi-lO e

permaneceu encantado pelo brilho de Sua personalidade. Ele não conseguiu explicar isso para si mesmo mais que qualquer outra pessoa - a não ser, talvez, que se pensasse em Mabel. Os outros haviam ficado como ele: espantados e abalados, embora ao mesmo tempo atiçados no mais profundo de suas almas. Eles tinham vindo - Snowford, Cartwright, Pemberton e os outros - aos degraus da Paul's House seguindo aquela estranha figura. Pretendiam dizer alguma coisa, mas emudeceram quando viram o mar de rostos brancos, ouviram o rugir e o silêncio, e experimentaram aquela onda comovente de magnetismo, que assomara como uma coisa física, quando o *volor* subiu e começou aquele seu indescritível percurso.

Ele O tinha visto de novo, quando estivera junto de Mabel no convés do barco elétrico que os levou para o sul. A nave branca, firme e suave, passou sobre as cabeças da imensa multidão, carregando Aquele que, se é que alguém tem direito a esse título, realmente era o Salvador do mundo. Depois vieram para casa e encontraram o padre.

Também aquilo fora um choque para ele; pois, à primeira vista, pareceu que esse padre era aquele mesmo homem que ele vira subir à tribuna duas horas atrás. Era de uma semelhança extraordinária - aquele mesmo rosto jovem e o cabelo branco. Mabel, claro, não percebeu isso; pois ela só tinha visto Felsenburgh a uma grande distância, e ele mesmo tinha sido tranqüilizado mais cedo. E quanto à sua mãe - era coisa terrível demais; não fosse Mabel, poderia ter havido violência na noite anterior. Como ela tinha sido prudente e razoável! E, quanto à sua mãe - ele por ora deveria deixá-la sozinha. Um dia qualquer, talvez, fosse possível fazer algo a respeito. O futuro! Era isso que detinha toda a sua atenção - o futuro e o poder cativante da personalidade sob cujo domínio ele havia quedado na noite passada. Tudo o mais agora parecia insignificante - até a deserção da sua mãe, a doença dela tudo

desbotava diante da nova aurora de um sol desconhecido. E dentro de uma hora ele saberia ainda mais; ele tinha sido convocado para ir, em Westminster, a um encontro de todo o Parlamento; as propostas de todos seriam apresentadas a Felsenburgh; pretendia-se lhe oferecer um cargo excepcional.

Sim, como Mabel disse, esse era o trabalho deles agora – tornar efetivo o novo princípio que de súbito se encarnara nesse americano jovem e grisalho: o princípio da Fraternidade Universal. Isso significava um trabalho enorme; todas as relações externas teriam de ser reajustadas – comércio, diplomacia, métodos de governo – tudo precisava de reconfiguração. A Europa já tinha se organizado internamente sobre o alicerce da proteção mútua: esse alicerce agora não existia mais. Não havia mais proteção alguma, porque não havia mais ameaça alguma. Trabalho imenso também aguardava o Governo em outras frentes. Um relatório parlamentar teria de ser preparado, a conter um relato completo dos procedimentos no oriente, junto do texto do Tratado que tinha sido posto sob suas vistas em Paris, assinado pelo Imperador Oriental, pelos reis feudais, pela República Turca e ratificado pelos plenipotenciários americanos... Por fim, até a política interna demandava reforma: o atrito por conta do antigo conflito entre o centro e os extremos deveria dali em diante cessar – agora deveria existir nada além de um partido único, e com esse à disposição do Profeta... Ele foi ficando aturdido como reparasse no panorama, e viu como os planos do mundo tinham se reorientado inteiramente, como todo o fundamento da vida ocidental necessitava de reajuste. Tratava-se mesmo de uma Revolução, um cataclismo até mais estupendo do que teria sido uma invasão; mas era conversão das trevas em luz e do caos em ordem.

Ele respirou fundo, e assim ficou refletindo.

Mabel veio até ele meia hora depois, enquanto ele jantava mais cedo, antes de ir para Whitehall.

– Mamãe está mais tranqüila – ela disse. – Temos de ser muito pacientes, Oliver. Você já se decidiu sobre quando o padre deve vir de novo?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não posso pensar em nada – ele disse – que não seja aquilo que tenho de fazer. Você decide, minha querida; deixo isso em suas mãos.

Ela assentiu.

– Vou logo, logo falar com ela de novo. Só agora ela pôde compreender um pouco do que aconteceu... Que horas você estará de volta?

– Esta noite não, provavelmente. Devemos ficar reunidos a noite toda.

– Certo, querido. E o que eu devo dizer ao Sr. Phillips?

– De manhã eu telefono... Mabel, você se lembra do que eu lhe disse sobre o padre?

– Sua semelhança com o outro?

– Sim. O que você acha disso?

Ela sorriu.

– Não acho nada sobre isso. Por que eles não deveriam se parecer?

Ele pegou um figo no prato, o engoliu e se levantou.

– É só que é muito curioso – ele disse. – Agora, boa noite, amor.

III

– Ah, mãe – disse Mabel se ajoelhando junto à cama. Você não compreende o que aconteceu?

Ela tinha tentado explicar à velhinha, desesperadamente, a mudança estupenda que havia se dado no mundo – e sem sucesso. Parecia-lhe que coisa da maior importância dependia disso; que seria lamentável se a velhinha se fosse estando na negra ignorância do que tinha advindo. Era como se um cristão estivesse ajoelhado no leito de morte de um judeu no primeiro dia após a Ressurreição. Mas a velhinha jazia em sua cama, apavorada porém renitente.

– Mãe – disse a garota –, deixe-me contar novamente. Você compreende que tudo o que Jesus Cristo tinha prometido acabou virando realidade, embora de uma maneira diferente? O reino de Deus realmente começou; mas agora nós sabemos quem é Deus. Você disse ainda agorinha que queria o perdão dos pecados; bom, você o tem; nós todos temos, pois não existe essa coisa de pecado. Só existe crime. E depois a comunhão. Você costumava acreditar que aquilo fazia você participar de Deus; bom, nós todos participamos de Deus, porque somos seres humanos. Você não percebe que o cristianismo é apenas uma forma de dizer tudo isso? Ouso dizer que foi a única forma, por um tempo; mas agora tudo isso é passado. Ah, e como tudo está tão melhor! E é real – real. A gente pode ver que é real!

Ela parou por um instante, obrigando-se a olhar para aquele triste rosto idoso, aquelas bochechas enrugadas e avermelhadas, as mãos enlaçadas e agarradas à colcha.

– Veja como o cristianismo falhou – como ele dividiu as pessoas; pense em todas as crueldades – a Inquisição, as guer-

ras de religião; as separações entre marido e esposa e entre pais e filhos – a desobediência ao Estado, as traições. Ah, você não pode acreditar que essas coisas estavam certas. Que Deus então seria esse! E o inferno; como você pôde um dia acreditar nisso?... Ah, mãe, não acredite em algo tão amedrontador... Você não entende que Deus já era – que Ele na verdade nunca existiu – que tudo isso foi um pesadelo horrível, e que agora nós todos finalmente sabemos que a verdade é... Mãe! pense no que aconteceu ontem à noite – como Ele veio – o Homem do qual você sentia tanto medo. Eu lhe disse como ele era – tão calmo e forte – como todos estavam em silêncio – da... da atmosfera extraordinária e como seis milhões de pessoas O viram. E pense no que Ele fez – como ele sarou todas as velhas feridas – como o mundo inteiro está finalmente em paz – no que está prestes a acontecer. Ah, mãe, desista dessas mentiras velhas, horríveis; desista delas; seja forte.

– O padre, o padre! – gemeu a velhinha, por fim.

– Ah! não, não, não – o padre não; ele não pode fazer nada. Ele também sabe que isso tudo são só mentiras!

– O padre, o padre! – gemeu a outra novamente. – Ele pode contar para você; ele sabe a resposta.

Seu rosto estava convulsionado pelo esforço, e seus velhos dedos seguravam e giravam com o rosário. Mabel de repente ficou assustada e se levantou.

– Ah, mãe – ela parou e a beijou. – Não! Não direi mais nada. Mas apenas pense nisso com calma. Não fique com nem sequer um pouquinho de medo; está tudo muito bem.

Ela ficou de pé por um momento, ainda olhando para baixo, compadecida; dilacerada de pena e desejo. Não! de nada adiantava agora; ela deveria esperar até o dia seguinte.

– Logo mais venho aqui de novo – ela disse –, quando você tiver jantado. Mãe, não olhe desse jeito! Me dê um beijo.

Era impressionante, ela disse consigo aquela noite, como uma pessoa pode ser tão cega. E que confissão de fraqueza também essa de chamar por um padre! Era ridículo, absurdo! Ela mesma estava tomada de uma paz extraordinária. Até mesmo a morte agora não parecia mais terrível, pois não havia a morte sido tragada pela vitória? Ela opôs o individualismo egoísta do cristão, que soluçava e tremia com a morte, ao altruísmo livre do Novo Crente que pedia nada mais que o Homem viva e cresça, que o Espírito do Mundo triunfe e Se revele, enquanto ele, uma unidade, ficava satisfeito com acomodar-se no depósito de energia do qual extraiu sua vida. Nesse momento ela não teria sofrido com nada, teria encarado a morte alegremente - ela contemplou até a velha senhora lá em cima com piedade - pois não era lamentável que a morte não a trouxesse de volta a si mesma e à realidade?

Ela estava num turbilhão tranqüilo de intoxicação; era como se o pesado véu dos sentidos tivesse recuado e mostrado atrás uma paisagem doce, perpétua - uma terra de paz sem sombras onde o leão se deita com o cordeiro e o leopardo com a criança. Não haveria mais guerra: aquele espectro sangrento estava morto e, com ele, a linhagem do mal que habitava à sua sombra - superstição, conflito, terror e irrealidade. Os ídolos foram esmagados, e ratos haviam se dispersado; Jeová caíra; o sonhador de olhos selvagens da Galiléia estava em sua sepultura; o reino dos padres acabara. E no lugar deles estava uma figura estranha, calma, de um poder indômito e de uma delicadeza imperturbável... Aquele que ela tinha visto - o Filho do Homem, o Salvador do Mundo, como ela O havia chamado ainda há pouco - Aquele que enterrou essas distinções não era mais uma figura monstruosa, meio Deus meio homem, reivindicando ambas as naturezas e não possuindo nenhuma; não era um que fora tentado sem tentação e que conquistou sem recompensa, como dizem os seus seguidores. Aqui estava,

ao invés disso, um que ela podia seguir, verdadeiramente um deus bem como um homem – um deus porque humano, e um homem porque tão divino.

Ela não disse mais nada aquela noite. Ela olhou dentro do quarto por alguns minutos e viu a velhinha adormecida. A sua velha mão estava sobre a colcha e, ainda entre os dedos, estava enrolado o tolo colar de contas. Mabel entrou suavemente sob a luz sombreada e tentou tirá-lo, mas os dedos enrugados se torceram e fecharam, e um murmúrio saiu dos lábios semi-abertos. Ah! como isso era triste, pensou a garota, como era inútil que uma alma pudesse se ir em um estado de ignorância como esse, relutando em fazer a rendição suprema, generosa, e abandonar sua vida porque a própria vida o exigia!

Depois foi para o seu próprio quarto.

Os relógios tocavam as três horas e a aurora cinza descia sobre os muros, quando ela acordou encontrando, junto de sua cama, a mulher que tinha ficado com a velhinha.

– Venha agora, madame; a Sra. Brand está morrendo.

IV

Oliver foi estar com eles por volta das seis horas; ele veio direto até o quarto da mãe para descobrir que tudo estava terminado.

O quarto estava preenchido pela luz da manhã e ar limpo, e um rumor de canto de pássaro derramava-se vindo do gramado. Mas a sua esposa estava ajoelhada ao lado da cama, segurando as mãos enrugadas da velhinha, seu rosto enterrado nos braços dela. O rosto de sua mãe estava mais sereno do que

ele jamais vira, as linhas só se mostravam como as mais débeis sombras sobre uma máscara de alabastro; seus lábios estavam dispostos em um sorriso. Ele olhou por um momento, aguardando que o espasmo que tomou sua garganta morresse de novo. Depois pôs a mão sobre o ombro da sua esposa.

– Quando? – ele disse.

Mabel levantou o rosto.

– Oh, Oliver – ela murmurou. – Faz uma hora... Veja isso.

Ela soltou as mãos mortas e mostrou o rosário ainda entrelaçado nelas; havia se rompido no último esforço, e uma conta marrom jazia entre os dedos.

– Eu fiz o que pude – soluçou Mabel. – Eu não fui dura com ela. Mas ela não me ouviria. Ela continuou implorando por um padre enquanto pôde falar.

– Querida – começou o homem. Em seguida também ele se pôs de joelhos junto da esposa, inclinou-se para frente e beijou o rosário, enquanto lágrimas o cegavam.

– Sim, sim – ele disse. – Deixe-a em paz. Por nada eu mexeria nisso: era o brinquedo dela, não era?

A garota o olhou fixamente, surpresa.

– Nós também podemos ser generosos – ele disse. – Finalmente nós temos o mundo inteiro. Ela – ela não perdeu nada: era tarde demais.

– Eu fiz o que pude.

– Sim, amor, e você estava certa. Mas ela era velha demais; ela não tinha como entender.

Ele parou.

– Eutanásia? – sussurrou, em algo como um enternecimento.

Ela assentiu.

– Sim – ela disse. – Logo quando a agonia começou. Ela resistiu, mas eu sabia que você ia querer isso.

Eles conversaram por uma hora no jardim antes de Oliver ir para o seu quarto; e ele de pronto começou a lhe contar tudo que se passara.

– Ele recusou – disse. – Nós propomos Lhe dar um cargo; Ele seria chamado de Consultor e ele recusou duas horas atrás. Mas Ele prometeu estar a nosso serviço... Não, eu não posso lhe dizer onde Ele está... Em breve ele voltará à América, é o que pensamos; mas Ele não nos deixará. Nós estabelecemos um programa, e este deverá ser remetido a ele muito em breve... Sim, foi unânime.

– E o programa?

– Diz respeito ao Direito de Voto, às Leis dos Pobres e ao Comércio. É o máximo que posso dizer. Foi Ele que sugeriu as questões. Mas ainda não temos certeza de que O entendemos.

– Mas, querido...

– Sim, é algo muito incrível. Nunca vi coisas assim. Não houve praticamente nenhuma discussão.

– O povo compreende?

– Creio eu. Nós temos de nos proteger contra alguma reação. Eles dizem que os católicos ficarão em perigo. Hoje de manhã teve um artigo no *Era*. As provas nos foram enviadas para que haja sanção. Isso indica que medidas poderão ser tomadas para proteger os católicos.

Mabel sorriu.

– É uma ironia estranha – ele disse. – Mas eles têm o direito de existir. O quanto eles têm direito de partilhar do governo é outra questão. Isso virá, creio, em uma ou duas semanas.

– Me fale mais sobre ele.

– Realmente não há nada a dizer; nós não sabemos nada, exceto que Ele é a força suprema no mundo. A França está numa efervescência e Lhe ofereceu a Ditadura. Também isso ele recusou. A Alemanha fez a mesma proposta que nós; a Itá-

lia, a mesma que a França, com o título de Tribuno Perpétuo. A América ainda não fez nada, e a Espanha está dividida.

– E o oriente?

– O Imperador agradeceu a Ele; não mais que isso.

Mabel deu um longo suspiro e permaneceu olhando através da bruma quente que começava a se erguer da cidade abaixo. Havia questões tão grandes que ela não era capaz de assimilá-las. Mas para a imaginação dela a Inglaterra estava como uma colméia ocupada, movendo-se pra cá e pra lá ao sol. Ela viu as distâncias azuis da França, as cidades da Alemanha, os Alpes e, para além deles, os Pirineus e a Espanha queimada de sol; e todos estavam empenhados na mesma tarefa, em capturar, se puderem, essa figura espantosa que havia se erguido sobre o mundo. A sóbria Inglaterra, igualmente, estava ardendo de entusiasmo. Cada país não desejava nada melhor que esse homem a governá-lo; e Ele dissera não a todos eles.

– Ele disse não a todos eles! – ela repetiu, sem fôlego.

– Sim, todos. Nós acreditamos que Ele está esperando ouvir a América. Ele ainda ocupa cargo lá, você sabe.

– Quantos anos ele tem?

– Não mais que trinta e dois ou trinta e três. Ele só ocupou o cargo por alguns meses. Antes disso, Ele vivia sozinho em Vermont. Então Ele concorreu ao Senado; depois fez alguns discursos; depois Ele foi designado delegado, embora ninguém pareça ter-se dado conta do poder dele. E o resto nós sabemos.

Mabel sacudiu a cabeça pensativamente.

– Nós não sabemos nada – ela disse. – Nada, nada! Onde ele aprendeu as línguas?

– Supõe-se que ele tenha viajado por muitos anos. Mas ninguém sabe. Ele não disse nada.

Ela se virou rapidamente para o marido.

– Mas o que tudo isso significa? E esse poder dele? Diga-me, Oliver.

Ele respondeu com um sorriso, sacudindo a cabeça.

– Bom, Markham disse que isso vinha da incorrupção dele – e isso e mais a oratória; mas isso não explica nada.

– Não, isso não explica nada – disse a garota.

– É só a personalidade – Oliver continuou. – Pelo menos, é o lugar-comum que usam. Mas isso também é só um lugar-comum.

– Sim, só um lugar-comum. Mas é isso. Todos eles sentiram isso na Paul's House e depois nas ruas. Você não sentiu?

– Se senti! – bradou o homem. – Ora, eu teria morrido por Ele!

Eles logo voltaram para casa e não foi até chegar à porta que disseram algo sobre a velhinha morta que jazia no andar de cima.

– Eles estão com ela agora – disse Mabel delicadamente. – Vou falar com eles.

Ele concordou, seriamente.

– É melhor que seja esta noite – ele disse. – Terei tempo livre às quatro horas. Ah, aliás, Mabel, você sabe quem levou o recado para o padre?

– Creio que sim.

– Sim, foi Phillips. Eu o vi ontem à noite. Ele não voltará mais aqui.

– Ele confessou?

– Ele confessou. Ele estava mais agressivo.

Mas o rosto de Oliver relaxou novamente, quando assentiu para a esposa ao pé da escada e se voltou para subir, mais uma vez, ao quarto da sua mãe.

Capítulo II

I

Percy Franklin teve a impressão, quando passou perto de Roma, deslizando à altura de quinhentos pés, de que estava se aproximando das próprias portas do céu, ou melhor, de que ele era uma criança retornando para o lar. Pois o que deixara para trás dez horas antes em Londres não era má amostra, pensou, das mansões superiores do inferno. Parecia um mundo do qual Deus tivesse Se retirado, deixando-o num estado de profundo autocontentamento – um estado desprovido de esperança ou fé, mas uma situação na qual, embora a vida continuasse, faltava a única coisa essencial à felicidade. Não que não houvesse expectativa – pois Londres estava pelos cabelos de ansiedade. Havia toda espécie de rumor: Felsenburgh estava voltando; Felsenburgh tinha voltado; ele nunca tinha vindo. Ele viria a ser Presidente do Conselho, Primeiro-Ministro, Tribuno, com todas as qualidades do governo democrático e da santidade pessoal, até mesmo Rei – se não mesmo Imperador do Ocidente. O ordenamento geral seria remodelado, haveria um completo rearranjo das partes; o crime viria a ser abolido pelo poder misterioso que matara a guerra; viria a existir comida de graça – o segredo da vida fora descoberto, a morte não teria mais lugar – assim diziam os rumores... Ainda assim faltava aquilo que, para o padre, era o que fazia a vida digna de ser vivida...

Quando em Paris, o *volor* a aguardar na grande estação de Montmartre, outrora conhecida como Igreja do Sagrado Coração, ele ouviu a gritaria do povo afinal apaixonado pela vida e viu as bandeiras passarem rápido. Quando decolou novamente, por sobre os subúrbios, ele viu o jorrar de trens em uma extensa linha, visíveis como serpentes resplandecentes na glória brilhante dos globos elétricos, a trazer pessoas do interior para o Conselho da Nação, que os legisladores, alucinados, haviam reunido para decidir quanto à grande questão. Em Lyon se dera o mesmo. A noite estava clara como o dia, e igualmente preenchida de som. A França Meridional estava chegando para registrar seus votos.

Ele adormeceu, quando o ar frio dos Alpes começou a envolver o carro, e captou apenas vislumbres dos montes majestosos iluminados lá embaixo pela lua, das profundidades escuras dos golfos, do clarão de prata dos lagos similares a escudos e do brilho suave de Interlaken e das cidades do Vale do Rhone. Num determinado momento começou a se mover sem que ele esperasse, quando um dos imensos *volors* alemães passou pela noite – uma chama de luzes fantasmais e brilhos –, lembrando uma mariposa imensa com antenas de energia elétrica, e as duas naves saudaram uma à outra, à distância de meia légua de ar silencioso, com o grito patético de duas estranhas aves noturnas que não tivessem tempo para parar. Milão e Turim estavam calmas, pois a Itália estava ordenada com base em princípios diferentes dos da França, e nem metade de Florença já acordara. A Campânia deslizou como um tapete verde-cinza, enrugado e tombado, quinhentos pés abaixo, e Roma estava só apenas à vista. O indicador acima do assento moveu o ponteiro de cem para noventa milhas.

Por fim, livrou-se da soneca e pegou seu Livro de Horas; mas, quando pronunciava as palavras, sua cabeça estava em outro lugar, e, quando disse uma das matinas, fechou o livro

novamente, acomodou-se com maior conforto, cobrindo-se com as mantas de viagem e esticando seus pés sobre o assento vazio à frente. Ele estava sozinho nessa cabine; os três homens que tinham embarcado em Paris desceram em Turim.

Ele ficara notavelmente aliviado quando três dias antes chegara a mensagem do Cardeal Protetor, ordenando-lhe que tomasse providências para uma ausência prolongada de Londres, e, tão logo isso fosse feito, que viesse para Roma. Compreendeu que as autoridades eclesiásticas afinal estavam muito incomodadas.

Ele repassou os últimos dois dias, considerando o relatório que ele poderia ter de apresentar. Desde a sua última carta, três dias antes, ocorreram sete apostasias dignas de nota só na diocese de Westminster, dois padres e cinco leigos importantes. Falava-se de revolta em toda parte; ele vira um documento ameaçador, chamado de "petição" e que reclamava o direito de dispensar as vestimentas eclesiásticas, assinado por cento e vinte padres da Inglaterra e do País de Gales. Os "peticionários" assinalavam que a perseguição por parte do povo já vinha bem próxima; que o Governo não era sincero em suas promessas de proteção; insinuavam que a lealdade religiosa já estava provada até o ponto de ruptura, mesmo para o mais fiel, e que ela, em todos os demais, com exceção desse último, já tinha cedido.

E, acerca dos seus comentários, Percy guardava sua clareza. Ele diria às autoridades, como fizera antes inúmeras vezes, que a questão não estava na perseguição; era essa nova irrupção de entusiasmo pela Humanidade - um entusiasmo que havia crescido umas cem vezes desde a vinda de Felsenburgh e a popularização das notícias sobre o oriente - que estava derretendo o coração de todos, excetuados uns poucos. O homem subitamente se apaixonara pelo homem. Os sacerdotes conventuais estavam esfregando os olhos e se perguntan-

do por que algum dia acreditaram, ou sequer sonharam, que existia um Deus para amar, perguntando-se uns aos outros qual era o segredo do encanto que os possuiu por tanto tempo. O cristianismo e o teísmo estavam se dissipando na mente do mundo como a névoa matinal se dissipa quando vem o sol. As recomendações dele? Sim, ele as tinha claras, e as recapitulou com um sentimento de desespero.

De sua parte, ele mal sabia se acreditava no que professava. Suas emoções pareciam finalmente terem se extinguido com a visão do carro branco e o silêncio da multidão aquela noite, três semanas antes. Tinha sido algo tão horrivelmente real e incontestável; as esperanças e aspirações delicadas da alma pareciam tão obscuras quando comparadas com aquela paixão ardente e comovente do povo... Ele nunca tinha visto nada como aquilo; nenhuma congregação sob o encanto do mais entusiasmante pregador vivo jamais respondeu com sequer um décimo do fervor com que aquela massa sem religião, de pé na aurora fria das ruas de Londres, havia saudado a chegada do seu salvador. E quanto ao homem em si - Percy não era capaz de analisar o que o possuíra quando ele fixou a vista, murmurando o nome de Jesus, naquela calma figura de preto com aspecto e cabelo tão parecidos com os dele próprio. Ele só sabia que uma mão tinha apertado o seu coração - uma mão quente, não fria - e tinha extinguido, parecia, todo o senso de convicção religiosa. Foi só com um esforço, que lhe doía lembrar, que ele se absteve daquele ato de capitulação interior tão familiar a todos que cultivam uma vida interior e sabem o que significa o fracasso. Só uma citadela não tinha escancarado os seus portões - todas as outras tinham se rendido. Suas emoções tinham sido invadidas, seu intelecto silenciado, sua recordação da graça obscurecida, uma náusea espiritual tinha adoecido a sua alma, e ainda assim a fortaleza secreta

da vontade tinha, em agonia, defendido as portas e se recusado a gritar e chamar Felsenburgh de rei.

Ah, como ele tinha rezado ao longo daquelas três semanas! Parecia-lhe que havia feito pouco; que não havia paz. Lanças de dúvida transpassavam amiúde portas e janelas; massas de argumentos desabavam vindas de cima; estivera alerta dia e noite, rechaçando cegamente isto e negando aquilo, esforçando-se para manter seu ponto de apoio no plano escorregadio do sobrenatural, endereçando um clamor atrás do outro ao Senhor Que Oculta a Si Mesmo. Ele dormia com o crucifixo na mão, via-se acordar beijando-o; enquanto escrevia, falava, comia, andava e se sentava nos veículos, a vida interior se mantinha ocupada – fazendo frenéticos atos silenciosos de fé numa religião que seu intelecto negava e diante da qual suas emoções se encolhiam. Houve momentos de êxtase – como numa rua repleta de gente, quando reconheceu que Deus era tudo, que o Criador era a chave para a vida da criatura, que um ato humilde de adoração era transcendentalmente mais importante que o mais nobre ato natural, que o Sobrenatural era a origem e fim da existência; isso lhe vinha em tais momentos à noite, no silêncio da Catedral, quando a lâmpada piscava e um ar silente soprava da porta de ferro do tabernáculo. Depois, mais uma vez, a paixão decaía e o deixava abandonado, na miséria, mas sólido, com uma determinação tal (que bem poderia advir do orgulho como da fé), que nenhum poder na terra ou no inferno poderia impedi-lo de professar o cristianismo, mesmo que ele não se desse conta disso. Só o cristianismo fez a vida tolerável.

Percy deu um longo e vibrante suspiro e mudou de posição; pois, muito distante, seus olhos cegos divisaram um domo, como uma bolha azul posta em um tapete verde; e seu cérebro parou para lhe dizer que era Roma. Ele logo se ergueu, saiu da sua cabine e seguiu à frente até o corredor central, olhan-

do, enquanto ia, através das portas de vidro, os passageiros à esquerda e à direita, alguns ainda adormecidos, alguns observando lá fora a vista, alguns lendo. Ele pôs a vista no quadrado de vidro da porta e por alguns instantes observou, fascinado, a figura firme do condutor. Ele estava de pé sem se mexer, suas mãos na roda de metal que dirigia as grandes asas, seus olhos voltados para o anemômetro que lhe revelava, como se diante de um relógio, tanto a força como a direção das fortes rajadas de vento; vez ou outra suas mãos se moviam levemente e os imensos ventiladores respondiam, ora se erguendo, ora baixando. Abaixo dele e na frente, fixado numa mesa circular, estavam as proteções de vidro de vários indicadores - Percy não sabia a finalidade de metade - um parecia uma espécie de barômetro, com o propósito, ele supôs, de informar a altura na qual estavam viajando, outro, um compasso. E mais além, através da janela curva, estava o céu enorme. Bom, tudo isso era muito maravilhoso, pensou o padre, e era com a força de que tudo isso era só um sintoma que o sobrenatural tinha de competir.

Ele suspirou, virou-se e voltou para a sua cabine.

Uma visão espantosa logo começou a se abrir diante dele - dificilmente bonita, afora a sua estranheza, e tão irreal como um mapa erguido. Longe, à sua direita, como pôde ver pelas janelas de vidro, jazia a linha verde do mar contra o céu luminoso, sempre se erguendo e caindo tão suavemente, quando o veículo, aparentemente imóvel, inclinava-se imperceptivelmente contra o vento leste; o único outro movimento foi a fraca pulsação da enorme e latejante hélice na parte traseira. À esquerda se estendia ilimitada a terra, passando rapidamente abaixo, em vislumbres vistos entre as asas imóveis, tendo aqui e ali a listra de um vilarejo diminuto a ponto de impossível de ser reconhecido, ou o clarão da água, limitados lá longe pelos montes baixos das colinas da Úmbria; ao passo que na frente,

uma vez vista e logo sumida com o veículo a manobrar, estava a linha confusa de Roma e os vastos novos subúrbios, tudo coroado pelo grande domo a crescer a cada instante. Ao redor, tanto em cima como embaixo, seus olhos estavam conscientes das grandes extensões do espaço aéreo, ao alto se intensificando em lápis-lazúli, a descer na direção dos horizontes de azul-turquesa pálido. O único som, do qual há muito tempo deixara de estar diretamente consciente, era aquele do arrojar contínuo do ar, menos estridente agora que a velocidade começava a diminuir - diminuir - para quarenta milhas por hora. Houve o tinido de uma campainha, e imediatamente ele se deu conta da sensação de uma leve indisposição quando o carro desceu numa arremetida esplêndida, e ele cambaleou um pouco enquanto reunia suas mantas de viagem. Quando viu de novo, o movimento parecia ter cessado; pôde ver torres à frente, uma fileira de telhados de casas e, abaixo, ele teve o vislumbre de uma estrada e outros telhados com caminhos de verde ao meio. Uma campainha tiniu mais uma vez, e um longo e doce zunido o seguiu. Ouvia de todos os lados o movimento de pés; um guarda de uniforme passou rapidamente pelo corredor envidraçado; de novo, veio uma pequena náusea; e, quando ele olhou para cima novamente desde o lugar de sua bagagem, por um momento viu o domo, agora cinza e guarnecido, quase ao mesmo nível de seus olhos, tremendo contra o céu fulgurante. O mundo girou por um instante; ele fechou os olhos e, quando viu de novo, os muros pareciam se altear até acima dele e parar, balançando. Um último sino, um pequeno sacolejo quando o veículo tocou a doca pavimentada de aço; a fila de rostos se agitou e cresceu ainda fora da janela, e Percy caminhou até a porta, carregando sua bagagem.

II

Ele ainda estava com o senso de orientação um tanto inseguro quando se sentou para o café em uma das salas remotas do Vaticano; mas também tinha uma sensação de alegria, como se seu cérebro cansado percebesse onde ele estava. Tinha sido estranho viajar sobre aquelas pedras impressionantes em um táxi apertado, tal como ele se lembrava de dez anos atrás, quando deixou Roma, recém ordenado. Enquanto o mundo tinha seguido adiante, Roma ficara onde estava; ela tinha outros assuntos para considerar além das melhorias físicas, agora que todo o peso espiritual da terra se assentava inteiramente sobre os seus ombros. Tudo parecia inalterado - ou melhor, tinha voltado ao estado de cerca de cento e cinqüenta anos antes. Histórias davam conta de como as melhorias feitas pelo Governo da Itália haviam gradualmente sido deixadas de lado tão logo a cidade, oito anos atrás, recebera sua independência; os trens cessaram de andar; *volors* não podiam ir além dos muros; os prédios novos, a que se permitiu permanecerem, foram revertidos para uso eclesiástico; o Palácio do Quirinal se tornou conjunto de escritórios do "Papa Vermelho"; embaixadas, seminários imensos; até o próprio Vaticano, excetuado o andar superior, tornara-se o local da Faculdade Sagrada, que cercava o Sumo Pontífice como as estrelas ao sol.

A cidade era esplêndida, diziam os antiquários - o único exemplo remanescente dos tempos passados. Aqui se podiam ver as inconveniências antigas, os horrores insanos, a encarnação de um mundo entregue ao sonho. A velha pompa da Igreja também estava de volta; os cardeais de novo andavam em coches dourados; o Papa montava em seu burro branco; o

Santíssimo Sacramento ia pelas ruas mal-cheirosas ao som de sinos e à luz de lanternas. Uma descrição brilhante disso tinha interessado imensamente ao mundo civilizado por cerca de quarenta e oito horas; o retrocesso espantoso ainda era usado de quando em quando como assunto de denúncias violentas por parte de pessoas mal educadas; os bem educados já não faziam outra coisa senão dar por certo que superstição e progresso eram inimigos irreconciliáveis.

Ainda assim, mesmo na breve visão que teve nas ruas – quando saía da estação de *volor* do lado de fora do Portal do Povo – das velhas vestes camponesas, das carroças com vinhos ornadas de azul e vermelho, das sarjetas cheias de repolho, das roupas molhadas se agitando em cordas, das mulas e dos cavalos – estranhas como fossem essas coisas, ele achou nelas um descanso. Parecia recordá-lo que o homem era humano, e não divino, como o resto do mundo proclamava – humano, e portanto negligente e individualista; humano, e portanto ocupado com outros interesses que não a velocidade, a limpeza e a precisão.

O quarto em que ele se sentara agora, próximo da janela com persianas para sombrear, pois o sol ainda estava quente, parecia voltar no tempo até mais que um século e meio. O damasco e o luxo de antes, que esperava encontrar, não mais existiam, e sua ausência dava a impressão de grande severidade. Uma grande mesa de pinho cobria a extensão do quarto, com cadeiras de madeira dispostas contra ela; o piso tinha azulejos vermelhos, com trechos de capacho para os pés; as paredes brancas, caiadas, tinham só uns dois velhos quadros dependurados, e o grande crucifixo ladeado por velas estava sobre um pequeno altar perto da porta seguinte. Sem mais mobília que isso, com exceção de uma escrivaninha entre as janelas, sobre a qual estava a máquina de escrever. Isso de

alguma forma agrediu o seu senso de bom gosto, coisa com a qual ele se assustou.

Ele tomou o último gole de café na grossa xícara branca e se sentou de volta na cadeira.

Seu fardo já estava mais leve, e ele estava assustado com a velocidade com que isso se deu. A vida parecia mais simples ali; o mundo interior estava mais seguro; isso sequer se podia discutir. Era coisa que lá estava, real e premente, e, através dela, reluziam aos olhos da alma as velhas Figuras que tinham sido encobertas atrás da agitação das circunstâncias mundanas. A própria sombra de Deus parecia descansar ali; não era mais impossível perceber que os santos vigiavam e intercediam, que Maria estava sentada em seu trono, que o disco branco no altar era Jesus Cristo. No fim das contas, Percy ainda não estava tranqüilo, estava só há uma hora em Roma; e o ar, carregado de tanta graça como nunca, mal podia fazer algo além do que já tinha feito. Mas ele se sentia mais à vontade, menos desesperadamente ansioso, mais infantil, mais satisfeito com repousar na autoridade que sem explicação reivindicava e afirmava que o mundo, de fato – o que se provava por evidência interiores como exteriores –, tinha sido feito dessa forma e não daquela, por esse motivo e não por aquele. Porém, ele usara das conveniências que odiava; ele tinha deixado Londres, sem nada, doze horas antes, e agora se sentava em um lugar que era ou a água represada da vida ou o centro de sua correnteza; ele ainda não tinha certeza de qual dos dois era.

Veio um passo do lado de fora, um trinco foi girado; e o Cardeal Protetor entrou.

Percy não o via há quatro anos e, por um momento, quase não o reconheceu.

Era um homem muito idoso que ele via agora, arqueado e fraco, o rosto coberto de rugas, coroado com cabelos brancos muito finos e o barrete de cor púrpura em cima; ele estava em

seu hábito beneditino preto, com uma singela cruz abacial no peito, e andava com hesitação, com um bastão preto. O único sinal de vigor estava na fenda estreita e brilhante de seus olhos, tendo embaixo pálpebras caídas. Ele apertou sua mão, sorrindo, e Percy, lembrando-se a tempo que estava no Vaticano, curvou-se só quando já ia beijar a ametista.

– Bem-vindo a Roma, padre – disse o senhor, falando com uma vivacidade inesperada. – Disseram-me que você estava aqui meia hora atrás; pensei que devia deixar você se banhar e tomar seu café.

Percy murmurou alguma coisa.

– Sim, você está cansado, sem dúvida – disse o Cardeal, puxando uma cadeira.

– Na verdade não, Sua Eminência. Dormi muito bem.

O Cardeal fez um pequeno gesto na direção de uma cadeira.

– Mas devo ter uma palavrinha com você. O Santo Padre deseja vê-lo às onze horas.

Percy teve um pequeno sobressalto.

– Nós agimos rápido nestes tempos, padre... Não há tempo a perder. Você compreende que por ora deve permanecer em Roma?

– Fiz todos os preparativos para isso, Sua Eminência.

– Muito bem então... Estamos muito gratos a você aqui, Padre Franklin. O Santo Padre tem ficado muito impressionado com os seus comentários. Você previu coisas de uma maneira bastante notável.

Percy enrubesceu de alegria. Era quase o primeiro indício de encorajamento que ele já tivera. O Cardel Martin continuou.

– Posso dizer que você é considerado nosso correspondente mais valioso – certamente na Inglaterra. Por isso você foi convocado. Você há de nos ajudar no futuro – uma espécie de consultor: qualquer um pode relatar fatos; nem todos podem

compreendê-los... Você parece muito jovem, padre. Quantos anos você tem?

– Trinta e três, Sua Eminência.

– Ah, o cabelo branco lhe ajuda... Agora, padre, você vem comigo até meu quarto? Agora são oito horas. Tomarei você até às nove – não mais que isso. Depois você deve descansar um pouco e, às onze, devo levar você até a Sua Santidade.

Percy se levantou com uma sensação estranha de júbilo e se apressou a abrir a porta para que o Cardeal passasse.

III

Pouco antes das onze, Percy deixou o seu pequeno quarto de paredes caiadas com o seu capelo, botina e sapatos de fivela novos e bateu levemente na porta do Cardeal.

Agora ele se sentia bem mais seguro de si. Tinha falado aberta e energicamente, descrito o efeito que Felsenburgh teve sobre Londres e até a paralisia que se apoderara dele. Ele expôs sua crença de que estava no ápice de um movimento sem paralelo na história: relatou pequenas cenas que testemunhara – um grupo se ajoelhando diante de uma foto de Felsenburgh, um homem moribundo invocando o nome dele, o aspecto da multidão que esperara em Westminster para ouvir o resultado da oferta feita ao estranho. Mostrou-lhe alguns recortes de jornais, chamando neles a atenção para o entusiasmo histérico; ele foi longe a ponto de se arriscar na profecia e afirmar sua opinião de que a perseguição já não tardava a vir.

– O mundo parece extravagantemente desperto – ele disse. – Como se tudo estivesse em excitação e nervosismo.

O Cardeal assentiu.

– Nós também – ele disse –, até nós sentimos isso.

De resto o Cardeal ficou sentado vendo-o desde os seus olhos estreitos, ora ou outra assentindo com a cabeça, fazendo alguma pergunta ocasional, mas a ouvir do começo ao fim com grande atenção.

– E a sua sugestão, padre – ele dissera, e em seguida se interrompeu. – Não, é coisa demais para perguntar. O Santo Padre falará disso.

Depois ele o parabenizou pelo seu latim – eles falaram nessa língua ao longo de toda essa segunda entrevista; e Percy explicou quão leal a Inglaterra católica tinha sido em obedecer à ordem, dada dez anos antes, de que o latim se tornasse para a Igreja o que o esperanto estava se tornando para o mundo.

– Excelente – disse o velho homem. – Sua Santidade ficará feliz com isso.

À segunda batida a porta se abriu e o Cardeal saiu, levando -o em silêncio pelo braço; e juntos entraram no elevador.

Percy se arriscou a fazer um comentário enquanto eles se deslocavam suavemente acima até o aposento papal.

– Estou surpreso com o elevador, Sua Eminência, e com a máquina de escrever na sala de audiências.

– Por que, padre?

– Ora, todo o resto de Roma está como antigamente.

O Cardeal o olhou, intrigado.

– É? Posso imaginar. Nunca pensei nisso.

Um guarda suíço abriu a porta do elevador, fez uma saudação e foi à frente deles pelo corredor recatado e avariado até onde seu companheiro estava. Depois fez outra saudação e voltou. O camareiro pontifício, em toda a glória melancólica de roxo, preto e de rufo espanhol, espiou da porta e se apressou em abri-la. Parecia mesmo quase inacreditável que essas coisas existissem.

– Um momento, Sua Eminência – ele disse em latim. – Sua Eminência espera aqui?

Era um pequeno quarto quadrado, com meia dúzia de portas, evidentemente recortado de um dos velhos e grandes salões, pois ele era imensamente alto e a cornija dourada e manchada desaparecia diretamente em dois lugares das paredes brancas. As divisórias, aliás, pareciam finas; pois, quando os dois homens se sentaram, havia um murmúrio de vozes parcamente audível, o som de arrastar de pés e o velho e eterno estalido de máquina de escrever, do qual Percy tivera a esperança de ter se livrado. Estavam sozinhos no quarto, o qual estava mobiliado com a mesma simplicidade do quarto do Cardeal – dando a impressão de uma curiosa mistura de pobreza ascética e dignidade, por conta de seu chão ladrilhado de vermelho, suas paredes brancas, seu altar e dois grandes castiçais de bronze de incalculável valor, que estavam sobre o altar. Também aqui as persianas estavam abertas, e nada podia distrair Percy da ansiedade que agora se agitava centuplicada em seu coração e cérebro.

Quem ele estava para ver era o *Papa Angelicus*; aquele extraordinário senhor que fora designado Secretário de Estado cinqüenta anos antes, com a idade de trinta, e Papa nove anos atrás. Fora ele quem cumprira aquela política extraordinária de entregar as igrejas de toda a Itália ao Governo, em troca da propriedade temporal de Roma, e quem desde então se havia determinado a fazer desta uma cidade de santos. Aparentemente, ele não dera a mínima para a opinião do mundo; a sua política, até onde podia ser chamada assim, consistiu numa coisa muito simples: ele tinha declarado, epístola atrás de epístola, que o objetivo da Igreja era glorificar a Deus produzindo virtudes sobrenaturais no homem, e que nada mais tinha qualquer significância ou importância, exceto no que afetava aquele objetivo. Ele tinha ainda defendido que, uma

vez que Pedro era a Pedra, a Cidade de Pedro era a Capital do mundo e deveria dar um exemplo aos seus subordinados: isso não poderia ser feito a menos que Pedro governasse a sua Cidade e, assim, ele sacrificara todas as igrejas e prédios eclesiásticos do país por esse fim. Então ele começou a governar a sua cidade: ele havia dito que, no todo, as últimas descobertas do homem tendiam a distrair as almas imortais da contemplação das verdades eternas – e não dito que essas coisas só poderiam ser boas, uma vez que, afinal, dão um vislumbre das leis maravilhosas de Deus – mas dito que naquela época elas excitavam demais a imaginação. Daí que ele removera os trens, *volors*, os laboratórios, as fábricas – dizendo que havia um monte de espaço para essas coisas fora de Roma – e permitiu que fossem postos nos subúrbios: em seus lugares se ergueram sacrários, casas religiosas e Calvários. Depois deu maior atenção às almas dos que lhe eram submetidos. Como Roma era uma área limitada e, mais ainda, como o mundo se corrompera sem o sal apropriado, ele não permitiu que homem algum com menos de cinqüenta anos vivesse entre seus muros mais que um mês por ano, com exceção daqueles que recebiam sua permissão. Claro, eles podem viver imediatamente fora da cidade (e eles o faziam, dezenas de milhares), mas haviam de compreender que o fazendo pecavam contra o espírito, conquanto não contra a letra, dos desejos de seu Padre. Assim dividiram a cidade em bairros nacionais, dizendo que, já que cada nação tinha suas virtudes próprias, cada uma deveria deixar sua luz brilhar continuamente à sua maneira. Os aluguéis logo começaram a subir, de modo que ele legislou contra isso reservando, em cada bairro, um certo número de ruas com preços fixos, e tinha emitido uma excomunhão *ipso facto* contra os que errassem a esse respeito. O resto estava abandonado aos milionários. Ele reservara a Cidade Leonina inteiramente à sua disposição. Depois, restaurara a pena de

morte, com tanta serena gravidade quanto ele atraíra para si o escárnio do mundo civilizado em outras questões, dizendo que, embora a vida humana fosse sagrada, a virtude humana era mais sagrada ainda; e ao crime de homicídio ele acrescentara os crimes de adultério, idolatria e apostasia, aos quais, em tese, essa punição deveria ser aplicada. Não houvera, contudo, mais que duas execuções nos oito anos de seu reinado, já que os criminosos, é claro, com exceção dos crentes devotos, de imediato se foram para os subúrbios, onde não estavam mais sob a sua jurisdição.

Mas ele não permanecera aqui. Ele mais uma vez enviara embaixadores para todos os países do mundo, ao Governo de cada um informando de sua chegada. Não deram atenção alguma a isso além de risadas; mas ele continuou, imperturbável, a exigir seus direitos e, enquanto isso, valia-se de seus legados para o importante trabalho de espalhar suas opiniões. De tempos em tempos epístolas apareciam em toda cidade, estabelecendo os princípios das afirmações papais com a tranqüilidade de como se fossem conhecidos em toda parte. A Maçonaria era denunciada continuamente, bem como as idéias democráticas de toda espécie; os homens eram incitados a se lembrarem de suas almas imortais e da grandiosidade de Deus e a refletir sobre o fato de que, em poucos anos, todos poderiam ser chamados a dar conta de seus atos Àquele que era o Criador e Governante do mundo, cujo Vigário era João XXIV, P. P., cujo nome e selo eram anexados.

Era um plano de ação que pegara o mundo completamente de surpresa. As pessoas esperaram histeria, discussão e exortação apaixonada; emissários disfarçados, complôs e protestos. Não houve nada disso. Era como se o progresso ainda não tivesse tido início e os *volors* ainda não tivessem sido inventados, como se todo o universo não tivesse começado a descrer de Deus e a descobrir que ele próprio era Deus. Aqui estava

esse velho homem bobo, falando enquanto dormia, balbuciando sobre a Cruz, como também sobre a vida interior e o perdão dos pecados, exatamente como seus predecessores tinham falado dois mil anos antes. Bem, era apenas mais um sinal de que Roma tinha perdido não apenas o seu poder, mas também o seu bom senso. Realmente era hora de fazer algo.

E era esse homem, pensou Percy, o *Papa Angelicus*, que ele veria em um minuto ou dois.

O Cardeal pôs a mão no joelho do padre quando a porta se abriu e o prelado de roxo apareceu, curvando-se.

– Apenas uma coisa – ele disse. – Seja absolutamente sincero.

Percy se levantou, tremendo. Depois seguiu o seu protetor até a porta interna.

IV

Uma figura branca estava sentada em meio à meia luz esverdeada, ao lado de uma grande escrivaninha, a três ou quatro metros de distância, mas com a cadeira voltada para a porta pela qual os dois entraram. Assim Percy viu enquanto fazia a primeira genuflexão. Depois baixou os olhos, avançou, genuflectiu-se de novo com o outro, avançou mais ainda e pela terceira vez se genuflectiu, levando a mão branca e magra, estendida, até os seus lábios. Ele ouviu a porta se fechar quando se levantou.

– O Padre Franklin, Santidade – disse a voz do Cardeal em seu ouvido.

Um braço em mangas brancas acenou para algumas cadeiras postas a um metro, e os dois se sentaram.

Enquanto o Cardeal, falando um latim vagaroso, disse algumas sentenças, a explicar que esse era o padre inglês cuja correspondência se achou tão útil, Percy começou a prestar muita atenção com os seus olhos.

Ele conhecia bem o rosto do Papa de incontáveis fotografias e sessões de cinema; até mesmo seus gestos lhe eram familiares, o leve vergar da cabeça em assentimento, o mínimo e eloqüente movimento das mãos; mas Percy, com a sensação de estar sendo óbvio, disse para si mesmo que a presença viva era muito diferente.

O homem que ele via diante de si numa cadeira era bastante aprumado, tinha altura e volume medianos, com as mãos apertando os ornamentos dos braços da cadeira e a aparência de uma grande e cuidada dignidade. Mas era principalmente para o rosto que ele olhava, baixando a vista vez ou outra quando os olhos azuis do Papa se voltavam para ele. Eram olhos extraordinários, lembrando-lhe o que os historiadores diziam de Pio X; as pálpebras desenhavam linhas retas através deles, dando-lhe a aparência de um falcão, mas o resto do rosto as contradizia. Não havia agudeza. Não era nem magro nem gordo, mas graciosamente modelado em um contorno oval: os lábios eram bem traçados, com algo de apaixonado em suas curvas; o nariz descia numa curva aquilina, terminando em narinas bem formadas; o queixo era firme e dividido e o aprumo de toda a cabeça era estranhamente jovem. Era um rosto de grande generosidade e doçura, expressando em algo entre o desafio e a humildade, mas eclesiástico de orelha a orelha e da sobrancelha ao queixo; a testa era levemente contraída nas têmporas e, sob o barrete branco, estava o cabelo branco. Isso tinha sido motivo de risos nos salões de música nove anos antes, quando um mosaico de rostos de padres célebres foi projetado em uma tela, lado a lado com o rosto do novo Papa, pois eram quase indistinguíveis.

Percy se viu tentando resumir tudo isso, mas nada lhe vinha à mente exceto a palavra "padre". Era isso, e isso era tudo. *Ecce sacerdos magnus!* Ele estava impressionado com a aparência de jovem, pois o Papa tinha oitenta e oito anos; ainda assim sua aparência era tão íntegra quanto a de um homem de cinqüenta, seus ombros firmes, sua cabeça posta sobre eles como a de um atleta, e suas rugas mal eram perceptíveis à meia luz. *Papa Angelicus!*, refletiu Percy.

O Cardeal parou com suas explicações e fez um pequeno gesto. Percy concentrou todas as suas capacidades, tensas e firmes, para responder às perguntas que ele sabia que viriam.

– Desejo-lhe boas-vindas, meu filho – disse uma voz muito suave, ressoante.

Percy, precipitado, curvou-se da cintura para cima.

O Papa baixou os olhos de novo, levantou um peso de papel e começou a brincar mansamente com este enquanto falava.

– Agora, meu filho, faça um pequeno discurso. Eu lhe sugiro três pontos principais – o que aconteceu, o que está acontecendo, o que irá acontecer, com uma peroração acerca do que pode acontecer.

Percy deu um longo suspiro, melhor se acomodou, apertou os dedos da mão esquerda nos dedos da mão direita, fixou os olhos firmemente sobre o calçado com cruz bordada à sua frente e começou. (Como se ele não tivesse ensaiado isso vezes sem conta!)

Primeiro formulou o seu tema; no sentido de que todas as forças do mundo civilizado estavam se concentrando em dois campos – o mundo e Deus. Até o tempo presente, as forças do mundo tinham sido incoerentes e intermitentes, irrompendo de várias formas – revoluções e guerras tinham sido como movimentos de uma multidão indisciplinada, inábil e não reprimida. Para acompanhar isso, também a Igreja tinha

agido por meio de sua catolicidade - mais dispersão que concentração: franco-atiradores tinham sido dispostos contra franco-atiradores. Mas, ao longo dos últimos cem anos, houve sinais de que o método de guerra havia mudado. De qualquer maneira, a Europa tinha se cansado de lutas internas; primeiro os sindicatos operários, depois os patronais, em seguida os operários e patronais juntos exemplificaram isso na esfera econômica, a partição pacífica da África o exemplificou na esfera política e a expansão da religião humanitária, na esfera espiritual. Frente a isso deve ser posta a centralização crescente da Igreja. Com base na sabedoria de seus pontífices, submetidos a Deus Todo Poderoso, a cada ano os nós se apertavam mais. Ele citou como exemplo a abolição de costumes locais, incluídos aqueles há tanto tempo queridos do oriente; o estabelecimento dos Protetorados Cardeais em Roma; a fusão obrigatória de todos os frades em uma única Ordem, embora retendo seus nomes familiares, sob a autoridade do Superior Geral supremo; a de todos os monges, com exceção dos cartuxos, das carmelitas e dos trapistas, numa outra Ordem; desses três excetuados numa terceira; e a organização das freiras seguindo o mesmo esquema. Além disso, ele comentou os decretos mais recentes, estabelecendo o sentido da decisão do Vaticano sobre a infalibilidade, a nova versão do Código de Direito Canônico, a imensa simplificação que ocorrera no governo eclesiástico, na hierarquia, nas rubricas e nas questões relacionadas aos países com missionários, com os novos e extraordinários privilégios concedidos aos padres em missão. A essa altura ele percebeu que sua autoconfiança o havia abandonado, e começou, mesmo que com pequenos gestos e uma voz ligeiramente elevada, a encarecer a importância dos eventos do último mês.

Tudo o que antes se dera, ele disse, apontava para o que agora realmente ocorria - a saber, a reconciliação do mundo

em outra base que não a Verdade Divina. Era a intenção de Deus e de seus Vigários reconciliar todos os homens em Cristo Jesus, mas a pedra angular tinha mais uma vez sido rejeitada e, em vez do caos que os tementes a Deus profetizaram, vinha a existir uma unidade diferente de tudo o mais na história. Isso era ainda mais terrível em razão do fato de que trazia tantos elementos de incontestável bem. A guerra, aparentemente, agora estava extinta, e não fora o cristianismo que fizera isso; agora se tinha a união por melhor que a desunião, e a lição fora aprendida independentemente da Igreja. De fato, as virtudes naturais tinham repentinamente se tornado mais exuberantes e as virtudes sobrenaturais eram desprezadas. A afabilidade tomara o lugar da caridade, o contentamento o lugar da esperança, o conhecimento o lugar da fé.

Percy parou, percebeu que estava pregando uma espécie de sermão.

- Sim, meu filho - disse uma voz gentil. - O que mais?

O que mais?... Muito bem, continuou Percy, tais movimentos produziram determinados homens, e o Homem desse movimento era Julian Felsenburgh. Ele levara a cabo um trabalho que - sem Deus - parecia miraculoso. Ele pusera abaixo a divisão eterna entre oriente e ocidente, tendo vindo ele do único continente que poderia produzir tais poderes; ele tinha prevalecido pela pura força de sua personalidade sobre os dois tiranos supremos: o fanatismo religioso e o governo partidário. A sua influência sobre o inglês insensível era outro milagre, embora também tivesse incendiado a França, a Alemanha e a Espanha. Aqui Percy descreveu umas poucas das pequenas cenas que presenciara, dizendo que era como que a visão de um deus: e fez livre citação de alguns dos títulos atribuídos ao Homem por jornais sóbrios, sem histeria. Felsenburgh era chamado de Filho do Homem, por ser um cosmopolita de raça pura; de o Salvador do Mundo, por ter matado a guerra e

sobrevivido – e até, até... a voz de Percy falhou – era chamado até de Deus Encarnado, por ser o representante perfeito do homem divino.

O rosto calmo, clerical, observava-o, posto à frente, sem franzir o cenho nem se mover; e ele continuou. Vem aí, disse, a perseguição. Já houvera algum tumulto. Mas não se devia temer a perseguição. Sem dúvida isso causaria apostasias, como sempre causou, mas estas eram deploráveis apenas no que dizia respeito aos próprios apóstatas. Por outro lado, encorajaria os fiéis e expurgaria os hesitantes. Antes, nas idades primevas, o ataque de Satanás fora feito no âmbito corporal, com açoites, fogo e bestas; no século XVI fora no âmbito intelectual; no século XX, nas fontes da vida moral e espiritual. Agora parecia que o ataque era feito nos três planos ao mesmo tempo. Mas o que principalmente se deveria temer era a influência cabal do humanitarismo: ele chegava, como o reino de Deus, com poder; estava esmagando o homem imaginativo e romântico, estava mais assumindo que declarando uma verdade; ele estava sufocando com travesseiros em vez de ferindo e incitando com ferro e controvérsia. Ele parecia estar abrindo à força o seu caminho, quase que imparcialmente, até o mundo interior. Pessoas que mal ouviram falar do humanitarismo estavam professando seus dogmas; padres o absorveram, tal como absorviam Deus na Comunhão – ele mencionou os nomes dos apóstatas recentes – crianças o bebiam como ao próprio cristianismo. A alma "naturalmente cristã" parecia estar se tornando a "alma naturalmente infiel". A perseguição, exclamou o padre, deveria sem bem recebida como uma salvação, pedida em preces e agarrada; mas ele temia que as autoridades fossem demasiado espertas e conhecessem o antídoto e o veneno postos em separado. Poderia haver martírios individuais – realmente poderia haver, e muitos – mas seriam apesar do governo secular, não por causa dele. Por fim, ele

esperava, o humanitarismo poderia em breve pôr as vestes da liturgia e do sacrifício e, quando isso acontecesse, a missão da Igreja, a menos que Deus interviesse, estaria liquidada.

Percy acomodou-se para trás, tremendo.

– Sim, meu filho. E o que você acha que pode ser feito?

Percy atirou as mãos a esmo.

– Santo Padre – a missa, a oração, o rosário. Isso antes de mais nada. O mundo nega o poder disso: é com esse poder que os cristãos podem se desincumbir de seus fardos. Tudo em Jesus Cristo – em Jesus Cristo, antes de mais nada. Nada mais pode trazer proveito. Ele há de fazer tudo, pois não podemos fazer nada.

A cabeça branca assentiu. Depois se pôs ereta.

– Sim, meu filho... Mas enquanto Jesus Cristo se dignar usar de nós, nós devemos ser usados. Ele é Profeta e Rei bem como Padre. Também nós, então, temos de ser profetas e reis bem como padres. Como ficam a profecia e a realeza?

A voz tocou Percy profundamente.

– Sim, Santidade... Que pela profecia, então, preguemos a caridade; que pela realeza reinemos sobre cruzes. Devemos amar e sofrer... – Deu um suspiro soluçado. – Sua Santidade sempre pregou a caridade. Que a caridade frutifique em bons atos. Que sejamos os primeiros a fazê-lo; que nos empenhemos honestamente no comércio, castamente na vida familiar e honestamente no governo. E quanto a sofrer – ah!, Santidade!

Seu velho plano lhe voltou repentino à mente, e lá ficou pairando, convincente e premente.

– Sim, meu filho, fale claramente.

– Sua Santidade – isto é velho, tão velho quanto Roma – todo tolo já a desejou: uma nova Ordem, Santidade – uma nova Ordem – ele gaguejou.

A mão branca largou o peso de papel; o Papa se inclinou para frente, olhando intensamente para Percy.

– Diga, meu filho.

Percy se atirou de joelhos.

– Uma nova Ordem, Santidade – sem hábito ou divisa – sujeita unicamente a Sua Santidade – mais livre que os jesuítas, mais pobre que os franciscanos, mais mortificada que os cartuxos: tanto homens como mulheres – os três votos com a intenção do martírio; o Pantheon de sua Igreja; cada bispo responsável pelo sustento deles; um tenente em cada país... (Santidade, este é o pensamento de um tolo.) ...e Cristo Crucificado como patrono deles.

O Papa se levantou abruptamente – tão abruptamente que o Cardeal Martin também se ergueu, apreensivo e terrificado. Parecia que esse jovem homem tinha ido longe demais.

Em seguida o Papa se sentou novamente, estendendo a mão.

– Deus o abençoe, meu filho. Você tem de ir... Sua Eminência tem alguns minutos?

Capítulo III

I

Quando se encontraram novamente naquela noite, o Cardeal pouco disse a Percy, apenas o parabenizando pelo modo como tinha se portado com o Papa. Parecia que o padre fizera bem ao se valer de sua sinceridade extremada. Depois lhe falou de suas obrigações.

Percy deveria manter os dois quartos postos à sua disposição; deveria dizer missa, por via de regra, no oratório do Cardeal e, depois disso, às nove, deveria se apresentar para as instruções: almoçaria ao meio-dia com o Cardeal, depois do que poderia considerar-se livre até a hora da *Ave Maria*: aí, mais uma vez estaria à disposição de seu mestre até a ceia. A sua principal atividade seria ler toda a correspondência inglesa e a elaboração de um relatório com base nela.

Percy achou muito agradável e serena essa vida, e a sensação de familiaridade se aprofundava a cada dia. Tinha demasiado tempo para si mesmo, que ele resolutamente ocupava com descanso. Das oito às nove geralmente saía a caminhar, indo sossegadamente pelas ruas, tendo os seus sentidos corporais abertos, olhando as igrejas, observando as pessoas e gradualmente absorvendo a estranha naturalidade da vida de acordo com as condições antigas. Às vezes lhe parecia um sonho histórico; às vezes lhe parecia não existir outra realidade; que o mundo silencioso e tenso da civilização moderna é que era um fantasma e que aqui surgia de novo a naturali-

dade simples da infância da alma. Nem mesmo a leitura da correspondência inglesa o afetou muito, pois o fluxo de sua consciência começava de novo a correr limpo em seu velho e doce leito; e ele lia, dissecava, analisava e diagnosticava com uma profunda tranqüilidade.

Afinal, não eram lá tantas notícias. Era como uma bonança após a tempestade. Felsenburgh permanecia em retiro; recusara as ofertas que lhe fizeram a França e a Itália, tal como a que fizera a Inglaterra; e, apesar de nada de definitivo ser anunciado, parecia que ele por ora estava se guardando para um ato não oficial. Enquanto isso, os Parlamentos da Europa estavam ocupados com as etapas preliminares da revisão das leis. Nada poderia ser feito, supunha-se, antes das seções do outono.

A vida em Roma era muito estranha. A cidade tinha se tornado não apenas o centro da fé, mas, num certo sentido, um microcosmo dela. Era dividida em quatro bairros imensos - o anglo-saxão, o latino, o teutão e o oriental - além de Trastevere, que era quase que inteiramente ocupada por escritórios papais, seminários e escolas. Os anglo-saxões ocupavam o bairro a sudoeste, região agora inteiramente coberta por casas, incluindo os montes Aventino, Célio e Testaccio. Os latinos habitavam a Roma velha, entre o campo de recreio e o rio; os teutões, o bairro a noroeste, limitado ao sul pela Rua San Lorenzo; e os orientais, o último bairro, cujo centro era o Laterano. Dessa forma, os verdadeiros romanos mal se davam conta de alguma intrusão; tinham um sem-número de suas próprias igrejas, era-lhes permitido farrear em ruas estreitas e escuras e manter as suas feiras; e era por aí que Percy geralmente andava, apaixonado pelo retrospecto histórico. Mas os outros bairros também eram bem estranhos. Era curioso ver como uma prole de igrejas góticas, servidas por padres nórdicos, havia se espalhado naturalmente pelos dis-

tritos anglo-saxão e teutão e como as ruas espaçosas e cinzas, os pavimentos limpos, as casas austeras, mostravam como os nórdicos ainda não tinham se apercebido do que era necessário a uma vida ao sul. Por outro lado, os orientais lembravam os latinos; suas ruas eram igualmente estreitas e escuras, o cheiro delas igualmente sobrepujante, suas igrejas igualmente sujas e aconchegantes e suas cores até mais brilhantes.

Fora da cidade a confusão era indescritível. Se a cidade representava uma miniatura entalhada do mundo, os subúrbios representavam o mesmo modelo partido em milhares de pedaços jogados dentro de um saco e depois atirados ao léu. Por todos os lados, até onde a vista alcançava desde o cume do Vaticano, estendia-se uma planície interminável de telhados, interrompida por pináculos, torres, domos e chaminés, sob os quais viviam seres humanos de tudo quanto é raça. Aqui estavam as grandes fábricas, os prédios monstruosos do novo mundo, as estações, as escolas, os escritórios, tudo sob autoridade secular, ainda que rodeado por seis milhões de almas que aqui viviam por amor à religião. Estes que haviam desesperado da vida moderna, cansados de instabilidade e afã, é que tinham fugido do novo sistema para se refugiarem na Igreja, mas sem obterem permissão para viver na própria cidade. Novas casas surgiam continuamente para todos os lados. Um compasso gigantesco, com uma perna fixada em Roma e com uma abertura de cinco milhas, poderia, se girado, dar voltas sobre ruas comprimidas ao longo de toda a circunferência. Também para além daí se estendiam casas a uma distância indefinida.

Mas Percy não se apercebeu da significância de tudo que viu até a ocasião da celebração do dia onomástico do nome do Papa, no fim de agosto.

Ainda era cedo e frio quando acompanhou o seu protetor, a quem devia servir como capelão, pelos grandes corredores do

Vaticano até a sala onde o Papa e os Cardeais iriam se reunir. Vista desde uma janela, quando ele olhou para a praça, a multidão se fazia ainda mais espessa, se é que isso era possível, do que uma hora antes. A imensa praça oval estava pavimentada de cabeças, em meio às quais se abria uma via extensa, mantida pelas tropas papais para a passagem das carruagens; e ao longo da grande faixa, branca à luz do oriente, vinham veículos colossais, um fulgor de dourado e colorido e de matiz creme; aplausos vagarosos se avolumavam e morriam, e de tudo vinha o ímpeto e a zoadeira de rodas sobre pedras, como o som de uma praia de seixos varrida pela maré.

Enquanto esperavam na ante-sala, contidos pela pressão à frente e atrás – um compacto de escarlate, branco e púrpura –, ele olhou novamente para fora e percebeu o que antes soubera só intelectualmente, que aqui, diante de seus olhos, estava reunida a realeza do velho mundo – e ele começou a apreender o seu significado.

Ao redor dos degraus da basílica se expandia uma grande variedade de carruagens, cada uma atrelada a oito cavalos – as brancas da França e da Espanha, as pretas da Alemanha, da Itália e da Rússia e as cor de creme da Inglaterra. Estas estavam no semicírculo mais próximo e, para além, ficava o local das potências menores: Grécia, Noruega, Suécia, Romênia e os países dos Balcãs. Só um deles, a Turquia, estava ausente, ele se lembrou. Os emblemas de alguns estavam visíveis – águias, leões, leopardos – a guarnecer a coroa real acima do teto de cada carruagem. Do pé ao cimo dos degraus ia um longo carpete escarlate ladeado por soldados.

Percy se inclinou contra a cortina e começou a meditar. Aqui estava tudo o que restara da Realeza. Tinha visto seus palácios antes, aqui e ali nos vários bairros, com bandeiras ao vento e homens com o uniforme escarlate de criados se espreguiçando pelos degraus. Ele tinha erguido seu chapéu diver-

sas vezes quando um landó estrondeava por ele, passando em direção ao campo de recreio; ele tinha até visto os lírios da França e os leopardos da Inglaterra passarem juntos na parada solene do Monte Pincio. Ele recorrentemente lera nos jornais, nos últimos cinco anos, que uma família atrás da outra tinha ido dar em Roma depois que o reconhecimento do Papa fora garantido; fora avisado pelo Cardeal na noite anterior de que William da Inglaterra, com sua consorte, tinha chegado em Ostia pela manhã e que o grupo das Potências estava completo. Mas ele nunca antes se dera conta do fato estupendo, esmagador, que era a reunião da realeza de todo o mundo sob a sombra do Trono de Pedro, nem do perigo apavorante que sua presença constituía em meio a um mundo democrático. Aquele mundo, ele sabia, afetava sorrir da loucura e criancice disso tudo – da encenação desesperada do Direito Divino da parte de famílias caídas e desprezadas; mas esse mesmo mundo, ele bem sabia, ainda não havia perdido de todo o seu sentimento; e se esse sentimento calhasse de vir a se tornar ressentimento...

O imprensado diminuiu; Percy saiu do recesso e seguiu na corrente vagarosa.

Meia hora depois ele estava entre os clérigos, quando a procissão papal veio pela escuridão brilhante da capela do Santíssimo Sacramento até a nave da imensa igreja; mas, mesmo antes de entrar na capela, ele ouviu os gritos calmos de reconhecimento e o romper das trombetas que saudavam o Sumo Pontífice quando ele surgiu, cem metros à frente, carregado na *sedia gestatoria*, com seus submetidos indo-lhe atrás. Quando cinco minutos depois o próprio Percy apareceu caminhando junto a seu grupo de quatro e teve a visão do que viria a acontecer, ele se lembrou, com uma súbita palpitação em seu coração, daquela outra visão que tivera em Londres, numa aurora de verão, três meses antes...

Bem distante, parecendo abrir caminho pelas cabeças ondulantes como a popa de um velho navio, movia-se o dossel sob o qual ia o Senhor do mundo, e entre ele e o padre, como se fosse o rasto do mesmo navio, agitava-se a procissão deslumbrante - Protonotários Apostólicos, Superiores Gerais de todas as ordens religiosas e o resto -, percorrendo seu trajeto com a espuma branca, dourada, escarlate e prateada entre as margens vivas. Acima pendia o esplêndido contorno dos telhados, e longe, em frente à enseada do altar de Deus, elevavam-se pilares colossais, sob os quais queimavam as sete estrelas amarelas, que eram as luzes portuárias da santidade. Era uma vista impactante, mas grande e atordoante demais para fazer outra coisa além de oprimir os espectadores com a consciência de sua própria futilidade. A tremenda quantidade de ar retido, as estátuas gigantescas, os telhados obscuros e distantes, a combinação indescritível de sons - do movimento de pés, do murmúrio de dez mil vozes, o retumbo de órgãos como o choro de pernilongos, a delicada música celestial -, o débil e sugestivo cheiro de incenso e homens, de cavalos machucados e de mirto; e, suprema, a encobrir tudo, a atmosfera vibrante de emoção humana, deflagrada com uma aspiração sobrenatural, quando a Esperança do Mundo, o detentor do Vice-Reinado Divino, fez seu percurso para se interpor entre Deus e homem - isso afetou o padre como a ação de uma droga que ao mesmo tempo acalma e atiça, que cega enquanto dá nova visão, que ensurdece enquanto abre ouvidos reprimidos, que exalta enquanto mergulha em novos golfos da consciência. Aqui, pois, estava a outra resposta dada ao problema da vida. As duas Cidades de Agostinho estavam à sua escolha. Uma era a de um mundo autocriado, auto-organizado e autosuficiente, interpretado por homens como Marx e Herve, socialistas, materialistas e, afinal, hedonistas, finalmente resumidos em Felsenburgh. A outra estava descortinada na visão à sua fren-

te, falando de um Criador e de uma criação, de um propósito divino, de uma redenção e de um mundo transcendente e eterno do qual tudo se originava e em direção do qual tudo se movia. Um dos dois, João ou Julian, era o Vigário - e o outro o Inimigo - de Deus... E o coração de Percy, em mais um espasmo de convicção, fez a sua escolha...

Mas a reunião ainda não estava terminada.

Quando Percy afinal deixou a nave sob o domo, em seu caminho até a tribuna depois do trono papal, ele se deu conta de um novo elemento.

Uma larga extensão estava vaga próxima do altar e do confessionário, estendendo-se, pelo que pôde ver pelo menos do seu lado, até o ponto que sinalizava a entrada aos transeptos; nesse ponto começavam grades que iam de um lado a outro, continuando as linhas da nave da igreja. Atrás dessa barreira vermelha dispunha-se um aclive gradual de rostos, branco e imóvel; um brilho de metal o delimitava, e em cima, a um terço da distância até o transepto, erguia-se, numa ordem solene exata, uma fila de pálios. Estes eram de cor escarlate, como baldaquinos cardinalícios, mas sobre a superfície firme de cada um queimavam cortiças enormes, sustentadas por bestas e encimadas por coroas. Sob cada um havia uma imagem ou duas - não mais que isso - em notável isolamento, e através do espaço entre os tronos se via novamente uma ladeira indistinta de rostos.

Seu coração se acelerou quando ele viu isso - quando ele passeou a vista ao redor e para a direita e viu, como se num espelho, a réplica no transepto direito do que estava no esquerdo. Era ali que estavam sentados - esses sobreviventes solitários daquele estranho grupo de pessoas que, até meio século atrás, tinham reinado como vice-regentes temporais de Deus com o consentimento de seus súditos. Eles agora não eram reconhecidos, exceto por Ele, de quem eles derivavam

sua autoridade – pináculos a se agrupar e pender de um domo do qual as paredes haviam sido retiradas. Eram homens e mulheres que afinal tinham aprendido que o poder vem desde cima e que seus títulos para governar vinham não de si mesmos, mas do Governante Supremo de todos os pastores sem ovelhas, de todos os capitães sem soldados em que mandar. Era triste – horrivelmente triste, ainda que inspirador. O ato de fé era tão sublime!, e o coração de Percy se acelerava à medida que percebia isso. Esses homens e mulheres, portanto, tal como ele próprio, não tinham vergonha de apelar não ao homem mas a Deus, de assumir insígnias que o mundo via como brincadeiras, mas que para eles eram emblemas de uma missão sobrenatural. Não se refletia ali, perguntou a si mesmo, alguma sombra remota d'Aquele que andou sobre um burrinho em meio à zombaria dos grandes e o entusiasmo das crianças?...

Mais instigante ainda foi quando, prosseguindo a missa, ele viu os soberanos descerem para fazer seus serviços no altar e ir, pra lá e pra cá, entre este e o Trono. Ali foram, de cabeça descoberta, as majestosas figuras silentes. O rei inglês, novamente *Fidei Defensor*, tomou o séquito em lugar do velho rei da Espanha que, junto ao imperador da Áustria, únicos entre todos os soberanos europeus, tinha preservado incólume a continuidade da fé. O velhinho se inclinou sobre o faldistório balbuciando e chorando, até mesmo vez ou outra a gritar de tanto amor e devoção, quando, como Simeão, viu sua Salvação. O imperador austríaco duas vezes segurou o lavabo; o soberano alemão, que em decorrência de sua conversão quatro anos antes perdera o trono e tudo, tudo menos a vida, por conta de uma nova prerrogativa pôs e retirou a almofada quando o seu Senhor se ajoelhou diante do Senhor de ambos. Assim, movimento após movimento, o glorioso drama era encenado; o murmúrio do povaréu decaiu até a quietude,

que não era mais que uma única oração silenciosa, quando o pequeno disco branco se ergueu entre as mãos brancas e a sutil música angélica ressoou no domo. Pois aqui estava a única esperança desses milhares de pessoas, tão poderosa e tão pequena como certa vez fora dentro de uma manjedoura. Ninguém lutava por eles além de Deus. E era certo que, se o sangue dos homens e as lágrimas das mulheres não ajudavam a tirar o Juiz e Observador de tudo do Seu silêncio, aqui pelo menos a morte incruenta do Seu único Filho, que antes no Calvário escurecera os céus e abrira a terra, ressoava tão grande esplendor pesaroso sobre esta ilha de fé cercada por um mar de escárnio e ódio – isto ao menos ajudaria! Como não?

Percy tinha acabado de se sentar, cansado das cerimônias demoradas, quando a porta se abriu repentinamente e o Cardeal, ainda em suas vestes especiais, entrou rapidamente e bateu a porta atrás de si.

– Padre Franklin – disse, com uma voz estranha e esbaforida –, aconteceu o pior. Felsenburgh foi nomeado Presidente da Europa.

II

Já era bem tarde quando Percy retornou aquela noite, completamente exausto por seus afazeres. Pois passara horas com o Cardeal abrindo despachos despejados nos receptores elétricos vindos de toda a Europa e que eram trazidos um por um até a calma sala de estar. Três vezes na noite o Cardeal fora chamado, uma vez pelo Papa e duas pelo Quirinal.

Não existia dúvida alguma de que a notícia era verdadeira, e parecia que Felsenburgh esperara cautelosamente pela oferta.

Todas as outras ele recusara. Tinha ocorrido uma Convenção das Potências, cada uma das quais ansiosa para assegurar-se dele e cada uma delas fracassada em seu intento; esses títulos privados foram retirados e uma mensagem única enviada. A nova proposta ia no sentido de que Felsenburgh assumisse uma posição até então impensável numa democracia; que lhe fosse dada uma Palácio de Governo em toda capital européia; que o seu veto de qualquer medida deveria ser definitivo por três anos; que qualquer medida que ele fizesse passar três vezes, em três anos consecutivos, deveria tornar-se lei; que o seu título fosse o de Presidente da Europa. De sua parte não se pediu praticamente nada, a não ser que ele recusasse qualquer outro cargo oficial que não recebesse a sanção de todas as Potências. E tudo isso, Percy via muito bem, envolvia o perigo de uma Europa unida dez vezes mais forte. Envolvia toda a força estupenda do socialismo dirigida por um indivíduo brilhante. Era a combinação das duas características mais fortes dos dois métodos de governo. A oferta fora aceita por Felsenburgh após oito horas de silêncio.

Também era notável como a notícia tinha sido recebida pelas outras duas partes do mundo. O oriente estava entusiasmado; a América estava dividida. Mas de qualquer forma a América estava impotente: a balança do mundo estava esmagadoramente contra ela.

Percy se atirou à cama do jeito que estava e lá ficou com o coração batendo como um tambor, os olhos fechados e um desespero tremendo. O mundo realmente tinha se erguido como um gigante sobre os horizontes de Roma e a cidade sagrada agora não estava em melhor situação que um castelo de areia diante da maré. Tudo isso ele compreendeu. Já quão grande seria a destruição, de que forma viria e de que direção, ele não sabia nem se importava. No momento apenas sabia que ela viria.

Agora ele compreendia algo do seu próprio temperamento e voltava seus olhos para dentro, a fim de se observar cruelmente, tal como um médico vítima de doença mortal poderia, com uma complacência terrível, diagnosticar os seus próprios sintomas. Era até um alívio desviar-se do mecanismo monstruoso do mundo para ver em miniatura um coração humano desesperado. Ele não mais temia pela sua religião; ele sabia, tão certo quanto um homem pode saber a cor dos seus olhos, que ela estava novamente segura e para além de qualquer abalo. Ao longo dessas semanas em Roma, os sedimentos escuros do rio tornaram-se mais claros e o canal estava novamente visível. Ou, melhor ainda, aquele enorme edifício de dogma, cerimônia, costumes e moral no qual ele fora educado, e que ele contemplara a vida toda (uma vez que um homem deve olhar acima de si alguma imagem que o desnorteie), vendo ora uma fagulha de luz, ora outra, chamejar e minguar nas trevas, tinha pouco a pouco se acendido e revelado em um incêndio esplêndido de amor divino que se explicava a si mesmo. Princípios colossais, antes confusos e até repelentes, eram agora luminosamente auto-evidentes; por exemplo, ele via que, enquanto a religião humanitarista se esforçava por abolir o sofrimento, a religião divina o abraçava, de modo que até as dores cegas das bestas estavam de acordo com a vontade e o projeto do Pai; ou via que, ao passo que de um ângulo uma única cor apenas da teia da vida era visível - fosse material, intelectual ou artística -, de outro ângulo o sobrenatural era eminentemente óbvio. A religião humanitarista só poderia ser verdadeira se pelo menos metade da natureza do homem, de suas aspirações e tristezas fosse ignorada. O cristianismo, por outro lado, pelo menos incluía isso e lhe dava uma resposta, mesmo que não fosse uma explicação. Isto... e isto... e isto... tudo perfazia um único e perfeito todo. Havia a fé católica, mais certa para ele do que a sua própria existência: era verda-

deira e viva. Ele poderia ser condenado, mas Deus reinava. Ele poderia ficar louco, mas Jesus Cristo era a deidade encarnada, provando-se tanto por meio da morte e Ressurreição, e João era o seu vigário. Essas coisas eram como os ossos do universo – fatos além de qualquer dúvida; se não fossem verdadeiras, nada, parte alguma, era mais que um sonho. Dificuldades? – Ora, as havia aos milhares. Ele não entendia sequer um pouco por que Deus fizera o mundo do jeito que era, nem como o inferno podia ser uma criação do amor nem como o pão era transubstanciado no Corpo de Deus, mas – bem, as coisas eram assim e pronto. Ele tinha ido dar longe, começou a perceber, de sua antiga concepção de fé, quando acreditava que a verdade divina poderia ser demonstrada em bases intelectuais. Agora ele aprendera (não sabia como) que o sobrenatural clamava ao sobrenatural; o Cristo exterior ao Cristo interior; que a simples razão humana de fato não podia contradizer tal coisa, ainda que isso tampouco provasse adequadamente os mistérios da fé, exceto por premissas visíveis apenas àquele que aceita a Revelação como um fato; que é ao estado moral, mais que ao intelectual, que o Espírito de Deus fala com a maior das certezas. Ele agora sabia aquilo que tinha tanto aprendido quanto ensinado, que a fé, tendo como o próprio homem um corpo e um espírito – uma expressão histórica e uma verdade interior –, fala ora por um, ora por outro. Um homem acredita porque ele vê – aceita a Encarnação ou a Igreja por suas credenciais; outro, percebendo que tais coisas são fatos espirituais, submete-se inteiramente à mensagem e à autoridade daquela única Igreja que a professa, bem como à manifestação delas no plano histórico; e na escuridão se encosta ao braço dela. Ou, melhor dizendo, porque creu, agora ele vê.

Em seguida reparou com uma espécie de indolência interessada em outras partes de sua natureza.

Em primeiro lugar havia o seu intelecto, confuso além de toda descrição, a exigir, por que, por que, por quê? Por que se permitia isso? Como era concebível que Deus não interviesse e que o Pai dos homens pudesse permitir que o Seu querido mundo se alinhasse contra Ele? O que Ele pretendia fazer? Esse silêncio eterno nunca seria rompido? Estava tudo muito bem para aqueles que tinham fé, mas e quanto a incontáveis milhões de pessoas que se instalavam numa blasfêmia satisfeita? Também não eram estes Seus filhos e o rebanho do Seu pasto? Para que existia a Igreja Católica senão para converter o mundo, e por que então Deus Todo Poderoso permitira que esta, por um lado, se reduzisse a um punhado e, de outro, que o mundo encontrasse paz distante d'Ele?

Ele considerou suas emoções, mas não havia conforto aí, incentivo algum. Ah, sim, ele ainda podia rezar através de meros atos frios da vontade, e sua teologia lhe dizia que Deus aceitava tal coisa. Ele podia dizer *Adveniat regnum tuum... Fiat voluntas tua* vezes sem conta por dia, se Deus o quisesse; mas não havia dor ou comoção alguma, nenhuma sensação de vibração através das cordas que sua vontade elevava até o Trono Divino. Que afinal queria Deus que ele fizesse? Seria apenas repetir fórmulas, repousar tranqüilo, abrir despachos, atender ao telefone e sofrer?

E, afinal, o resto do mundo - a loucura que se espalhara pelas nações; as histórias surpreendentes que surgiram naquele dia sobre os homens em Paris que, delirando como bacantes, ficaram nus na Praça da Concórdia e se esfaquearam no coração, gritando, para trovões de aplausos, que a vida era arrebatadora demais para ser suportada; sobre a mulher que cantara ensandecida na noite anterior na Espanha e que caiu rindo e espumando na sala de concerto em Sevilha; sobre a crucificação dos católicos naquela manhã nos Pirineus e sobre a apostasia de três bispos na Alemanha... E isto... E aqui-

lo... e milhares de outros horrores eram permitidos e Deus não mandava sinal algum nem dizia palavra alguma...

Houve uma batida, e Percy se levantou quando o Cardeal entrou.

Ele parecia terrivelmente cansado e seus olhos tinham uma espécie de brilho que revelava febre. Ele fez um pequeno gesto para que Percy se sentasse e ele próprio se sentou na cadeira funda, tremendo um pouco e pondo seus pés dobrados sob a sua batina de botões vermelhos.

– Vá me perdoando, padre – ele disse. – Estou irrequieto com relação à segurança do bispo. Ele por ora deve ficar aqui.

Era o Bispo de Southwark, lembrou-se Percy, que deixara a Inglaterra cedo aquela manhã.

– Ele está vindo direto para cá, Sua Eminência?

– Sim; ele deve estar aqui por volta das onze da noite. Já é mais de meia-noite, não é?

Quando falou, os sinos deram o badalo de meia hora.

Agora tudo estava quase calmo. O dia inteiro o ar estivera cheio de barulho; massas tinham desfilado pelos subúrbios; os portões da cidade ficaram atravancados, embora isso fosse apenas o prenúncio do que se devia esperar para quando o mundo compreendesse a si mesmo.

– Você parece cansado, padre – disse gentilmente.

Percy sorriu.

– E Sua Eminência? – ele disse.

O velho também sorriu.

– Ora, sim – disse. – Não devo durar muito, padre. E então você é que irá sofrer.

Percy se levantou de repente, transtornado.

– Ora, isso mesmo – disse o Cardeal. – O Santo Padre já providenciou isso. Você irá me suceder, sabe. Não é preciso fazer segredo disso.

Percy deu um suspiro longo, tremulante.

– Eminência –começou, com tristeza.

O outro ergueu uma mão velha e magra.

– Compreendo tudo – disse suavemente. – Você quer morrer, não é isso? – e ficar em paz. Muitos querem isso. Mas primeiro temos de sofrer. *Et pati er mori*. Padre Franklin, não pode haver hesitação.

Houve um silêncio demorado.

A notícia era assombrosa demais para transmitir qualquer outra coisa ao padre que não a sensação de um choque horrível. Nunca lhe passara pela cabeça que ele, um homem de menos de quarenta anos, pudesse ser considerado elegível para suceder o sábio e paciente velho prelado. Quando à honra – Percy não atinava a isso no momento, sequer pensava a respeito. Só havia uma visão à sua frente – a de uma longa e intolerável jornada, por uma estrada que segue montanha acima, a ser feita tendo sobre as costas um fardo que ele não podia suportar.

Ainda assim, ele reconheceu a sua inevitabilidade. O fato lhe foi anunciado como incontestável; tinha de ser; não havia nada a dizer. Mas foi como se mais um abismo tivesse se aberto e ele visse dentro um horror doente, amorfo, impossível de expressar.

O Cardeal quebrou o silêncio.

– Padre Franklin – disse –, hoje eu vi uma foto de Felsenburgh. Sabe quem eu pensei primeiro que fosse?

Percy sorriu apático.

– Sim, padre, eu pensei que fosse você. Mas então, o que você acha disso?

– Não compreendo, Eminência.

– Ah – ele parou, subitamente mudando de assunto.

– Hoje aconteceu um assassinato na cidade – disse. – Um católico esfaqueou um blasfemador.

Percy lhe lançou um olhar novamente.

– Ah, sim; ele não tentou fugir – continuou o velho. – Ele está na cadeia.

– E...

– Ele será executado. O julgamento começará amanhã... É triste demais. É o primeiro assassinato em oito meses.

A ironia da situação era bastante óbvia para Percy, enquanto ouvia, vindo lá de fora, o silêncio profundo da noite estrelada. Aí estava essa pobre cidade fingindo que nada acontecera, administrando calmamente a sua justiça ridicularizada; e, lá fora, estavam se unindo as forças que poriam um fim a tudo isso. O seu entusiasmo parecia morto. Nenhuma emoção lhe vinha do pensamento sobre o esplêndido desapego dos fatos materiais do qual este era um pequeno exemplo, nem de coragem desesperada ou de imprudência bêbada. Ele se sentiu como quem visse uma mosca olhar o seu rosto no rolo de uma máquina – o metal imenso desliza levando a pequenina vida até a enorme morte – mais um instante e será o fim dela, o observador não podendo interferir. O sobrenatural permanece assim, perfeito e vivo, mas imensuravelmente pequeno; as forças gigantescas estavam se movendo, o mundo estava se erguendo e Percy não podia fazer nada além de olhar e franzir as sobrancelhas. Ainda assim, como fora dito, não havia sombra alguma em sua fé; a mosca que ele conhecia era maior que a máquina em razão da superioridade da ordem de sua vida; se fosse esmagada, a vida não seria o último sofredor; ele sabia que era assim, mas, como o era, não sabia.

Enquanto os dois estavam sentados, de novo veio um passo e uma batida; e um rosto de criado olhou adentro.

– Sua Senhoria chegou, Eminência – disse.

O Cardeal se levantou penosamente, segurando-se na mesa. Então parou, parecendo lembrar-se de algo, e apalpou o bolso.

– Veja isso, padre – disse e empurrou um pequeno disco de prata até o padre. – Não; só depois de eu ir.

Percy fechou a porta e voltou, erguendo o pequeno objeto redondo.

Era uma moeda, recém-cunhada. De um lado estava a coroa costumeira com as palavras "cinco *pences*" no meio, com o seu equivalente em esperanto embaixo, e do outro lado o perfil de um homem com uma inscrição. Percy virou e leu:

"Julian Felsenburgh, La Prezidante De Uropo"

III

Foi às dez horas da manhã do dia seguinte que os cardeais se reuniram em presença do Papa para ouvir a sua alocução.

Percy, sentado entre os consultores, via-os entrar, homens de todas as nações, temperamentos e idades - os italianos todos ao mesmo tempo, gesticulando e de sorriso aberto; os anglo-saxões de rosto firme e sério; um velho cardeal francês curvado sobre a bengala, andando junto aos beneditinos ingleses. Era uma daquelas salas grandes, singelas e imponentes das quais o Vaticano, em sua maior parte, era agora feito, mobiliada longitudinalmente com assentos, como uma capela. No extremo mais abaixo, cortados pelo corredor central, estavam os bancos dos consultores; no extremo mais acima, o dossel com o trono papal. Três ou quatro bancos com mesas, à sua frente e após o lugar dos consultores, eram reservados aos adventícios do dia anterior - prelados e padres que haviam vertido Roma adentro vindo de tudo quanto era país da Europa ao ouvirem a notícia assombrosa.

Percy não tinha nem idéia do que seria dito. Dificilmente seriam ditas outras coisas que não platitudes, pois que mais

se poderia dizer em vista da completa incerteza da situação? Tudo que se sabia até esta manhã era que a Presidência da Europa era um fato; a pequena moeda de prata que vira testemunhava isso; que houvera uma explosão de perseguição, reprimida severamente pelas autoridades locais; e que Felsenburgh deveria começar hoje a sua excursão de capital em capital. Esperavam-no em Turim ao fim da semana. De todos os centros católicos ao redor do mundo tinham chegado mensagens pedindo orientação; dizia-se que a apostasia crescia como maré, que a perseguição era iminente em toda parte e que até mesmo bispos começavam a se render.

Quanto ao Santo Padre, tudo era incerto. Aqueles que sabiam do que se tratava nada disseram; e os únicos rumores que escaparam eram no sentido de que ele passara a noite toda orando no túmulo do Apóstolo...

O murmúrio decresceu repentinamente até um sussurro e um silêncio; houve, em meio aos assentos, uma ondulação de cabeças a se abaixar quando a porta atrás do dossel se abriu e, um momento depois, João, o *Pater Patrum*, estava em seu trono.

De imediato Percy não entendeu nada. Ele olhava, como se para uma pintura, através da luz do sol árida que entrava pelas janelas cobertas, somente para as linhas escarlates à direita e à esquerda, indo até ao imenso dossel escarlate, e para a figura de branco que lá estava sentada. De fato, esses sulistas compreendiam o poder de uma cena. Era coisa tão vívida e marcante quanto a visão da Hóstia em um ostensório cravado de pedras preciosas. Todos os acessórios eram esplêndidos, a sala alta, a cor dos hábitos, os colares e cruzes, e, quando ia ao clímax, a vista foi dar com uma peça de um branco morto – como se a glória tivesse se exaurido e se declarado impotente para dizer do supremo segredo. O escarlate, a púrpura e o ouro estavam muito bem para aqueles que

ficavam nos degraus do trono – eles precisam disso; mas para aquele que lá está sentado nada é necessário. Que as cores desfaleçam e os sons se esvaiam diante do Vice-Rei de Deus. Mesmo assim, a expressão requerida era adequadamente proporcionada por aquele belo rosto oval, a cabeça bem posta e imperiosa, os olhos doces e brilhantes, os lábios bem delineados que falavam com tamanha força. Nenhum som na sala, nem sussurro ou respiração – mesmo exteriormente parecia como se o mundo permitisse ao sobrenatural formular a sua defesa ininterruptamente, antes de se resolver e clamar por condenação.

Percy fez um esforço violento de autocontenção, apertou as mãos e ouviu.

"...Uma vez que é esta a situação, filhos em Jesus Cristo, é-nos dever responder. Nós não lutamos, como o Doutor dos Gentios nos ensina, *contra o homem de carne e osso, mas contra os principados e as autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos do mal, que habitam as regiões celestes. Por isso,* prossegue ele, *vistam a armadura de Deus*; e mais adiante ele declara a sua natureza – o cinturão da verdade, o peitoral da justiça, os calçados da paz, o escudo da fé, o elmo da salvação e a espada do Espírito. Dessa forma, portanto, a Palavra de Deus nos envia para a guerra, mas não com as armas deste mundo, pois tampouco o Reino d'Ele é deste mundo; e é para lhes lembrar dos princípios dessa batalha que reunimos vós em nossa presença.

A voz parou e houve um suspiro farfalhante em meio aos bancos. Depois a voz continuou a uma altura ligeiramente maior.

“Foi já próprio da sabedoria de nossos predecessores, como também próprio de seus deveres, o ato de, enquanto se mantendo em silêncio em certas ocasiões, noutras revelar abertamente toda a orientação de Deus. Não podemos nós mesmos sermos dissuadidos desse dever pelo conhecimento de nossas próprias fraqueza e ignorância, mas antes confiar em que Ele, que nos pôs neste trono, dignar-se-á falar por meio de nossa boca e usar de nossas palavras para Sua glória.

“Em primeiro lugar, então, é necessário pronunciar nossa sentença acerca do novo movimento, como os homens o chamam, que foi ultimamente iniciado pelos governantes deste mundo.

“Não negligenciamos as bênçãos da paz e da unidade, nem esquecemos que a aparência de tais coisas tem sido o fruto de muito do que temos condenado. Essa aparência de paz é que tem iludido muitos, fazendo-os duvidar da promessa do Príncipe da Paz de que é somente através d’Ele que temos acesso ao Pai. Essa verdadeira paz, devidamente compreendida, diz respeito não apenas à relação entre os homens, mas, acima de tudo, às relações entre os homens e seu Criador; e é neste ponto imprescindível que os esforços do mundo se mostram deficientes. Não é de impressionar que, em um mundo que rejeitou Deus, tal questão necessária tenha sido esquecida. Os homens pensaram - desencaminhados por sedutores - que a unidade das nações era o maior dos prêmios desta vida, esquecendo-se das palavras de nosso Salvador, que disse ter vindo para trazer não a paz, mas a espada, e que é através de muitas tribulações que ingressamos no Reino de Deus. Logo, em primeiro lugar se deveria ter estabelecido paz entre o homem e Deus e, depois disso, a união de homem com homem se seguiria. *Buscai antes*, disse Jesus, *o Reino de Deus e todas estas coisas vos serão acrescenta-*

das. Assim, pois, novamente nós condenamos e consideramos anátema as opiniões daqueles que ensinam e acreditam no contrário disto; e mais uma vez renovamos todas as condenações proclamadas por nós ou nossos predecessores contra todas essas sociedades, organizações e comunidades construídas para apoiar uma unidade com outro fundamento que não o divino; e vos relembramos, filhos nossos de todo o mundo, que é proibido ingressar, ajudar ou aprovar em qualquer questão qualquer uma dessas organizações nomeadas em tais condenações."

Percy se mexeu em seu assento, notando em si próprio um quê de impaciência... Os modos eram esplêndidos, tranqüilos e imponentes como um rio; mas o assunto era como uma trivialidade qualquer. Ali estava a velha reprovação da Maçonaria, repetida em linguagem sem originalidade.

"Em segundo lugar", prosseguiu a voz firme, "gostaríamos de vos fazer conhecer nossos desejos para o futuro; e aqui pisamos no que muitos consideraram terreno perigoso."

Novamente se deu aquele murmúrio. Percy viu mais de um cardeal se inclinar para frente com a mão encurvada junto ao ouvido. Era evidente que algo de importante estava para ser dito.

"Há muitas questões", continuou a voz alta, "sobre as quais não é nossa intenção falar no momento, pois por sua própria natureza são sigilosas e devem ser tratadas em outra ocasião. Mas o que dizemos aqui, dizemo-lo ao mundo. Uma vez que os ataques de nossos inimigos são ao mesmo tempo às claras e em segredo, assim também devem ser nossas defesas. Essa é nossa intenção."

O Papa parou novamente, ergueu a mão como que mecanicamente até o peito e agarrou a cruz ali dependurada.

"Embora o exército de Cristo seja um, ele consiste de muitas divisões, cada uma tendo sua própria função e objetivo. Em tempos pretéritos, Deus deu vida a companhias de Seus servos para fazer este ou aquele trabalho em particular - os filhos de São Francisco para pregar a pobreza, os de São Bernardo para laborar na oração, com todas as mulheres santas se dedicando a esse propósito, a Companhia de Jesus para a educação dos jovens e conversão dos pagãos - e mais todas as ordens religiosas cujos nomes são conhecidos no mundo todo. Cada uma dessas companhias foi criada em uma ocasião particular de necessidade, e cada uma tem correspondido nobremente à vocação divina. Também tem sido a glória especial de cada uma, em auxílio de seu propósito, que, enquanto perseguindo seu fim próprio, tenha cortado de si todas as atividades (boas em si mesmas) que atravancariam aquele trabalho a que Deus a chamou - seguindo a esse respeito as palavras de nosso Redentor, *Os ramos que dão fruto, Ele os poda para que dêem mais fruto ainda.* Na presente ocasião, portanto, parece à nossa modéstia que todas essas ordens (que mais uma vez elogiamos e abençoamos) não são perfeitamente adequadas, pelas próprias condições de suas respectivas Regras, ao desempenho do grande trabalho que o momento requer. Nossa batalha não se relaciona particularmente com a ignorância ou com os pagãos aos quais o Evangelho ainda não chegou, com aqueles cujos pais o rejeitaram, nem com os falsos ricos deste mundo, nem com a ciência indevidamente assim chamada, nem mesmo com nenhuma dessas fortalezas de infidelidade contras as quais nós nos empenhamos no passado. Mais parece como se afinal fosse chegado o tempo de que falou o apóstolo, quando disse que *não chegará aquele dia*

sem que antes venha a apostasia. Depois aparecerá o homem ímpio, o Filho da Perdição: ele é o adversário que se opõe e se levanta contra todo ser que se chama Deus. Não estamos preocupados com esta ou aquela força, mas antes com a imensidão revelada daquele poder cuja hora foi predita e cuja destruição está preparada."

A voz parou novamente, e Percy agarrou o encosto do banco à sua frente para ter onde suster o tremor de suas mãos. Agora não havia mais sussurro, nada além de um silêncio que formigava e se agitava. O Papa deu um longo suspiro, virou devagar a cabeça à direita e à esquerda e prosseguiu mais cautelosamente que antes.

"Parece portanto de bom termo, à nossa humildade, que o Vigário de Cristo deva ele próprio convidar os filhos de Deus a essa nova batalha; e é nossa intenção alistar sob o título da Ordem de Cristo Crucificado os nomes de todos os que se dispõem a esse serviço supremo. Ao fazê-lo, estamos conscientes da novidade de nossa ação e da negligência a todas as precauções, tais foram necessárias no passado. Aconselhamo-nos quanto a este assunto com ninguém senão Ele, que acreditamos inspirou isto.

"Em primeiro lugar, pois, deixai-nos dizer que, embora se vá cobrar serviço obediente de todos os que devem ser admitidos nessa Ordem, nossa intenção primordial ao instituí-la está antes na consideração de Deus que do homem; antes em nos endereçarmos a Ele, que pede nossa generosidade, que àqueles que a negam; e em mais uma vez, por um ato formal e deliberado, dedicar nossas almas e corpos à Vontade divina e ao serviço d'Ele, o único que de direito pode reclamar tal oferenda e que aceitará nossa pobreza.

"De modo breve, prescrevemos apenas as seguintes condições.

"Não poderão entrar na Ordem senão aqueles acima de dezessete anos de idade.

"Nenhuma divisa, hábito nem insígnia hão de ser atrelados a ela.

"Os Três Conselhos Evangélicos deverão ser o fundamento da Regra, aos quais acrescentamos uma quarta intenção, a saber, a do desejo de receber a coroa do martírio e da intenção de abraçá-lo.

"O bispo de cada diocese, caso ele próprio venha a entrar na Ordem, deverá ser o superior dentro dos limites de sua própria jurisdição e o único a ser isento da observância literal do Voto de Pobreza, enquanto estiver à frente de sua diocese. Os bispos que não sentirem vocação para a Ordem deverão continuar com suas dioceses sob as condições costumeiras, mas não hão de deter direito religioso sobre os membros da Ordem.

"Ainda, anunciamos nossa intenção de nós mesmos ingressarmos na Ordem como seu prelado supremo e de fazermos nossa profissão de fé dentro de poucos dias.

"Ainda, declaramos que em nosso pontificado não serão elevados ao Sacro Colégio senão aqueles que tiverem feito sua profissão de fé na Ordem; e que logo dedicaremos a Basílica de São Pedro e São Paulo como a igreja central da Ordem, igreja na qual haveremos de elevar aos altares, sem nenhuma demora, aquelas almas felizes que hão de abandonar suas vidas na realização de suas vocações.

"Basta dizer, acerca dessa vocação, que deve ser seguida de acordo com as condições estabelecidas pelos Superiores. Quanto ao noviciado, suas condições e requisitos, em breve deveremos emitir as orientações necessárias. Cada superior diocesano (pois é nossa esperança que nenhum vá se abster) há de ter todos esses direitos, como de praxe cabem aos Superiores Religiosos, e há de ser provido dos meios de empregar os seus submetidos em qualquer trabalho que, em sua opinião, vá servir à glória de Deus e à salvação das almas. É nossa intenção pessoal pôr a nosso serviço apenas os que vierem a fazer sua profissão de fé."

Ele levantou os olhos mais uma vez, aparentemente sem emoção, e depois continuou:

"Assim, pois, determinamos. No que toca a outras questões, haveremos de aconselhar para logo, mas é nosso desejo que essas palavras sejam comunicadas ao mundo inteiro, de modo que não haja demora em fazer conhecer o que é que Cristo, através do seu Vigário, pede de todos os que professam o Nome Divino. Não oferecemos recompensas outras além daquelas que o próprio Cristo prometeu àqueles que O amam e entregam suas vidas a Ele; nenhuma promessa de paz, a não ser aquela que excede todo o entendimento; nenhum lar, a não ser aquele que convém aos romeiros e peregrinos que buscam uma Cidade que ainda há de vir; nenhuma honra, a não ser o desprezo do mundo; nenhuma vida, a não ser aquela que está escondida com Cristo em Deus."

Capítulo IV

I

Sentado em sua pequena sala particular em Whitehall, Oliver Brand aguardava visita. Já eram quase dez horas e, em trinta minutos, ele deveria estar no Parlamento. Contava com que o Sr. Francis, fosse lá quem fosse, não o retivesse por muito tempo. Mesmo agora, todo e qualquer momento era um alívio, pois o trabalho se tornara colossal ao longo das últimas semanas.

Mas não ficou com a mente dispersa por mais que um minuto, já que o último estrondo da Victoria Tower mal cessara de vibrar quando a porta se abriu e uma voz burocrática pronunciou o nome que ele estava aguardando.

Oliver deu uma olhada rápida no estranho, nas suas pálpebras caídas e na sua boca torcida, analisou-o completa e cuidadosamente enquanto se sentavam e logo passou bruscamente ao que interessava.

– Daqui a vinte e cinco minutos, senhor, terei de deixar esta sala – disse. – Daqui até lá... – ele fez um pequeno gesto.

O Sr. Francis mostrou ter compreendido.

– Obrigado, Sr. Brand – é um bom tempo. Então, se você me permite... – Ele tateou o bolso interno do seu paletó e tirou um longo envelope.

– Deixarei isso com você – disse – quando eu for. Aí estão longamente expostos os nossos desejos e os nossos nomes. E o que tenho a dizer é isto, senhor.

Reclinou-se para trás, cruzou as pernas e prosseguiu, com um toque de ansiedade na voz.

– Como você sabe, represento uma espécie de delegação – ele disse. – Temos tanto algo a pedir quanto algo a oferecer. Fui escolhido para vir porque a idéia foi minha. Primeiro, posso lhe fazer uma pergunta?

Oliver assentiu.

– Minha pergunta não é nada de inapropriado. Mas acredito que está praticamente certo, não? – que o Culto Divino será restaurado em todo o reino?

Oliver sorriu.

– Creio eu – ele disse. – O projeto foi lido pela terceira vez e, como você sabe, o Presidente falará a respeito esta noite.

– Ele não irá vetar?

– Creio que não. Ele tinha concordado com isso na Alemanha.

– Exatamente – disse o Sr. Francis. – E se ele concordar aqui, suponho que vá virar lei imediatamente.

Oliver se inclinou sobre a mesa e de lá tomou uma folha verde que continha o projeto de lei.

– Você tem isto, é claro... – ele disse. – Bem, vai se tornar lei imediatamente, e a primeira festa será celebrada no primeiro de outubro. Dia da "Paternidade" no calendário litúrgico anglicano, não? Sim, a "Paternidade".

– Então haverá um um pouco de correria – disse o outro ansiosamente. – Ora, faz só uma semana.

– Não tenho atribuição nesse departamento – disse Oliver, pondo o projeto de volta no lugar. – Mas entendo que o ritual será aquele que já está em uso na Alemanha. Não há motivo para sermos diferentes.

– E a Abadia será utilizada?

– Mas claro.

– Certo, senhor – disse o Sr. Francis –, claro que estou ciente de que a Comissão de Governo estudou tudo isso detidamente e que tem os seus próprios planos. Mas me parece que eles vão querer toda a experiência que puderem ter.

– Sem dúvida.

– Bom, Sr. Brand, a sociedade a que pertenço consiste inteiramente de homens que já foram padres católicos. Somos cerca de duzentos em Londres. Eu lhe deixarei um folheto, se você me permite, dizendo nossos objetivos, nossa estrutura e o resto. Parece-nos que aqui está uma questão na qual a nossa experiência pretérita poderia ser de utilidade ao Governo. As cerimônias católicas, como você sabe, são muito intrincadas e alguns de nós a estudaram profundamente nos velhos tempos. Costumamos dizer que Mestres de Cerimônias não são feitos, mas já nascem assim, e nós temos um bom número deles entre nós. Mas o fato é que todo padre tem um pouco de cerimonialista.

Ele parou.

– E?

– Tenho certeza de que o Governo percebe a grande importância de que tudo proceda sem problemas. Se o Ofício Divino for de alguma forma executado de maneira grotesca ou desordenada, ele pode facilmente fazer malograr a sua própria finalidade. Então me foi delegado vir até você, Sr. Brand, e lhe sugerir que aqui está um corpo de homens – conte-os como no mínimo vinte e cinco – que tiveram especial experiência nesse tipo de coisa e estão perfeitamente prontos a se colocarem ao dispor do Governo.

Oliver não pôde resistir à pequena comichão de um sorriso no canto de sua boca. Era algo de uma ironia um pouquinho cruel, ele pensou, mas parecia bastante razoável.

– Compreendo bem, Sr. Francis. Parece uma sugestão muito sensata. Mas não creio que eu seja a pessoa certa. O Sr. Snowford...

– Sim, sim, senhor, eu sei. Mas o discurso do senhor, outro dia, inspirou todos nós. Você disse exatamente o que estava em nossos corações – que o mundo não pode viver sem um culto; e que agora que Deus afinal foi conhecido...

Oliver moveu a mão. Não gostava nem um pouco de adulação.

– É muita gentileza sua, Sr. Francis. Certamente irei falar com o Sr. Snowford. Compreendo que vocês estão se oferecendo como... como Mestres de Cerimônias...?

– Isso, senhor, e como sacristãos. Eu estudei o ritual alemão com muito cuidado; é mais complexo do que imaginei. É preciso um bocado de destreza. Imagino que você vá querer pelo menos uma dúzia de *ceremoniarii* na Abadia, e outra dúzia nas sacristias dificilmente será demais.

Oliver assentiu abruptamente, olhando com curiosidade para o rosto afoito e patético do homem à sua frente; ainda assim este também tinha algo da aparência apática de padre que ele vira antes em outros. Era evidentemente um devoto.

– Vocês todos seriam maçons, não?

– Ora, mas é claro, Sr. Brand.

– Muito bem. Falarei ainda hoje com o Sr. Snowford, se eu puder ter com ele.

Deu uma olhada no relógio. Havia ainda três ou quatro minutos.

– Você viu a nova nomeação em Roma, senhor? – continuou o Sr. Francis.

Oliver fez que não com a cabeça. No momento ele não estava particularmente interessado em Roma.

– O Cardeal Martin morreu – ele morreu na terça – e seu lugar já foi ocupado.

– É mesmo, senhor?

– Sim – o novo homem era um amigo meu – Franklin, o nome dele é Percy Franklin.

– Hã?

– O que há, Sr. Brand? Você o conhecia?

Oliver o olhava sombriamente, um pouco pálido.

– Sim, eu o conhecia – disse calmamente. – Pelo menos, eu acho.

– Até um ou dois meses atrás, ele estava em Westminster.

– Sim, sim – disse Oliver, ainda o encarando. – E você o conhecia, Sr. Francis?

– Eu o conhecia – é, sim.

– Ah!, bem, um dia ficarei grato de tratar de algo acerca dele.

Ele o interrompeu. Ainda queria um minuto de seu tempo.

– Mais alguma coisa? – perguntou.

– Por ora é o que tenho a tratar – respondeu o outro. – Mas espero que você me permita dizer o quanto todos nós apreciamos o que você tem feito, Sr. Brand. Creio que não seja possível a ninguém além de nós compreender o que a perda do culto significa. A princípio foi bem estranho...

Sua voz tremeu um pouco, ele parou. Oliver se interessou e se deteve em seu movimento de levantar-se.

– Sim, Sr. Francis?

Os olhos castanhos melancólicos se voltaram para ele inteiros.

– Era uma ilusão, é claro, senhor – nós sabemos disso. Mas eu, de qualquer forma, me atiro à esperança de que tudo não foi só desperdício – todos os nossos anseios, penitência, adoração. Nós confundimos o nosso Deus, mas mesmo assim tudo isso chegou a ele – descobriu o caminho até o Espírito do Mundo. Isso nos ensinou que o indivíduo não era nada e que Ele era tudo. E agora...

– Sim, sim – disse o outro suavemente. Ele ficara realmente tocado.

Os olhos castanhos e tristes se abriram inteiramente.

– Agora o Sr. Felsenburgh finalmente veio. – Ele engoliu seco na garganta. – Julian Felsenburgh!

A sua voz gentil tinha um mundo de súbita paixão, e o coração de Oliver respondeu.

– Eu sei, senhor – disse. – Sei bem tudo isso que você quer dizer.

– Ah, afinal encontrar o nosso Salvador! – Francis exclamou. – Um que pode ser visto, tocado e adorado diante do Seu rosto! É como um sonho – bom demais para ser verdade!

Oliver deu uma olhada no relógio e se levantou repentinamente, estendendo a mão.

– Perdoe-me, senhor. Não posso ficar mais. Você me comoveu profundamente... Falarei com Snowford. Suponho que seu endereço esteja aqui, não?

Ele apontou para os papéis.

– Sim, Sr. Brand. E mais uma pergunta.

– Não posso me demorar, senhor – disse Oliver, sacudindo a cabeça.

– Um instante – é verdade que esse culto será compulsório?

Oliver assentiu com a cabeça enquanto reunia os papéis.

II

Sentada, aquela noite, na galeria atrás do assento do Presidente, Mabel já tinha olhado para o seu relógio uma meia dúzia vezes ao longo da última hora, a cada momento dese-

jando que estivesse mais próximo das nove horas do que imaginava. A essa altura ela já sabia bem que o Presidente da Europa não estaria ali nem meio minuto antes nem depois da hora marcada. A sua pontualidade extrema era famosa em todo o continente. Ele dissera às nove horas, então seria às nove horas.

Um som agudo de sino bateu vindo desde baixo e, num instante, a voz arrastada do orador parou. Mais uma vez ela ergueu o pulso, viu que faltavam cinco minutos para a hora; depois se inclinou à frente e observou, abaixo, o Parlamento.

Uma grande mudança se dera com o barulho metálico. Em todos os grandes assentos marrons, lá embaixo, os membros estavam se levantando e se arrumando com maior esmero, descruzando as pernas, pondo-se a segurar os chapéus em altura abaixo dos debruns de couro de suas roupas. Enquanto olhava, ela também viu o Presidente do Parlamento descendo os três degraus de seu assento, pois em poucos minutos um Outro precisaria daquele lugar.

O local estava cheio de cabo a rabo; um último homem chegou a entrar, vindo da penumbra da porta ao sul, e olhou distraidamente ao seu redor, na claridade, antes que visse o seu lugar desocupado. As galerias no extremo inferior também estavam ocupadas, lá embaixo, lá onde ela falhara em conseguir um lugar. Ainda assim, de todo o espaço repleto de gente não havia som nenhum além de um sussurrar sibilante; ela conseguiu ouvir, dos corredores abaixo, a nota rápida do sino se repetir enquanto os vestíbulos eram esvaziados; e da Praça do Parlamento, lá fora, mais uma vez veio o murmúrio denso da massa que estivera inaudível ao longo dos últimos vinte minutos. Quando parasse, ela haveria de saber que Ele tinha chegado.

Quão estranho e maravilhoso era estar aqui - entre todas as noites nesta, quando o Presidente falaria! Um mês antes

ele fora à votação de um projeto de lei similar na Alemanha e tinha feito um discurso sobre o mesmo assunto em Turim. Amanhã ele estaria na Espanha. Ninguém sabia onde ele estivera na semana anterior. Surgira o rumor de que o seu *volor* fora visto passando sobre o Lago de Como, mas foi instantaneamente negado. Ninguém sabia sequer o que ele diria esta noite. Poderiam ser três palavras ou vinte mil. O projeto tinha poucas cláusulas – notavelmente aquelas que diziam respeito à questão de quando o novo culto deveria ser tornado compulsório a todos os cidadãos maiores de sete anos – talvez ele objetasse e vetasse estas. Nesse caso, tudo deveria ser feito de novo e o projeto de lei reaprovado, a menos que o Parlamento aceitasse instantaneamente a emenda dele por aclamação.

Mabel, pessoalmente, estava inclinada a favor dessas cláusulas. Elas estabeleciam que, embora o culto fosse oferecido em cada igreja paroquial da Inglaterra no próximo primeiro dia de outubro, ele não seria compulsório para todos até o Ano Novo; isso, ao passo que a Alemanha, que tinha aprovado o projeto só um mês antes, fizera com que ele entrasse em vigor desde logo com força total, obrigando assim todos os católicos ou a deixar o país sem demora ou a sofrerem as penalidades. Essas penalidades não eram vingativas: para um primeiro delito, uma semana de detenção; para um segundo, um mês de cadeia; para um terceiro, um ano; para um quarto, prisão perpétua até que o criminoso se submetesse. Eram condições misericordiosas, assim pareciam; pois mesmo o aprisionamento não significava nada mais que um confinamento justificado e o emprego em trabalhos do Governo. Aí não havia terror medieval algum; e o ato de culto exigido era, aliás, tão pequeno; não consistia em mais que a presença física na igreja ou catedral nos quatro novos festivais da Maternidade, da Vida, da Nutrição e da Paternidade, celebrados no

primeiro dia de cada trimestre. Os cultos dominicais seriam inteiramente voluntários.

Ela não conseguia compreender como algum homem poderia se negar a essa reverência. Essas quatro coisas eram fatos – eram manifestações do que ela chamava de Espírito do Mundo – e, caso outros chamem a isso Poder de Deus, ainda assim tais coisas certamente deveriam ser consideradas funções suas. Onde, então, estava a dificuldade? Não era o caso de o culto cristão não ser permitido, desde que sob as condições de praxe. Os católicos ainda podiam ir à missa. E mesmo assim coisas apavorantes tinham se prenunciado na Alemanha: não menos que doze mil pessoas já tinham deixado o país e ido para Roma; e se comentava que quarenta mil poderiam se negar a esse simples ato de reverência nos próximos dias. Aturdia-a e a irritava pensar a respeito.

Para ela, o novo culto era o sinal de coroação do triunfo da Humanidade. Seu coração tinha ansiado por algo como isso – alguma declaração pública e coletiva daquilo em que todos acreditavam agora. Ela tinha se condoído tanto da obtusidade das pessoas que se contentavam com a ação e nunca davam atenção aos seus estímulos. De fato, esse instinto nela era verdadeiro; ela desejava ficar de pé junto aos seus companheiros em algum lugar solene, consagrado não por padres, mas pela vontade do homem; desejava ter a lhe inspirar o doce canto e o som forte dos órgãos; queria dizer de sua tristeza com milhares de pessoas ao seu lado, estando febril com o sentimento de imolação diante do Espírito de tudo; queria cantar em voz alta o seu louvor à glória da vida e oferecer, com sacrifício e incenso, uma reverência emblemática Àquilo de que ela tirara o seu ser e a que um dia ela o devolveria novamente. Ah!, esses cristãos tinham compreendido a natureza humana, dissera a si mesma mil vezes: é verdade que eles a aviltaram, obscureceram a luz, envenenaram o pensamento, interpretaram mal

o instinto; mas tinham compreendido que o homem tem de adorar – tem de adorar ou sucumbir.

No que dizia respeito a si mesma, pretendia ir pelo menos uma vez por semana à velha igreja situada a meia milha de distância da sua casa, ajoelhar-se lá diante do santuário ensolarado, meditar sobre mistérios amáveis, apresentar-se a si mesma Àquilo que ela ansiava amar, e beber, quem sabe, novos tragos de vida e poder.

Ah, mas primeiro o projeto de lei precisa ser aprovado... Ela apertou as mãos sobre a cadeira e olhou fixamente à sua frente as fileiras de cabeças, os corredores vazios, a grande clava sobre a mesa e ouviu, por sobre o murmúrio da multidão do lado de fora e dos sussurros esmorecentes do lado de dentro, o seu próprio coração bater.

Não podia vê-lo, ela sabia. Ele entraria, lá embaixo, através de uma porta que ninguém, exceto Ele, podia usar, indo direto para o assento sob o dossel. Mas ela poderia ouvir a voz d'Ele – isso lhe seria alegria o bastante...

Ah, agora se instalou o silêncio lá fora; o brando falatório sumira. Então Ele tinha chegado. E através de seus olhos carregados ela viu as extensas cordilheiras de cabeças se erguerem abaixo dela e, através dos ouvidos a martelar, ouviu o soar de muitos pés. Todos os rostos se voltaram nessa direção, e ela olhou para eles como se para um espelho onde visse refletida a luz da presença d'Ele. Havia um soluçar delicado em alguma parte no ar – seria dela mesma ou de outra pessoa?... o abrir de uma porta; uma efervescência suave vinda desde cima, batida após batida, à medida que os imensos sinos-tenores repicaram as suas três batidas; e, num instante, uma onda atravessou os rostos, como se alguma brisa de paixão lhes atingisse dentro as almas; houve alguma movimentação aqui e ali; e uma voz fria falou umas poucas palavras em esperanto, sem se mostrar:

"Povo da Inglaterra, eu ratifico a lei de culto."

III

Foi só no almoço que marido e esposa se encontraram novamente. Oliver tinha dormido na cidade e telefonara por volta das onze horas dizendo que logo estaria em casa, trazendo com ele um convidado: e, pouco antes de meio-dia, ela ouviu as vozes deles na sala.

O Sr. Francis, que foi imediatamente apresentado a ela, parecia um tipo apático de homem, ela pensou, um tipo desinteressante, embora ele parecesse efusivo acerca do projeto de lei. Não foi antes de a refeição ter quase terminado que ela veio a compreender quem ele era.

- Não vá, Mabel - disse o seu marido, quando ela fez menção de ser levantar. - Você irá gostar de ouvir isso, espero. A minha esposa sabe de tudo que eu sei - acrescentou.

O Sr. Francis sorriu e fez uma reverência.

- Posso falar para ela a seu respeito, senhor? - disse Oliver novamente.

- Ora, mas é claro.

Então ela ouviu que ele tinha sido um padre católico uns poucos meses atrás e que o Sr. Snowford estava mantendo contanto com ele acerca das cerimônias da Abadia. Ela se deu conta de um súbito interesse, tão logo ouviu isso.

- Ah!, pois falem - ela disse. - Quero saber de tudo.

Ao que parece, o Sr. Francis tinha visto o novo Ministro de Culto Público naquela manhã e sido encarregado das cerimônias do primeiro de outubro. Duas dúzias de seus colegas também seriam arroladas entre os *ceremoniarii*, ao menos por

ora – e depois eles seriam mandados em viagem a dar palestras para organizar o culto nacional em todo o país.

Claro que no começo as coisas seriam um tanto descuidadas, disse o Sr. Francis, mas se esperava que por volta do Ano Novo tudo estivesse em ordem, pelo menos nas catedrais e nas principais cidades.

– É importante – disse ele – que isso seja feito o mais rápido possível. É da maior importância causar uma boa impressão. Existem milhares de pessoas com o instinto de adoração, mas sem saberem como satisfazê-lo.

– Verdade – disse Oliver. – Sinto isso há muito tempo. Suponho que seja o instinto mais profundo do homem.

– Quanto às cerimônias... – continuou o outro, com ligeiro ar de importância. Os seus olhos vaguearam por um momento; depois mergulhou a mão no bolso interno de seu paletó e tirou um pequeno livro de capa vermelha.

– Aqui está o Ordinário do Culto para a Festa da Paternidade – disse. – Eu coloquei nele algumas folhas de observação e fiz umas poucas anotações.

Ele começou a virar as páginas e Mabel, com considerável empolgação, pôs sua cadeira mais perto para ouvir.

– Muito bem, senhor – disse o outro. – Agora nos dê uma aula.

O Sr. Francis fechou o livro, marcando-lhe uma página com o dedo, pôs o seu prato de lado e começou a discursar.

– Em primeiro lugar – ele disse –, nós precisamos lembrar que este ritual é baseado quase todo no dos maçons. Pelo menos três quartos de toda a cerimônia serão ocupados por isso. Nisso os *ceremoniarii* não irão mexer, limitando-se a ver se as insígnias estão prontas nas sacristias e adequadamente dispostas. Os vigários, a quem cabe isso, conduzirão o resto... Assim, não preciso falar delas. As dificuldades começam com o último quarto.

Ele parou, e com um olhar de desculpas começou a organizar os gafos e copos sobre o pano da mesa à sua frente.

– Agora vejam – disse –, aqui está o velho santuário da abadia. No lugar do retábulo e da mesa de comunhão, será erigido o grande altar de que o ritual fala, com degraus levando até ele desde o chão. Atrás do altar – estendendo-se quase até o velho sacrário do confessionário –, será erguido o pedestal sobre o qual estará a imagem emblemática; e, até onde posso compreender, pela falta de orientações, cada uma dessas imagens permanecerá no lugar até a véspera da próxima festa trimestral.

– Que tipo de imagem? – interpôs a garota.

Francis olhou para o marido dela.

– Imagino que o Sr. Markenheim tenha sido consultado – ele disse. – Ele irá projetá-las e executá-las. Cada uma deve representar a sua própria festa. A imagem para a da Paternidade...

Ele parou mais uma vez.

– Sim, Sr. Francis?

– Essa, eu compreendo que seja a imagem de um homem nu.

– Uma espécie de Apolo – ou Júpiter, minha querida – interveio Oliver.

Sim – isso parecia muito certo, pensou Mabel. A voz do Sr. Francis prosseguiu apressadamente.

– Nesse ponto entra uma nova procissão, depois do discurso – ele disse. – Isso é que precisará de uma atenção especial. Suponho que não será possível fazer nenhum ensaio, não?

– Dificilmente – disse Oliver, sorrindo.

O mestre de cerimônias suspirou.

– Era o que eu temia. Então devemos seguir cada instrução precisa do ordinário. Aqueles que estão participando vão se retirar, creio eu, durante o hino, para a velha capela de Santa Fé. É o que me parece melhor a se fazer.

Ele apontou para a capela.

– Depois da entrada da procissão, todos vão ocupar seus lugares nestes dois lados – aqui – e aqui – enquanto o celebrante com os sagrados ministros...

– Hã?

– O Presidente da Europa – ele se interrompeu. – Ah, aí é que está. O Presidente vai participar? Isso não está claro no ritual.

– Acreditamos que sim – disse Oliver. – Isso lhe será proposto.

– Bom, não sendo assim, creio que o Ministro de Cultos Públicos vá oficiar. Ele com os seus assistentes passam direto até os degraus do altar. Lembrem-se de que a imagem ainda está encoberta e que as velas foram acesas à medida que se aproximava a procissão. Em seguida, vêm as Aspirações, impressas com as respostas no ordinário. São cantadas pelo coro e vão causar grande impressão, creio eu. Então o oficiante sobe sozinho o altar e, em pé lá em cima, fez o Discurso, como é chamado. Ao fim – quer dizer, no momento marcado aqui com uma estrela –, os acólitos vão sair da capela, em número de quatro. Um sobe o altar, deixando os outros balançando seus incensários embaixo – passam estes para o oficiante e se retiram. Ao som de um sino as cortinas são puxadas, o oficiante incensa a imagem em silêncio com quatro movimentos duplos com os incensários e, quando ele pára, o coro canta a antífona determinada.

Agitou as mãos.

– O resto é fácil – disse. – Nem precisamos discutir.

À Mabel, até as cerimônias anteriores pareciam bem fáceis. Mas foi alertada.

– Você não tem idéia, Sra. Brand – prosseguiu o *ceremoniarus* –, das dificuldades envolvidas numa coisa simples como essa.

A estupidez das pessoas é prodigiosa. Já prevejo um bocado de trabalho para nós todos... Quem fará o discurso, Sr. Brand?

Oliver sacudiu a cabeça.

– Não faço idéia – disse. – Creio que escolherão o Sr. Snowford.

O Sr. Francis o olhou com um ar de dúvida.

– Qual a sua opinião sobre isso tudo, senhor? – ele disse.

Oliver aguardou um momento.

– Eu acho que é necessário – ele começou. – Não haveria uma procura como essa pelo culto se não houvesse uma necessidade real. Eu também acho – sim, acho que no geral o ritual é marcante. Não vejo como poderia ser melhorado...

– Como assim, Oliver? – interveio sua esposa, inquisitiva.

– Não, não é nada, é só que... só que espero que as pessoas compreendam isso.

O Sr. Francis interrompeu.

– Meu caro, culto envolve um elemento de mistério. Você deve ter isso em mente. Foi a falta disso que tornou possível o Dia Imperial no último século. De minha parte, eu acho admirável. Claro que muito dependerá da maneira como for apresentado. Por ora vejo muitos detalhes dúbios – a cor das cortinas... e assim por diante. Mas o plano fundamental é magnífico. É simples, marcante e, acima de tudo, inequívoco em sua principal lição...

– Que seria a de...

– Creio que seja a reverência à Vida – disse devagar o outro. – A vida sob quatro aspectos – a Maternidade corresponde ao Natal e à fábula cristã; é a festa do lar, do amor, da fidelidade. A própria vida é tomada como fresca, prolífica, jovem, apaixonada. A Nutrição, em pleno verão, é riqueza, conforto, abundância e o resto, de certa forma correspondendo à festa católica de Corpus Christi; e a Paternidade, a idéia proteto-

ra, geradora, mestra, quando o inverno vem chegando... Creio que é isso que os alemães têm em mente.

Oliver assentiu.

– Sim – ele disse. – Creio que caberá ao orador nos explicar tudo isso.

– Também acho. Parece-me bem mais sugestivo que o outro plano – Cidadania, Trabalho, etc. Tudo isso, afinal de contas, está subordinado à Vida.

O Sr. Francis falava com um extraordinário entusiasmo contido, e a aparência de padre estava mais evidente que nunca. Estava claro que o seu coração no mínimo necessitava adorar.

Mabel apertou as mãos uma contra a outra repentinamente.

– Eu acho que está lindo – ela disse calmamente – e... e é tão real.

O Sr. Francis se voltou para ela com um brilho em seus olhos castanhos.

– Ah, sim, madame. Se é. Não tem fé nenhuma, como chamavam antes: é a visão de Fatos de que ninguém pode duvidar; e o incenso declara a divindade única da Vida bem como de seu mistério.

– E quanto às imagens? – interveio Oliver.

– Uma imagem de pedra é impossível, claro. Por ora tem de ser de barro. O Sr. Markenheim deverá começar a trabalhar imediatamente. Se as imagens forem aprovadas, poderão então ser executadas em mármore.

De novo Mabel falou com uma seriedade terna.

– Parece-me – disse ela – que essa era a última coisa de que precisávamos. É tão difícil manter nossos princípios com clareza – nós temos de lhe dar corpo – algum tipo de expressão...

Ela parou.

– Mas então, Mabel?

– Eu não quero dizer – prosseguiu – que alguns não podem viver sem isso, mas que muitos não podem. Aquilo que é inimaginável precisa de imagens concretas. Deve haver algum canal pelo qual as suas aspirações possam passar – ah, não consigo me expressar bem.

Oliver assentiu vagarosamente. Ele também parecia estar com um ânimo meditativo.

– Sim – ele disse. – E isso, creio eu, também moldará os pensamentos das pessoas: fará com que fique de fora todo o perigo de superstição.

O Sr. Francis se virou para ele abruptamente.

– O que você acha da nova Ordem Religiosa do Papa, senhor?

O rosto de Oliver ficou com um ar algo sinistro.

– Acho que esse foi o pior passo que ele já deu – para ele próprio, quero dizer. Ou isso é um esforço real, o que irá provocar uma indignação imensa – ou um fingimento, o que o colocará em descrédito. Por que você perguntou?

– Estava imaginando se não haveria alguma confusão na abadia.

– Eu teria pena do agitador.

Uma campainha penetrante tocou na sala de telefone. Oliver se levantou e foi até lá. Mabel o olhava quando ele apertou um botão – disse seu nome e pôs o fone no ouvido.

– É a secretária de Snowford – disse afobadamente aos dois rostos expectantes. – Snowford quer que... ah!

De novo disse o seu nome e ouviu. Ouviram-lhe uma ou duas frases que pareciam significantes.

– Ah, isso é certeza, mesmo? Sinto muito... Sim... Ah, mas já é melhor que nada... Sim; ele está aqui... É verdade. Muito bem; iremos diretamente até você.

Ele olhou para o aparelho, apertou o botão novamente e voltou para onde os outros.

– Desculpem – ele disse. – O Presidente não participará da Festa. Mas não se sabe se ele estará ou não presente. O Sr. Snowford quer nos ver imediatamente, Sr. Francis. Markenheim está com ele.

Mas, embora Mabel estivesse ela própria desapontada, pensou que ele parecia ter ficado mais sério do que seria de esperar por conta do desapontamento.

Capítulo V

I

Percy Franklin, o novo Cardeal Protetor da Inglaterra, veio vagarosamente, pelo corredor que dava acesso aos aposentos do Papa, tendo Hans Steinmann, Cardeal Protetor da Alemanha, a bufar do seu lado. Eles entraram no elevador, ainda em silêncio, e depois seguiram, duas esplêndidas e vívidas figuras, um ereto e viril, o outro curvado, gordo e todo alemão, dos óculos aos pés chatos com calçados de fivela.

À porta do seu aposento, Percy parou, fez um pequeno gesto de reverência e entrou sem nada dizer.

Um secretário, o jovem Sr. Brent, recém-chegado da Inglaterra, ficou de pé quando seu patrão entrou.

- Eminência - ele disse -, a documentação inglesa chegou.

Percy estendeu uma das mãos, pegou um papel, seguiu para a sua sala mais reservada e se sentou.

Lá estava tudo - manchetes gigantescas e quatro colunas de tinta interrompidas por retrancas assombrosas em caixa alta, de acordo com a moda lançada pela América cem anos antes. Ainda não se tinha descoberto melhor meio de desinformar o tolo.

Ele olhou para o topo. Era a edição inglesa do *Era*. Depois leu os títulos. Eram estes:

"O CULTO NACIONAL. ESPLENDOR DESCONCERTANTE. ENTUSIASMO RELIGIOSO. A ABADIA E DEUS. FANÁTICO CATÓLICO. EX-PADRES COMO FUNCIONÁRIOS."

Ele passou os olhos até o fim da página, lendo as pequenas e vívidas frases, e do todo extraindo uma espécie de visão impressionista das cenas na Abadia no dia anterior, sobre o que ele já tinha sido informado via telégrafo, e assunto esse cuja discussão tinha sido a finalidade de sua entrevista pouco antes com o Santo Padre.

Manifestamente não havia notícias novas; e ele estava largando o jornal quando seus olhos apanharam um nome.

"Sabe-se que o Sr. Francis, o *ceremoniarius* (para o qual vão os agradecimentos de todos pelo seu respeitoso zelo e habilidade), partirá em breve para as cidades do norte para ensinar acerca do Ritual. É interessante pensar que esse cavalheiro estava há apenas umas poucas semanas oficiando em um altar católico. Ele foi assistido em seus trabalhos por vinte e quatro confrades, tão experientes quanto ele."

- Meu bom Deus! - disse Percy em voz alta. Depois largou o jornal.

Mas seus pensamentos logo abandonaram esse renegado e, mais uma vez, ele estava repassando em sua mente a importância da coisa toda e o conselho que ele pensara era seu dever dar, momentos antes, lá em cima.

Resumidamente, era inútil negar o fato de que o início do culto panteísta tinha sido um sucesso tão estupendo na Inglaterra quanto na Alemanha. A França, aliás, ainda estava demasiado ocupada com o culto de seres humanos para desenvolver idéias mais amplas.

Mas o buraco da Inglaterra era mais embaixo; e, de algum modo, apesar da profecia, a coisa se dera sem sequer um toque de patético ou grotesco. Dizia-se que a Inglaterra era bastante resistente e bem-humorada. Ainda assim, cenas extraordinárias tinham se dado no dia anterior. Um grande murmúrio de entusiasmo se espalhara pela Abadia de ponta a ponta quando as magníficas cortinas se abriram e uma gigantesca imagem masculina, majestosa e imponente, colorida com esquisita perícia, mostrou-se acima do brilho das velas e contra a tela alta que envolvia o sacrário. Markenheim fizera bem o seu trabalho; e o discurso apaixonado do Sr. Brand tinha preparado bem a mentalidade popular para a revelação. Ele citara em seu discurso uma passagem atrás da outra tirada dos profetas judeus, falando da Cidade da Paz, cujos muros agora se erguiam diante dos seus olhos.

"Levanta-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti... Porque, eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá mais lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão... Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra, desolação nem destruição nos teus termos; mas aos teus muros chamarás Salvação, e às tuas portas Louvor. Tu, oprimida, arrojada com a tormenta e desconsolada, eis que eu assentarei as tuas pedras com todo o ornamento, e te fundarei sobre as safiras... E farei os teus vitrais de rubis, e as tuas portas de carbúnculos, e todos os teus termos de pedras aprazíveis. Levanta-te, resplandece, porque vem a tua luz."

Quando o tinir dos incensários soou no silêncio, num só gesto a multidão imensa se arrojou de joelhos e assim permaneceu, enquanto a fumaça subia das mãos daquele sujeito, esse rebelado, que segurava o turíbulo. Em seguida, o órgão

começou a soprar e, do imenso coro reunido nos transeptos, se desprendeu a antífona, interrompida por um grito inflamado de algum católico ensandecido. Mas este foi silenciado num instante...

Era inacreditável - completamente inacreditável, Percy disse consigo. Ainda assim o inacreditável tinha acontecido, e a Inglaterra descobriu o seu culto mais uma vez - a culminação necessária da subjetividade desenfreada. Vinham notícias similares das províncias. As mesmas cenas se deram numa catedral após a outra. A obra-prima de Markenheim, executada em quatro dias após a aprovação da lei, fora reproduzida por meios mecânicos simples, e quatro mil réplicas tinham sido despachadas para todos os centros importantes. Relatos enviados por telégrafo davam conta, nos jornais de Londres, de que em toda parte o novo movimento tinha sido recebido com aclamação e de que os instintos humanos finalmente encontraram um meio adequado de expressão. Se não existisse um Deus, devaneou Percy a rememorar, seria preciso inventar um. Ele também estava impressionado com a habilidade com que o novo culto tinha sido concebido. Este não aventava questões dúbias; não havia nenhuma possibilidade de que divergências políticas viessem a estragá-lo, nenhuma insistência abusiva acerca da cidadania, do trabalho e de todo o resto para aqueles que, em segredo, eram individualistas e indolentes. A vida era a fonte e centro disso tudo, vestida com as túnicas suntuosas do antigo culto. Claro que a idéia tinha sido de Felsenburgh, embora um nome alemão tenha sido mencionado. Era uma espécie de positivismo, catolicismo sem cristianismo, adoração da humanidade sem as suas inconveniências. Não o homem, mas a Idéia do homem é que era cultuada, desprovida de seu princípio sobrenatural. O sacrifício também era contemplado - o instinto de oblação, mas sem a exigência feita pela Santidade transcendente sobre a culpa

sangrenta do homem... Na verdade, na verdade – disse Percy –, tudo isso tinha a esperteza do diabo e a frieza de Caim.

A recomendação que ele acabara de fazer ao Santo Padre era ou um conselho de desespero ou um conselho de esperança; ele realmente não sabia se de um ou outra. Tinha instado que deveria ser emitido um decreto rigoroso, proibindo qualquer ato de violência da parte dos católicos. Os fiéis deveriam ser encorajados a serem pacientes, a se manterem inteiramente distantes do culto, a dizer nada além daquilo que lhes for perguntado, a sofrer a prisão alegremente. Ele sugeriu, junto com o Cardeal alemão, que ambos deveriam retornar aos seus respectivos países ao fim do ano para encorajar os vacilantes; mas a resposta foi que a vocação deles era permanecer em Roma, a menos que algo imprevisto acontecesse.

Acerca de Felsenburgh, eram poucas as notícias. Dizia-se que ele estava no oriente, mas detalhes adicionais eram secretos. Percy compreendeu bem por que ele não estivera presente no culto, tal como se esperava. Primeiro, porque seria difícil se decidir por qual dos dois países que o haviam estabelecido; segundo, porque ele era um político brilhante demais para se arriscar a uma possível associação de fracasso a si próprio; terceiro, algo estava acontecendo no oriente.

A última questão era difícil compreender; ainda não tinha se tornado explícito, mas parecia que o movimento do último ano ainda não tinha chegado ao fim. Era sem dúvida difícil explicar as constantes ausências do Presidente do seu continente adotivo, a menos que houvesse, em algum lugar, algo que lhe demandasse atenção; mas a extrema discrição do oriente e as precauções rigorosas tomadas pelo Império tornaram impossível saber quaisquer detalhes. Aparentemente era algo ligado a religião; lá havia rumores, presságios, profetas, extáticos.

Sobre o próprio Percy descera uma mudança sutil, de que ele próprio estava se dando conta. Ele não mais se elevava à confiança nem mergulhava no desespero. Ele tinha dito a sua missa, lido a sua correspondência enorme, meditado rigorosamente; e, embora nada sentisse, sabia de tudo. Não havia sequer um traço de dúvida em sua fé, mas tampouco emoção nela. Ele estava como um homem que tivesse trabalhado nos abismos da terra, massacrado mesmo em imaginação, ainda que consciente de que em algum lugar os pássaros cantavam, e o sol brilhava, e a água corria. Ele compreendeu bem o seu próprio estado e percebeu que tinha chegado a uma realidade da fé que lhe era nova, pois era pura fé - pura apreensão do Espiritual -, sem os perigos nem as alegrias da visão imaginativa. Ele expressou isso para si mesmo dizendo que existiam três processos pelos quais Deus guiava a alma: o primeiro era a fé exterior, a qual dá assentimento a todas as coisas apresentadas pela autoridade habitual, pratica a religião e não é nem interessada nem duvidosa; o segundo segue a vivificação dos poderes emocionais e perceptivos da alma e tem início com consolações, desejos, visões místicas e perigos; é nesse estágio que decisões são tomadas, vocações encontradas e fracassos experimentados; e o terceiro processo, misterioso e inexpressável, consiste no religamento com a esfera puramente espiritual de que tudo procede (como uma peça que se segue ao ensaio), no qual Deus é apanhado mas não experimentado, a graça é absorvida inconsciente e até desagradavelmente e, pouco a pouco, o espírito interior, no mais fundo de seu ser, nas esferas mais interiores da emoção e da percepção intelectual, se conforma à imagem e mente do Cristo.

Assim, agora se reclinou, pensando, aquela figura longa, imponente e escarlate, em sua poltrona, fitando a Santa Roma através da névoa sombria de setembro. Por quanto

tempo, pensou, haveria paz ali? Aos seus olhos, o ar já estava negro de destruição.

Por fim, tocou a sua campainha de mesa.

– Traga-me o último relatório do Padre Blackmore – disse, quando o seu secretário apareceu.

II

As faculdades intuitivas de Percy eram aguçadas por natureza e tinham sido enormemente alargadas pelo seu cultivo. Ele nunca tinha esquecido as observações sagazes do Padre Blackmore de um ano atrás, e uma de suas primeiras medidas como Cardeal Protetor foi a de designar esse padre para a lista de correspondentes ingleses. Até o momento ele tinha recebido uma vintena de cartas, sem que nenhuma deixasse de ter as suas preciosidades. Notou, em especial, que uma advertência se estendia por todas elas, a saber, a de que mais cedo ou mais tarde poderia haver algum ato de manifesta provocação da parte dos católicos ingleses, e fora a recordação disso que lhe tinha inspirado as súplicas veementes ao Papa nessa manhã. Tal como quando das perseguições romanas e africanas nos três primeiros séculos, agora o maior perigo para a comunidade católica não estava nas medidas injustas do Governo, mas num zelo indiscreto dos próprios fiéis. O mundo nada de melhor poderia esperar que um punho para a sua espada. A bainha já tinha sido atirada fora.

Quando, na manhã anterior, o jovem homem lhe trouxera as quatro folhas cuidadosamente escritas, datadas de Westminster, Percy de imediato voltou sua atenção ao último parágrafo, antes das recomendações habituais.

"O ex-secretário do Sr. Brand, o Sr. Philips, o qual Sua Eminência recomendou a mim, veio me ver duas ou três vezes. Ele está em um estado curioso. Ele não tem fé nenhuma; ainda assim, intelectualmente ele não vê esperança em lugar algum, a não ser na Igreja Católica. Ele até suplicou para entrar na Ordem de Cristo Crucificado, o que é evidentemente impossível. Mas não há dúvida de que ele é sincero; caso contrário, teria professado o catolicismo. Eu o apresentei a muitos católicos na esperança de que possam ajudá-lo. Gostaria muito que Sua Eminência o visse."

Antes de deixar a Inglaterra, Percy tinha prosseguido no trato com aquele que conhecera tão estranhamente, por ocasião da reconciliação da Sra. Brand com Deus, e, mal sabendo por que, tinha-o recomendado ao padre. Ele não tinha se impressionado particularmente com o Sr. Philips; ele o achara uma criatura tímida e indecisa, embora tivesse sido surpreendido pela ação extremamente altruísta por conta da qual o homem perdera a sua posição. Ali, sem dúvida, havia algo de muito bom por trás.

E agora veio o impulso de mandar que o trouxessem até ele. Talvez a atmosfera espiritual de Roma precipitasse a fé. De qualquer modo, a conversão do ex-secretário do Sr. Brand poderia ser instrutiva.

– Sr. Brent – ele disse –, na sua próxima carta ao Padre Blackmore diga a ele que desejo ver o homem que propôs mandar para cá – o Sr. Philips.

– Sim, Eminência.

– Não há pressa. Que o mande quando puder.

– Sim, Eminência.

– Mas ele não deve vir antes de janeiro. Será tempo o suficiente, a não ser que haja motivo de urgência.

– Sim, Eminência.

A Ordem de Cristo Crucificado tinha progredido com um sucesso quase milagroso. O apelo feito pelo Santo Padre a toda a cristandade tinha sido como fogo sobre restolho. Era como se o mundo cristão tivesse chegado exatamente àquele ponto de tensão no qual uma nova organização de sua natureza era necessária, e a resposta tinha impressionado mesmo os mais exaltados. Quase toda a Roma e seus subúrbios - três milhões de pessoas, no total - tinha acorrido aos postos de alistamento na Praça São Pedro, como os famintos correm até a comida e os desesperados para a tomada de uma frente de guerra. Pois, dia após dia, o próprio Papa sentara coroado sob o altar do trono, uma figura radiante, gloriosa, mais branca e exausta à medida que a noite vinha, transmitindo a sua Bênção, com um sinal silencioso, a cada indivíduo da enorme multidão que saltava as barreiras, revigorado com o jejum e a Comunhão, para se ajoelhar diante do seu novo superior e beijar o anel pontifício. As exigências tinham sido tão rigorosas quanto as circunstâncias permitiam. Cada postulante era obrigado a confessar-se com um padre especialmente autorizado para tanto, o qual examinava detidamente as motivações e a sinceridade, e apenas um terço dos postulantes era aceito. Isso, as autoridades observavam aos escarnecedores, não era uma porção excessiva, pois se devia lembrar que a maioria daqueles que se apresentaram já tinha comido do pão que o diabo amassou. Dos três milhões em Roma, pelo menos dois milhões eram constituídos de pessoas exiladas por causa da sua fé, as quais preferiram viver obscuras e desprezadas sob a sombra de Deus do que no resplandecer desolado dos seus próprios países infiéis.

No quinto dia de alistamento dos noviços, deu-se um incidente impressionante. O velho Rei da Espanha (o segundo filho da Rainha Vitória), já com o pé na cova, tinha acabado de sair da cama e cambaleou até ficar diante do seu Soberano;

por um instante pareceu que ele fosse cair, quando o próprio Papa, num movimento repentino, se levantou, o apanhou em seus braços e o beijou; e então, ainda de pé, abriu os braços e proferiu um *fervorino* como nunca antes se ouvira na história da basílica.

– *Benedictus Dominus!* – ele exclamou, com o rosto erguido e os olhos brilhantes. – Louvado seja o Senhor Deus de Israel, pois Ele visitou e redimiu o Seu povo. Eu, João, Vigário de Cristo, Sevo dos Servos e pecador entre pecadores, eu vos ordeno que tenhais a boa coragem em nome de Deus. Em nome d'Aquele que pendeu da Cruz, eu prometo a vida eterna a todo aquele que perseverar em Sua Ordem. Ele próprio o disse. *Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida.* Meus pequenos filhos, não temais aquele que mata o corpo. Não há nada mais que ele possa fazer. Deus e Sua Mãe estão entre nós...

Assim sua voz se derramou, falando, à imensa multidão tomada de assombro, do sangue que já tinha sido derramado no lugar onde estavam, do corpo do Apóstolo que jazia a menos de cinqüenta metros dali, incitando, encorajando, inspirando. Eles tinham se oferecido à morte, se essa fosse a vontade de Deus; e, se não fosse, a intenção havia de ser tomada como fato. Agora eles estavam submetidos; suas vontades não eram mais suas, mas de Deus; estavam entregues à castidade – pois seus corpos tinham um preço; entregues à pobreza, a qual lhes era o reino do céu.

Ele concluiu com uma grande e silenciosa Bênção da Cidade e do Mundo: e houve não menos que meia dúzia de fiéis que viram, assim acharam, algo branco, com a forma de um pássaro, que, enquanto ele falava, pairou no ar alvo como uma névoa, translúcido como água...

Não tinham paralelo as cenas que se seguiram na cidade e nos subúrbios, pois milhares de famílias haviam, de uma vez, desfeito os laços humanos. Maridos foram dar nas casas

imensas, no Quirinal, que para eles foram separadas; as esposas foram dar no Aventino; enquanto as crianças, tão confiantes quanto seus pais, invadiram as Irmãs de São Vicente, as quais tinham recebido, por disposição do Papa, o donativo de três ruas para abrigar aquelas. De toda parte, subia a fumaça de queimadas nos bairros onde casas, tornadas inúteis pelos votos de pobreza, eram incendiadas pelos seus ex-donos; e, diariamente, trens extensos saíam da estação, fora da cidade, carregando levas de jubilosos que tinham sido despachados pelos delegados do Papa para serem o sal dos homens, serem exauridos em sua missão e deixados imersos nas vastas extensões de um mundo infiel. E esse mundo infiel os saudou com risadas amargas.

Do resto da cristandade vieram notícias de sucessos. Como em Roma, as mesmas precauções tinham sido tomadas, pois as orientações emitidas eram precisas e rigorosas, e dia após dia chegavam as longas listas de novos religiosos, elaboradas por superiores diocesanos.

Nos últimos dias, outras listas chegaram, mais gloriosas que todas as outras. Os relatórios não diziam apenas que a Ordem já havia começado o seu trabalho e que comunicações interrompidas estavam sendo restabelecidas, que os missionários devotos estavam se organizando e que a esperança estava surgindo mais uma vez nos corações dos mais desesperados; mas, melhores que tudo isso, eram as notícias da vitória em outra esfera. Em Paris, em um único dia queimaram vivos quarenta membros da recém-nascida Ordem, no Quartier Latin, antes que o Governo interviesse. Da Espanha, Holanda e Rússia chegaram outros nomes. Em Düsseldorf, dezoito homens e garotos, surpreendidos enquanto cantavam as Laudes na igreja de São Lourenço, tinham sido jogados, um por um, no depósito de esgoto da cidade, cada um a cantar enquanto era atirado:

"Christi Fili Dei vivi miserere nobis",

e da escuridão subia a mesma canção entrecortada, até que foi silenciada com pedras. Enquanto isso, as prisões alemãs estavam abarrotadas com os primeiros lotes de inconformistas. O mundo dava de ombros e declarava que tinham sido eles que atraíram isso sobre si mesmos, enquanto não apreciava a violência da massa e requeria a atenção das autoridades e a repressão decisiva dessa nova conspiração da superstição. E, dentro da Igreja de São Pedro, os empregados estavam ocupados com as novas fileiras de altares, afixando aos dípticos de pedra os nomes, gravados em metal, daqueles que já tinham cumprido com os seus votos e ganhado suas coroas.

Era essa a primeira palavra da resposta de Deus ao desafio do mundo.

Quando o Natal se aproximava, foi anunciado que o Soberano Pontífice celebraria missa no último dia do ano, no altar papal de São Pedro, em intenção da Ordem; e os preparativos começaram a ser feitos.

Deveria ser uma espécie de inauguração pública da nova iniciativa; e, para surpresa de todos, uma convocação especial foi feita aos membros do Sacro Colégio do mundo todo, para que estivessem presentes, a menos que impedidos por motivo de doença. Era como se o Papa tivesse determinado que o mundo precisava compreender que a guerra estava declarada; pois, embora a ordem não envolvesse a ausência de qualquer Cardeal em sua província por mais que cinco dias, ainda assim muitas inconveniências certamente adviriam. Contudo, assim fora dito e assim haveria de ser feito.

Era um Natal estranho.

Percy tinha ordens de assistir o Papa em sua segunda missa, e ele próprio disse a sua terceira à meia-noite em seu ora-

tório privado. Pela primeira vez em sua vida, ele viu aquilo de que ele tão freqüentemente ouvira falar, a antiga e maravilhosa procissão pontifícia, iluminada por tochas, indo pelas ruas de Latrão até Santa Anastácia, onde o Papa, nos últimos anos, havia restaurado o costume antigo que fora abandonado por quase um século e meio. A pequena basílica foi reservada, claro, cada canto seu, aos privilegiados; mas, do lado de fora, as ruas ao longo de toda a rota da catedral para a igreja – e, na verdade, os outros dois lados do triângulo também – eram uma única e densa massa de cabeças silenciosas e tochas flamejantes. O Santo Padre foi assistido no altar pelos serventes habituais; e Percy, do seu lugar, viu o drama divino da Paixão de Cristo representado através do véu da sua Natividade às mãos do Seu velho e angélico Vigário. Era difícil perceber o Calvário aqui; sem dúvida que era o ar de Belém, a luz celeste, não a escuridão sobrenatural, que irradiava sobre o altar singelo. Ali estava, sob as velhas mãos, mais a Criança chamada Maravilhosa do que o arrasado Homem de Dores.

Da tribuna, o coro cantou o *Adeste Fideles.*

"Venham, vamos, que adoremos, não choremos; exultemos, alegremos-nos, sejamos como criancinhas. Como por nós Ele se tornou criança, tornemo-nos infantis por Ele. Ponhamos as vestes da infância e os calçados da paz. Pois o Senhor reinou; Ele está vestido de beleza: o Senhor está vestido de força e vem aprumado. Ele estabeleceu o mundo que não há de passar: o Seu trono está preparado desde há muito. Ele é para sempre. Então muito se regozije, ó filha de Sião, grite de alegria, ó filha de Jerusalém; veja que teu Rei é chegado, para ti, o Santo, o Salvador do Mundo. Será então tempo de sofrer, pouco a pouco, quando o príncipe deste mundo recair sobre o Príncipe do Céu."

Assim meditou Percy, permanecendo à parte em seu momento de deslumbramento, lutando para se fazer pequeno e simples. Certamente que nada era difícil demais para Deus! Não poderia esse nascimento místico operar mais uma vez o que já antes fizera - sujeitar, pelo poder de sua fraqueza, tudo quanto há de orgulhoso e que exalta a si mesmo acima de tudo o que se chama Deus? Já tinha antes atraído reis sábios pelos desertos, bem como pastores a abandonar seus rebanhos. Agora tinha reis ao seu redor, ajoelhando-se com os pobres e os tolos, reis que depuseram suas coroas, que trouxeram o ouro de corações leais, a mirra do martírio desejado e o incenso de uma fé pura. Não poderiam também as repúblicas deixarem de lado o seu esplendor, as massas serem amansadas, o egoísmo negar a si mesmo e a sabedoria confessar a sua ignorância?...

Então se lembrou de Felsenburgh; e o seu coração se sobressaltou com ele.

III

Seis dias depois, Percy se levantou como de costume, disse sua missa, tomou o café da amanhã e se sentou para rezar o Ofício, até que seu empregado o chamasse para que se vestisse para a missa pontifícia.

Ele tinha se acostumado a esperar que más notícias chegassem com tamanha constância - apostasias, mortes, perdas -, que a calmaria da semana anterior lhe fora um descanso extraordinário. Era como se as suas reflexões em Santa Anastácia tivessem sido mais verdadeiras do que ele imaginava, como se a doçura da velha festa não tivesse perdido ainda inteiramen-

te o seu poder sobre um mundo que negava a sua substância. Pois absolutamente nada de importante acontecera. Mais uns poucos martírios foram registrados, mas eram casos isolados; e sobre Felsenburgh não havia novidade alguma. A Europa confessava a sua ignorância acerca do que ele fazia.

Por outro lado, bem o sabia Percy, de qualquer forma amanhã seria um dia extraordinário na Inglaterra e na Alemanha, pois na Inglaterra se estabelecera esse dia como a primeira ocasião de culto compulsório em todo o país, ao passo que era a segunda ocasião na Alemanha. Homens e mulheres teriam de firmar suas posições.

Na noite anterior, tinha visto uma fotografia da imagem que, no dia seguinte, deveria ser adorada na Abadia; e, num paroxismo de repulsa, ele a desfez em pedaços. Representava uma mulher nua, imensa e majestosa, extasiantemente atraente, com cabeça e troncos atirados para trás, como quem visse uma visão estranha e celeste, os braços estendidos para baixo e as mãos um pouco erguidas, com dedos esticados, como se num assombro — a atitude inteira, com os pares de pés e joelhos estreitados, a sugerir expectativa, esperança e maravilhamento; numa zombaria diabólica, seu longo cabelo era coroado com doze estrelas. Esta, portanto, era a esposa daquele outro, a encarnação do ideal humano da maternidade, ainda a esperar pelo seu filho...

Quando os fragmentos de papel se assentaram como neve venenosa aos seus pés, percorreu o seu quarto até o genuflexório e lá caiu na agonia de um pedido de reparação.

- Oh, Mãe, Mãe! - ele clamou à imponente Rainha do Céu que, desde o seu consolo, com o seu verdadeiro Filho há muito nos braços, olhasse para baixo, para ele - não mais que isso.

Mas esta manhã ele ainda estava calmo e participou, com razoável tranqüilidade, da celebração de São Silvestre, Papa e mártir, o último santo do calendário cristão. As cenas da últi-

ma noite, a aglomeração de oficiantes, as figuras imponentes, desconhecidas e de cor púrpura dos cardeais que vieram do norte, sul, leste e oeste – isso o ajudou a recuperar a confiança – injustificadamente, ele sabia, mas eficazmente. O próprio ar estava carregado de expectativa. A praça passara a noite toda lotada por uma massa imensa e silenciosa esperando a abertura das portas às sete da manhã. Agora a própria igreja estava cheia, e a praça cheia ainda. Até lá longe, indo da rua até o rio, até onde ele podia ver reclinado sobre sua janela nesse momento mesmo, estava aquele solene e imóvel pavimento de cabeças. O telhado da colunata mostrava uma franja delas, os topos das casas estavam negros – e isso no frio implacável de uma manhã clara e gélida, pois fora anunciado que, depois da missa e do posicionamento dos membros da Ordem atrás do trono pontifício, o Papa daria a bênção apostólica à Cidade e ao Mundo.

Percy terminou o terço, fechou o livro e se deitou; agora seu criado estaria ali em um minuto.

Ele começou a recapitular a cerimônia e considerou que todo o Sacro Colégio (com exceção do Cardeal Protetor de Jerusalém, impedido por doença), em número de sessenta e quatro membros, tomaria parte. Isso significava que uma visão única se daria em breve. Oito anos antes, lembrou-se, depois de Roma ter se tornado livre, lá tinha se dado uma reunião similar; mas os cardeais reunidos naquela época não chegavam a cinqüenta e três no total, e quatro não estiveram presentes.

Em seguida ouviu vozes na ante-sala, um andar ligeiro e uma admoestação em inglês, dita em voz alta. Isso era curioso, com o que se levantou.

Depois ouviu uma frase.

– Sua Eminência tem de se vestir; é inútil.

Houve uma resposta ríspida, uma pequena briga e um agarrar no trinco. Isso era indecente; então Percy se levantou, deu três passos rápidos até a porta e a abriu.

Lá estava um homem, pálido e desalinhado, que a princípio ele não reconheceu.

– Ora... – começou Percy e se deteve.

– Sr. Philips! – ele disse.

O outro atirou as mãos.

– Sou eu, senhor – Sua Eminência – acabei de chegar. É questão de vida ou morte. O seu criado me disse que...

– Quem mandou você?

– Padre Blackmore.

– Boas ou más notícias?

O homem direcionou os olhos até o criado, o qual ainda estava a um metro de distância, ereto e ofendido; e Percy compreendeu.

Ele pôs a mão sobre o ombro do outro, levando-o através do umbral.

– Bata na porta daqui a dois minutos, James – disse.

Caminharam juntos pelo chão encerado; Percy foi para seu lugar de sempre à janela, inclinado contra a persiana, e disse:

– Diga-me numa única frase – disse ao homem esbaforido.

– Existe um complô entre os católicos. Eles pretendem destruir a Abadia amanhã com explosivos. Eu soube que o Papa...

Percy o interrompeu rispidamente com um gesto.

Capítulo VI

I

Naquela noite, a plataforma de *volor* estava comparativamente vazia quando o pequeno grupo de seis homens se dirigiu para ela, saindo do elevador. Nada os distinguia de viajantes comuns. Os dois cardeais, da Alemanha e da Inglaterra, estavam agasalhados em casacos de pele simples, sem qualquer insígnia; os seus capelães estavam próximos deles, enquanto os outros dois criados, com a bagagem, se apressavam na frente para garantir uma cabine reservada.

Os quatro guardavam completo silêncio – vendo os funcionários se moverem ocupados lá dentro –, observando, sem se darem conta, o monstro lustroso e polido que jazia aos seus pés moldado em aço e as grandes barbatanas dobradas que logo estariam cortando o ar fino à velocidade de cento e cinqüenta milhas por hora.

Assim, Percy, em um movimento repentino, separou-se dos outros, foi até a janela que se abria sobre Roma e ali se inclinou com os cotovelos sobre o peitoril, a olhar.

Diante dele estava uma vista estranha.

Agora escurecia, chegando o pôr-do-sol, e o céu, amarelo esverdeado, descia até um laranja castanho fraco, sob o horizonte, com uma linha ou duas de vermelho intenso em cima, embaixo do que estava a cor violeta intensa e vespertina da cidade, borrada, aqui e ali, pelo negro dos ciprestes e cortada pelos pequenos e desfolhados pináculos de um bosque de ála-

mos que se elevava além da cidade. Mas, bem no meio da imagem, se elevava o domo enorme, de uma coloração indescritível; era cinza, era violeta – era como o olho escolhia fazê-lo – e, através dele, tendo a sua solidez o ar de uma bolha, brilhava o céu sulista, também corado de laranja pálido. Ele é que era supremo e dominante; a linha cerrada de domos, espirais e pináculos, os telhados abarrotados abaixo, no vale *dell'Inferno*, as montanhas encantadoras lá longe – tudo era só dependência anexa desse poderoso tabernáculo de Deus. Luzes já começavam a se acender, como por trinta séculos foram acesas; novelos pequenos e eretos de fumaça estavam se elevando até o céu que escurecia. O zumzum desta que é a Mãe das cidades começava a se aplacar, pois o ar forte mantinha as pessoas dentro de casa; e a paz da noite descia sobre aqueles dia e ano que terminavam. Embaixo, nas ruas estreitas, Percy pôde ver figuras, pequeninas, apressando-se como formigas retardatárias; o estalar de um chicote, o grito de uma mulher, o choro de uma criança subiram a essa imensa elevação como fragmentos de um sussurro vindo de outro mundo. Também eles, em breve, estariam aquietados, e haveria paz.

Um sino pesado tocou debilmente, longe, e a cidade sonolenta voltou a murmurar o seu boa-noite à Mãe de Deus. De milhares de torres veio a delgada melodia, voando através de grandes extensões de ar, com milhares de tons, o baixo solene da igreja de São Pedro, o tenor suave da de Latrão, o soar rude de alguma igreja de pardieiro, o tilintar impertinente de conventos e capelas – tudo suavizado e tornado místico neste grave ar noturno – era o casamento do som delicado com a luz clara. Acima, o céu laranja e líquido; abaixo, esse êxtase doce, submisso dos sinos.

– *Alma Redemptoris Mater* – sussurrou Percy, os olhos molhados de lágrimas. – Bondosa Mãe do Redentor – porta aberta do céu, estrela do mar –, tenha piedade dos pecadores. *O Anjo do*

Senhor anunciou a Maria e ela concebeu do Espírito Santo... Então derrama, Deus, a Tua graça em nossos corações. Permita que nós, que conhecemos a encarnação de Cristo, nos ergamos de paixão e caminhemos até a glória da Ressurreição – através do mesmo Cristo Nosso Senhor.

Outra campainha tocou bruscamente quase ao seu lado, chamando-o de volta para a terra, a injustiça, o trabalho e a tristeza; e ele se virou para ver o *volor*, o clarão de uma luz interna brilhante, e os dois padres seguindo o cardeal alemão na porta do veículo.

O compartimento deles era o traseiro, e, quando ele viu que o velhinho estava confortável, ainda sem nada dizer se dirigiu para o corredor central, a ver a parte final de Roma.

A porta de saída agora tinha sido fechada e, quando Percy se pôs de pé à janela do lado oposto olhando, lá fora, para o muro alto que logo ficaria abaixo dele, ao longo de toda a delicada estrutura começou a correr a vibração de uma máquina elétrica. Havia um murmúrio de vozes em algum lugar, um passo pesado sacudiu o piso, um sino tocou novamente, duas vezes, e soou um suave barulho de vento. E soou de novo; a vibração cessou e o topo do muro alto contra o céu amorenado, no qual fixara antes a vista, desceu rapidamente como uma barra em queda e ele cambaleou um pouco. Um momento depois o domo se ergueu novamente, e em seguida desceu, a cidade, uma franja de torres e uma massa de telhados negros, salpicada de luz, estendida como um redemoinho; as estrelas de rubis brotavam daqui e dali; e com mais um longo gemido a esplêndida máquina se endireitou, bateu suas asas e se firmou, com o som do ar ondeante indo de uma estridência crescente a um vibrante silêncio, para sua longa viagem até o norte.

Pouco a pouco a cidade ficou para trás; agora era uma mancha: cinza sobre preto. O céu parecia tornar-se maior e abar-

car tudo, enquanto a terra recaía na escuridão; brilhava como um enorme domo de vidro maravilhoso, a escurecer mesmo quando brilhava; e, quando Percy baixou os olhos mais uma vez em torno, até a extremidade do veículo, a cidade era apenas uma linha e uma bolha – uma linha e um inchaço – uma linha, e nada.

Ele deu um longo suspiro e voltou até os amigos.

II

– Conte de novo – disse o velho cardeal quando os dois estavam sentados frente a frente e os capelães tinham ido para outra cabine. – Quem é esse homem?

– Quem é ele? Ele era secretário de Oliver Brand, político da Inglaterra. Ele foi atrás de mim para que eu fosse ao leito de morte da velha Sra. Brand e acabou sendo despedido. Agora ele está no jornalismo. É inteiramente honesto. Não, ele não é católico, embora deseje muito ser um. É por isso que confiam nele.

– E quanto a eles?

– Não sei nada sobre eles, exceto que são um grupo de desesperados. Eles têm fé suficiente para agir, mas não o suficiente para serem pacientes... Imagino que eles tenham pensado que esse homem simpatizaria com a idéia. Mas infelizmente, para eles, ele tem lucidez e também percebe que qualquer tentativa desse tipo seria a gota d'água para a intolerância. Eminência, você tem idéia de quão violento é o sentimento que eles têm contra nós?

O velho sacudiu a cabeça lastimavelmente.

– E eu não sei? – ele murmurou. – E meus alemães, estão no meio disso? Você tem certeza?

– Eminência, isso é um complô tremendo. É algo que vem fervilhando há meses. Houve encontros semanais. Mantiveram o segredo esplendidamente. Os seus alemães apenas impediram que a desgraça fosse ainda maior. E agora, amanhã... – Percy recuou com um gesto de desespero.

– E o Santo Padre?

– Fui até ele logo que a missa terminou. Ele retirou todo empecilho e mandou chamar você. É a nossa única chance, Eminência.

– E você acha que nosso plano conseguirá impedir isso?

– Não tenho idéia, mas não consigo pensar em outra coisa. Devo ir diretamente ao arcebispo e contar tudo a ele. Nós chegaremos, creio eu, às três horas, e você em Berlim por volta das sete, no horário alemão. A cerimônia está marcada para as onze. Assim, até as onze deveremos ter feito todo o possível. O Governo ficará sabendo, e eles também saberão que em Roma nós somos inocentes. Imagino que eles farão com que seja anunciado que o Cardeal Protetor e o Arcebispo, com os seus assistentes, estarão presentes nas sacristias. Eles vão dobrar cada posto de vigia; vão parar os *volors* no ar – e então – bem!, o resto está nas mãos de Deus.

– Você acha que os conspiradores vão mesmo tentar isso?

– Não faço idéia – disse Percy laconicamente.

– Suponho que eles tenham planos alternativos.

– Isso. Se tudo estiver certo, eles pretendem jogar os explosivos do alto; se não, pelo menos três homens se ofereceram para se sacrificar levando-os eles mesmos para dentro da Abadia... E você, Eminência?

O velho o olhou firmemente.

– O meu plano é o seu – disse. – Eminência, você já parou para pensar no efeito que isso terá, seja como for? Se nada acontecer...

– Se nada acontecer seremos acusados de uma fraude, de querermos nos aparecer publicamente. Se algo acontecer – bom, nós todos vamos para diante de Deus juntos. Ore a Deus para que ocorra a segunda possibilidade – acrescentou apaixonadamente.

– Pelo menos seria mais fácil de agüentar – observou o velho.

– Peço perdão, Eminência. Eu não deveria ter dito isso.

Caiu um silêncio entre os dois, no qual som algum se ouvia além da vibração fraca e incansável da hélice e da tosse repentina de um homem na cabine adjacente. Percy inclinou cansado a cabeça sobre as mãos e olhou pela janela.

Agora a terra estava negra sob eles – um vazio imenso; acima, o céu gigantesco e abarcante ainda estava debilmente iluminado e, através da névoa alta e sombria pela qual passavam, as estrelas brilhavam de tempo em tempo, enquanto o veículo ondulava e bordejava em meio ao vento.

– Vai estar frio nos Alpes – murmurou Percy. Então parou. – E eu não tenho sequer um indício de prova – disse –, nada além da palavra de um homem.

– E você tem certeza de tudo isso?

– Tenho certeza.

– Eminência – disse o alemão subitamente, olhando diretamente para o rosto dele –, a semelhança é extraordinária.

Percy sorriu apaticamente. Estava cansado disso.

– O que você acha? – persistiu o outro.

– Já me perguntaram isso antes – disse Percy. – Não acho nada.

– A mim parece que Deus quer dizer algo com isso – murmurou o alemão gravemente, ainda o encarando.

– Como, Eminência?

– Uma espécie de antítese – um reverso da medalha. Não sei.

De novo houve silêncio. Um capelão olhou para dentro da cabine através da porta de vidro, um alemão simples, de olhos azuis, e de novo já se tinha ido.

– Eminência – disse o velho inesperadamente –, certamente há mais coisas a serem discutidas. Planos a serem feitos.

Percy sacudiu a cabeça.

– Não há plano nenhum a ser feito – disse. – Não sabemos de nada além do fato – nome nenhum – nada. Nós... nós somos como crianças numa jaula de tigre. E um de nós acaba de gesticular na cara do tigre.

– Suponho que devemos nos comunicar um com o outro?

– Se estivermos vivos.

Era curioso como Percy tinha tomado a dianteira. Ele vestia o traje escarlate há cerca de três meses e o seu companheiro há cerca de doze anos; ainda assim era o mais jovem quem ditava os planos e arranjava as coisas. Contudo, ele mal se dava conta dessa estranheza. Desde as notícias chocantes da manhã, quando uma nova mina fora plantada sob a cambaleante Igreja, e desde que ele tinha assistido à cerimônia imponente, o esplendor deslumbrante, os movimentos dignos e tranqüilos do Papa e sua corte, com um segredo que queimava o seu coração e o seu cérebro – sobretudo, desde aquela rápida entrevista em que antigos planos foram abortados e uma decisão surpreendente tomada, e uma bênção dada e recebida, e um adeus dado com o olhar e não com a fala – tudo feito em meia hora –, toda a sua natureza se concentrara em uma força tensa e aguda, como uma mola retesada. Ele sentia haver poder formigando nas pontas dos dedos – poder e o embotamento de um imenso desespero. Cada escora fora cortada, cada braçadeira decepada; ele, a Cidade de Roma, a

Igreja Católica, o próprio sobrenatural pareciam agora estar pendurados em uma única coisa - o dedo de Deus. E se isso falhasse - bom, nada importaria mais...

Ele se encaminhava agora para uma das duas coisas - a desonra ou a morte. Não havia terceira opção - a menos, claro, que os conspiradores fossem com os seus instrumentos para cima deles. Mas isso era impossível. Ou eles se deteriam, sabendo que ministros de Deus cairiam com eles, e nesse caso haveria a desonra de uma fraude descoberta, de uma tentativa miserável de ganhar crédito; ou eles não se deteriam; considerariam a morte de um cardeal e de uns poucos bispos um preço pequeno a pagar pela vingança - e nesse caso, bem, haveria Morte e Julgamento. Mas Percy tinha parado de ter medo. Nenhuma desonra podia ser maior do que a que ele já carregava - a desonra da solidão e do descrédito. E a morte não seria outra coisa que não doce - no mínimo significaria conhecimento e descanso. Ele estava disposto a arriscar tudo em Deus.

O outro, com um pequeno gesto de licença, pegou o seu Livro de Horas e começou a lê-lo.

Percy o olhou com uma inveja imensa. Ah!, se ele tivesse aquela idade! Ele poderia agüentar mais um ou dois anos dessa miséria, mas não cinqüenta anos, pensou. O que se descortinava a ele (mesmo que as coisas corressem bem) era um panorama de disputa continental, auto-repressão, autoridade, incompreensões da parte de seus inimigos. A Igreja afundava mais a cada dia. Como ele podia agüentar isso? Ele teria de ver a maré do ateísmo se erguer mais alto e mais triunfante a cada dia; Felsenburgh dera a ela um ímpeto cujo fim não se podia profetizar. Nunca antes tinha um único homem empunhado todo o poder da democracia. Então mais uma vez pensou no dia seguinte. Ah!, se este pudesse acabar em morte!... *Beatus mortui qui in Domino moriuntur!...*

Isso não estava certo; era covardia pensar dessa maneira. Afinal de contas, Deus era Deus - para Ele as ilhas pesam tanto como um grão de areia.

Percy pegou o seu Livro de Horas, encontrou as Laudes e a oração a São Silvestre, fez o sinal da cruz e começou a rezar. Um minuto depois os capelães vieram de novo para dentro e se sentaram; e tudo estava em silêncio, à exceção da vibração da hélice e do estranho ímpeto sussurrante do ar lá fora.

III

Foi por volta das sete da noite que o condutor de tez avermelhada olhou pela porta da cabine, tirando Percy do seu cochilo.

- Senhores, o jantar será servido dentro de meia hora - ele disse (falando esperanto, como era lei nos veículos internacionais). - Não vamos parar em Turim esta noite.

Ele bateu a porta e saiu, e o som de portas se fechando veio do corredor à medida que ele ia fazendo o mesmo anúncio em cada cabine.

Então não havia nenhum passageiro para descer em Turim, pensou Percy; e sem dúvida tinham recebido via rádio a mensagem de que lá também não se encontrava nenhum para embarcar. Era uma boa notícia: isso lhe daria mais tempo em Londres. Isso inclusive tornaria possível ao Cardeal Steinmann pegar um *volor* mais cedo de Paris para Berlim; mas ele não estava inteiramente certo de que se apressavam o bastante. Era uma pena que o alemão não tivesse conseguido pegar o *volor* das treze horas de Roma diretamente para

Berlim. Assim avaliou, com uma espécie de insensibilidade superficial.

Logo ficou de pé para se esticar. Depois saiu e foi pelo corredor até o banheiro para lavar as mãos.

Ele ficou fascinado com a vista quando estava diante da pia, na parte traseira do avião, pois ainda estavam sobrevoando Turim. Era um borrão de luz, vívido e belo, que brilhava sob ele no meio desse golfo de escuridão, varrido para as trevas ao sul quando o veículo acelerou em direção aos Alpes. Quão pequena, ele pensou, parecia essa grande cidade vista desde cima; e, ainda assim, quão poderosa era! Era a partir daquele bruxuleio, já ficado cinco milhas para trás, que a Itália era controlada; em uma dessas casas de bonecas das quais ele tinha visto só um vislumbre, homens haviam se sentado em um concílio sobre almas e corpos, haviam abolido Deus, haviam sorrido da Sua Igreja. E Deus permitiu tudo isso e não enviou nenhum sinal. Lá é que Felsenburgh estivera há um ou dois meses – Felsenburgh, o seu duplo! E mais uma vez a espada mental dilacerou e perfurou o seu coração.

Poucos minutos depois, os quatro clérigos estavam sentados à sua mesa redonda, numa pequena cabine reservada da sala de jantar, situada à proa da aeronave. Era um jantar excelente, servido, como sempre, diretamente da cozinha nas entranhas do *volor*, e ele subiu, prato após prato, com um clique suave, até o centro da mesa. Havia uma garrafa de vinho tinto para cada comensal, e tanto a mesa como as cadeiras balançavam facilmente a cada leve movimento da nave. Mas eles não falaram muito, pois só um assunto se impunha aos cardeais, e aos capelães ainda não fora permitido saberem inteiramente do segredo.

Agora estava ficando mais frio, e nem mesmo o ar quente dos descansos de pés parecia compensar a gelidez da brisa que começou a descer dos Alpes, dos quais a nave agora estava se

aproximando com uma leve inclinação. Era preciso subir no mínimo nove mil pés acima do nível normal, de modo a atravessar a fronteira do Maciço do Monte Cenis com um ângulo seguro; e, ao mesmo tempo, era preciso ir um pouco mais devagar sobre os próprios Alpes, dada a extrema rarefação do ar e a dificuldade de fazer com que a hélice gire suficientemente rápido para compensar isso.

– Hoje a noite será nublada – disse uma voz clara e distinta no corredor, quando a porta deslizou ligeiramente com um movimento do veículo.

Percy se levantou e a fechou.

O cardeal alemão começou a ficar um pouco inquieto ao fim do jantar.

– Tenho de ir – disse por fim. – Estarei melhor com minha manta de pele.

O seu capelão obedientemente o seguiu, deixando o seu próprio jantar inacabado, e Percy foi deixado a sós com o Padre Corkran, o seu capelão inglês recentemente chegado da Escócia.

Ele terminou o seu vinho, comeu alguns figos e depois ficou sentado a olhar através da janela de vidro à sua frente.

– Ah! – disse ele. – Perdoe-me, padre. Finalmente aí estão os Alpes.

A frente do veículo consistia de três divisões, no centro de uma das quais ficava o piloto, seus olhos voltados direto para frente e suas mãos sobre o volante. De cada lado seu, separado dele por paredes de alumínio, estava arranjada a divisória de um compartimento, com uma grande janela curva à altura dos olhos, pela qual se tinha uma vista magnífica. Foi até uma dessas que Percy caminhou, passando pelo corredor, e vendo pelas portas meio abertas outros grupos ainda com os seus vinhos. Ele empurrou a porta e passou.

Três vezes na vida ele tinha cruzado os Alpes e bem se lembrava da impressão extraordinária que lhe tinham deixado, especialmente quando certa vez os viu desde uma grande altitude, em um dia claro – um mar eterno e imensurável de gelo branco, interrompido por montículos e ondulações que desde baixo subiam por esses picos afamados e reverenciados; e, mais além, a curva esférica do topo da terra que descia, numa bruma de ar, para dentro do espaço indizível. Mas desta vez eles pareciam mais assombrosos que nunca, e ele os olhou com o interesse de uma criança doente.

Agora o veículo ia subindo, até passar rapidamente pelas encostas, despenhadeiros e penhascos enormes e vertiginosos, dispostos como obstáculos a proteger o tremendo muro. Vistos dessa altura, eram comparativamente insignificantes, mas pelo menos sugeriam a imensidão dos bastiões de que não eram mais que os contrafortes. Quando Percy voltou a vista, pôde ver o céu sem luar iluminado por estrelas frias, e a obscuridade da iluminação tornava a cena ainda mais marcante; mas, quando viu de novo, houve uma mudança. O vasto ar ao seu redor agora perecia apreendido através de vidro fosco. A escuridão de veludo das florestas de pinho tinha se atenuado para um cinza forte, a cintilação pálida da água e do gelo surgiu e num instante desapareceu, a nudez monstruosa de pináculos e encostas de pedras se elevando até ele e novamente decaindo num movimento rastejante – tudo isso tinha perdido a distinção de contorno e estava oculto num branco invisível. Quando ele olhou ainda mais acima, à direita e à esquerda, a vista se tornou assustadora, pois os muros gigantes de pedra se precipitando até ele, as formas grotescas e gigantescas se alteando de todos os lados iam, em cima, dar numa cortina de nuvem visível apenas pela luz dançante lançada sobre ela pelo veículo brilhantemente iluminado. Ainda enquanto ele olhava, raiaram dois dedos retilíneos de resplen-

dor, a lembrar chifres, com os holofotes da proa sendo ligados; e o próprio veículo, já viajando à metade da velocidade normal, diminuiu para um quarto da velocidade e começou a oscilar suavemente de um lado para outro enquanto as plainas gigantescas batiam na névoa através da qual se moviam e as antenas de luz a rompiam. Foram ainda mais pro alto, e mais ainda - embora veloz o suficiente para que Percy visse um grande pináculo se erguer, se alongar e mergulhar abaixo, tornado uma agulha cruel, e desaparecer no nada mil pés abaixo. O movimento se tornou ainda mais nauseante, na medida em que o veículo se movia num ângulo agudo preservando a altitude, ao mesmo tempo indo para cima, para frente e sacudindo. Num momento, áspera e zuadenta, uma torrente de água descongelada rugiu como uma besta, parecendo como que à distância de vinte metros, e num instante estava de novo muda. Também nesse momento as sirenes começaram a disparar, uivos longos e lastimáveis, zumbindo tristemente naquela desolação de ecos como o pranto de almas errantes; e quando Percy, indescritivelmente alarmado, enxugou a umidade do vidro e olhou de novo, parecia como se agora ele flutuasse imóvel - excetuada a leve sacudidela sob os seus pés - num mundo de brancura, tão distante da terra como do céu, equilibrado em um espaço infinito sem esperança, cego, só, congelado, perdido em um inferno branco de desolação.

Então, quando viu, uma brancura gigantesca foi em sua direção através do embaçado do vidro, deslizou vagarosamente para os lados e para baixo, revelando, à medida que o veículo se movia, uma encosta colossal, lisa como o óleo, com um feixe de rocha negra a cortá-la como os dedos da mão de um homem a gesticular sob uma onda imensa.

Depois, quando de novo o veículo gritou alto como uma ovelha perdida, primeiro veio como resposta, parecia que

mal à distância de dez metros, um grito estridente de medo, e depois outro, e depois outro; um tinir de campainhas, um acorde irrompeu; e o ar estava cheio de batida de asas.

IV

Foi terrível o instante que precedeu o tocar de uma sirene, o grito estridente de resposta, e um movimento de giro mostrou que o piloto estava alerta. Ao que o carro caiu como uma pedra e Percy se agarrou à barra na sua frente para amenizar a sensação terrível de estar caindo no nada. Pôde ouvir atrás de si louças se quebrando, o choque de corpos pesados e, enquanto o veículo continha o movimento de suas asas imensas, uma precipitação de passos irrompeu e alguns gritos de medo. Do lado de fora, mas alto e distante, o som de apitos se mantinha; o ar estava preenchido por ele, e de repente ele percebeu que não poderia ser um, dez ou vinte outros veículos, mas no mínimo uns cem que tinham respondido à chamada e que estavam, em algum lugar, no alto, a apitar e se mover. As ravinas e despenhadeiros de todos os lados absorviam o barulho; longos lamentos surgiram, gemeram e morreram em meio ao tocar de campainhas, mais e mais a cada instante, mas agora em todas as direções, atrás, acima, na frente e, mais distante, à direita e à esquerda. O veículo começou de novo a se mover, descendo numa curva longa e calma em direção à superfície da montanha, e, quando freou e começou a balançar de novo as asas imensas, Percy se voltou para a porta, vendo, quando o fez, através das janelas turvas sob o brilho de luz, um pináculo de rocha de não menos que trinta pés de altura, antes do

ponto em que se erguia sobre a névoa, e um rebordo suave de neve indo em curva para a invisibilidade.

Do lado de dentro, o veículo mostrava sinais brutais da frenagem repentina: as portas dos compartimentos de refeição, quanto passou por eles, tinham sido arremessadas; copos, pratos, garrafas de vinho e frutas caídas rolavam aqui e ali no piso rompido; um homem, sentado desamparado no chão, voltou os olhos vazios e aterrorizados para o padre. Ele olhou dentro da cabine de que há pouco tinha saído e o Padre Corkran se levantou cambaleando do seu assento e veio até ele, desequilibrando-se com o movimento no caminho; ao mesmo tempo, houve uma agitação vinda da porta oposta, onde um grupo de americanos tinha jantado; e quando Percy, acenando com a cabeça, voltou-se de novo para descer até a parte final da popa da nave, ele encontrou o corredor estreito bloqueado pela multidão que corria. Um balbucio de falas e choros tornava qualquer pergunta impossível; e Percy, com o seu capelão às suas costas, agarrou-se nos painéis de alumínio e, um passo atrás do outro, começou a abrir caminho à procura dos seus amigos.

Lá pela metade do corredor, enquanto ele empurrava e forçava, uma voz se fez audível sobre o barulho; e, no silêncio momentâneo que se seguiu, mais uma vez soou distante o zunir dos *volors* acima.

– Para os assentos, senhores, para os assentos – rugiu a voz. – Estamos partindo imediatamente.

Então a massa se misturou quando o condutor veio, determinado e de rosto acalorado, e Percy, movendo-se no rasto dele, encontrou passagem livre até a popa.

O cardeal não parecia nada mal. Ele estava acordado, explicou, e assim se salvou a tempo de rolar pelo chão; mas o seu rosto idoso se contraía enquanto ele falava.

Percy sacudiu a cabeça, nada dizendo. Ele não tinha nenhuma explicação.

– Eles estão checando, eu suponho – disse o Padre Bechlin novamente. – O condutor está agora mesmo checando junto ao seu aparelho.

Agora não havia nada para se ver das janelas. Quando olhou para fora, ainda confuso com o choque, Percy viu apenas a cruel agulha de pedra tremulando lá embaixo, como se vista através de água, e o rebordo gigantesco de neve balançando suavemente para cima e para baixo. Estava mais quieto lá fora. Parecia que o rebanho se tinha ido, só soava ainda, de algum lugar a uma altura infinita, um lamento espasmódico, como um belo pássaro que estivesse vagando perdido no espaço.

– Aquele é o *volor* de sinalização – murmurou Percy consigo mesmo.

Ele não tinha nenhuma teoria – nenhuma sugestão. Ainda assim a coisa parecia sinistra. Não se tinha ouvido dizer que haveria o encontro de uns cem *volors*, e ele se perguntou por que eles estavam indo em direção ao sul. Mais uma vez o nome de Felsenburgh lhe veio à mente. E se aquele homem sinistro ainda estivesse em algum lugar, lá no alto?

– Eminência – disse o velho de novo. Mas no mesmo instante o veículo começou a se mover.

Uma campainha tocou, uma vibração formigou sob os pés e, em seguida, como um floco de neve, a grande nave começou a se erguer, seu movimento sendo perceptível apenas pela repentina descida e desaparecimento do pináculo de pedra que Percy ainda olhava. Vagarosamente o campo de neve começou a se mover para baixo, uma fenda negra, suavemente ingressa no campo de visão desde cima e rapidamente desaparecida de novo, e, um movimento depois, novamente o carro parecia equilibrado no espaço branco, quando passava sobre a encosta de ar na qual ainda há pouco tinha descido. Mais

uma vez o barulho do vento rasgou a atmosfera, e desta vez a resposta foi tão fraca e distante como um choro vindo de outro mundo. A velocidade aumentava e o girar contínuo da hélice começou a tomar o lugar do movimento oscilante das asas. Mais uma vez o apito, forte e a ecoar pela imensidão árida das paredes de pedra embaixo, e de novo, com um impulso inesperado, o veículo planou. Agora ele ia em grandes círculos, cuidadoso como um gato, subindo, subindo, pontuando a subida com um grito atrás do outro, tentando detectar perigos no ar cego. Mais uma vez uma enorme encosta branca surgiu à vista, iluminada pelo luzir das janelas, descendo mais e mais rapidamente, recuando e se aproximado – até que por um instante uma fila denteada de rochas sorriu como dentes através da névoa, afastou-se abaixo e desapareceu, e com um toque de campainhas, e um último grito de aviso, a pulsação da hélice passou de um ruflar a uma nota ascendente, e da nota para a quietude, quando a nave tremenda, finalmente livre dos montes fronteiriços, bateu suas asas continuamente mais uma vez e se preparou para o seu vôo murmurante através do espaço... Seja lá o que fosse, agora ficara para trás, sumido na noite espessa.

No interior do carro havia um barulho de conversa, vozes apressadas e esbaforidas, perguntando, exclamando, e uma resposta concisa e impositiva do guarda. Do lado de fora se aproximaram passos e Percy se levantou para ir até lá, mas, quando pôs a mão na porta, esta foi empurrada desde fora e, para sua surpresa, o guarda inglês passou direto para dentro, fechando-a atrás de si. Ele ficou lá parado, olhando estranhamente para os padres, com os lábios comprimidos e os olhos cheios de inquietação.

– Pois não? – disse Percy.

– Está tudo certo, senhores. Mas acho melhor que desçam em Paris. Eu sei quem são vocês, senhores – e embora eu não seja católico...

Ele parou de novo.

– Pelo amor de Deus, homem... – começou Percy.

– Ah, as informações, senhores. Bem, duzentos veículos estavam indo para Roma. Existe um complô católico, senhor, descoberto em Londres...

– E?

– Para destruir a Abadia. Então eles estão indo...

– Oh!

– Sim, senhor – estão indo destruir Roma.

E então se foi novamente.

Capítulo VII

I

Eram quase quatro da tarde daquele mesmo dia, o último dia do ano, quando Mabel entrou na pequena igreja que ficava na rua logo abaixo de sua casa.

A escuridão descia suavemente camada após camada; passando pelos telhados, em direção do oeste, ardia o fogo latente do sol de inverno, e o interior estava cheio da luz que morria. Ela dormira um pouco em sua cadeira aquela tarde e acordara com aquela estranha e pura sensação da mente e do espírito que às vezes se segue ao sono. Mais tarde ela se perguntaria como tinha dormido em tal hora e, sobretudo, como ela pôde não ter percebido nada daquela nuvem de medo que até agora estava a cair, tanto na cidade como no campo. Ela depois se lembrou da agitação incomum nas grandes estradas lá embaixo, quando as tinha visto desde as janelas, e um soar inabitual de sirenes e apitos; mas não achou nada de tudo isso e continuou, uma hora antes, o seu caminho para meditar na igreja.

Ela tinha passado a amar aquele lugar calmo e, assim, vinha freqüentemente para equilibrar os seus pensamentos e concentrá-los no que jaz sob a superfície da vida – os princípios colossais sobre os quais tudo vivia e que tão claramente eram as verdadeiras realidades. Na verdade, tal devoção estava se tornando quase evidente entre certas classes de pessoas. Discursos eram feitos vez ou outra; publicavam-se pequenos

livros para servir de guia à vida interior, lembrando curiosamente os livros católicos sobre a oração mental.

Hoje ela foi para o seu lugar de costume, sentou-se, abriu as mãos, olhou por uns dois minutos para o velho santuário de pedra, a imagem branca e a janela a escurecer. Então fechou os olhos e começou a pensar, de acordo com os métodos que seguia.

Primeiro concentrou a atenção em si mesma, desprendendo-a de tudo o que fosse meramente externo e transitório, desfazendo-se de tudo isso, indo em direção do interior... do interior, até que ela encontrou aquela fagulha secreta que, sob todas as fragilidades e atos, fazia dela um membro substancial da divina raça humana.

Esse era, pois, o primeiro passo.

O segundo consistia em um ato do intelecto, seguido de um da imaginação. Todos os homens possuíam aquela fagulha, ela meditou... Então ela liberou os seus poderes, varrendo com os olhos da mente o mundo fervilhante, vendo, por sob a luz e a escuridão dos dois hemisférios, os incontáveis milhões de pessoas - crianças vindo ao mundo, velhos o deixando, os adultos nele se alegrando e a própria força destes. Ela olhou, recuando eras no tempo, através daqueles séculos de crime e cegueira, enquanto a raça se erguia da selvageria e superstição para o conhecimento de si mesma; olhou através das eras que hão de vir, quando as gerações se seguem umas às outras até algum clímax cuja perfeição, disse para si mesma, ela não podia compreender inteiramente, porque ainda não fazia parte dela. Ainda assim, disse consigo novamente, aquele clímax já tinha começado a nascer; as dores de parto tinham acabado; pois não era chegado Aquele que era o herdeiro do tempo?...

Depois, por um terceiro e intenso ato, ela se apercebeu da unidade de tudo, do fogo central de que cada fagulha não era mais que a irradiação - o vasto e desapaixonado ser divi-

no, percebendo a Si mesmo através de todos esses séculos, que era um apesar de muitos, Ele que os homens chamavam de Deus, agora não mais desconhecido, mas reconhecido como a soma total deles mesmos - Ele que agora, com a vinda do novo Salvador, tinha se agitado, despertado e revelado a Si mesmo como Um.

E lá ficou, contemplando a visão da sua mente, destacando agora esta virtude, agora aquela assimilação em particular, demorando-se em suas deficiências, vendo a realização total das suas aspirações, a soma de tudo aquilo pelo que os homens ansiaram - aquele Espírito de Paz, tão longamente atravancado, ainda que também gerado perpetuamente pelas paixões do mundo, forçado a adquirir contorno e ser pela energia das vidas individuais, percebendo-se pulsar após pulsar, afinal dominante, sereno, manifesto e triunfante. Lá ela ficou, perdendo o senso de individualidade, fundindo-o por um longo esforço continuado da vontade, bebendo, como pensou, longos sopros do espírito da vida e do amor...

Depois, supôs, algum som a perturbou e ela abriu os olhos; e lá estava à sua frente o piso sossegado, reluzindo no breu, os degraus do santuário, o púlpito à direita e o espaço sereno a escurecer sobre a imagem da Maternidade e contra o arabesco da velha janela. Fora aqui que os homens adoraram a Jesus, aquele Homem de Dores manchado de sangue que trouxera, de acordo com a Sua própria confissão, não a paz, mas a espada. Ainda assim eles se ajoelharam, esses cristãos cegos e desesperançados... Ah! o *pathos* de tudo isso, a aceitação desesperada de qualquer credo que explicasse a tristeza, o culto louco de qualquer Deus que alegasse portar essa explicação!

De novo e de novo veio o som, estalando em meio ao seu sossego, embora ela não compreendesse por quê.

Agora estava mais perto; e ela virou assustada para olhar a nave escura da igreja.

O som tinha vindo de fora, aquele murmúrio estranho, que aumentava e diminuía enquanto ela ouvia.

Ela se levantou, seu coração um pouco acelerado - somente uma vez antes ela tinha ouvido um som como esse, somente uma vez, numa praça, quando homens se precipitaram até um ponto em frente a uma plataforma...

Ela deixou rapidamente o seu assento, atravessou o corredor, afastou as cortinas sob a janela a oeste, ergueu o trinco e foi dar lá fora.

A rua, desde onde viu as grades que bloqueavam o portão da igreja, parecia incomumente vazia e escura. À direita e à esquerda se estendiam as casas, em cima o céu a escurecer estava enrubescido de rosa; mas parecia como se tivessem esquecido a iluminação pública. Não havia sequer um único ser humano à vista.

Ela pôs a mão no trinco do portão, para abri-lo e sair, quando um batucar repentino de passos a fez hesitar, e, no instante seguinte, uma criança surgiu, arquejando, esbaforida e amedrontada, correndo com as mãos estendidas para ela.

- Eles estão vindo, eles estão vindo - soluçou a criança, vendo o rosto que a olhava. Depois se atirou nas barras, olhando para trás.

Mabel logo girou o trinco; a criança entrou, correu até a porta e bateu nela; depois, voltando-se, agarrou o seu vestido e se encolheu nele. Mabel fechou o portão.

- Lá - ela disse. - Quem é? Quem é que está vindo?

Mas a criança escondeu o rosto, puxando a barra do vestido delicado; e logo surgiu o troar de vozes e o atropelo de passos.

Não durou mais que uns poucos segundos a passagem dos arautos daquela procissão cruel. Primeiro veio o esquadrão voador das crianças, rindo, assustadas, gritando, virando a

cabeça enquanto corriam, uns dois cachorros ganindo em meio a elas e umas poucas mulheres abrindo pelos lados, ao longo das calçadas. Um rosto de homem, Mabel viu quando olhou para cima, terrificada, tinha aparecido nas janelas do lado oposto, pálido e ansioso – sem dúvida algum inválido se arrastando para ver. Um grupo – um homem bem vestido em roupa cinza, um par de mulheres carregando os seus bebês, um garoto de rosto solene – parou logo na frente dela, do outro lado da grade, todos falando, ninguém ouvindo, e também esses viraram os seus rostos para a estrada à esquerda, ao longo da qual a cada instante crescia o clamor e tamborilar de passos. Mesmo assim, ela não conseguiu perguntar nada. Seus lábios se moveram; mas nenhum som saiu deles. Ela era a apreensão encarnada. Em meio à sua fixidez, passaram imagens sem importância de Oliver enquanto tomava café da manhã, do seu próprio quarto com o papel de parede de cor suave, do santuário escuro e da figura branca que ela tinha visto agorinha há pouco.

Agora vinham em maior número; uma tropa de homens jovens de braços dados surgiu à sua vista, todos falando alto ou gritando, nenhum deles ouvindo – todos a passar pela pista, e atrás deles surgiu a multidão como uma onda em um canal formado em pedra fendida, homens mal se distinguindo de mulheres naquele maciço de rostos e sob aquele céu que escurecia a cada instante. Caso se deixasse de lado o barulho, do qual Mabel agora pouco se apercebia, tão cerrado e constante ele era, como tão completa era a concentração dela no sentido da visão – caso se deixasse isso de lado, bem poderia ter se tratado, por seu inesperado e força esmagadora, de alguma massa de fantasmas marchando de repente vindos desde alguma paisagem do mundo espiritual, visível atrás de um espaço aberto, e prestes a novamente desaparecer de vista na obscuridade. Aquela rua vazia agora estava cheia deste lado e

do outro, tão longe até onde sua vista alcançava; os jovens se tinham ido - se andando ou correndo ela mal sabia -, virando a esquina à direita, e todo o espaço era uma torrente de cabeças e rostos fazendo uma pressão tão violenta, que os do grupo próximo às grades eram arrancados como ervas daninhas e impelidos para o lado, agarrando-se às barras, varridos para adiante e logo sumidos. E o tempo todo a menina puxava e rasgava a barra do seu vestido.

Determinados objetos começaram a aparecer agora sobre as cabeças do povaréu - objetos que ela não conseguia distinguir na luz fraca - estacas e formas fantásticas, fragmentos de coisas que pareciam cartazes, movendo-se como se vivas, virando para um lado e para o outro, seguradas por baixo.

Rostos deformados de emoção olhavam para ela de tempo em tempo, à medida que o espetáculo móvel passava, bocas abertas gritavam para ela; mas ela mal viu isso. Ela estava olhando aqueles emblemas estranhos, forçando os seus olhos através do breu, lutando para distinguir as formas débeis e gastas, um tanto imaginando, ainda que com medo de imaginar.

Então, de repente, das lâmpadas escondidas sob os beirais dos telhados, a luz saltou para a existência - aquela luz forte, doce e familiar, gerada pelas grandes máquinas no subsolo de que, na paixão do dia catastrófico, todos os homens tinham se esquecido; e em um momento tudo mudou de uma massa de fantasmas e formas em uma realidade cruel de vida e morte.

À frente ia um grande crucifixo, com alguém em cima, de quem um braço pendia da mão pregada a martelo, balançando enquanto ia; atrás, um bordado era sacudido com a rapidez do movimento.

E logo depois veio o corpo nu de uma criança, empalada, branca e vermelha, a cabeça caída sobre o peito e também com os braços pendentes e virados.

E depois a figura de um homem, amarrado pelo pescoço, vestido, ao que parecia, numa espécie de toga preta e capa, com a sua cabeça coberta com um capuz preto, girando na corda que girava.

II

Na mesma noite, Oliver Brand voltou para casa cerca de uma hora antes da meia-noite.

Para ele, o que tinha ouvido e visto naquele dia ainda estava intenso e próximo demais para que ele pudesse julgar friamente. De suas janelas em Whitehall, ele tinha visto a Praça do Parlamento tomada por uma massa que não se via na Inglaterra desde a época do cristianismo – uma massa tomada por uma fúria tal, que mal se podia traçar suas origens senão até fontes para além dos sentidos. Por três vezes, ao longo das horas que se seguiram à publicação do complô católico e à eclosão da lei do cão, ele tinha mantido contato com o Primeiro-Ministro, perguntando se nada poderia ser feito para aliviar o tumulto, e, todas as vezes, ele recebeu a resposta incerta de que o que se poderia fazer seria feito, que o uso da força era por ora inadmissível, mas que a polícia estava fazendo todo o possível.

Quanto à ida dos *volors* para Roma, ele tinha assentido em silêncio, tal como o resto do Conselho. Era, como Snowford havia dito, um ato judicial punitivo, lamentável mas neces-

sário. A paz, nesse caso, não podia ser assegurada a não ser em termos de guerra – ou melhor, já que a guerra era coisa obsoleta – pela severidade da justiça. Esses católicos tinham se mostrado os inimigos confessos da sociedade; pois muito bem, então a sociedade precisava se defender, pelo menos desta vez. O homem ainda era humano. E Oliver tinha ouvido sem dizer nada.

Quando, em um dos *volors* do Governo, ele passou sobre Londres indo para casa, tivera mais que um vislumbre do que estava se passando sob ele. As ruas estavam tão brilhantes quanto o dia, sem sombra e claras na luz branca, e toda pista era uma serpente de gente. Lá de baixo vinha um clamor contínuo de vozes, suave e lanoso, pontuado por gritos. Daqui e dali, subia a fumaça de uma queimada; e uma hora, quando ele passou rapidamente sobre uma das grandes praças ao sul de Battersea, ele tinha visto como se houvesse um esquadrão disperso de formigas correndo como que de medo ou numa perseguição... Ele sabia o que estava acontecendo... Bom, afinal de contas, o homem ainda não era perfeitamente civilizado.

Ele não gostava de pensar no que o esperava em casa. Cerca de cinco horas mais cedo, ele tinha ouvido a voz da sua esposa através do telefone, e o que ele ouviu quase o fez deixar tudo e ir para onde ela. Ainda assim, ele não estava nada preparado para o que encontrou.

Quando ele entrou na sala de estar, não havia som algum, à exceção daquele zumbido distante das ruas a fervilhar lá embaixo. A sala parecia estranhamente escura e fria; a única luz entrava através das janelas, de que as cortinas tinham sido afastadas, e, com a silhueta destacada contra o céu luminoso além, estava a figura de uma mulher de pé, olhando e ouvindo...

Ele apertou o botão da luz elétrica; e Mabel se virou vagarosamente para ele. Ela estava em seu vestido de uso diário, com uma capa sobre os ombros, e seu rosto estava quase como o de uma estranha. Estava inteiramente sem cor, os lábios contraídos e os olhos cheios de uma emoção que ele não conseguiu interpretar. Tanto poderia ser raiva como terror ou angústia.

Ela ficou lá, na luz estável, olhando-o parada.

Por um momento ele não encontrou confiança em si próprio para falar. Foi até a janela, a fechou e puxou as cortinas. Depois tocou aquela figura rígida gentilmente, no braço.

– Mabel – ele disse. – Mabel.

Ela se permitiu ser levada em direção ao sofá, mas não houve resposta ao toque dele. Ele se sentou e olhou para ela com uma espécie de apreensão desesperada.

– Querida, eu estou cansado – ele disse.

Com calma, ela olhou para ele. Lá estava, na postura dela, aquela rigidez que os atores simulam; mesmo assim ele soube que a coisa era real. Ele tinha visto esse silêncio uma ou duas vezes antes na presença de um horror – seja como for, uma vez quando diante da visão de um salpico de sangue em seu próprio sapato.

– Bom, amor, pelo menos se sente – ele disse.

Ela o obedeceu mecanicamente – sentou-se e o olhou quieta. No silêncio, novamente aquele ressoar suave surgiu e desapareceu vindo daquele mundo invisível de tumulto, vindo de para além das janelas. Ali dentro tudo estava calmo. Ele sabia perfeitamente bem que duas coisas se digladiavam dentro dela, a lealdade à sua fé e o ódio a esses crimes em nome da justiça. Quando olhou para ela, viu que essas duas coisas estavam lutando até a morte, que o ódio estava ganhando e que ela mesma era pouco mais que um campo de batalha passivo. Então, tal como o uivo prolongado de um lobo, surgiram e desapareceram as vozes da plebe a uma milha de distância,

a tensão foi quebrada... Ela se atirou nele, ele a pegou pelos punhos e assim ela ficou, agarrada nos braços dele, seu rosto e busto no colo dele e com todo o seu corpo torcido de emoção.

Nenhum dos dois falou ao longo de todo um minuto. Oliver compreendia muito bem, ainda que por ora não tivesse palavras. Ele apenas a puxou para um pouco mais próximo de si, beijou o cabelo dela duas ou três vezes e se acomodou para permanecer abraçado a ela. Ele começou a repassar o que logo teria de dizer.

Nisso, ela levantou o seu rosto afogueado por um momento, olhou-o apaixonadamente, baixou a cabeça de novo e começou a soluçar palavras partidas.

Ele só conseguiu pegar uma frase ou outra, ainda que soubesse o que ela estava dizendo...

Era a ruína de todas as suas esperanças, ela soluçou, o fim da sua religião. Que a deixassem morrer, morrer e se livrar de tudo isso! Tudo estava perdido, tudo, devastado nessa paixão homicida do povo da sua fé... no fim das contas não eram melhores que os cristãos, tão violentos quanto os homens nos quais se vingavam, tão sombrios, como se o Salvador, Julian, nunca tivesse vindo; estava tudo perdido... A Guerra, a Paixão e o Homicídio haviam retornado ao corpo do qual ela pensava estivessem excluídos para sempre... As igrejas em chamas, os católicos sendo caçados, a cólera das ruas que ela tinha visto aquele dia, os corpos do padre e da criança carregados em estacas, as igrejas e conventos em chamas... Todas essas coisas foram vertidas para fora, incoerentes, interrompidas por soluços, detalhes de horrores, lamentações e reprovações, interpretadas pela contorção da sua cabeça e das suas mãos sobre os joelhos dele. O colapso era total.

Ele mais uma vez pôs as mãos sob os braços dela e a levantou. Esgotado como estava pelo seu trabalho, ainda assim sabia que tinha de acalmá-la. Esta crise era mais séria que

qualquer outra anterior. Conquanto ele bem soubesse do poder de recuperação dela.

- Sente-se, amor - ele disse. - Vamos... me dê as mãos. Agora ouça o que vou dizer.

Ele de fato fez uma defesa admirável, pois fora isso que ele passara o dia todo repetindo para si mesmo. Os homens ainda não eram perfeitos, disse; corria nas veias deles o sangue de homens que foram cristãos ao longo de vinte séculos... Não havia motivo para desespero; a fé no homem era coisa da essência mesma da religião, a fé no que há de melhor no homem, no que ele pode se tornar, não no que por ora ele realmente era. Eles estavam no começo da nova religião, não em sua maturidade; tinha de haver azedume no fruto novo... Pense também na provocação! Lembre-se do crime apavorante que esses católicos tinham intentado; eles tinham se disposto a atacar a nova Fé no seu próprio coração...

- Querida - disse -, as pessoas não mudam de uma hora para outra. Imagine se esses cristãos tivessem concretizado seu plano!... Eu condeno tudo isso tanto quanto você. Esta tarde eu vi alguns jornais com uma perversidade tão grande quanto a de qualquer coisa que os cristãos já fizeram. Eles se alegravam com todos esses crimes. Isso vai atirar o movimento para trás uns dez anos... Você acha que não há milhares de pessoas como você, que odeiam e abominam essa violência?... Mas o que significa a fé, se não é nós sabermos que a misericórdia prevalecerá? Fé, paciência e esperança - essas são as nossas armas.

Ele falou com convicção apaixonada, seus olhos fixos nos dela, num esforço árduo para lhe transmitir a sua própria confiança e para tranqüilizar as sobras da sua própria dúvida. Era verdade que ele também odiava o que ela odiava, embora ele tivesse visto coisas que ela não tinha visto... Bem, bem,

disse consigo mesmo, ele tinha de se lembrar que ela era uma mulher.

A aparência de horror desvairado foi deixando pouco a pouco os olhos dela, dando lugar a uma angústia aguda, enquanto ele falava e enquanto a personalidade dele começava de novo a dominar a dela. Mas ainda não era o fim.

– Mas os *volors* – ela chorou –, os *volors*! Isso foi coisa pensada; isso não foi coisa do povo.

– Minha querida, isso não foi mais pensado que as outras coisas. Nós todos somos humanos, nós todos somos imaturos. Sim, o Conselho permitiu isso... permitiu isso, lembre-se. O Governo alemão também teve de se dar por vencido. Nós temos de domar a natureza aos poucos, não devemos forçá-la.

– Permitiram! E você permitiu isso.

– Querida, eu não disse nada, nem a favor nem contra. Pois eu lhe digo que se não tivéssemos permitido isso teria havido mais assassinatos, e as pessoas teriam perdido os seus governantes. Nós estávamos na passiva, já que não podíamos fazer nada.

– Ah, mas teria sido melhor morrer... Ah, Oliver, pelo menos me deixe morrer! Eu não posso suportar isso.

Tomando-a pelas mãos, que ele ainda segurava, puxou-a para ainda mais perto de si.

– Amor – disse seriamente –, você não pode confiar um pouco em mim? Se eu pudesse lhe dizer tudo o que aconteceu hoje, você entenderia. Mas acredite, eu não sou um insensível. E o que dizer de Julian Felsenburgh?

Ele viu por um momento hesitação nos olhos dela; a sua lealdade a ele e sua repugnância por tudo que acontecera lutaram dentro dela. Então, mais uma vez, a lealdade prevaleceu, o nome de Felsenburgh fez peso na balança e a confiança retornou com um fluxo de lágrimas.

– Oh, Oliver – ela disse –, eu sei que confio em você. Mas sou tão fraca, e tudo é tão horrível. E Ele tão forte e piedoso. E Ele vai estar conosco amanhã?

Deu meia-noite na torre de relógio longe dali, enquanto eles ainda estavam sentados e conversando. Ela ainda tremia por causa do esforço; mas ela o olhava sorrindo, ainda segurando as mãos dele. Ele viu que, afinal, a reação nela viera com toda a força.

– O Ano Novo, amor – ela disse, levantando-se enquanto dizia, puxando-o atrás dela.

– Eu te desejo feliz Ano Novo – ela disse. – Ah, Oliver, me ajude.

Ela o beijou e se afastou, ainda segurando as mãos dele, olhando-o com olhos brilhantes e cheios de lágrimas.

– Oliver – ela chorou de novo –, eu tenho que te dizer isso... Sabe no que pensei antes de você chegar?

Ele sacudiu a cabeça, encarando-a com avidez. Quão doce era ela! Ele sentiu ela apertar mais as suas mãos.

– Eu pensei que não conseguiria suportar isso – ela sussurrou –, que eu tinha de acabar com tudo isso – ah!, você sabe o que quero dizer.

O seu coração se encolheu enquanto a ouvia; e ele a puxou de novo para mais próximo de si.

– Passou, já passou! – ela chorou. – Ah!, não me olhe assim! Eu não diria pra você se já não tivesse passado.

Quando os seus lábios se encontraram novamente, veio o toque de uma campainha eletrônica do quarto ao lado, e Oliver, sabendo o que isso significava, sentiu naquele mesmo instante um tremor sacudir o seu coração. Ele soltou as mãos dela e ainda lhe sorriu.

– A campainha! – ela disse, com um quê de apreensão.

– Mas está tudo bem de novo entre nós?

O rosto dela se tranqüilizou na lealdade e na confiança.

– Está tudo bem – disse; e mais uma vez a campainha impaciente zuniu. – Vá, Oliver, eu vou esperar aqui.

Um minuto depois ele estava de volta, com uma aparência estranha em seu rosto branco e os lábios comprimidos. Ele veio direto até ela, pegando-a novamente pelas mãos e olhando fixamente dentro dos olhos fixos dela. Nos corações de ambos, a determinação e a fé estavam contendo a emoção que ainda não havia morrido. Ele deu um longo suspiro.

– Sim – ele disse com voz impassível –, acabou.

Os lábios dela se moveram; e aquela palidez mortal se instalou nas suas bochechas. Ele a segurou firmemente.

– Veja – ele disse. – Você tem de encarar isso. Está acabado. Roma está liquidada. Agora nós temos de construir algo melhor.

Ela se atirou soluçando nos braços dele.

Capítulo VIII

I

Bem antes do amanhecer, na primeira manhã do Ano Novo, os acessos à Abadia já estavam bloqueados. O Palácio de Whitehall, a Victoria Street e a Great George Street - até mesmo a Millbank Street - estavam lotados e imóveis. A Broad Sanctuary, dividida por duas pistas, de muros baixos, para os veículos, estava ela mesma cortada em dois grandes blocos e fatias de pessoas, dado o fato de que a polícia mantivera aberta a passagem para figuras importantes, e o pátio do Palácio era mantido rigorosamente vazio, com exceção de uma área isolada, ocupada por uma tenda que, por sua vez, estava cheia de cabo a rabo.

Não se sabia a que horas exatamente o tumulto tinha se estabilizado com vistas a um objetivo definido, com exceção de alguns controladores das catracas temporárias que tinham sido colocadas na noite anterior. Uma semana antes, fora anunciado que, em razão da demanda enorme por lugares, todas as pessoas que tinham apresentado o seu cartão de culto a um posto autorizado e seguido as orientações emitidas pela polícia seriam consideradas como tendo cumprido os deveres da cidadania a esse respeito, e se fez saber publicamente que era intenção do Governo fazer dobrar o grande sino da Abadia no começo da cerimônia e quando da incensação da imagem, período ao longo do qual o silêncio deveria ser man-

tido o máximo de tempo possível por aqueles que estivessem lá dentro.

Londres tinha ficado completamente tresloucada com o anúncio do complô católico na noite anterior. O segredo tinha vazado por volta das duas da tarde, uma hora depois do plano ter sido revelado ao Sr. Snowford, e praticamente todas as atividades comerciais cessaram na mesma hora. Lá pelas cinco e meia todas as lojas estavam fechadas, a Bolsa de Valores, os escritórios da Prefeitura, os estabelecimentos de West End – tudo tinha abandonado os seus afazeres como por um impulso irresistível, e desde as duas horas até quase meia-noite, quando a polícia foi adequadamente reforçada e autorizada a lidar com a situação, hordas inteiras e exércitos de homens, esquadrões histéricos de mulheres e tropas de jovens desvairados tinham preenchido as ruas, vociferado, denunciado e assassinado. Não se sabia quantas mortes tinham ocorrido, mas mal se encontrava uma rua sem sinais de violência. A Catedral de Westminster tinha sido saqueada, todos os altares derrubados, infâmias indescritíveis ali praticadas. Um padre desconhecido mal conseguiu concluir o Sagrado Sacramento antes que fosse agarrado e estrangulado; o arcebispo com mais onze padres foram enforcados no limite ao norte da igreja, trinta e cinco conventos foram destruídos, a Catedral de São Jorge reduzida a pó; e os jornais vespertinos relataram que se pensava que, pela primeira vez desde os tempos da introdução do cristianismo na Inglaterra, não havia restado sequer um tabernáculo em um raio de vinte milhas da Abadia. "Londres", explicou o *New People* em manchete gigantesca, "finalmente se limpou da tolice suja e fantasiosa".

Às cinco e meia, soube-se que pelo menos setenta *volors* tinham partido para Roma e que meia hora depois Berlim havia reforçado o número com pelo menos mais sessenta. À meia-noite, felizmente no momento em que a polícia tinha

conseguido conduzir as massas até alguma espécie de ordem, foi divulgada através de alto-falantes como de letreiros a notícia de que a missão cruel fora cumprida e de que Roma não existia mais. Os jornais matutinos acrescentavam uns poucos detalhes, comentando, claro, a coincidência da queda de Roma com o fim do ano, relatando como, por uma coincidência impressionante, praticamente todos os líderes da hierarquia do mundo todo estavam reunidos no Vaticano, que fora o primeiro alvo do ataque, e como esses líderes, desesperados, supunha-se, tinham se recusado a deixar a Cidade quando chegou por telégrafo a notícia de que a força punitiva estava a caminho. Não sobrara sequer um prédio em Roma; todo o lugar, a Cidade Leonina, o Trastavere, os subúrbios – tudo já era, pois os *volors*, parados a uma altura imensa, tinham dividido a Cidade sob eles com extremo cuidado antes de começarem a jogar os explosivos; e, cinco minutos depois do primeiro clamor vindo de baixo e da primeira explosão de fumaça e fragmentos a voar, tudo estava acabado. Os *volors* depois se dispersaram em todas as direções, procurando as pistas e estradas de ferro pelas quais a população tinha tentado escapar tão-logo a notícia chegou; e se supunha que não menos que trinta mil fugitivos atrasados tinham sido aniquilados por causa dessa prevenção. É verdade, observou o *Studio*, que muitos tesouros de incalculável valor tinham sido destruídos, mas esse era um pequeno preço a ser pago pelo extermínio final e total da peste católica. “Chega um ponto”, comentou, “em que a destruição é a única cura para uma casa infestada de vermes”, e passava a observar que agora que o Papa com todo o Colégio de Cardeais, todas as ex-realezas da Europa, todos os mais desvairados religiosos do mundo que fizeram moradia na “Cidade Santa” tinham desaparecido com um único golpe, dificilmente se poderia esperar uma exacerbação da superstição. Ainda assim, mesmo agora se devia tomar cui-

dado com qualquer enternecimento. Aos católicos (se é que sobrou algum corajoso o suficiente para tentá-lo), não deveria ser permitido participar de maneira alguma da vida de um país civilizado. À medida que chegavam mensagens de outros países, havia um coro único de aprovação ao que fora feito.

Uns poucos jornais lamentavam o incidente, ou antes o espírito que lhe estava por trás. Não era correto, disseram, que humanitaristas recorressem à violência; contudo, não havia um sequer que alegasse que outra coisa poderia ser sentida senão agradecimento pelo resultado geral. Também a Irlanda devia ser posta na linha; eles não podiam se demorar mais.

Agora clareava vagarosamente, chegando a aurora, e para além do rio, através da fraca neblina de inverno, uma ou duas listras carmesins começavam a se abrasar. Mas tudo estava surpreendentemente calmo, pois essa multidão, cansada pela vigília a noite toda, gelada pelo frio mordaz e atenta ao que lhe estava à frente, não tinha energia para gastar com esforços inúteis. Só da praça, da rua e da travessa comprimidas vinha um murmúrio intenso, contínuo, como o som do mar a uma milha de distância, interrompido vez ou outra pelo silvo ou tinido de um motor na agitação de sua passagem, enquanto ia a toda na direção leste, pelas vias através de Broad Sanctuary, e sumia. E a luz se alargou e os globos elétricos se enfraqueceram e empalideceram, e a neblina começou a limpar um pouco, mostrando não o azul fresco pelo qual se ansiava desde o frio da noite, mas uma abóbada alta e descolorida de nuvens, lavada de cinza e rosa fraco quando o sol surgiu, um disco avermelhado de cobre, do outro lado do rio.

Às nove horas a agitação alcançou novos níveis. A polícia, entre o Whitehall e a Abadia, observando desde cima das plataformas altas que iam ao longo da rota, de onde mantinha vigia e controlava as paliçadas de fio metálico, mostrava alguma atividade e, um minuto depois, uma viatura passou pela

praça, entre as paliçadas, e se foi em torno da Abadia. A multidão murmurava, misturava-se e começava a criar expectativa, e uma saudação se ergueu quando, um momento depois, mais quatro carros apareceram, portando a insígnia do Governo, e desapareceram na mesma direção. Eram os funcionários do Governo, disseram, indo para o Pátio do Deão, onde a procissão se reuniria.

Por volta das quinze para dez, ao extremo oeste da Victoria Street, a multidão começou a elevar a voz numa canção, e, na hora em que o som tinha terminado e os sinos badalado das torres da Abadia, de algum modo surgiram rumores de que Felsenburgh estaria presente na cerimônia. Não se atribuiu nenhuma razão para isso, nem antes nem depois; de fato, o *Evening Star* declarou que esse era mais um exemplo do impressionante instinto dos seres humanos reunidos *en masse*; pois até mesmo o Governo não foi antes de meia hora depois que veio a saber dos fatos. Ainda assim, o fato é que às dez e meia um berreiro contínuo prosseguiu, abafando até o clamor agudo dos sinos, indo até em torno do Whitehall e das calçadas lotadas de gente da Westminster Bridge, a pedir por Felsenburgh. Contudo, não havia notícia alguma do Presidente da Europa na última quinzena, além da informação totalmente incerta de que ele estava em algum lugar do oriente.

E todo o tempo carros eram vertidos, um atrás do outro e vindos de toda parte, em direção da Abadia e desapareciam sob os arcos do Pátio do Deão, trazendo aquelas pessoas afortunadas cujos cartões efetivamente lhes permitiam entrar na igreja. Saudações percorriam e se encrespavam pelas filas à medida que os homens de importância eram reconhecidos – Lord Pemberton, Oliver Brand e a sua esposa, o Sr. Caldecott, Maxwell, Snowford com os delegados europeus – até mesmo o Sr. Francis, o *ceremoniarius* do Governo, de expressão melancólica, recebeu uma saudação. Mas por volta das quinze para as

onze, quando o repicar dos sinos parou, o fluxo cessou; as barreiras foram retiradas para acabar com o trânsito nas pistas, as paliçadas de fios metálicos removidas, e a horda, por um instante, cessando de urrar, suspirou de alívio com o abrandamento do aperto e foi dar nas pistas de automóvel. E assim, mais uma vez, começou o clamor por Julian Felsenburgh.

O sol agora ia mais alto, ainda um disco de bronze, sobre a Victoria Tower, porém mais branco que uma hora antes; a alvura da Abadia, os cinzas-escuros da Casa do Parlamento, os dez mil matizes de telhados, cabeças, estandartes e cartazes começaram a se revelar. Faltando cinco minutos, um único sino badalou, e um momento se passou até que novamente o sino parasse, e chegou primeiro aos ouvidos daqueles que lá dentro ouviam próximos da entrada a oeste o primeiro ressoar do órgão imenso, reforçado pelos clarins. E então, tão repentino e profundo como a serenidade da morte, caiu um silêncio tremendo.

II

Quando o sino a anunciar que faltavam cinco minutos começou a dobrar, soando, solene e persistente, como o barulho de um vento contínuo nas grandes abóbadas no alto, Mabel deu um longo suspiro e se recostou em seu assento, abandonando a posição rígida em que na última meia hora ela ficara a olhar a esplêndida vista. A si mesma, parecia como tendo afinal assimilado tudo, ser ela novamente, ter bebido o triunfo e a beleza até se saciar. Ela estava como quem olhasse um mar de verão na manhã seguinte a uma tormenta. E agora o clímax já vinha imediato.

De um extremo a outro, de um lado a outro, a Abadia mostrava um imenso e repartido mosaico de rostos humanos; declives, muros, seções e curvas vivas. O transepto ao sul, oposto diretamente a ela, era, do chão à janela do alto, uma chapa só de cabeças; o pavimento estava cheio delas, partido em dois pela púrpura do passadiço que vem da capela de Santa Fé – à direita, o coro, depois do espaço aberto em frente ao santuário, era uma massa de figuras brancas de estola e sobrepeliz; a alta galeria do órgão, de sob o qual o anteparo tinha sido removido, estava cheio das mesmas figuras, e, longe, lá embaixo, a nave escura estendia o mesmo pavimento pálido e vivo até a sombra sob a janela a oeste. Entre cada grupo de colunas atrás dos assentos reservados do coro, à frente de Mabel, à sua direita, à sua esquerda e atrás, ficavam plataformas construídas em alvenaria; e só o teto requintado, com arabesco em leque e capitel elevado, dava aos olhos uma escapada da humanidade. Todo o imenso espaço estava repleto, parecia, da delicada luz do sol, que emanava da luz artificial posta fora de cada janela e entornava o rubi, o roxo e o azul de velhos vidros em dardos coloridos através do ar acre, bem como em fragmentos dispersos sobre rostos e vestidos. O murmúrio de dez mil vozes preenchia o espaço, um acompanhamento solene àquela nota melodiosa que agora pulsava aí. E por fim, mais significante que tudo, estava o santuário vazio e acarpetado bem na frente dela, o altar enorme com o seu lance de degraus, a cortina suntuosa e os formidáveis assentos desocupados.

Mabel precisava de um reconforto como esse, pois a noite anterior, até que Oliver chegasse, havia sido para ela uma espécie de sonho acordado terrificante. Desde o primeiro choque do que ela tinha visto fora da igreja, a atravessar as horas de espera, sabedora de que essa era a maneira pela qual o Espírito da Paz estabelecia a sua superioridade, até o último

momento quando, nos braços do marido, soube da Queda de Roma, parecera-lhe como se o seu novo mundo tivesse subitamente se corrompido ao redor dela. Era inacreditável que esse monstro voraz de garras e dentes gotejando sangue, disse consigo mesma, que tinha se erguido rugindo na última noite, pudesse ser a Humanidade que tinha se tornado o seu Deus. Ela pensara que a vingança, a crueldade e a matança fossem a prole da superstição cristã, morta e enterrada sob o recém-nascido anjo de luz, e agora parecia que os monstros ainda se agitavam e viviam. A noite toda ela tinha se sentado, andado, ido deitar pela casa quieta com o horror denso estando-lhe próximo, aventurando-se a abrir uma janela vez ou outra no ar gélido para ouvir, de mãos apertadas, os choros e gemidos da multidão que se enfurecia nas ruas lá embaixo, o estrépito, os gritos e os silvos de trens que vinham a toda do interior para somar ao frenesi da cidade – para ver o brilho vermelho do fogo, as formas de fumaça que se subiam das capelas e conventos em chamas.

Ela tinha questionado, duvidado, resistido às suas dúvidas, tinha se atirado a profissões de fé desvairadas, tentado renovar a confiança no que alcançava com a meditação, disse para si mesma que tradições demoram para morrer; tinha se ajoelhado, clamado ao espírito de paz que jaz, como sabia também, no coração do homem, ainda que por ora subjugado pela paixão má. Passaram-lhe pela cabeça uns versos de um dos velhos poetas vitorianos: *Duvidas que alguém possa pensar ou instigar isto? Como pode tal coisa vir a ocorrer?... Quem fez isto? Os homens não! Não aqui! Oh, não, não sob o sol... A tocha ardeu, até que a taça transbordou a ira de Deus, que é a ira do Homem!*

Ela até mesmo contemplara a morte, como tinha dito ao marido – o tirar a sua própria vida, num grande desespero para com o mundo. Ela tinha pensado seriamente nisso; era uma saída perfeitamente de acordo com a moralidade dela.

Os inúteis e os agonizantes eram postos fora do mundo de comum consentimento; aí estavam as casas de eutanásia para prová-lo. Então por que não ela?... Pois ela não podia suportar isso!... Então Oliver chegou, ela lutou para encontrar o caminho de volta à sanidade e à autoconfiança; e o fantasma tinha desaparecido novamente.

Quão sensato e calmo ele tinha sido, ela agora começava a dizer consigo mesma, enquanto a influência apaziguadora dessa multidão imensa, neste local esplêndido de oração, começava a possuí-la mais uma vez – quão razoável em sua explicação de que até agora o homem é apenas um convalescente e, portanto, passível de recaída. Ela tinha dito isso para si mesma vezes sem conta ao longo da noite, mas tinha sido diferente quando ele o disse. A personalidade dele mais uma vez prevalecera; e o nome de Felsenburgh tinha posto fim ao trabalho.

– Ah, se ele estivesse aqui! – ela suspirou. Mas ela sabia que Ele estava muito distante dali.

Só às quinze para as onze é que ela foi compreender que as massas do lado de fora também estavam clamando por ele, e esse conhecimento lhe deu mais reconforto ainda. Eles sabiam, portanto, esses tigres selvagens, onde estava a salvação deles; eles compreendiam qual era o ideal deles, ainda que não o alcançassem. Ah, se Ele estivesse aqui não haveria mais dúvida: as ondas taciturnas se abrandariam sob o Seu pedido de paz, as nuvens nubladas se suspenderiam, os rumores morreriam no silêncio. Mas ele estava longe – longe em alguma ocupação estranha. Bom, Ele sabia o que tinha de fazer. Ele certamente em breve viria novamente até os seus filhos, que precisavam d'Ele tão terrivelmente.

Ela tinha sorte de estar sozinha na multidão. O que lhe estava próximo, um velho grisalho com suas filhas mais na frente, era o seu único vizinho, sendo um estranho. À sua direita se

erguia a barricada coberta de vermelho, sobre a qual podia ver o santuário e a cortina; e o seu assento na tribuna, erguida uns oito pés acima do solo, tirava-lhe qualquer possibilidade de entreter conversa. Dava graças por isso: ela não queria falar; queria apenas controlar as suas faculdades em silêncio, reafirmar a sua fé, olhar desde cima a tremenda multidão reunida para prestar homenagem ao grande Espírito que tinha traído, para renovar a sua própria coragem e fidelidade. Ela se perguntou o que o pregador diria, se haveria algum tom de penitência. O assunto era a Maternidade – esse aspecto benigno da vida universal – ternura, amor, paixão receptiva e protetora, o espírito que acalma mais que inspira, que se sobrecarrega de trabalhos pacíficos, que acende as luzes e fogos do lar, que proporciona sono, comida e aconchego...

O sino parou e um instante depois a música do órgão começou; ela ouviu, claro acima do murmúrio interno, o rugir da massa do lado de fora, a exigir o seu Deus. Então, com um choque, o órgão imenso despertou, atravessado pelo clamor dos clarins e o palpitar enlouquecedor dos tímpanos. Não houve prelúdio delicado algum aqui, nenhum mover-se vagaroso da vida através dos labirintos do mistério até o clímax da visão – antes, aqui, trata-se do dia de luz total, o intenso meio-dia do conhecimento e do poder, a aurora vindo desde cima, alvorecendo no meio do céu. O seu coração se acelerou para acompanhar, e sua confiança que renascia, ainda convalescente, se agitava e sorria, enquanto os acordes tremendos retumbavam no alto, falando do triunfo cabal. Deus era homem, pois, afinal de contas – um Deus que na última noite tinha vacilado por uma hora, mas que se ergueu novamente nesta manhã de um novo ano, dispersando névoas, tendo domínio de suas próprias paixões, todo fascinante e todo querido. Deus era homem e Felsenburgh a sua Encarnação! Sim, ela tinha de crer nisso! Ela realmente acreditava nisso!

Então ela viu como a extensa procissão já estava serpenteando sob a barreira, e, por arte imperceptível, a luz se tornou ainda mais agudamente bela. Aí vinham eles, então, esses ministros de um culto puro; homens sérios que sabiam em que acreditavam e que, ainda que nesse momento não vibrassem de sentimento (pois ela sabia que, quanto a isso, o seu marido, por exemplo, nada sentia), ainda assim acreditavam nos princípios deste culto e reconheciam a necessidade de expressá-los que a maior parte da humanidade tinha – vindo vagarosamente em grupos de quatro, em pares e sós, conduzidos por sacristãos de túnica, ondulando sobre os degraus e emergindo de novo na luz solar colorida, em todo o aprumo do avental, da divisa e da jóia maçons. É claro que aqui havia reconforto o bastante.

O santuário agora exibia algumas pessoas. O Sr. Francis, de expressão ansiosa e com suas vestes de ofício, desceu com seriedade os degraus e parou a esperar a procissão, dirigindo com movimentos quase imperceptíveis os seus subordinados que rondavam pelas alas laterais, prontos a indicar este e aquele caminho ao fluxo que avançava; e os assentos mais à direita já começavam a ser preenchidos quando, de repente, ela percebeu que algo tinha acontecido.

Só agora o rugir da horda do lado de fora tinha provido uma espécie de linha de baixo à música do lado de dentro, imperceptível exceto ao subconsciente, mas claramente discernível em sua ausência; e tal ausência era agora um fato.

Em um primeiro momento, ela pensou que o sinal de início do culto os tivesse acalmado; e em seguida, com uma emoção indescritível, ela se lembrou de que, pela sua experiência, somente uma coisa tinha ajudado a aquietar uma massa turbulenta. Mesmo assim, ela não tinha certeza; podia ser uma ilusão. Podia ser que a multidão estivesse urrando até agora e ela apenas não tivesse ouvidos para isso; mas novamente,

com um êxtase que estava bem próximo de uma agonia, ela percebeu que o murmúrio de vozes até mesmo dentro do prédio tinha cessado e que uma grande onda de emoção estava mexendo, como o vento move o trigo, com as chapas e ladeiras de rostos à frente dela. Passado um momento e ela já estava de pé, agarrando a grade, tendo o coração como uma máquina extenuada jorrando pulsos de sangue pelas suas veias, furiosa e insistente; pois com uma grande vaga impetuosa, que soou como um sinal, ouvida até por sobre o tumulto triunfante no alto, todos os presentes tinham se posto de pé.

O tumulto pareceu tomar a procissão que vinha bem ordenada. Ela viu o Sr. Francis correr apressadamente à frente, gesticulando como um maestro, e ao seu sinal a longa fila gingou para frente, se desfez, recuou e em seguida deslizou avante com rapidez, rompendo-se enquanto o fazia numas vinte torrentes que verteram sobre os assentos e os ocuparam em um instante. Homens corriam e empurravam, aventais se agitavam, mãos acenavam, tudo sem palavras coerentes. Havia o bater de pés, o choque de uma cadeira virada, e então, como se um deus tivesse erguido a mão pedindo silêncio, a música cessou abruptamente, emitindo um eco desmesurado que desfaleceu e desapareceu logo; um grande suspiro lhe ocupou o lugar, e, na claridade colorida que jazia ao longo da grande extensão do corredor, que agora ia aberto de oeste a leste, até longe, lá embaixo, na nave distante, uma única figura se via a avançar.

III

O que viu e ouviu naquela primeira manhã de Ano Novo, das onze horas ao meio-dia e meia, era coisa que Mabel nunca recordaria adequadamente. Durante esse período, ela tinha perdido a consciência contínua de si, o poder de reflexão, pois ela ainda estava fraca por conta da sua luta; não havia mais nela o processo pelo qual os acontecimentos são armazenados, catalogados e gravados; ela não era mais que um ser que observava como se estivesse em um longo ato durante o qual a avaliação das coisas exercia seu papel a intervalos incertos. Ver e ouvir pareciam ser as suas únicas funções, comunicando-se diretamente com um coração em chamas.

Ela sequer sabia a que altura os seus sentidos lhe disseram que se tratava de Felsenburgh. Ela parecia saber disso mesmo antes de Ele entrar e o viu enquanto, em completo silêncio, ele veio cuidadosamente pelo tapete vermelho, soberbamente só, subindo um ou dois degraus na entrada do coro, continuando a avançar e subir, diante dela. Ele estava em seus trajes ingleses e judiciosos de púrpura e preto, mas ela mal percebeu isso. Para ela, inclusive, ninguém mais existia além d'Ele; essa enorme reunião de pessoas tinha desaparecido, contrabalançada e transfigurada na atmosfera vibrante de uma emoção humana tremenda. Não havia ninguém, em parte alguma, a não ser Julian Felsenburgh. A paz e a luz ardiam como uma glória ao redor dele.

Num momento, depois de passar, ele desapareceu atrás da tribuna do orador e, um instante depois, reapareceu de novo, subindo os degraus. Chegou ao seu lugar – ela pôde ver o perfil dele abaixo de si e ligeiramente à esquerda, puro e agudo como o gume de uma faca sob o Seu cabelo branco. Ele ergueu

uma mão com luva de pele branca, fez um único movimento e, com um surto e um estrondo, as dez mil pessoas se sentaram. Ele fez outro movimento e, com um grande barulho, ficaram de pé.

De novo, silêncio. Lá permanecia Ele, perfeitamente tranqüilo, suas mãos juntas sobre a tribuna e o Seu rosto olhando com fixidez para frente; era como se Ele, que tinha atraído todos os olhos e silenciado todos os sons, estivesse esperando até que o Seu domínio fosse completo, e houvesse uma única vontade, um único desejo, e este sujeito à Sua mão. Começou então a falar...

Também desta vez, como Mabel percebeu depois, não houve nenhum registro preciso ou verbal, dentro dela, do que ele disse; não existia nenhum processo consciente pelo qual ela percebesse, examinasse ou aprovasse o que ouvia. A imagem mais próxima pela qual ela depois foi capaz de descrever as suas emoções para si mesma era a de que, quando Ele falava, era como se fosse ela que estivesse falando. Os seus próprios pensamentos, predisposições, tristezas, desapontamentos, paixões, esperanças - todos os atos interiores da alma que mesmo ela mal conhecia, que se aprofundavam, parecia, até as mais diminutas volutas e redemoinhos do pensamento, eram trazidos à tona por esse homem, purificados, estimulados, satisfeitos e proclamados. Pela primeira vez na vida, ela tinha inteira consciência do que a natureza humana significa; pois era o seu próprio coração que atravessava o ar, apoiado naquela formidável voz. Novamente, como uma vez antes em uns poucos momentos da Paul's House, parecia que a criação, há tanto tempo gemendo, tinha finalmente dito palavras articuladas - tinha alcançado o pensamento maduro e coerente e a fala perfeita. Ainda outra vez Ele falou ao homem; agora era o próprio Homem que falava. Não era um homem que falava ali, era o Homem - o Homem consciente da sua origem, do

seu destino e da sua peregrinação até lá, o Homem novamente são após uma noite de insanidade - sabedor de sua força, proclamando a sua lei, lamentando em uma voz, tão eloqüente quanto instrumentos de cordas, o seu próprio fracasso em corresponder. Era mais um solilóquio que uma oração. Roma tinha caído, ruas da Inglaterra e da Itália tinham feito correr sangue, tinham se elevado fumaça e chamas, porque o homem tinha por um instante recaído no tigre. Mesmo assim, estava feito, proclamou a voz esplêndida, e não havia arrependimento; estava feito e, por eras adiante, o homem teria de se penitenciar e se ruborizar de vergonha ao se lembrar de que, certa vez, ele tinha voltado as costas para a luz que tinha nascido.

Não havia nenhum apelo ao lúgubre, nenhuma imagem de palácios tombados, as pessoas correndo, as explosões estertorando, o tremor da terra e a morte dos condenados. Deviam-se antes àqueles corações inflamados - atirando nas ruas inglesas e alemãs, ou em meio ao ar de inverno da Itália - as paixões repulsivas que guerrearam quando os *volors* adejaram até as estações, gerando e executando a vingança, pagando complô com complô e violência com violência. Pois aí, proclamou a voz, era o homem como ele tinha sido, recaído, por um instante, nos tempos antigos e cruéis de antes que ele tivesse aprendido quem ele era e por quê.

Não havia arrependimento, disse a voz novamente, mas havia algo melhor; e à medida que os acentos fortes e pungentes se fundiam, os olhos secos e envergonhados da garota logo se encheram de lágrimas. Existia algo melhor - o conhecimento dos crimes de que o homem ainda era capaz e a vontade de usar esse conhecimento. Roma não existia mais, e isso era uma vergonha lamentável; Roma não existia mais, e por isso o ar era o mais doce possível; e logo, num instante, como o planar de um pássaro, Ele ia no alto e longe - longe do abismo terrível dentro do qual Ele tinha acabado de olhar, longe

dos fragmentos de corpos carbonizados, bem como de casas caídas, e de todos os mais sinais da desgraça do homem, passando ao ar puro e à luz do sol para onde o homem deveria mais uma vez voltar o seu rosto. Contudo, Ele levava consigo naquele vôo maravilhoso o orvalho das lágrimas e o aroma da terra. Ele não tinha poupado palavras com as quais açoitar e espancar o coração despido do ser humano, e Ele não poupou palavras para recompor essa coisa que sangra, que treme, e para confortá-la com a visão divina do amor...

Em termos de tempo, isso foi cerca de quarenta minutos antes de Ele se voltar para a imagem coberta atrás do altar.

– Ó Maternidade! – ele exclamou. – Mãe de todos nós...

E então, para aqueles que O ouviam, deu-se o milagre supremo... Pois logo não parecia mais que era um homem quem falava, mas Alguém que está acima do nível do super-homem. A cortina foi aberta, quando quem estava perto cortou, arquejando, as cordas; e lá, pareceu, estava face a face a Mãe sobre o altar, gigantesca, branca e protetora, e a Criança, uma encarnação apaixonada do amor, a chorar chamando por ela na tribuna.

– Ó Mãe de todos nós, ó Mãe minha!

Assim Ele a louvou frente a ela, esse princípio sublime da vida, declarando as suas glórias e a sua força, a sua Maternidade Imaculada, as sete espadas de angústia que lhe trespassaram o coração pela paixão e pelas loucuras do seu Filho – Ele prometeu a Ela grandes feitos, o reconhecimento dos seus incontáveis filhos, o amor e o serviço dos não nascidos, as boas-vindas daqueles que ainda estavam chutando dentro do útero. Ele a chamou de Sabedoria do Mais Alto, que docemente ordena todas as coisas, Porta do Céu, Torre de Marfim, Consoladora dos Aflitos, Rainha do Mundo; e, aos olhos delirantes daqueles que a olhavam, parecia que o rosto sério sorria enquanto O ouvia...

Um grande arquejo, como que de uma vida monstruosa, começou a preencher o ar enquanto a massa oscilava diante dele e a voz torrencial era vertida. Ondas de emoção subiam e desciam; houve choros e soluços, o uivo de um homem, que finalmente se encontrara, vindo de algum lugar em meio aos bancos lotados, o estalar de um assento, e outro, e outro, e os corredores estavam cheios, pois Ele não mais os mantinha passivos a ouvir; Ele os estava estimulando a algum ato supremo. A maré se arrastou até mais perto e os rostos encaravam não mais o Filho, mas a Mãe; a garota na galeria chorou junto ao forte parapeito, e foi descendo até o chão soluçando sobre os seus joelhos. E, a pairar sobre tudo, a voz ressoou - e as mãos delgadas empalideceram, até a total brancura, tiradas de dentro das luvas grandes e suntuosas, como se para alcançar o próprio santuário.

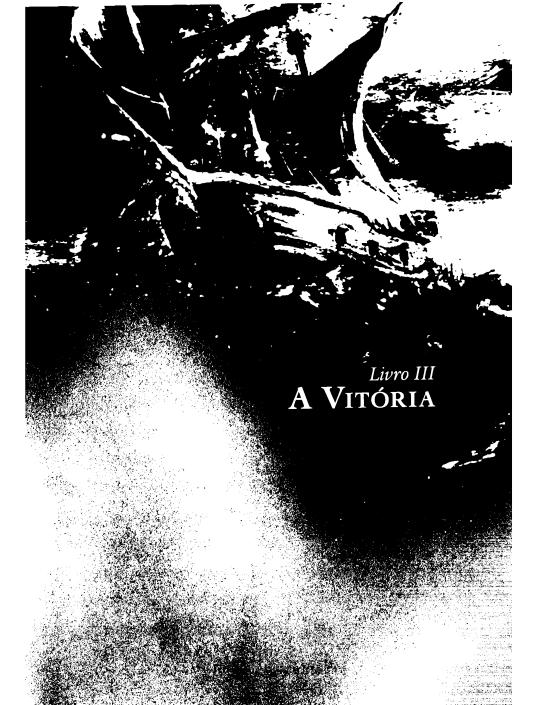
O que Ele contava agora era uma nova fábula, e tudo para o êxtase de Mabel. Ele vinha do oriente, agora sabiam, vinha de alguma vitória. Ele tinha sido saudado como Rei, adorado como Divino, tal como era certo e apropriado - Ele, o filho humilde e super-humano da Mãe da Humanidade - que trazia não uma espada, mas a paz, não uma cruz, mas uma coroa. Assim parecia que ele dizia; contudo, nenhum homem ali sabia se ele o dizia ou não - se a voz o disse ou se seus corações o reivindicaram. Ele estava agora sobre os degraus do santuário, ainda com as mãos abertas e vertendo palavras, e a horda deslizou atrás dele com o retumbo de dez mil pés e o suspiro de dez mil corações... Ele estava no altar; Ele estava sobre o altar. Mais uma vez, em uma última invocação, à medida que a massa irrompia aos degraus abaixo, Ele saudou a Rainha e Mãe de todos.

O desfecho veio logo, rápido e inevitável. E, por um momento, antes que a garota na galeria se atirasse ao chão, imersa em lágrimas, ela viu lá a figura pequenina de joelhos diante da

imagem imensa, sob as mãos expectantes, silenciosa e transfigurada sob o clarão da luz. A Mãe, parecia, tinha finalmente encontrado o seu Filho.

Ele viu num instante isso, as colunas que subiam, as douraduras e as cores, as cabeças que balançavam, as mãos que se agitavam. Era um mar que se içava à sua frente, luzes que se acendiam e apagavam, a janela alta rodopiava lá em cima, presenças preenchiam o ar, o céu brilhava ao longe e a terra tremia com tal êxtase. E em seguida, sob a luz celestial, à trovoada dos tímpanos, sob o grito das mulheres e o batucar de pés, em um único e estrondoso estertor de adoração, dez mil vozes O saudaram Senhor e Deus.

Livro III

A Vitória

Capítulo I

I

O pequeno quarto onde o Papa lia sentado era um modelo de simplicidade. As paredes eram caiadas, o teto de caibros rudes e o chão de terra batida. Uma mesa quadrada ficava no centro, com uma cadeira contra ela; um braseiro frio, posto a iluminar, estava na lareira espaçosa; uma prateleira na parede continha uns dez volumes. Havia três portas, uma dando no oratório privado, outra na ante-sala e a terceira no pequeno paço pavimentado. As persianas das janelas ao sul estavam fechadas, mas lâminas de luz ardente fluíam, através das dobradiças mal ajustadas, vindas do dia quente e oriental lá fora.

Era a hora da sesta da tarde, e, fora o ceifar vívido das cigarras vindo da encosta da montanha atrás da casa, tudo estava em silêncio profundo.

O Papa, que tinha almoçado uma hora antes, mal tinha mudado de postura ao longo de todo aquele tempo, tão concentrado estava em sua leitura. Por ora, tudo estava posto de lado, a Sua própria recordação daqueles últimos três meses, a ansiedade implacável, a intolerável carga de responsabilidade. O livro que tinha em mãos era uma reimpressão barata da famosa biografia de Julian Felsenburgh, saída um mês antes, e Ele agora estava chegando ao fim.

Era um livro conciso, bem escrito, composto por mão desconhecida, e alguns até suspeitavam que fosse uma obra

camuflada do próprio Felsenburgh. Outros, contudo, pensavam que no mínimo fora escrito, com o consentimento de Felsenburgh, por algum integrante do pequeno grupo de íntimos que ele admitira ao seu convívio – aquele grupo que, sob as ordens dele, agora conduzia as questões do ocidente e do oriente. Dizia-se, a partir de algumas indicações no livro, que seu verdadeiro autor era um ocidental.

A parte principal da obra tratava da sua vida, ou melhor, daqueles dois ou três anos conhecidos do mundo, desde sua rápida ascensão na política americana e sua mediação no oriente até o acontecimento de cinco meses antes, quando, em sucessão ligeira, fora aclamado Messias em Damasco, formalmente adorado em Londres e, por fim, eleito, com uma maioria extraordinária, para o Tribunato das duas Américas.

O Papa passou rapidamente por esses fatos objetivos, pois Ele já os conhecia muito bem, e agora estava estudando detidamente a síntese da sua personalidade, ou melhor (como o autor explicava um tanto sentenciosamente), a síntese da sua automanifestação do mundo. Ele leu a descrição de suas duas principais características, a sua compreensão das palavras e dos fatos; "as palavras, as filhas da terra, eram nesse homem casadas com os fatos, os filhos do céu, e o Super-Homem era a descendência de ambos". As suas características secundárias também eram notadas, o seu apetite por literatura, sua memória surpreendente, suas habilidades lingüísticas. Ao que parece, ele possuía olho tanto telescópico quanto microscópico – ele distinguia, por um lado, tendências e movimentos globais; e, por outro, tinha uma faculdade mental apaixonada por detalhes. Várias anedotas ilustravam esses comentários, e um certo número de aforismos concisos seus era registrado. "Nenhum homem perdoa", ele dizia; "ele apenas compreende". "É preciso uma fé suprema para renunciar ao Deus transcendente". "Um homem que acredita em si mesmo é quase

capaz de acreditar em seu próximo". Eis aí uma frase que, para o Papa, era significante daquele egoísmo sublime, o único capaz de confrontar o espírito cristão: e, novamente, "Perdoar um erro é desculpar um crime" e "O homem forte não é acessível a ninguém, mas tudo é acessível a ele".

Havia uma certa afetação nessa série de comentários, mas esta estava, como o Papa bem percebeu, no escritor e não no orador. Para Ele, que tinha visto o orador, era evidente a maneira como esses comentários tinham sido declarados - sem nenhuma solenidade pontifical, mas derramados em um fluxo impetuoso de eloqüência ou ditos com aquela simplicidade estranhamente comovente, que constituíra o seu primeiro assalto a Londres. Era possível odiar Felsenburgh, bem como temê-lo; mas nunca se divertir com ele.

Mas era bastante claro que o prazer supremo do escritor era traçar a analogia entre o seu herói e a natureza. Em ambos, existia a mesma contradição aparente - a combinação de uma completa ternura com uma completa crueldade. "O poder que cura as feridas também as inflige: o poder que cobre o esterco com doces mudas e gramíneas investe, também, com fogo e terremoto; o poder que faz a perdiz morrer por sua cria também faz o picanço-real se alimentar de outros pássaros vivos". Assim também Felsenburgh; Ele, que tinha chorado com a Queda de Roma, um mês depois tinha falado de extermínio como um instrumento que, precisamente neste momento, pode ser utilizado judicialmente a serviço da humanidade. Devendo apenas ser usado com ponderação, não com paixão.

A declaração tinha atraído um interesse extraordinário, uma vez que parecia tão paradoxal vinda de quem pregava paz e tolerância; e discussões tinham surgido no mundo todo. Mas a declaração não tinha obtido muitos resultados, além de reforçar a dispersão dos católicos irlandeses e a execução de uns poucos indivíduos. Ainda assim o mundo parecia,

no todo, ter aceitado isso e ainda estar esperando por sua realização.

Como o biógrafo observava, o mundo fechado na natureza física deve dar boa acolhida àquele que segue as normas desta, alguém que era de fato o primeiro a introduzir nas relações humanas, deliberada e confessadamente, leis como a da Sobrevivência do Mais Apto e da imoralidade do perdão. Se havia mistério em uma delas, também havia na outra, e ambas deveriam ser aceitas se o homem quisesse se desenvolver.

E o segredo aí, parecia, estava na personalidade d'Ele. Vê-lo era acreditar n'Ele, ou melhor, aceitá-lo como inevitavelmente certo. "Nós não explicamos a natureza ou escapamos dela por meio de remorsos sentimentais: o desamparado grita como uma criança, o veado ferido chora copiosamente, o pintarroxo mata os seus pais; a vida só existe em função da morte; e essas coisas acontecem independentemente de fabularmos teorias que nada explicam. A vida deve ser aceita nesses termos; não podemos estar errados se seguimos a natureza; ou ainda, aceitar seus termos é encontrar a paz - nossa grande mãe só revela os seus segredos àqueles que a tomam como ela é". Assim também com Felsenburgh. "Não nos cabe discriminar: a personalidade d'Ele é de um tipo que não admite isso. Ele é completo e suficiente para aqueles que acreditam n'Ele e estão dispostos a sofrer; é um enigma hostil e abominável para aqueles que não estão dispostos. Devemos nos preparar para o desdobramento lógico dessa doutrina. Não se deve deixar que o sentimentalismo domine a razão".

Por fim, o escritor mostrava como todos esses títulos até agora dissipados sobre Seres Supremos imaginários cabiam adequadamente a esse Homem. Esses tipos entraram nos reinos do pensamento e influenciaram as vidas dos homens só em preparação para Ele.

Ele era o Criador, pois estava destinado a trazer à existência a vida perfeita de união pela qual o mundo inteiro tinha, até agora, gemido em vão; fora à Sua imagem e semelhança que ele fizera o homem.

Mais ainda, ele também era o Redentor, pois essa semelhança sempre tinha, num certo sentido, estado na base do tumulto de erros e conflito. Ele tinha resgatado o homem da escuridão e da sombra da morte, guiando os seus passos pelo caminho da paz. Ele era o Salvador pela mesma razão - o Filho do Homem, pois somente Ele era perfeitamente humano; Ele era o Absoluto, pois Ele era o conteúdo dos Ideais; o Eterno, pois ele sempre jazera na potencialidade da natureza e assegurara, com o Seu ser, a continuidade dessa ordem; o Infinito, pois todas as coisas estavam aquém d'Ele, que era mais que a soma delas.

Era, portanto, o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o último. Ele era *Dominus et Deus noster* (tal como Domiciano fora, refletiu o Papa). Ele era tão simples e tão complexo quanto a própria vida - simples em sua essência, complexo em suas atividades.

E, por fim, a prova suprema da Sua missão estava na natureza imortal da Sua mensagem. Não havia mais nada que acrescentar ao que ele trouxera à luz - pois n'Ele todas as linhas desencontradas finalmente encontraram sua origem e seu fim. Já se Ele provaria ser pessoalmente imortal, esta era uma questão totalmente irrelevante; seria realmente apropriado se, através d'Ele, o princípio vital revelasse o seu último segredo; mas não mais que apropriado. O Seu espírito estava no mundo; o indivíduo não estava mais separado dos seus companheiros; a morte não era mais que uma pequena ondulação que vinha e ia ao longo do mar inviolável. Pois o homem por fim tinha aprendido que a raça era tudo e que o eu era nada; a célula tinha descoberto a unidade do corpo; até

mesmo a consciência do indivíduo – os maiores pensadores o declaravam – tinha submetido o direito de Personalidade à massa coletiva dos homens – e a inquietação da unidade tinha mergulhado na paz de uma Humanidade compartilhada, uma vez que nada mais podia explicar o cessar da briga partidária e da competição entre nações – e isso, acima de tudo, tinha sido a obra de Felsenburgh.

"E eis que estou convosco todos os dias", citou o escritor num desfecho apaixonado, "até a consumação dos séculos, e o Confortador está em vosso meio. Eu sou a Porta – o Caminho, a Verdade e a Vida – o Pão da Vida e a Água da Vida. Eu me chamo o Maravilhoso, o Príncipe da Paz, o Pai Eterno. Sou eu o Desejo de todas as nações, o mais justo entre os filhos dos homens – e o meu Reino não há de ter fim".

O Papa largou o livro e se reclinou, fechando os olhos.

II

E quanto a Ele, que tinha Ele a dizer frente a tudo isso? Um Deus transcendente que Se oculta a Si mesmo, um Salvador divino que tarda a vir, um Confortador que não se ouve mais no vento nem se vê no fogo!

No quarto ao lado, ficava um pequeno altar de madeira e, sobre ele, uma caixa de ferro, e dentro dessa caixa uma taça de prata, e dentro dessa taça – Algo. Do lado de fora da casa, a uns cem metros de distância, lá estavam os domos e tetos de estuque de um pequeno lugarejo chamado Nazaré; o Carmelo ficava à direita, a uma milha ou duas de distância, o Tabor

à esquerda, a planície de Esdrelon à frente; e, atrás, Caná e a Galiléia, e o lago calmo, e o Hérmon. E lá longe, ao sul, se estendia Jerusalém...

Foi para essa pequena faixa de terra santa que o Papa tinha vindo – a terra onde uma Fé tinha brotado dois mil anos antes e onde, a menos que Deus falasse com fogo nos céus, ela seria em breve posta abaixo como erva daninha. Foi aqui, nesta terra material, que caminhara Aquele que todos os homens pensaram ser Quem redimiria Israel – foi nesse lugarejo que ele tinha buscado água no poço e feito caixas e cadeiras, foi sobre aquele extenso lago que Seus pés tinham caminhado, naquele morro alto que Ele se incendiara em glória, naquela montanha pequena e arredondada ao norte que ele tinha declarado que os mansos eram bem-aventurados e herdariam a terra, que os que promovem a paz são filhos de Deus, que os que têm fome e sede serão saciados.

E agora se tinha chegado a esse ponto. O cristianismo tinha se apagado na Europa como um pôr-do-sol a passar sobre montanhas a escurecer; a Roma Eterna era um monte de ruínas; tanto no ocidente como no oriente um homem foi elevado ao trono de Deus, foi aclamado como divino. O mundo tinha dado um salto para frente; a ciência social reinava suprema; os homens tinham descoberto a harmonia; tinham também aprendido as lições do cristianismo apartadas de um Professor Divino, ou melhor, como diziam, apesar d'Ele. Tinham sobrado talvez três milhões, talvez cinco, na melhor das hipóteses dez milhões – era impossível saber ao certo – de pessoas ao redor de todo o mundo habitado que ainda adoravam Jesus Cristo como Deus. E o Vigário de Cristo estava sentado em um quarto de paredes caiadas, em Nazaré, vestido com tanta simplicidade quando o Seu mestre, esperando pelo fim.

Tinha feito o que podia. Houve uma semana, cinco meses antes, quando se duvidou sobre se algo poderia ser feito. Tinham sobrado três cardeais vivos, Ele próprio, Steinmann e o Patriarca de Jerusalém; os demais jaziam mutilados em alguma parte das ruínas de Roma. Não havia precedentes a tomar como exemplo; assim, os dois europeus tinham se decidido a ir para o oriente e para a única cidade onde a calma ainda reinava. Com o desaparecimento do cristianismo grego, também se tinham ido os últimos resquícios de conflitos internos na cristandade; e, por uma espécie de consentimento tácito do mundo, os cristãos podiam gozar de moderada liberdade na Palestina. À Rússia, que agora possuía o país como um anexo seu, ainda tinha sobrado alguma sensibilidade para deixá-lo em paz; é verdade que os lugares sagrados tinham sido profanados e restavam apenas como pontos de interesse antiquário; os altares não existiam mais, mas os lugares ainda estavam marcados, e, embora não se pudesse mais dizer missa aí, compreendia-se que os oratórios privados não estavam proibidos.

Esse foi o estado em que os dois cardeais europeus tinham encontrado a Cidade Santa; considerou-se pouco sábio carregar insígnia de qualquer tipo em público; e era praticamente certo, até agora, que o mundo civilizado desconhecia a existência deles; pois em três dias após a sua chegada o velho Patriarca tinha morrido, ainda que não antes que Percy Franklin, certamente que sob as circunstâncias mais estranhas desde as do primeiro século, fosse eleito Sumo Pontífice. Tudo foi feito em poucos minutos, junto à cabeceira do moribundo. Os dois velhos tinham insistido. O alemão tinha mais uma vez recorrido à estranha semelhança entre Percy e Julian Felsenburgh e murmurado as suas velhas e mal ouvidas observações sobre a antítese e o Dedo de Deus; e Percy, impressionado com a superstição dele, tinha aceitado e a eleição sido registrada. Ele

tinha tomado o nome de Silvestre, o último santo do ano, e era o terceiro com esse título. Tinha em seguida se retirado para Nazaré com o seu capelão; Steinmann tinha voltado para a Alemanha e sido enforcado em um tumulto uma quinzena após o seu retorno.

A próxima questão era a criação de novos cardeais, e, com precaução ilimitada, ordens foram transmitidas a vinte pessoas. Destas, nove tinham declinado; outras três tinham entrado em contato, das quais só uma tinha aceitado. No momento, portanto, doze pessoas no mundo constituíam o Sacro Colégio - dois ingleses, sendo Corkran um deles; dois americanos, um francês, um alemão, um italiano, um espanhol, um polaco, um chinês, um grego e um russo. A eles foram confiados extensos distritos, sobre os quais o controle deles era supremo, sujeito unicamente ao próprio Santo Padre.

Acerca da vida do próprio Papa, pouco há o que dizer. Esta parecia, pensava ele, quanto às suas circunstâncias externas, a de um homem como Leão Magno, sem a sua importância ou pompa mundana. Em tese, o mundo cristão estava sob o Seu domínio; na prática, as questões cristãs eram administradas por autoridades locais. Era-lhe impossível, por um sem-número de razões, fazer o que queria com relação à comunicação. Um criptograma complexo tinha sido elaborado e uma estação particular de telégrafo montada em seu telhado, comunicando-se com outra em Damasco, onde o Cardeal Corkran tinha fixado residência; e, a partir desse centro, mensagens eram eventualmente despachadas a autoridades eclesiásticas noutra parte; mas, na maior parte do tempo, pouco havia o que fazer. O Papa, contudo, teve a satisfação de saber que, com dificuldade inacreditável, tinha-se alcançado um pequeno progresso na reorganização da hierarquia em todos os países. Bispos vinham sendo sagrados livremente; não havia menos que dois mil deles, que se sabia, e de padres um núme-

ro desconhecido. A Ordem de Cristo Crucificado estava fazendo um trabalho excelente, e as histórias de não menos que quatrocentos martírios tinham chegado a Nazaré durante os últimos dois meses, a maioria deles levada a cabo pelas mãos da plebe.

Também sob outros aspectos, tanto quanto no que dizia respeito ao objetivo primário da Ordem (a saber, prover uma oportunidade aos que amam a Deus de se dedicarem mais perfeitamente a Ele), os novos religiosos estavam fazendo um bom trabalho. As tarefas mais perigosas – o trabalho de comunicação entre prelados, missões junto a pessoas de integridade suspeita – todo o trabalho, afinal, que tinha agora uma carga de perigo vital para o agente era confiado unicamente aos membros da Ordem. Foram emitidas de Nazaré ordens rigorosas de que nenhum bispo deveria se expor desnecessariamente; cada um deveria ter a si próprio como o coração da sua diocese, a ser protegida a todo o custo, excetuado o da honra cristã, e, em conseqüência, cada um tinha se cercado de um grupo de novos religiosos – homens e mulheres –, os quais, com extraordinária e generosa obediência, arcavam com tais tarefas perigosas, na medida das suas possibilidades. A essa altura já era bastante claro que, não fosse pela Ordem, a Igreja, dadas as novas condições, na melhor das hipóteses estaria paralisada.

Liberdades extraordinárias estavam sendo permitidas em toda parte. Todo padre que pertencia à Ordem recebeu jurisdição universal sujeita ao Bipo, se houver algum, da diocese onde se encontrar; podia-se dizer em qualquer dia do ano a missa das Cinco Chagas ou da Ressurreição ou de Nossa Senhora; e todos tinham o privilégio de um altar portátil, que agora se permitia que fosse de madeira. Outras exigências para o ritual foram relaxadas; podia-se dizer missa com quaisquer vasos decentes, de qualquer material destrutível, como vidro

ou porcelana; podia-se usar pão de qualquer espécie; e veste alguma era obrigatória, com exceção do fino pedaço de pano que agora representava a estola; velas não eram essenciais; ninguém precisava vestir nenhum hábito clerical; e o rosário, até mesmo sem contas, era sempre lícito no lugar do Ofício.

Dessa forma, os padres se tornavam capazes de dar os sacramentos e de oferecer o santo sacrifício com o menor risco possível para si mesmos; e esses abrandamentos já tinham se mostrado de enorme benefício nas prisões européias, onde, a essa altura, muitos milhares de católicos estavam cumprindo a pena de terem se recusado a praticar o culto público.

A vida privada do Papa era tão simples quanto o seu quarto. Ele tinha um padre sírio como Seu capelão e mais dois criados sírios. Ele dizia a Sua missa a cada manhã, Ele próprio trajando as vestimentas e o Seu hábito branco por baixo, e depois ouvia uma missa. Em seguida, tomava o Seu café, depois de vestir-se com a túnica e o albornoz do país, e passava a manhã envolvido em trabalho. Ele almoçava ao meio-dia, dormia e cavalgava, pois o país, por conta de sua situação indeterminada, ainda estava na simplicidade de cem anos atrás. Retornava ao fim da tarde, ceava e voltava a trabalhar até tarde da noite.

Isso era tudo. O Seu capelão enviava para Damasco as mensagens necessárias; os Seus criados, ignorantes da Sua dignidade, lidavam com o mundo secular tanto quanto lhes era cobrado, e o máximo que os Seus poucos vizinhos pareciam saber é que ali viva, na pequena casa do último *sheikh*, um europeu excêntrico com uma agência de telégrafo. Os Seus criados, eles próprios católicos devotos, conheciam-no como um bispo, mas não mais que isso. Apenas se lhes dizia que ainda existia um Papa vivo, e eles ficavam satisfeitos com isso e com os sacramentos.

Em resumo, portanto – o mundo católico sabia que o seu Papa vivia sob o nome de Silvestre; e trinta pessoas, entre toda a raça humana, sabiam que Franklin tinha sido o Seu nome e que o trono de Pedro à época estava em Nazaré.

Isso, como um francês tinha dito, há apenas cem anos atrás. O catolicismo sobreviveu; mas não sobrevive mais.

III

E acerca da vida interior d'Ele, que se poderia dizer? Ele está agora reclinado em sua cadeira de madeira, pensando de olhos fechados.

Ele não poderia ter descrito isso coerentemente nem mesmo para Si próprio, pois Ele mal sabia em que consistia: Ele agia mais que se comprazia no pensamento refletido. Mas o centro da Sua posição era a fé pura. A religião católica, ele bem sabia, dava a única explicação adequada do universo; ela não abria todos os mistérios, mas abria mais que qualquer outra chave conhecida pelo homem; Ele também sabia perfeitamente bem que esse era o único sistema de pensamento que satisfazia o homem como um todo e atentava à sua natureza essencial. Mais ainda, Ele via com clareza que o fracasso do cristianismo em unir todos os homens se devia não à sua fraqueza, mas à sua força; suas linhas se encontravam na eternidade, não no tempo. E mais: Ele acreditava nisso.

Mas a esse primeiro plano se somavam outros estados de espírito, cujas variações estavam além do seu controle. Em seus estados de exaltação, que Lhe vinham como uma brisa do paraíso, o plano de fundo brilhava de esperança e drama – Ele via a Si próprio e Seus companheiros como Pedro e os Apósto-

los devem ter visto a si mesmos, enquanto proclamavam pelo mundo, em templos, pocilgas, mercados e lares, a fé que viria a sacudir e transformar o mundo. Eles tinham tocado o Senhor da Vida, visto o sepulcro vazio, agarrado as mãos perfuradas d'Aquele que lhes era irmão e Deus. Isso era radiantemente verdadeiro, ainda que sequer um homem acreditasse; o tremendo peso da incredulidade não podia perturbar um fato que existia como o sol no céu. Mais ainda, o próprio desespero da causa era a inspiração deles. Não havia nenhuma tentação de se encostar ao braço da carne, pois quem lutava por eles não era outro que não Deus. A nudez era a armadura deles, as suas línguas vagarosas a sua persuasão, a fraqueza deles clamava pela força de Deus – e a encontrava. Havia, contudo, esta diferença, e esta era uma diferença significativa. Para Pedro, o mundo espiritual tinha uma interpretação e uma garantia nos acontecimentos externos que ele tinha testemunhado. Ele tinha tocado o Cristo Ressuscitado, o exterior corroborava o interior. Mas para Silvestre as coisas não eram assim. Para Ele, logo, era mais necessário compreender as verdades espirituais na esfera sobrenatural, pelas quais os acontecimentos externos da Encarnação eram provados, do que provar a certeza da Sua apreensão espiritual. Sem dúvida, do ponto de vista histórico, o cristianismo era verdadeiro – o que é provado pelos seus registros – ainda assim, ver isso requeria iluminação. Ele percebia o poder da Ressurreição, portanto Cristo estava ressuscitado.

Daí que, em estados de espírito mais difíceis, a coisa fosse diferente. Havia períodos, às vezes se estendendo por dias a fio, que O turvavam quando acordava, o sufocavam quando tentava dormir, que embotavam até o próprio sabor do Sacramento e a intensa emoção do Precioso Sangue; tempos em que a escuridão era tão intolerável, que até mesmo os pontos sólidos da fé se atenuavam até a sombra, em que metade da

Sua natureza ficava cega não apenas para Cristo, mas para Deus mesmo e para a realidade da Sua própria existência - era quando a Sua própria e impressionante dignidade parecia ser a insígnia de um tolo. E era concebível, sua mente terrestre se perguntava, que Ele, o Seu colegiado de vinte integrantes e os Seus poucos milhares de submetidos pudessem estar certos e o consenso inteiro do mundo civilizado errado? Não é que o mundo não tivesse ouvido a mensagem do Evangelho; ele quase não tinha ouvido outra coisa por dois mil anos e agora a declarou falsa - falsa em suas credenciais externas e falsa, portanto, em suas pretensões espirituais. Ele sofria por uma causa perdida; Ele não era o último de uma linhagem augusta, ele era o pavio fumacento de uma vela de loucura; Ele era a *reductio ad absurdum* de um silogismo idiota baseado em premissas impossíveis. Não valia a pena matá-los, a Ele e seu grupo de loucos - eles não eram mais que os patetas coroados da escola do mundo. A sanidade se assentava nos bancos sólidos do materialismo. E essa opressão se tornava tão negra, às vezes, que Ele quase se persuadia de que não tinha mais fé; os brados da mente, tão altos, que o sussurrar do coração se tornava inaudível; os desejos de paz terrena, tão violentos, que as ambições espirituais eram silenciadas - tão densa era a melancolia que, esperando contra toda esperança, acreditando contra o conhecimento e amando contra a verdade, Ele gritava como Aquele outro tinha gritado em outro dia como este - *Eli, Eli, lama sabachthani!...* Mas em dar tal grito, pelo menos, nisso Ele nunca falhava.

Uma única coisa lhe dava forças para continuar, pelo menos até onde dizia respeito à Sua consciência, e tal coisa era a meditação. Ele tinha viajado até bem longe na vida mística desde os seus esforços agônicos. Agora ele não lançava mãos de descidas cuidadosas para dentro do mundo espiritual: Ele atirava, tal como estavam, as suas mãos à cabeça e caía no ilimitado.

A consciência poderia trazê-lo, tal como uma cortiça, de volta à superfície, mas Ele não faria mais que repetir o ato, até que, pelo cessar da atividade, o que é a energia suprema, Ele flutuasse no reino crepuscular da transcendência, e lá Deus trataria com Ele – ora através de uma frase articulada, ora através de uma palavra de dor, ora por meio de um ar semelhante à brisa vivificante do mar. Às vezes, depois da Comunhão, Ele O trataria assim, às vezes quando Ele adormecia, às vezes no torvelinho do trabalho. Ainda assim, a Sua consciência não parecia reter por muito tempo tais experiências; cinco minutos depois, digamos, Ele estaria mais uma vez lutando com os fantasmas quase palpáveis da mente e do coração.

Ali ficou ele, pois, na cadeira, revolvendo as blasfêmias intoleráveis que tinha lido. O Seu cabelo branco descia ralo sobre as têmporas amorenadas, as Suas mãos eram tais as mãos de um espírito e o Seu rosto jovem, enformado e definido pela tristeza. Os Seus pés descalços escapavam por baixo da sua túnica manchada e o Seu velho albornoz marrom jazia no chão ao seu lado...

Era uma hora antes de Ele sair, e o sol já tinha perdido metade da sua virulência quando os passos dos cavalos soaram no paço lá fora. Então ele se sentou, pôs os pés nos sapatos e ajuntou o albornoz do chão, quando a porta se abriu e o padre magro e queimado de sol entrou.

– Os cavalos, Sua Santidade – disse o homem.

O Papa não falou sequer uma palavra aquela tarde, até que os dois voltassem, quando já escurecia, pela rota de cavalos que vai do Tabor a Nazaré. Eles deram a sua volta tradicional por Caná, subindo um outeiro de onde se via o longo espelho do Genesaré e prosseguindo, sempre à direita, sob a sombra do Tabor, até que o Esdrelon se estendesse novamente lá embaixo como um tapete verde-cinza, um círculo extenso, de vinte milhas de diâmetro, esparsamente matizado por grupos

de cabanas, muros brancos e telhados, com Naim visível do outro lado, o Carmelo erguendo o seu longo talhe a distância, na direita, e Nazaré se aninhando a umas duas milhas de distância no planalto onde eles tinham encontrado o seu descanso.

Era uma paisagem de paz extraordinária, a qual parecia extraída de algum velho livro de gravuras desenhado séculos atrás. Não havia aglomerado de telhados, compressão de humanidade quente nem terríveis indícios de civilização e esforço fabril, extenuante, inútil. Um pequeno número de judeus cansados tinha retornado para essa pequena e calma terra, tal como os velhos podem voltar aos seus lugares de nascença, sem esperança alguma de renovar a sua juventude ou reencontrar os seus ideais, mas com uma espécie de sentimentalismo que tão freqüentemente prevalece sobre motivos mais lógicos; e, assim, umas tantas outras casas similares a choupanas foram acrescentadas, aqui e ali, às obscuras vilas que se podia ver. Mas era bem como se tivessem sido acrescentadas uns cem anos antes.

A planície estava metade sob a sombra do Carmelo e metade sob a luz resplandecente e poeirenta. No alto, o céu claro do oriente estava corado de rosa, tal como antes se mostrara corado a Abraão, Jacó e o Filho de Davi. Não havia aqui sequer uma pequena nuvem, tal como quando a mão de um homem, sobre o mar, deu ordem, tanto com autoridade quanto terror; nenhum barulho de rodas de coche oriundo do céu ou da terra, nenhuma visão de cavalos celestiais, tal como um jovem homem vira trinta séculos antes neste mesmo céu. Aqui estava a velha terra e o velho céu, inalterados e inalteráveis; a primavera paciente e recorrente tinha assinalado o solo magro com as flores de Belém e com esses lírios gloriosos, diante dos quais as vestes de cor púrpura de Salomão nada eram. Não havia sussurro algum vindo do Trono, tal como quan-

do Gabriel desceu através deste mesmo ar para saudar Ela, a bendita entre todas as mulheres, nenhum sopro de promessa ou esperança além daquele que Deus manda através de cada movimento da túnica de vida que Ele criou.

Quando os dois pararam e os cavalos olharam com olhos firmes e inquisitivos para a imensidão de luz e ar à frente deles, um silvo alto e suave surgiu, e um pastor passou lá embaixo, ao longo de uma encosta, à distância de cem metros, arrastando a sua longa sombra às costas, e, logo em seguida, o seu rebanho veio até o doce tilintar de sinos, uma tropa de ovelhas obedientes e cabras teimosas, empacando, avançando e empacando novamente, à medida que iam pelo rebordo, chamadas, pelos seus nomes, pela pouca e triste voz daquele que conhecia cada uma e que as guiava mais que as dirigia. O tilintar suave foi ficando mais fraco, a sombra do pastor projetou-se uma hora em seus próprios pés, quando ele subia uma elevação, e sumiu de novo, quando se pôs a descer novamente; e o badalar ficou ainda mais fraco, e cessou.

O Papa levou a mão aos olhos por um instante e depois a deslizou sobre o Seu rosto.

Ele apontou para um aglomerado de muros brancos a reluzir em meio ao clarão violeta do pôr-do-sol que se apagava.

- Aquele lugar, padre - Ele disse -, como se chama?

O padre sírio olhou adiante, voltou a olhar para o Papa e adiante novamente.

- Ali entre as palmeiras, Santidade?

- Sim.

- Ali é Megido - ele disse. - Alguns chamam de Armagedom.

Capítulo II

I

Às onze horas daquela noite, o padre sírio saiu para ver a chegada do mensageiro vindo de Tiberíades. Cerca de duas horas antes, ele ouvira o zunir do *volor* russo que viajou de Damasco para Tiberíades e de Tiberíades para Jerusalém, e, apesar disso, o mensageiro acabou se atrasando um pouco.

Era um modo de proceder bastante primário, mas é que a Palestina estava fora do mapa - um quinhão de terra imprestável - e era necessário que, a cada noite, um homem fosse de Tiberíades para Nazaré com os papéis do Cardeal Corkran para o Papa e que retornasse com a correspondência. Era tarefa perigosa, e os membros da Nova Ordem que cercavam o Cardeal arcavam com ela revezadamente. Dessa forma, todas as questões nas quais a atenção do Papa se fazia necessária, e que eram demasiado longas, porém não muito urgentes, podiam ser tratadas com vagar, e a resposta seria recebida dentro de vinte e quatro horas.

Era uma noite cintilante de luar. O grande escudo de ouro estava subindo o Tabor, jogando a sua estranha luz metálica sobre as extensas encostas e sobre o país - similar a um brejo - que se erguia desde a porta da casa - lançando sombras que, muito mais escuras, pareciam bem mais concretas e sólidas do que as superfícies alvas e brilhantes das lajes de pedra, ou até mais do que os lampejos de diamante do quartzo e do cristal, que fagulhavam aqui e ali, ao longo do caminho de pedra.

Comparada a esse esplendor claro, a luz amarela que vinha da casa toda fechada parecia coisa quente e de mau gosto; e o padre, inclinando-se contra o umbral, tendo apenas os olhos acesos no rosto sombreado, por fim se sentou, com uma espécie de sensualidade oriental, para se banhar na glória e para esticar, até esta, as suas mãos magras e morenas.

Era um homem muito simples, na vida como na fé. Nem os êxtases nem as desolações que o seu mestre tinha existiam para ele. Era-lhe uma alegria imensa e solene viver no local da Encarnação de Deus e a serviço do Seu Vigário. Quanto aos desdobramentos do mundo, ele os observava como um homem em um navio assiste ao elevar-se das ondas na distância. Claro que o mundo estava inquieto, ele percebia um tanto, pois, como o Doutor Latino havia dito, todos os corações estão inquietos até que encontrem a paz em Deus. *Quare fremuerunt gentes?... Adversus Dominum, et adversus Christum ejus!* Quanto ao fim – ele não tinha lá grande preocupação. Bem podia ocorrer de o navio ser arrasado, mas o momento da catástrofe seria o fim de todas as coisas terrestres. As portas do inferno não prevalecerão: quando Roma cai, o mundo cai; e, quando o mundo cai, Cristo é manifesto em seu poder. De sua parte, imaginava que o fim não estava longe. Quando falou o nome de Megido nesta tarde, isso lhe passou pela cabeça; parecia-lhe natural que, quando da consumação de todas as coisas, o Vigário de Cristo devesse habitar em Nazaré, onde o seu Rei tinha vindo à terra – e que o Armagedom do Divino João deveria ter vez onde Cristo primeiro tomou o cetro terrestre e onde deve tomá-lo novamente. Afinal de contas, não seria a primeira batalha que Megido veria. Israel e Amalec se encontraram aqui; Israel e a Assíria; Sesóstris cavalgara aqui, e também Senaquerib. Cristãos e turcos se digladiaram, como Miguel e Satã, sobre o lugar onde o Corpo de Cristo fora deitado. Quanto ao método desse fim, ele não sabia bem o que pen-

sar; havia de ser uma batalha de alguma espécie, e que campo se poderia encontrar mais evidentemente projetado para tanto do que essa imensa e lisa planície circular de Esdrelon, com vinte milhas a serem percorridas, suficiente para suster todos os exércitos do mundo em seu abraço? Mais uma vez, do seu ponto de vista - ignorante como ele era das estatísticas atuais -, o mundo estava dividido em duas grandes porções, os cristãos e os pagãos, e ele acreditava serem mais ou menos do mesmo tamanho. Algo iria acontecer, tropas entrariam em Haifa, iriam afluir para o sul desde Tiberíades, Damasco e da remota Ásia; para o norte desde Jerusalém, Egito e África; para o leste desde a Europa; para o oeste desde a Ásia, mais uma vez, e das distantes Américas. E, certamente, o tempo não podia estar longe, pois aqui estava o Vigário de Cristo; e, tal como Ele próprio dissera em seu Evangelho do Advento, *Ubicumque fuerit corpus, illie congregabuntur et aquilae.* Ele não tinha conhecimento algum de outras interpretações de profecias. Para ele, as palavras eram coisas, não etiquetas coladas a idéias. O que Cristo, São Paulo e São João disseram - essas coisas assim eram. Ele tinha escapado, graças principalmente ao seu isolamento do mundo, da imensa propagação das idéias de Ritschl que, ao longo do último século, tinham sido responsáveis pela deserção de tantas pessoas de qualquer credo inteligível. Para outros, esta tinha sido a luta suprema - a dificuldade de se decidir entre os fatos de que as palavras não eram coisas e de que, ainda assim, as coisas que elas representavam eram em si mesmas objetivas. Mas, para este homem, sentado sob a luz da lua, ouvindo o bater distante de cascos sobre a montanha, enquanto o mensageiro subia desde Caná, a fé era tão simples quanto uma ciência exata. Aqui Gabriel, com as suas grandes asas de plumas, tinha descido do Trono de Deus estabelecido além das estrelas, o Espírito Santo tinha soprado um raio de luz inefável, a Palavra fizera-

se Carne quando Maria abriu os braços e curvou a cabeça à ordem do Eterno. E aqui mais uma vez, ele pensou, embora isso não fosse mais que um palpite – ainda assim, ele pensou que o correr das rodas de coches já era audível – o tumulto das tropas de Deus se reunindo junto ao campo dos santos –, ele pensou que, além das hastes da escuridão, Gabriel já tinha posto nos lábios a trombeta da condenação e que o céu estava agitado. Ele poderia estar errado desta vez, como outros estiveram errados em outras épocas, mas nem ele nem eles poderiam estar errados para sempre; algum dia haveria de ter fim a paciência de Deus, muito embora essa paciência adviesse da eternidade da Sua natureza. Ele se levantou, quando, descendo a senda pálida iluminada pela lua, a uns cem metros, veio a figura branca de alguém que cavalgava, com uma bolsa de couro presa à cintura.

II

Eram cerca de três horas da manhã quando o padre acordou em seu pequeno quarto de paredes de barro, adjacente ao do Santo Padre, e ouviu passos vindos da escada. Na noite anterior, como de costume, ele tinha deixado o seu mestre abrindo a pilha de cartas enviadas pelo Cardeal Corkran e tinha ido direto deitar e dormir. Ele descansava por um instante, ainda sonolento, ouvindo o amortecer dos pés e, um momento depois, levantou-se repentinamente, pois uma batida hesitante tinha soado na porta. E mais uma vez; ele saiu da cama com a sua roupa de dormir longa, puxou-a apressadamente junto à sua cintura, foi até a porta e a abriu.

Ali estava o Papa de pé, com uma lamparina em uma mão, pois a aurora mal tinha começado, e um papel na outra.

- Peço desculpas, padre; mas é que há uma mensagem que eu deveria ter mandado imediatamente para Sua Eminência.

Saíram juntos, atravessando o quarto do Papa, o padre, ainda meio cego por conta do sono, subiu as escadas e emergiu no ar claro e frio da laje superior. O Papa apagou a lamparina com um sopro e a pôs sobre o parapeito.

- Você pode pegar um resfriado, padre; vá buscar o seu casaco.

- E você, Santidade?

O outro fez um pequeno gesto de negação e foi até o alpendre minúsculo e temporário, onde ficava o equipamento de telégrafo.

- Vá buscar o seu casaco, padre - Ele disse de novo voltando-se sobre o ombro. - Enquanto isso, vou adiantando.

Quando o padre voltou três minutos depois, de chinelos e em seu casaco, carregando outro casaco para o seu mestre, o Papa ainda estava sentado à mesa. Ele sequer mexeu a cabeça quando o outro subiu, mas acionou novamente a alavanca que, comunicando-se com o poste de vinte pés de altura que se erguia por entre o telheiro, disparou a energia palpitante ao longo das oito milhas de ar reluzente que se estendem de Nazaré a Damasco.

Esse padre modesto, mesmo agora, mal tinha se acostumado com esse dispositivo extraordinário, inventado um século antes e aperfeiçoado ao longo de todos esses anos até alcançar tal exatidão específica - esse dispositivo pelo qual, com o auxílio de um bastão, um monte de fios e uma caixa de polias, algo, afinal posto na raiz de toda a matéria, se não mesmo na própria raiz da vida física, falava cruzando as extensões do mundo até um receptor pequenino sintonizado, com a sutile-

za de um fio de cabelo, com a vibração com a qual fora posto em relação.

O ar estava incrivelmente frio, considerando o calor que o tinha precedido e que lhe seguiria, e o padre tremia um pouco quando, não mais ocupado no telhado, ficou de pé e olhou com atenção ora para a figura imóvel na cadeira à sua frente, ora para a abóbada imensa do céu passando, enquanto ele ainda olhava, de uma luminosidade fria e sem cor para um tom sereno de amarelo, à medida que lá longe, além do Tabor e do Moab, a alvorada começava a se espalhar. De uma vila a meia milha de distância, veio o cantar de um galo, fino e desabrido como uma trombeta; um cachorro latiu e logo ficou de novo em silêncio; e em seguida, de repente, uma única batida em um sino pendurado no telhado chamou-o de volta e lhe disse que seu trabalho deveria começar.

O Papa acionou a alavanca novamente por conta do som, uma vez mais ainda e, depois de uma pausa, novamente – aguardou um momento pela resposta e, quando esta veio, levantou-se e indicou ao padre para que assumisse o seu lugar.

O sírio se sentou, entregando o casaco extra para o seu mestre, e esperou que o outro Se sentasse em uma cadeira posta em posição tal, ao lado da mesa, que o rosto de um ficava visível ao outro. Ele então esperou, com os seus dedos morenos postos sobre a fileira de teclas, olhando para o rosto do outro, enquanto este se preparava para falar. Esse rosto, ele pensou, olhando desde dentro do capuz, parecia mais branco que nunca sob essa luz fria da aurora; as sobrancelhas pretas arqueadas acentuavam isso, e até mesmo os lábios firmes, preparando-se para falar, pareciam brancos e sem sangue. Ele tinha o Seu texto na mão, e Seus olhos estavam fixos neste.

– Certifique-se de que é o Cardeal – disse repentinamente.

O padre bateu uma pergunta e, com os lábios a se moverem, foi tirando a mensagem impressa, à medida que esta se precipitava sobre a longa folha branca de papel à sua frente.

– É Sua Eminência, Santidade – disse calmamente. – Ele está sozinho no aparelho.

– Muito bem; pois então, comece.

– Recebemos a sua carta, Eminência, e atentamos às notícias... Esta deveria ter sido remetida via telégrafo – por que não foi feito assim?

A voz parou, e o padre, que tinha batido a mensagem mais rapidamente do que se poderia supor possível, leu em voz alta a resposta.

– Eu não percebi que se tratava de coisa urgente. Pensei que fosse apenas mais uma investida. Eu pretendia dar mais informações tão logo soubesse de mais algo.

– Claro que era urgente – interveio mais uma vez a voz, com a entonação cuidadosa que era usada entre os dois quando da transmissão de mensagens. – Lembre-se de que todas as notícias desse tipo são urgentes.

– Eu lembrarei – leu o padre. – Peço desculpa pelo meu erro.

– Você nos diz – prosseguiu o Papa, os Seus olhos ainda baixados sobre o papel – que escolheram tomar essa medida depois de ponderarem; você dá os nomes de só três autoridades. Dê-me agora os nomes de todas as autoridades que você tiver, se soube de outros mais.

Houve uma pausa. Depois o padre começou a ler os nomes.

– Além dos três cardeais cujos nomes enviei, os arcebispos do Tibet, Cairo, Calcutá e Sidney perguntaram se a notícia era verdadeira e o que fazer, caso fosse mesmo verdadeira; além de outros cujos nomes posso comunicar se puder deixar a mesa por um instante.

– Faça isso – disse o Papa.

Novamente houve uma pausa. Em seguida, mais uma vez, os nomes começaram a vir.

– Os bispos de Bucareste, das Ilhas Marquesas e da Ilha de Terra Nova. Os franciscanos no Japão, os frades crucificados em Marrocos, os arcebispos de Manitoba e Portland e o cardeal-arcebispo de Pequim. Despachei dois membros da Cristo Crucificado para a Inglaterra.

– Diga-nos quando e como as notícias chegaram.

– Fui chamado até o aparelho ontem à noite, por volta das oito horas. O Arcebispo de Sidney estava perguntando, através da nossa estação em Bombaim, se a notícia era verdadeira. Respondi que não tinha ouvido falar nada a respeito. Em dez minutos, chegaram outras quatro perguntas no mesmo sentido; e, três minutos depois, o Cardeal Ruspoli enviou de Turim a confirmação da notícia. Essa foi seguida por uma mensagem similar do Padre Petrovski em Moscou. Aí...

– Pare. Por que o Cardeal Dolgorovski não comunicou isso?

– Ele comunicou, sim, três horas depois.

– Por que não imediatamente?

– Sua Eminência não tinha ficado sabendo disso.

– Descubra a que horas a notícia chegou a Moscou – não agora, mas ao longo do dia.

– Vou descobrir.

– Pois então vá.

– O Cardeal Malpas comunicou o mesmo cinco minutos depois do Cardeal Ruspoli e o resto das consultas chegou antes da meia-noite. China reportou às onze horas.

– Então você supõe que a notícia se tornou pública quando?

– Primeiro foi decidido na conferência secreta em Londres, ontem, por volta das seis da noite no nosso horário. Parece que os Plenipotenciários a acataram nessa hora. Depois disso, foi comunicado ao mundo. Foi publicado aqui meia-noite e meia.

– Então Felsenburgh estava em Londres?

– Não tenho certeza. O Cardeal Malpas me disse que Felsenburgh deu o seu consentimento provisório no dia anterior.

– Muito bem. Então isso é tudo o que você sabe?

– Há uma hora fui chamado de novo pelo Cardeal Ruspoli. Ele me disse que teme um motim em Florença. Será a primeira de muitas revoluções, diz ele.

– Ele pedia algo?

– Apenas ordens.

– Diga a ele que lhe enviamos a Bênção Apostólica e que daremos as ordens dentro de duas horas. Escolha vinte membros da Ordem para serviço imediato.

– Escolherei.

– Tão logo tenhamos terminado, comunique a mensagem a todo o Sacro Colégio e peça a eles que, com toda a discrição, comuniquem isso a todos os metropolitas e bispos, para que os padres e as pessoas saibam que Nós temos todos eles em nosso coração.

– Farei isso, Santidade.

– Por fim, diga a eles que Nós havíamos previsto isso há muito tempo; que os encomendamos ao Pai Eterno, sem cuja Providência sequer um pardal cai no chão. Peça a eles que fiquem calmos e confiantes; que não façam nada além de confessar sua fé quando perguntados. Todas as outras instruções logo serão transmitidas aos seus pastores.

– Farei isso, Santidade.

Houve novamente uma pausa.

O Papa falara com máxima tranqüilidade, como se estivesse num sonho. Os Seus olhos estavam baixados sobre o papel, todo o Seu corpo imóvel como uma imagem. Ainda assim, ao padre que ouvia, despachando as mensagens em latim e lendo em voz alta as respostas, parecia, embora tão poucas notícias inteligíveis tivessem chegado ao seu conhecimento, como se

algo demasiado estranho e grande fosse iminente. Havia uma sensação de pressão peculiar no ar, e, embora ele não tirasse conclusão alguma do fato de que aparentemente todo o mundo católico estivesse freneticamente mantendo contato com Damasco, ainda assim ele se lembrou de suas meditações da noite anterior, enquanto esperava pelo mensageiro. Era como se os poderes deste mundo estivessem estudando dar mais um passo – com qual fosse a natureza deste ele não estava lá muito preocupado.

O Papa falou novamente, com a sua voz natural.

– Padre – ele disse –, o que estou prestes a dizer é como se fosse uma confissão. Você compreende? Muito bem. Agora comece.

Então a entonação voltou.

– Eminência. Nós haveremos de dizer missa do Espírito Santo daqui a uma hora. Passado esse tempo, você fará com que todo o Sacro Colégio entre em contato com você e aguarde por instruções. Esta decisão é diferente de qualquer outra tomada antes. Você certamente compreenderá isso agora. Temos dois ou três planos em mente, embora Nós não saibamos ainda qual deles é da intenção do nosso Senhor. Depois da missa, Nós haveremos de lhe comunicar aquele que Ele Nos mostrar estar de acordo com a Sua vontade. Nós lhe pedimos que daqui a pouco também diga missa, em Nossa intenção. O que quer que se vá fazer, deve ser feito rapidamente. A questão do Cardeal Dolgorovski você pode deixar para mais tarde. Mas queremos ouvir o resultado das suas investigações, especialmente em Londres, antes do meio-dia. *Benedicat te Omnipotens Deus, Pater et Filius et Spiritus Sanctus.*

– *Amen* – murmurou o padre, lendo da folha.

III

A pequena capela na casa, embaixo, dificilmente se poderia dizer mais arrumada que os outros aposentos. Com exceção dos absolutamente necessários à liturgia e à devoção, não havia nenhum ornamento. No reboco das paredes, estavam marcadas em reentrâncias, em pequeno relevo, as catorze estações da Cruz; uma pequena imagem de pedra da Mãe de Deus ficava em um canto, com um candelabro de ferro à sua frente, e sobre o sólido altar de pedra bruta, erguido sobre um degrau de pedra, ficavam mais seis candelabros de ferro e um crucifixo de ferro. Um tabernáculo, também de ferro e coberto por cortinas de linho, ficava diante da cruz; um pequeno aparador de pedra, projetando-se da parede, servia como repositório. Só havia uma janela, a qual estava trancada para o paço externo, de modo que olhos estranhos não pudessem penetrar ali.

Ao padre sírio parecia, à medida que prosseguia com os seus afazeres – deixando suas vestimentas na pequena sacristia que se abria para um lado do altar, preparando os recipientes e retirando a coberta do altar –, que mesmo o mais leve trabalho era cansativo. Parecia haver uma certa opressão no ar. O quanto isso se devia ao seu descanso interrompido ele não sabia, mas temia que fosse mais um daqueles dias de vento siroco que ameaçavam vir. A tonalidade amarelada da aurora ainda não tinha se ido após o sol já alto; mesmo agora, enquanto ele ia silenciosamente e com pés descalços entre a predela e o genuflexório, onde a figura silenciosa de branco ainda permanecia em silêncio, ele capturou vez ou outra, por sobre o telhado, através da cortina fina, um vislumbre daque-

le céu levemente tingido de areia, que era a promessa de luta e tribulação.

Por fim terminou, acendeu as velas, ficou de joelhos e de cabeça baixa, esperando que o Santo Padre se erguesse dos Seus joelhos. Os passos de um criado soaram no paço externo, vindo para ouvir a missa, e ao mesmo tempo o Papa se levantou e foi até a sacristia, onde as vestimentas vermelhas de Deus, que veio pelo fogo, estavam prontas para o Sacrifício.

O comportamento de Silvestre na missa era singularmente desprovido de ostentação. Ele se movia tão rapidamente quanto qualquer padre jovem, a Sua voz era bastante firme e bastante baixa e o seu andar nem rápido nem pomposo. Seguindo a tradição, Ele dedicava meia hora *ab amictu ad amictum*; e, mesmo na capela pequena e vazia, ele tinha o cuidado de sempre manter os olhos voltados para baixo. E, mesmo assim, o sírio nunca O assistia na missa sem sentir a intensa emoção de algo semelhante a medo; não se tratava apenas do seu conhecimento da tremenda dignidade desse celebrante modesto; mas de que, embora não o pudesse expressar, havia o aroma de uma emoção em torno da figura paramentada que o afetava quase que fisicamente - uma ausência completa de autoconsciência e, em seu lugar, a consciência de alguma outra Presença, uma perfeição de modos mesmo nos mais mínimos detalhes que só podia advir de uma memória absoluta. Já em Roma, nos tempos idos, uma das maravilhas era ver o Padre Franklin celebrando a missa; seminaristas às vésperas da ordenação eram enviados a ver tal maravilha para aprender os modos e o método perfeitos.

Hoje tudo estava como de costume, mas, no momento da Comunhão, o padre de repente olhou para cima, quando a Hóstia tinha sido consumida, um tanto com a impressão de que ou um som ou um gesto tinha atraído o seu olhar; e, enquanto olhava, o seu coração começou a bater forte e

convulsivamente na boca da sua garganta. Contudo, para os olhos externos não havia nada de incomum. A figura lá estava com a cabeça curvada, o queixo descansando sobre as pontas dos longos dedos, o corpo absolutamente ereto e posto naquele equilíbrio leve e curioso, como se não houvesse peso algum sobre os pés. Mas, para o sentido interior, era visível algo que o sírio não conseguia sequer formular para si mesmo; mas, mais tarde, ele percebeu que tinha observado esperando que se desse alguma manifestação visível ou audível. Era uma impressão que poderia ser descrita tanto em termos de luz como de som; a qualquer instante, aquela força delicada e vívida, que para os olhos da alma ardiam sob a casula e a alva, poderia subitamente ter brotado sob a aparência de um jorro de luz radiante, tornando luminosa não apenas a pele amorenada que se via sob o cabelo branco, mas a textura mesma das coisas ásperas, mortas e maculadas que enfaixavam o resto do corpo. Ou poderia ter se mostrado no soar de um longo acorde em cordas ou sopro, como se a união mística da alma dedicada com o inefável Deus Cabeça e a Humanidade de Jesus Cristo gerasse um tal som enquanto, incessantemente, afluísse com o rio da vida por sob o Trono do Cordeiro. Ou, ainda, poderia ter se declarado sob o disfarce de um perfume – a essência mesma da doçura destilada – um cheiro tal que, fluindo pelo tabernáculo grosseiro do corpo de um santo, é, para aqueles que o sentem, como o sopro das rosas celestes...

Os momentos se passaram naquele silêncio de pureza e paz; sons lá de fora vinham e se iam, o bater de uma carroça longe, o serrar da primeira cegonha na grama grosseira a vinte metros da parede; alguém atrás do padre estava com a respiração curta e tensa, como se sob a pressão de uma emoção intolerável, e mesmo assim a pessoa permanecia calma, sem um movimento ou tremor a quebrar a cuidada imobilidade das dobras da alva ou o perfeito equilíbrio dos pés calçados de

branco. Quando, enfim, Ele se mexeu para revelar o Precioso Sangue, para pôr as mãos no altar e adorar, foi como se uma estátua tivesse ganhado vida; para o criado, foi coisa quase chocante.

Mais uma vez, quando o cálice ficou vazio, aquela primeira impressão se reestabeleceu; o humano e o exterior morreram no abraço do Divino e do Invisível e o silêncio novamente viveu e reluziu... E de novo, quando a energia espiritual afundava de volta nas suas origens, Silvestre estendeu o cálice.

Com os joelhos a tremer e os olhos arregalados de expectativa, o padre se levantou, adorou e foi até o repositório.

Era costume que, depois da missa do Papa, o próprio padre oferecesse o Sacrifício em sua presença, mas hoje, tão logo as vestimentas foram postas no rude cesto, Silvestre disse ao padre:

– É para logo, padre – disse ele com delicadeza. – Vá imediatamente para o telhado e diga para o cardeal estar pronto. Irei em cinco minutos.

É claro que se tratava de um dia de vento siroco, pensou o padre, quando veio para a laje plana. No alto, apesar do azul claro próprio àquela hora da manhã, via-se um céu amarelo pálido, até escurecendo ao marrom, no horizonte. O Tabor, à sua frente, mostrava-se distante e sombrio através da atmosfera impalpável de areia e, cruzando a planície, quando olhou para trás de si, para além do traçado de Naim, nada era visível além do pálido recorte das montanhas contra o céu. Mesmo a esta hora da manhã, o ar estava quente e imóvel, interrompido apenas pelo subir lento e sufocante da brisa sudoeste que, soprando ao longo de incontáveis milhas de areia desde muito depois do Egito, reunia o calor do enorme continente desprovido de água e o vertia, mal havendo uma ponta de mar para aliviar a sua maldade, neste pobre pedaço de terra. Quando se virou de novo, o Carmelo também estava envolto, à altura

de sua base, pela névoa, metade seco, metade úmido, e acima mostrava a sua longa cabeça de boi se estendendo, em desafio, contra o céu oriental. A própria mesa, viu quando a tocou, estava seca e quente ao toque, por volta do meio-dia o metal seria intolerável.

Ele acionou a alavanca e esperou; acionou de novo e esperou de novo. Deu-se então o toque de resposta e bateu a mensagem, cruzando oito milhas de distância, de que se requeria a presença imediata de Sua Eminência. Um minuto ou dois se passaram e então, após outro toque da campainha, uma frase saiu rapidamente sobre a nova folha em branco.

– Estou aqui. É a Sua Santidade?

Ele sentiu uma mão sobre o seu ombro e se virou para ver Silvestre, de capuz e vestido de branco, atrás da sua cadeira.

– Diga que sim. Pergunte a ele se há notícias novas.

O Papa foi novamente para a cadeira e se sentou, e um minuto depois o padre, com uma excitação crescente, leu a resposta.

– Perguntas estão chegando aos montes aqui. Muitos esperam que Sua Santidade emita um desafio. Os meus secretários estão ocupados desde as quatro horas. A ansiedade é indescritível. Alguns estão negando que tenham um Papa. Algo deve ser feito imediatamente.

– Isso é tudo? – perguntou o Papa.

De novo o padre leu a reposta.

– Sim e não. A notícia é verdadeira. Será aplicada logo. A menos que se faça algo de imediato, terá se espalhado por toda parte e haverá a apostasia final.

– Muito bem – murmurou o Papa, em sua voz de tom oficial. – Agora ouça com atenção, Eminência. – Ficou em silêncio por um instante, Seus dedos juntos sob o seu queixo tal como agorinha há pouco, na missa. Então falou.

– Estamos prestes a nos colocar irrestritamente nas mãos de Deus. A prudência humana não deve mais nos deter. Ordenamos, portanto, que, usando de toda a discrição possível, sejam comunicados estes nossos desejos às seguintes pessoas, em estrito segredo, e a ninguém mais. E neste serviço você deve empregar mensageiros, tomados à Ordem de Cristo Crucificado, dois para cada mensagem, que não deve ser posta por escrito, seja de que forma for. Os membros do Sacro Colégio, em número de doze; os metropolitas e patriarcas do mundo todo, em número de vinte e dois; os superiores-gerais das ordens religiosas: da Companhia de Jesus, dos frades, dos monges ordinários e dos monges contemplativos. Essas pessoas, em número de trinta e oito, com o capelão de Sua Eminência, que deve fazer o papel de notário, o meu próprio capelão, que há de assisti-lo, e Nós mesmos – quarenta e um, no total –, essas pessoas devem se apresentar aqui, em nosso Palácio, em Nazaré, não tardando mais que a Véspera de Pentecostes. Nós Nos sentimos relutantes em decidir os passos necessários a serem tomados com respeito ao novo decreto, menos quanto a devermos primeiro ouvir o conjunto de nossos conselheiros e lhes dar uma oportunidade de falarem livremente uns com os outros. Estas palavras, tal como as dissemos, devem ser repassadas a todas essas pessoas que nomeamos; e Sua Eminência irá ainda informá-las de que as nossas deliberações não irão tomar mais que quatro dias.

– Quanto à questão de como preparar o concílio e todas as demais correlatas, Sua Eminência irá despachar hoje o capelão de que falei, o qual, junto ao meu capelão, irá de imediato providenciar os preparativos, e Sua Eminência virá a seguir, dentro de não mais que quatro dias, designando o Padre Marabout para atuar em sua ausência.

– Por fim, a todos aqueles que pediam instruções explícitas sobre como agir em face desse novo decreto, comunique esta única sentença e mais nada.

– Não percais vossa confiança, que será bem recompensada. Pois, passado mais um pouco de tempo, Ele, que há de vir, virá e não se atrasará. – Bispo Silvestre, Servo dos Servos de Deus.

Capítulo III

I

Oliver Brand deixou o Salão de Conferência em Westminster, na noite de sexta-feira, tão logo a questão fora concluída e os Plenipotenciários tinham se levantado da mesa, mais preocupado com o efeito da notícia sobre a sua esposa do que sobre o mundo.

Ele rastreou o começo da mudança, até aquele dia, cinco meses antes, quando o Presidente do Mundo tinha pela primeira vez declarado o desenvolvimento da sua política, e, enquanto o próprio Oliver tinha sido receptivo a tal desenvolvimento e tivesse gradualmente passado da defesa deste em público ao convencimento pessoal da sua necessidade, Mabel, pela primeira vez em sua vida, mostrara-se absolutamente obstinada.

A mulher, parecia à sua mente, tinha caído em alguma espécie de insanidade. A declaração de Felsenburgh foi feita uma ou duas semanas após a sua Aclamação em Westminster e Mabel tinha recebido a notícia, a princípio, com total incredulidade.

E então, quando não havia mais nenhuma dúvida de que ele tinha declarado que o extermínio dos sobrenaturalistas seria possivelmente uma necessidade, deu-se uma cena terrível entre ela e o marido. Ela disse que tinha se decepcionado; que a esperança do mundo era uma zombaria monstruosa; que o reino da paz universal estava mais distante que nunca;

que Felsenburgh tinha traído a sua confiança e arrasado este mundo. Houve uma cena horrível. Ele mesmo agora não gostava nem de recordar isso. Depois de um tempo ela se acalmou, mas os argumentos dele, enunciados com paciência infinita, pareciam produzir bem pouco efeito. Ela se pôs em silêncio, mal respondendo a ele. Uma única coisa parecia tocá-la, e era quando ele falava do próprio Presidente. Foi ficando claro para ele que, afinal de contas, ela era apenas uma mulher à mercê de uma personalidade forte, mas absolutamente além do alcance da lógica. Ele estava muito desapontado. Embora confiasse no tempo para curá-la.

O Governo da Inglaterra tinha dado passos rápidos e hábeis para tranqüilizar aqueles que, como Mabel, recusaram a lógica inevitável da nova política. Um exército de oradores cruzou o país, defendendo e explicando; a imprensa foi orientada com extraordinária perícia e era possível dizer que não havia sequer uma pessoa, entre os milhões de ingleses, que não tivesse fácil acesso à defesa do Governo.

Em resumo, tosados da retórica, os argumentos deles eram os que seguem, e não houve dúvida de que, no todo, eles tiveram o efeito de acalmar a revolta pasma das mentes mais sentimentais.

A paz, observava-se, pela primeira vez na história do mundo tinha se tornado um fato universal. Não havia mais um Estado, ainda que pequeno, cujos interesses não fossem idênticos aos de uma das três divisões do mundo, à qual estava subordinado, e o primeiro estágio tinha sido alcançado cerca de meio século atrás. Mas o segundo estágio – a união dessas três divisões sob uma liderança comum –, um feito infinitamente maior que o anterior, uma vez que os interesses conflitantes eram incalculavelmente mais vastos – este foi consumado por uma única Pessoa, Aquele que, parecia, tinha emergido da humanidade precisamente quando um Personagem como

esse era necessário. Certamente não era pedir muito, àqueles a quem esses benefícios tinham chegado, que assentissem à vontade e o julgamento d'Ele, através do qual tais benefícios vieram. Era, portanto, um apelo à fé.

O segundo argumento principal se dirigia à razão. A perseguição, como todas as pessoas esclarecidas admitem, era o método da maioria dos selvagens que desejavam impor um corpo de opiniões sobre uma minoria que não as partilhava espontaneamente. Ocorre que a malevolência específica da perseguição do passado estava não no uso da força, mas no abuso desta. Que um determinado reino ditasse opiniões religiosas a uma minoria dos seus membros era uma tirania intolerável, pois nenhum Estado tinha o direito de impor leis universais, que bem podiam ainda ser contrárias às dos seus vizinhos. Isto, contudo, sob um disfarce, não era outra coisa que não o Individualismo das Nações, uma heresia até mais desastrosa para a comunidade do mundo do que o Individualismo do Indivíduo. Mas com o advento da comunidade internacional de interesses toda a situação mudou. Esta personalidade unitária da raça humana tinha se sobressaído diante da incoerência de unidades divididas e, com essa consumação, que podia ser comparada à chegada de uma nova era, surgiu um conjunto totalmente novo de direitos. A raça humana agora era uma entidade unificada com uma responsabilidade suprema; não existia mais direito privado algum, tal como certamente existira em época prévia. O homem agora tinha domínio sobre cada célula que compunha o Seu Corpo Místico e, onde uma célula qualquer se afirmar a si mesma em detrimento do Corpo, os direitos do todo são absolutos.

E só havia uma religião que reivindicava direitos iguais de jurisdição universal – e esta era a católica. As seitas do oriente, cada uma com as suas características próprias, ainda chegaram a encontrar no Novo Homem a encarnação dos seus

ideais e, portanto, a dar o seu assentimento à autoridade do Corpo inteiro de que Ele era a Cabeça. Mas a própria essência da religião católica era traição à idéia mesma de homem. Os cristãos voltavam a sua reverência para um Ser supostamente sobrenatural, o qual estava não só fora do mundo – assim alegavam –, mas efetivamente o transcendia. Portanto, os cristãos – deixando de lado a fábula louca da Encarnação, que bem pode ser deixada a morrer de sua própria loucura – deliberadamente se amputaram do Corpo de que, pela geração humana, eles tinham sido feito membros. Eles eram como membros flagelados que se vergavam ao domínio de uma força exterior diferente daquela que era a própria vida deles e, por conta desse ato mesmo, punham em risco todo o Corpo. Essa loucura, portanto, era a única coisa que ainda merecia o nome de crime. Assassinato, roubo, estupro, até mesmo a anarquia, eram ninharias se comparados a esse pecado monstruoso, pois, embora essas coisas ferissem o Corpo, não atingiam o seu coração – indivíduos sofriam e, portanto, esses criminosos menores mereciam repressão; mas a própria Vida não era atingida. Mas no cristianismo havia um veneno realmente mortal. Cada célula que era infectada por ele era infectada na própria fibra que a prende à fonte da vida. Este, e apenas este, era o crime supremo de Alta Traição contra o homem – e nada, a não ser a sua completa remoção do mundo, seria remédio apropriado.

Estes, então, eram os principais argumentos direcionados a essa porção do mundo que ainda recuava diante da declaração cautelosa de Felsenburgh, e o efeito que tiveram foi notável. Claro, a lógica, em si mesma incontestável, tinha sido vestida com uma variedade de roupas adornadas com retórica, acesas de paixão, e tinha feito o seu trabalho de tal maneira que, no verão, Felsenburgh tinha anunciado, em privado, que

pretendia apresentar um Projeto de Lei que levaria a cabo a conclusão lógica da política de que tinha falado.

Agora, também isso se tinha feito.

II

Oliver foi para casa e subiu direto a escada até o quarto de Mabel. Não funcionaria deixar que ela ouvisse a notícia dos lábios de outra pessoa. Ela não estava lá e, ao procurar saber, soube que ela tinha saído uma hora atrás.

Ele ficou desconcertado diante disso. O decreto fora assinado meia hora antes e, em resposta a uma pergunta do Lord Pemberton, disse-se que não havia mais razão alguma para guardar segredo e que a decisão deveria ser comunicada à imprensa. Oliver tinha imediatamente saído apressado, de modo a garantir que Mabel ouvisse a notícia dele próprio, e agora ela estava fora de casa e, a qualquer momento, os painéis poderiam dizer a ela o que fora feito.

Ele ficou extremamente apreensivo, mas ao longo de mais de uma hora ficou com vergonha de agir. Depois foi até o tubo de comunicação e fez algumas perguntas, mas a criada não fazia idéia dos movimentos de Mabel; talvez ela tivesse ido para a igreja; às vezes ela o fazia nesse horário. Ela mandou a mulher até lá para ver e se sentou de novo na cadeira junto à janela do quarto da esposa, olhando desconsoladamente para a imensa série de telhados sob a luz dourada do pôr-do-sol, a qual parecia, aos seus olhos, estar estranhamente bela esta tarde. O céu não estava aquele dourado puro que fora toda noite durante a última semana; havia um toque de rosa nele, e este se estendia ao longo de toda a abóboda até tão longe

quanto ele podia ver, de oeste a leste. Ele refletiu sobre o que havia lido recentemente, em um velho livro, no sentido de que a abolição da fumaça certamente tinha mudado as cores da tarde para pior... Também tinha ocorrido uns terremotos graves na América – ele imaginava se não haveria alguma ligação... Em seguida, os seus pensamentos voaram de volta para Mabel...

Isso foi cerca de dez minutos antes de ele ouvir os passos dela nos degraus, e, enquanto ele se levantava, ela entrou.

Havia algo no rosto dela a lhe dizer que ela sabia de tudo, e o coração dele se sobressaltou com a sua rigidez pálida. Não havia ira alguma – nada além de um desespero branco, irremediável, e uma determinação imensa. Os lábios dela exibiam uma linha reta e os seus olhos, sob o seu chapéu branco de verão, pareciam contraídos como que num ponto de agulha. Ela ficou lá, fechando a porta mecanicamente às suas costas, e não fez outro movimento qualquer na direção dele.

– É verdade? – ela disse.

Oliver suspirou firmemente e se sentou de novo.

– Verdade o que, minha querida?

– É verdade – disse ela novamente – que todos devem ser questionados se acreditam em Deus e que devem ser mortos se confessarem que sim?

Oliver umedeceu os seus lábios secos.

– Você está tomando a coisa de forma muito desagradável – ele disse. – A pergunta é se o mundo tem o direito...

Ela fez um movimento ríspido com a cabeça.

– Então é verdade. Você assinou?

– Minha querida, eu lhe imploro para que não faça uma cena. Eu estou cansado. E eu não vou responder isso até que você tenha ouvido o que eu tenho a dizer.

– Então diga.

– Então se sente.

Ela sacudiu a cabeça.

– Muito bem, então... Bom, esta é a questão. Agora o mundo é um só, não muitos. O individualismo está morto. Morreu quando Felsenburgh se tornou o Presidente do Mundo. Você certamente percebe que condições absolutamente novas agora se impõem – nunca antes houve nada assim. Você sabe disso tanto quanto eu.

De novo veio aquela comichão de impaciência.

– Por favor, deixe-me terminar – ele disse, com cansaço. – Bom, agora que isso aconteceu, existe uma nova moralidade; é precisamente como uma criança chegando à idade da razão. Portanto, estamos obrigados a ver que isso continua – que não há caminho de volta – nenhuma mortificação – que todos os membros estão bem. "Se a tua mão te leva a pecar, corta-a", disse Jesus Cristo. Bem, isso é o que nós dizemos... Agora, alguém dizer que acredita em Deus – duvido muito que ainda exista alguém que acredite ou sequer compreenda o que isso significa – mas alguém dizer isso é realmente o pior crime concebível: é alta traição. Mas não haverá violência; será bastante tranqüilo e misericordioso. Ora, você sempre aprovou a eutanásia tanto quanto eu. Bom, é isso que será usado; e...

De novo ela fez um pequeno movimento com a mão. O resto do seu corpo estava como uma estátua.

– Isso tudo tem algum propósito? – ela perguntou.

Oliver se levantou. Ele não conseguia suportar a dureza da voz dela.

– Mabel, minha querida...

Por um instante os lábios dela tremeram; em seguida, olhou para ele com olhos de gelo.

– Eu não quero saber disso – ela disse. – Não interessa. Então, você assinou?

Oliver teve uma sensação de desespero miserável quanto olhou de volta para ela. Ele preferiria infinitamente que ela tivesse explodido e chorado.

– Mabel... – ele clamou novamente.

– Então você assinou?

– Eu não assinei – disse, afinal.

Ela se virou e foi para a porta. Ele foi atrás dela.

– Mabel, você vai aonde?

Então, pela primeira vez em sua vida, ela mentiu franca e inteiramente para o seu marido.

– Vou descansar um pouco – ela disse. – Vejo você daqui a pouco no jantar.

Ele ainda hesitou, mas ela o olhou nos olhos, de forma pálida, mas tão honesta, que ele recuou.

– Está bem, querida... Mabel, tente entender.

Ele desceu para o jantar meia hora depois, com sua lógica bem preparada e até aceso de emoção. O argumento lhe parecia agora tão absolutamente convincente; dadas as premissas que ambos aceitavam e de acordo com as quais viviam, a conclusão era simplesmente inevitável.

Ele esperou uns dois minutos e, por fim, foi até o tubo que se comunicava com o quarto dos criados.

– Onde está a Sra. Brand? – ele perguntou.

Houve um momento de silêncio e, em seguida, veio a resposta:

– Faz meia hora que ela saiu, senhor. Pensei que o senhor soubesse.

III

Na mesma noite, o Sr. Francis estava muito ocupado, em seu escritório, cuidando dos detalhes do festival da Nutrição, que seria celebrado em primeiro de julho. Era a primeira vez que essa cerimônia em particular aconteceria e ele estava ansioso para que fosse tão bem-sucedida quanto as que a precederam. Havia umas poucas diferenças entre esta e as outras e era preciso que os *ceremoniarii* fossem inteiramente instruídos.

Assim, tendo o modelo à sua frente – uma réplica em miniatura do interior da Abadia, com bonecos minúsculos em blocos que podiam ser postos aqui e ali –, ele estava ocupado em pôr, numa minúscula mão eclesiástica, notas de rubrica para a sua cópia da Norma de Cerimonial.

Quando o porteiro avisou, assim, passado um pouco das nove horas, que uma senhora desejava vê-lo, ele respondeu um tanto rispidamente pelo tubo, dizendo que não podia. Mas a campainha tocou de novo e, à sua pergunta impaciente, veio a resposta de que era a Sra. Brand lá embaixo e que ela não pedia mais que dez minutos de conversa. Agora a situação era bem outra. Oliver Brand era uma personalidade de importância e sua esposa, logo, tinha importância, e o Sr. Francis se desculpou, deu ordem de que ela deveria subir para a antesala e se afastou, suspirando, da Abadia e dos sacerdotes de brinquedo.

Esta noite ela parecia bem calma, ele pensou, enquanto dava as mãos a ela um minuto depois; ela estava de véu, de modo que ele não podia ver o seu rosto muito bem, mas à voz dela parecia faltar a vivacidade usual.

– Peço desculpas por interrompê-lo, Sr. Francis – disse ela. – Gostaria apenas de lhe fazer uma ou duas perguntas.

Ele sorriu para ela animadoramente.

– Sem dúvida o Sr. Brand...

– Não – ela disse –, o Sr, Brand não me mandou. É coisa só minha. Você já saberá meus motivos. Devo falar logo. Sei que não posso tomar muito o seu tempo.

Tudo isso parecia muito estranho, ele pensou, mas sem dúvida ele logo compreenderia.

– Em primeiro lugar – ela disse –, suponho que você conhecia o Padre Franklin. Ele virou Cardeal, não é isso?

O Sr. Francis fez que sim, sorrindo.

– Você sabe se ele está vivo?

– Não – ele disse. – Ele morreu. Ele estava em Roma, sabe, quando houve a destruição.

– Ah. Você tem certeza?

– Toda a certeza. Só um cardeal escapou – Steinmann. Ele foi enforcado em Berlim; e o Patriarca de Jerusalém uma ou duas semanas depois.

– Ah, está certo. Bom, agora, uma pergunta bem esquisita. Eu pergunto por um motivo em específico, que não posso explicar, mas você logo vai compreender... É que... – por que os católicos acreditam em Deus?

Ele foi pego tão desprevenido que, por um instante, ficou sentado olhando fixamente.

– Sim – ela disse calmamente –, é uma pergunta bem esquisita. Mas... – ela hesitou. – Bom, vou contar para você – disse. – O fato é que tenho uma amiga que está... que está em perigo com essa nova lei. Gostaria de poder discutir com ela; e preciso conhecer o lado dela. Você é o único padre – quer dizer, foi padre – que já conheci, com exceção do Padre Franklin. Então pensei se você não se importaria de me dizer.

A voz dela era inteiramente natural; não havia sequer um tremor ou vacilo nela. O Sr. Francis sorriu cordialmente, esfregando as mãos com delicadeza.

– Ah – ele disse. – Sim, compreendo... Bom, essa é uma questão bastante ampla. Por que não amanhã, talvez...?

– Quero apenas a resposta mais curta possível – ela disse. – É que realmente preciso saber de uma vez. Veja você, essa nova lei entra em vigor...

Ele assentiu.

– Bem, muito brevemente, eu diria isso: os católicos dizem que Deus pode ser percebido pela razão; que das harmonias do mundo eles podem deduzir que deve existir um Arranjador – uma Mente, você compreende. Em seguida eles dizem que deduzem outras coisas sobre Deus – que Ele é Amor, por exemplo, por causa da felicidade...

– E a dor? – ela interrompeu.

Ele sorriu de novo.

– Sim. Esse é o ponto – esse é o ponto fraco.

– Mas o que eles dizem sobre isso?

– Bom, em resumo, eles dizem que a dor é conseqüência do pecado...

– E o pecado? Veja, eu não sei de absolutamente nada, Sr. Francis.

– Bom, o pecado é a rebelião do homem contra a vontade de Deus.

– O que eles querem dizer com isso?

– Bom, veja, eles dizem que Deus quer ser amado pelas Suas criaturas, daí Ele as fez livres; do contrário, elas não poderiam realmente amar. Mas, se são livres, isso quer dizer que elas podem, se quiserem, se recusar a amar e a obedecer a Ele; e é isso que é chamado de pecado. Você percebe que absurdo...

Ela fez um pequeno movimento brusco com a cabeça.

– Sim, sim – ela disse. – Mas eu realmente quero compreender o que eles pensam... Bom, então isso é tudo?

O Sr. Francis pressionou os lábios.

– Não mesmo – ele disse –, isso é só um pouco mais do que eles chamam de Religião Natural. Os católicos acreditam em muito mais do que isso.

– Pois então?

– Minha cara Sra. Brand, é impossível dizer isso em poucas palavras. Mas, sendo breve, eles acreditam que Deus se tornou homem – que Jesus era Deus e que, querendo salvar os homens do pecado, Ele fez isso morrendo...

– Sofrendo a dor, você quer dizer?

– Sim; morrendo. Bom, a questão central é o que eles chamam de Encarnação. Tudo o mais se segue disso. E, uma vez que o homem acredita nisso, tenho de confessar que todo o resto se segue – até os escapulários e a água benta.

– Sr. Francis, não estou entendendo sequer uma palavra.

Ele sorriu com complacência.

– Claro que não – ele disse –, isso tudo é um absurdo inacreditável. Mas, você sabe, eu já acreditei realmente nisso tudo.

– Mas isso é irracional – ela disse.

Ele fez um pequeno som de objeção.

– Sim – disse –, num certo sentido, é claro que é – totalmente irracional. Mas num outro sentido...

Ela se inclinou para frente repentinamente, e ele pôde captar o brilho dos olhos dela sob o véu.

– Ah – ela disse, quase sem ar. – É isso que eu quero ouvir. Agora, me diga como eles justificam isso.

Ele parou por um instante, a cogitar.

– Bom – ele disse vagarosamente –, até onde eu me lembro, eles dizem que existem outras faculdade além da razão. Dizem, por exemplo, que às vezes o coração descobre coisas que a razão não consegue descobrir – intuições, entenda. Por exemplo, eles dizem que todas as coisas como o auto-sacrifício e a bravura, e até mesmo a arte, que tudo vem do coração, que a Razão vem com essas coisas – nas regras da técnica, por

exemplo –, mas que ela não pode prová-las; elas existem bem separadas disso.

– Acho que entendo.

– Bom, eles dizem que a religião é como isso – em outras palavras, eles praticamente confessam que isso é meramente uma questão de emoção. – Ele parou de novo, tentando ser justo. – Bem, talvez eles não dissessem isso – embora seja verdade. Mas, em resumo...

– Sim?

– Bom, eles dizem que existe uma coisa chamada Fé – uma espécie de convicção profunda diferente de tudo o mais – sobrenatural –, a qual se supõe que Deus dá àqueles que a desejam – às pessoas que oram por isso, levam vidas de bondade e assim por diante...

– E quanto a essa Fé?

– Bom, a Fé, agindo sobre o que eles chamam de evidências – essa Fé faz eles terem absoluta certeza de que existe um Deus, que Ele se fez homem e assim por diante, com a Igreja e o resto. Eles também dizem que isso é provado pelo efeito que a religião deles teve no mundo e que, aliás, isso explica ao homem a sua própria natureza. Você percebe, é só questão de auto-sugestão.

Ele ouviu o suspiro dela e parou.

– Ficou mais claro, Sra. Brand?

– Muito obrigada – ela disse –, agora certamente ficou mais claro... e é verdade que os cristãos morreram por essa Fé, seja lá o que for?

– Ah, sim! Milhares e milhares. Assim como os maometanos morreram pela Fé deles.

– Os maometanos também acreditam em Deus, não acreditam?

– Bom, acreditam, e parece que uns poucos ainda acreditem. Mas bem poucos: os demais se tornaram esotéricos, como eles dizem.

– E... e onde você diria que estão as pessoas mais evoluídas – no oriente ou no ocidente?

– Ah, sem dúvida que no ocidente. O oriente pensa um bocado, mas não age muito. E isso sempre leva a confusão – até mesmo à estagnação do pensamento.

– E o cristianismo foi mesmo a religião do ocidente até cem anos atrás?

– Oh, sim.

Então ela ficou em silêncio e o Sr. Francis teve tempo para refletir sobre quão esquisito tudo isso era. Ela certamente devia ser muito apegada a essa sua amiga cristã.

Em seguida ela se levantou, e ele se levantou com ela.

– Muito obrigada, Sr. Francis... Então esse seria um esboço?

– Bem, sim; tanto quanto posso pôr isso em poucas palavras.

– Obrigada... Não devo lhe tomar mais tempo.

Ele foi com ela até a porta. Mas, a um metro desta, ela parou.

– E você, Sr. Francis. Você foi criado em meio a tudo isso. Isso já lhe voltou alguma vez?

Ele sorriu.

– Nunca – ele disse –, exceto como um sonho.

– Então como você explica que não acredita mais? Se tudo é só auto-sugestão, você deve ter passado por uns trinta anos disso.

Ela parou; e, por um momento, ele hesitou em responder.

– Como os seus antigos companheiros católicos explicam isso?

– Eles diriam que a minha luz foi tomada – que a Fé foi retirada.

– E você?

Ele parou novamente.

– Eu diria que pratiquei uma auto-sugestão mais forte no outro sentido.

– Compreendo... Boa noite, Sr. Francis.

Ela não o deixaria descer no elevador consigo, então, quando ele viu a caixa bem projetada descer até abaixo do andar, voltou novamente para a sua maquete da Abadia e os pequenos bonecos. Mas, antes de começar a movê-los de novo, ficou por um momento sentado com os lábios comprimidos, a observar.

Capítulo IV

I

Uma semana depois, Mabel acordou por volta do amanhecer; e, por um instante, esqueceu-se de onde estava. Ela até chegou a falar o nome de Oliver em voz alta, olhando ao redor para o quarto estranho, imaginando o que fazia ali. Ela então se lembrou – e ficou em silêncio...

Era o oitavo dia que passava nesta clínica; o seu período de avaliação tinha terminado: hoje ela poderia fazer aquilo que a trouxera até aqui. No sábado da semana anterior, tinha passado pelo exame particular diante do juiz de pequenas causas, fornecendo, sob as condições usuais de segredo, o seu nome, idade e domicílio, bem como os seus motivos para se candidatar à eutanásia; e tudo tinha transcorrido bem. Ela cuidadosamente escolhera Manchester como suficientemente longe e suficientemente grande para mantê-la a salvo da interferência de Oliver; e o seu segredo fora admiravelmente guardado. Não havia sequer o mais mínimo indício de que o seu marido soubesse algo das suas intenções, pois, afinal de contas, em tais casos a polícia era obrigada a auxiliar o fugitivo. O individualismo pelo menos ainda tinha reconhecimento o suficiente para garantir àqueles cansados da vida o direito de se desfazerem dela. Ela mal sabia por que tinha optado por esse método, exceto que qualquer outro parecia praticamente impossível. Faca requeria habilidade e determinação; armas de fogo estavam fora de cogitação; e veneno, dadas as novas e

severíssimas regulamentações, era difícil de conseguir. Além disso, ela desejava seriamente pôr à prova as suas próprias intenções e estar bastante convicta de que não havia outro caminho além desse...

Bem, ela estava determinada como nunca. A idéia lhe ocorrera pela primeira vez quando estava na desolação ensandecida decorrente da explosão de violência no último dia do ano que terminara. Então veio de novo, sendo abrandada pelo argumento de que o homem podia ter as suas recaídas. Voltou então mais uma vez, um fantasma frio e impositivo, na luz clara e evidente revelada pela Declaração de Felsenburgh. Assim, a idéia fez moradia nela, ainda que esta a controlasse, esperando, contra a própria esperança, que a Declaração não viesse a ser posta em prática, vez ou outra se revoltando contra o seu horror. Contudo, este nunca estava distante; e, por fim, quando a política se tornou uma lei planejada, ela se entregou decididamente à influência da idéia. Isso, há oito dias; e ela não tivera nenhum momento de hesitação desde então.

Contudo, ela tinha parado de condenar. A lógica a tinha silenciado. Tudo o que sabia é que não podia suportar isso; que tinha compreendido mal a Nova Fé; que para ela, o que quer que significasse para os outros, não havia esperança... Ela sequer tinha um filho.

Esses oito dias, requeridos pela lei, tinham passado na maior paz. Ela tinha trazido consigo dinheiro o suficiente para entrar em uma das casas particulares, mobiliada com conforto tal, que podia manter longe de distrações aqueles que tinham se acostumado a uma vida tranqüila: as enfermeiras eram agradáveis e simpáticas; ela não tinha nada do que se queixar.

Ela tinha sofrido, claro, ao passar por alguns níveis de reação. A segunda noite após a chegada tinha sido pavorosa, quando, enquanto estava na cama, na escuridão quente, toda

a sua vida senciente tinha protestado e lutado contra o destino que a vontade dela determinava. A sua vida cobrava as coisas familiares – a promessa de comida e ar e trato humano; tinha se contorcido de horror para com a escuridão cega em direção da qual se movia inevitavelmente; e, em sua agonia, foi apaziguada pela promessa, só meio entrevista e sugerida por uma voz profunda, de que a morte não era o fim. Com a luz da manhã, a sanidade retornou; a vontade tinha reassumido o comando e, com isso, tinha explicitamente retirado a esperança implícita de uma existência posterior. Ela sofrera ainda por mais uma ou duas horas em razão de um temor mais concreto; voltou-lhe a recordação daquelas provas chocantes que dez anos antes tinham convulsionado a Inglaterra e gerado o estabelecimento das Casas, sob supervisão do Governo – aquelas provas de que, ao longo de anos, nos grandes laboratórios de vivissecção, seres humanos tinham sido objeto de exercício – pessoas que, com as mesmas intenções que ela, tinham se apartado do mundo em clínicas privadas de eutanásia, pessoas às quais fora ministrado um gás que, em vez de destruir, suspendia a animação... Mas também isso tinha passado com o retorno da luz. Tais coisas agora eram impossíveis com o novo sistema – na Inglaterra, pelo menos. Por isso mesmo ela tinha evitado encontrar o seu fim em alguma parte do interior do país. Ali, onde o sentimento era mais fraco e a lógica mais imperiosa, o materialismo era mais consistente. Uma vez que os homens eram tão só animais... a conclusão era inevitável.

Só um incômodo físico se dera, o calor insuportável dos dias e das noites. Parecia, diziam os cientistas, que uma onda de calor inteiramente inesperada tinha surgido; havia uma dezena de teorias, a maioria dela incompatíveis umas com as outras. Era humilhante, pensou ela, que os homens que professavam ter posto a terra sob o seu controle pudessem ficar tão

desconcertados. As condições do tempo tinham, claro, sido acompanhadas de desastres; ocorreram terremotos de violência impressionante, uma onda tinha devastado não menos que vinte e cinco cidades na América; umas duas ilhas tinham desaparecido e o atordoante Vesúvio parecia estar caminhando para um desfecho final. Mas ninguém sabia realmente dar uma explicação. Um certo homem tinha sido louco a ponto de afirmar que algum cataclismo ocorrera no centro da terra... É o que tinha ouvido da sua enfermeira; mas ela não estava muito interessada. Só era cansativo que ela não pudesse caminhar pelo jardim e tivesse de se contentar com ficar sentada em seu quarto frio e sombreado no segundo andar.

Só havia um assunto acerca do qual ela tinha perguntado, a saber, o resultado do novo decreto; mas a enfermeira não parecia saber muito a respeito. Parecia ter ocorrido uma ou duas afrontas, mas a lei ainda não tinha sido aplicada em escala muito grande; afinal de contas, uma semana era pouco tempo, mesmo para o caso de o decreto ter tido efeito imediato, e os juízes estavam só começando o censo a que se devia proceder.

Ela teve a impressão, enquanto permaneceu deitada nesta manhã, olhando fixamente para o teto pintado e ora ou outra ao redor do quarto quieto, que o calor estava pior que nunca. Por um minuto pensou que tinha dormido demais; mas, quando pegou o seu relógio, este lhe disse que mal eram quatro horas. Bem, muito bem; ela não teria de suportar isso por muito tempo; pensou que, por volta das oito, seria hora de pôr um fim. Ainda havia a sua carta para Oliver a ser escrita e uns poucos preparativos finais a serem feitos.

Quanto à moralidade do que estava fazendo - quer dizer, a relação que o seu ato tinha com a vida comum do homem -, ela não tinha sombra de dúvida. Ela acreditava, como todo o mundo humanitarista, que, assim como a dor corporal jus-

tificava ocasionalmente o encerramento da vida, assim também a dor mental. Havia um certo grau de tormento no qual o indivíduo não era mais necessário a si mesmo ou ao mundo; era a coisa mais caridosa que se podia fazer. Mas ela nunca tinha pensado, nos velhos tempos, que tal situação pudesse algum dia ser a sua; a Vida tinha sido muito interessante. Mas ela tinha chegado a esse ponto: não havia dúvida disso.

Talvez tenha chegado a uma vintena o tanto de vezes que, naquela semana, pensara na sua conversa com o Sr. Francis. A sua ida até ele tinha sido pouco mais que instintiva; ela só queria ouvir o que era o outro lado – se o cristianismo era tão ridículo quanto ela sempre pensara. Pareceu-lhe que este não era ridículo; era só terrivelmente patético. Era apenas um adorável sonho – um artigo fino de poesia. Seria coisa divina acreditar nisso, mas ela não acreditava. Não – um Deus transcendente era inconcebível, ainda que não tão impensável quanto um Homem imensurável. Com relação à Encarnação – ah!

Parecia não haver outra saída. A Religião da Humanidade era a única. O Homem era Deus ou, pelo menos, a Sua mais alta manifestação; e Ele era um Deus com o qual ela não queria mais ter nada a ver. Esses pálidos novos instintos provenientes de algo que não o intelecto nem a emoção eram, ela sabia perfeitamente bem, nada mais que emoção refinada.

Ela tinha, contudo, pensado bastante em Felsenburgh e estava impressionada com os seus próprios sentimentos para com Ele. Ele certamente era o homem mais marcante que ela já vira; até parecia muito provável que Ele realmente fosse o que alegava ser – a Encarnação do Homem ideal, o primeiro produto perfeito da humanidade. Mas a lógica da posição adotada por ele era demais para ela. Ela agora via que Ele era perfeitamente lógico – que ele não tinha sido inconsistente em denunciar a destruição de Roma e, uma semana depois, fazer a Sua declaração. O que Ele denunciou foi a paixão de um

homem contra o outro – de reino contra reino, de seita contra seita – pois isso era suicídio para a raça. Ele também denunciou a paixão, não o ato judicioso. Portanto, esse novo decreto era tão lógico quanto Ele – era um ato judicioso da parte de um mundo unido contra um pequeno grupo que ameaçava o princípio da vida e da fé: e isso deveria ser levado a cabo com extrema misericórdia; do começo ao fim, não havia nisso vingança, paixão ou espírito partidário; o homem não seria mais vingativo ou apaixonado quando fosse amputar um membro adoecido – Oliver a tinha convencido disso.

Sim, isso era lógico e razoável. E, porque era assim, ela não podia suportar... Mas ah!, que homem sublime Felsenburgh era; era-lhe uma felicidade até mesmo recordar os discursos e a personalidade dele. Ela teria gostado de vê-lo novamente. Mas isso não era bom. Ela tinha de se desincumbir disso o mais tranqüilamente possível. E o mundo deveria seguir em frente sem ela. Ela simplesmente estava cansada de Fatos.

Ela logo cochilou mais um pouco, e isso pareceu ter sido, se tanto, cinco minutos antes de erguer a vista e ver o rosto risonho de uma enfermeira de touca branca se curvando até ela.

– Já são quase seis horas, minha querida – a hora que você me disse. Vim para saber a respeito do café da manhã.

Mabel respirou fundo. Então se sentou de repente, tirando o lençol.

II

O relógio na prateleira sobre a lareira marcava seis e quinze quando ela largou a caneta. Ela reuniu as folhas escritas, reclinou-se em sua poltrona e começou a ler.

"Casa de Descanso,
Nº 3A, Oeste de Manchester

"Meu amor,

"Sinto muito, mas tudo aquilo voltou. Eu realmente não posso ir mais adiante, então vou escapar pelo único meio que restou, como certa vez lhe disse. Passei um período muito tranqüilo e feliz aqui; eles têm sido muito gentis e atenciosos. Pelo cabeçalho desta folha, você, claro, compreende o que quero dizer...

"Bom, você sempre foi muito amável comigo; você ainda é, mesmo neste momento. Então você tem o direito de saber os meus motivos, pelo menos até onde eu mesmo os conheço. É muito difícil compreender o que se passa comigo; mas me parece que eu não tenho força suficiente para viver. Enquanto eu estava satisfeita e empolgada, tudo estava muito bem - especialmente quando Ele veio. Mas acho que esperei que fosse diferente; eu não compreendia, como ainda não compreendo, como se poderia chegar a isto - como tudo isso é tão lógico e certo. Eu pude suportar quando pensei que eles tinham agido por paixão, mas agora é coisa pensada. Eu não percebi que a Paz tivesse que ter as suas leis e que se proteger. E que, de alguma forma, a Paz não é o que eu quero. Estar viva, do jeito como for, é que está errado.

"Assim, há essa dificuldade. Eu sei quão absoluta é a sua aceitação dessa nova situação; claro que é assim, já que você é muito mais forte e lógico que eu. Mas, tendo uma esposa, ela deveria ser uma mente só com você. E eu não sou mais, pelo

menos não no meu coração, embora eu veja que você está certo... Você compreende, querido?

"Se nós tivéssemos tido um filho, poderia ter sido diferente. Eu poderia ter preferido continuar vivendo por conta dele. Mas a Humanidade, de alguma forma - ah!, Oliver, eu não consigo - eu não consigo.

"Sei que estou errada e que é você que está certo - mas é assim e pronto; eu não posso mudar como sou. Assim, estou bastante convicta de que tenho de ir.

"Então quero dizer o seguinte para você - que não estou de forma alguma amedrontada. Eu nunca pude compreender como as pessoas podem se amedrontar - a menos, claro, que se trate de cristãos. Eu estaria horrivelmente assustada se fosse um deles. Mas, você entende, nós dois percebemos que não existe nada no além. É da vida que estou com medo - não da morte. Claro, eu me amedrontaria se houvesse alguma dor; mas os médicos me disseram que não há absolutamente nenhuma. É simplesmente como ir dormir. Os nervos morrem antes do cérebro. Eu mesma farei isso. Não quero nenhuma outra pessoa no quarto. Dentro de poucos minutos a enfermeira daqui - a Irmã Anne, da qual me tornei grande amiga - irá trazer a coisa e depois me deixará sozinha.

"Quanto ao que fazer depois, eu não me importo nem um pouco. Por favor, faça exatamente o que você quiser. A cremação será amanhã, ao meio-dia, então você pode vir se quiser. Ou você pode mandar instruções e eles lhe enviarão a urna. Eu sei que você gostou de ter a urna da sua mãe no jardim; talvez você vá querer o mesmo para minha. Por favor, faça

exatamente o que preferir. E o mesmo também com todas as minhas coisas. Claro que as deixo para você.

"Agora, querido, quero dizer isto – que agora realmente sinto muito que eu fosse tão cansativa e estúpida. Acho que o tempo todo eu realmente acreditava nos seus argumentos. Mas eu não queria acreditar neles. Você percebe agora por que eu era tão cansativa?

"Oliver, meu amor, você foi tão extraordinariamente bom para mim... Sim, sei que estou chorando, mas eu realmente estou muito feliz. Este é o fim tão agradável! Eu gostaria de não ter sido obrigada a lhe deixar tão ansioso ao longo dessa última semana: mas eu tinha de fazer assim – eu sabia que você me persuadiria do contrário se me encontrasse e que as coisas teriam ficado piores do que nunca. Sinto muito por ter lhe dito aquela mentira. Realmente foi a primeira vez que menti para você.

"Bom, creio que não haja muito mais a dizer. Oliver, meu querido, adeus. Mando-lhe o meu amor com todo o coração.

"Mabel".

***

Ela permaneceu sentada após ter lido tudo, e seus olhos ainda estavam cheios de lágrimas. Todavia, tudo era perfeitamente verdadeiro. Ela estava muito mais feliz do que se tivesse a perspectiva de voltar. A vida parecia inteiramente vazia: tão

obviamente a morte era uma saída; a sua alma implorava por isso, tal como um corpo por sono.

Ela endereçou o envelope, ainda com uma mão perfeitamente firme, deixou-o sobre a mesa e se reclinou de novo, olhando novamente para o seu café da manhã intocado.

Então ela repentinamente começou a pensar em sua conversa com o Sr. Francis; e, através de uma associação estranha de idéias, lembrou-se da queda do *volor* em Brighton, a pressa do padre e os instrumentos de eutanásia...

Quando, minutos depois, chegou, a Irmã Anne ficou impressionada com o que viu. A garota tinha se inclinado sobre a janela, as mãos no peitoril, olhando para o céu numa atitude de horror inconfundível.

A Irmã Anne atravessou o quarto rapidamente, deixando algo sobre a mesa enquanto passava. Ela tocou a garota no ombro.

– Querida, o que é isso?

Houve um longo suspiro entrecortado e Mabel se virou, levantando-se enquanto se virava, e agarrou a enfermeira com uma mão tremendo, apontando com a outra.

– Ali! – ela disse. – Ali – veja!

– Certo, querida, o quê? Não vejo nada. Está um pouco escuro!

– Escuro! – disse a outra. – Você chama isso de escuro! Ora, ora, é preto – preto.

A enfermeira a trouxe delicadamente de volta à cadeira, tirando-a da janela. Percebeu se tratar de um medo nervoso, mas não mais que isso. Mas Mabel se desvencilhou e se voltou novamente.

– Você chama isso de um pouco escuro – ela disse. – Ora, veja, irmã, veja!

Entretanto, não havia nada de notável a ser visto. Em frente, erguia-se a mão emplumada de um olmo, em seguida as

janelas fechadas cruzando o pátio, o telhado e, em cima, o céu matutino, um tanto fechado e escuro como antes de uma tempestade; mas não mais que isso.

– Bom, do que se trata, querida? O que você está vendo?

– Ora, mas... veja, veja! – Ali, ouça isso.

Um fraco e distante fragor soou como o rolar de uma carroça – tão fraco que quase poderia ser uma alucinação auditiva. Mas as mãos da garota estavam juntas das orelhas e o seu rosto era uma máscara de terror branca e de olhos arregalados. A enfermeira passou os seus braços em torno dela.

– Querida – ela disse –, você está fora de si. É só o calor. Sente-se, devagar.

Ela podia sentir a garota tremendo sob as suas mãos, mas não houve resistência quando a conduziu até a cadeira.

– As luzes, as luzes! – soluçou Mabel.

– Você me promete ficar sentada quieta, não é?

Ela fez que sim; e a enfermeira foi até a porta, sorrindo serenamente; ela já tinha visto coisas assim antes. Um momento depois, o quarto ficou preenchido de uma primorosa claridade, quando acionou o interruptor. Ao se virar, viu que Mabel tinha girado na cadeira e, com as mãos apertadas uma na outra, ainda observava o céu acima dos telhados; mas agora ela estava mais uma vez inteiramente calma. A enfermeira voltou a tocar em seu ombro.

– Você está muito ansiosa, querida... Agora você tem de acreditar em mim. Não há nada a temer. Isso é só uma ansiedade... Devo fechar a veneziana?

Mabel virou o rosto para ela... Sim, certamente a luz a tinha tranqüilizado. O seu rosto ainda estava pálido e desorientado, mas os seus olhos começavam a recuperar a vista firme, embora tivessem, até enquanto ela falava, mais de uma vez se voltado para a janela.

– Enfermeira – ela disse com mais calma –, por favor, olhe de novo e me diga se você não vê nada. Se você disser que não há nada, eu irei acreditar que estou ficando louca. Não; você não deve tocar na persiana.

Não; não havia nada. O céu estava um pouco escuro, como se uma praga estivesse a caminho; mas mal havia mais que um véu de nuvem e a luz era pouco mais que uma tintura de escuridão. Era só um céu tal como o que precede uma tempestade de primavera. Ela o disse, clara e firmemente.

O rosto de Mabel se normalizou mais.

– Muito bem, enfermeira... Então...

Ela se voltou para a pequena mesa ao lado, na qual a Irmã Anne tinha posto o que trouxera consigo.

– Por favor, me mostre.

A enfermeira hesitou ainda.

– Você realmente não está assustada, querida? Devo trazer-lhe algo?

– Não tenho mais nada a dizer – disse Mabel, decidida. – Mostre, por favor.

A Irmã Anne se voltou decididamente para a mesa.

Sobre esta estava uma caixa esmaltada de branco, delicadamente pintada de flores. Dessa caixa saía um tubo branco e flexível com um bocal grande, provido de duas fivelas de aço recobertas de couro. Do lado da caixa mais próximo da cadeira, projetava-se uma pequena alavanca de porcelana.

– Agora, minha querida – começou a enfermeira calmamente, vendo os olhos da outra virarem de novo para a janela e depois de volta –, agora, minha querida, você se senta aí, tal como está sentada agora. A cabeça bem para trás, por favor. Quando estiver pronta, você põe isso sobre a boca e prende as fivelas atrás da cabeça... Pois então... Funciona com a maior facilidade. Aí você gira essa alavanca, até onde der. E pronto.

Mabel assentiu. Ela tinha retomado o autocontrole e compreendido perfeitamente bem, embora, enquanto a outra ainda falava, os seus olhos tivessem vagueado para a janela.

– É só isso? – ela disse. – E depois?

A enfermeira a fitou indecisamente por um instante.

– Eu compreendo perfeitamente – disse Mabel. – E depois?

– Nada demais. Respire naturalmente. Você irá se sentir sonolenta quase imediatamente. Depois você fecha os olhos e só.

Mabel pôs o tubo sobre a mesa e se levantou. Agora era completamente ela mesma.

– Me dê um beijo, irmã – ela disse.

A enfermeira assim fez e sorriu para ela mais uma vez na porta. Mas Mabel mal percebeu; ela estava de novo olhando para a janela.

– Devo voltar em meia hora – disse a Irmã Anne.

Então os olhos deram com o retângulo branco sobre a mesa de centro.

– Ah, a carta!

– Sim – disse a garota distraidamente. – Por favor, leve.

A enfermeira a apanhou, deu uma olhada no endereço e de novo em Mabel. Ela ainda hesitou.

– Em meia hora – repetiu. – Não há pressa alguma. Isso não leva cinco minutos... Adeus, querida.

Mas Mabel ainda estava olhando para fora da janela e não deu resposta alguma.

III

Mabel ficou inteiramente quieta até que ouviu o bater da porta e a chave sendo retirada. Depois, foi novamente para a janela e se agarrou ao parapeito.

De onde ela estava, primeiro era visível o pátio embaixo, com o seu gramado no centro, e algumas árvores lá crescendo – tudo claro na luz brilhante que agora fluía da sua janela –, e, em segundo plano, sobre os telhados, uma mortalha tremenda de negro avermelhado. Era ainda mais terrível por conta do contraste. A terra, parecia, era capaz de luz; o céu tinha falhado.

Também parecia haver uma calmaria curiosa. A casa, habitualmente, era bastante calma a essa hora: os habitantes do lugar não estavam com estado de ânimo algum para alvoroço: mas agora estava mais que calma; estava mortalmente calma: era como que a calmaria que precede o baque repentino da artilharia aérea. Mas os momentos se seguiriam e não houve baque algum: apenas, mais uma vez, soou um rolar solene, como de uma grande carroça na distância, magnificamente marcante, pois, aos ouvidos da garota, ele parecia vir misturado ao murmúrio de inumeráveis vozes, gritos fantasmais e aplausos. Em seguida a calma se estabeleceu como pluma.

Agora ela tinha começado a compreender. A escuridão e os sons não eram para todos os olhos e ouvidos. A enfermeira não tinha visto nem ouvido nada de extraordinário, e o resto dos homens do mundo não tinha visto nem ouvido nada. Para eles, não era mais que o prenúncio de uma tempestade próxima.

Mabel não tentou distinguir entre o subjetivo e o objetivo. Não lhe importava se as visões e os sons eram gerados

pelo cérebro dela ou percebidos por alguma faculdade até então desconhecida. Ela parecia a si mesma como estando já apartada do mundo que tinha conhecido; este estava se afastando dela, ou melhor, ainda estando no lugar onde sempre esteve, estava se fundindo, transformando-se, passando para algum outro modo de existência. A estranheza não parecia mais estranha que qualquer outra coisa como... como aquela pequena caixa sobre a mesa.

Então, mal percebendo o que tinha dito, olhando fixamente para o céu horrível, ela começou a falar...

– Ó Deus! – ela disse. – Se Você realmente está aí, se realmente está aí...

Sua voz vacilou, e ela agarrou o parapeito para se apoiar. Ela se perguntou vagamente por que tinha dito isso; não foi nem o intelecto nem a emoção que a inspirou. Contudo, ela continuou.

– Ó Deus, eu sei que Você não está aí – claro que não está. Mas, caso Você estivesse, eu sei o que lhe diria. Eu lhe diria o quão confusa e cansada eu estou. Não – não – eu não precisaria dizer: Você saberia. Mas eu diria que sinto muito por tudo isso. Ah!, Você também saberia disso. Eu não preciso dizer nada. Ó Deus! Eu não sei o que quero dizer. Eu gostaria que você tomasse conta de Oliver, claro, e de todos os seus pobres cristãos. Ah, eles passarão por um tempo tão difícil... Deus. Deus – Você compreenderia, não?

De novo veio o forte ribombo e o baixo solene de miríades de vozes; parecia só um pouquinho mais próximo, ela pensou... Ela nunca gostou de tempestades e hordas gritando. Sempre lhe dão dor de cabeça...

– Muito bem, muito bem – ela disse. – Adeus a tudo.

Logo já estava na cadeira. O bocal – sim; é isso...

Ela estava furiosa com o tremor das suas mãos; por duas vezes as fivelas deslizaram dos rolos lisos do seu cabelo...

Então foram ajeitadas... e, como se uma brisa a tivesse abanado, os seus sentidos voltaram...

Ela pensou que poderia respirar com bastante facilidade; não havia resistência - era um conforto; não haveria sufocamento nisso... Ela ergueu a mão esquerda e tocou a alavanca, menos consciente da sua gelidez inesperada do que do calor insuportável no qual o quarto pareceu quase que repentinamente mergulhado. Ela podia ouvir as batidas aceleradas em suas têmporas e o rugir das vozes... Ela largou a alavanca mais uma vez e, com as duas mãos, folgou o roupão branco que tinha vestido esta manhã...

Sim, assim ficava um pouco mais fácil; agora podia respirar um pouco melhor. Novamente os seus dedos se estenderam e encontraram a alavanca, mas o suor escorria dos seus dedos e, por um momento, não pôde virar a alavanca. Em seguida, de repente esta cedeu...

Por um instante, o cheiro doce e lânguido atingiu a sua consciência como um golpe, pois ela sabia que esse era o aroma da morte. Então a vontade firme que a tinha trazido tão longe se impôs, e ela estendeu as mãos calmamente em seu colo, respirando com facilidade e profundamente.

Ela tinha fechado os olhos com o girar da alavanca, mas agora os abriu de novo, curiosa em ver o aspecto do desvanecimento do mundo. Ela tinha se determinado a fazer isso uma semana atrás: pelo menos não perderia nada dessa última e única experiência.

Então aconteceu o seguinte.

Houve uma sensação repentina de leveza extática em todos os seus membros; ela tentou levantar uma mão e ficou ciente de que isso era impossível; seu braço não lhe pertencia mais. Ela tentou baixar os olhos da extensa faixa de céu violeta e percebeu que também isso era impossível. Ao que ela compreendeu que a vontade já tinha perdido contato com o corpo,

que o mundo desfalecente se afastava para uma distância infinita – era isso que ela esperava, mas o que a atordoava era que a sua mente ainda estivesse ativa. É verdade que o mundo que ela tinha conhecido tinha se retirado do domínio da consciência, tal como o seu corpo o tinha feito, excetuado o sentido da audição, o qual ainda estava estranhamente alerta; contudo, ainda restava memória o suficiente para ter consciência de que existia um tal mundo – que existiam outras pessoas; que os homens prosseguiam com os seus afazeres, sem nada saberem do que tinha acontecido; mas rostos, nomes e lugares tinham igualmente se ido. De fato, ela estava consciente de si mesma de uma maneira que nunca estivera antes; parecia que ela afinal tinha penetrado em algum recesso do seu ser dentro do qual, até então, ela tinha apenas olhado como que através de um vidro embaçado. Era algo bastante estranho, embora também fosse familiar; ela tinha chegado, parecia, ao centro ao redor de cuja circunferência ela tinha andando a vida toda; e era mais que um mero ponto: era um espaço distinto, murado e fechado... No mesmo momento, soube que também a audição tinha cessado...

Então aconteceu algo assombroso – embora lhe parecesse que sempre soubesse que isso iria acontecer, conquanto sua mente nunca o tivesse articulado. O que aconteceu foi isto.

O recinto se fundiu, com um som de ruptura, e um espaço ilimitado lhe ficou ao redor – ilimitado, diferente de tudo o mais, e vivo, e em movimento. Estava vivo como está vivo um corpo que respira, que arqueja – auto-evidente e avassalador – era um, ainda que fosse muitos; era imaterial, ainda que absolutamente real – real em um sentido em que ela nunca sonhara acerca da realidade...

Todavia, mesmo isto era familiar, tal como um lugar freqüentemente visitado em sonho é familiar; e em seguida, sem

aviso, algo similar ao som ou à luz, algo que de imediato ela soube ser único, irrompeu em meio a tudo...

Então ela viu e compreendeu...

Capítulo V

I

Desde o desaparecimento de Mabel, Oliver passou seus dias num horror indescritível. Ele fizera tudo o que era possível: ele a tinha rastreado até a estação e até Victoria, onde perdeu sua pista; ele tinha mantido contato com a polícia, e chegara a resposta oficial, inútil, no sentido de que não havia nada de novo: e não foi antes da terça-feira seguinte ao desaparecimento que o Sr. Francis, tendo ouvido falar por acaso acerca do seu problema, informou-lhe por telefone que falara com ela na sexta-feira à noite. Mas não havia motivo para alegria aí - na verdade, a notícia era mais má que boa, pois Oliver só pôde ficar consternado com o relato da conversa, apesar das garantias do Sr. Francis de que a Sra. Brand não tinha mostrado nenhuma inclinação para a defesa da causa cristã.

Duas teorias emergiram aos poucos em sua mente; ou ela tinha se colocado sob a proteção de algum católico desconhecido ou - e ele ficava transtornado com o pensamento - tinha em algum lugar solicitado a eutanásia, como certa vez ameaçara, e estava agora sob os cuidados da Lei; coisas assim se tornaram bastante comuns desde a aprovação do Ato de Libertação de 1998. E era assustador que ele não pudesse condenar isso.

Na noite de terça-feira, enquanto, sentado seriamente em seu quarto, pela centésima vez tentava traçar alguma linha coerente em meio ao labirinto das suas relações com a esposa

ao longo desses últimos meses, a campainha de repente tocou. Apareceu o sinal vermelho, de Whitehall; e, por um instante, o seu coração saltou com a esperança de que fossem notícias dela. Mas, diante das primeiras palavras, abateu-se de novo.

– Brand – veio a voz cortante e encantadora –, é você? Sim, sou eu, Snowford. Contamos com você aqui para breve – para logo, você sabe. Vai haver uma reunião extraordinária do Conselho às oito horas. O Presidente estará aqui. Você compreende a urgência. Não há mais tempo. Venha imediatamente até a minha sala.

Até mesmo essa mensagem mal o distraiu. Ele, nisso seguindo o resto do mundo, não ficava mais surpreso com as chegadas repentinas do Presidente. Ele vinha e desaparecia de novo sem aviso, viajando e trabalhando com uma energia incrível, ainda que sempre, ao que parecia, guardando a sua calma peculiar.

Já era mais de sete da noite; Oliver jantou imediatamente e, quinze minutos antes da hora, apresentou-se à sala de Snowford, onde estavam reunidos alguns dos seus colegas.

O ministro veio saudá-lo, com uma ansiedade estranha no rosto. Ele o puxou para o lado pegando-lhe em uma de suas insígnias.

– Veja, Brand, você deve falar primeiro – imediatamente após o Secretário do Presidente, que fará a abertura; eles estão vindo de Paris. É sobre uma questão totalmente nova. Ele recebeu informações sobre o paradeiro do Papa... Parece que existe um... Ah, você já, já irá entender. Ah, aliás – ele continuou, olhando curiosamente para o rosto tenso –, sinto muito pelas suas preocupações. Pemberton me contou agora há pouco.

Oliver levantou uma mão repentinamente.

– Me diga – ele disse. – O que devo dizer?

– Bem, o Presidente deve ter uma proposta, eu imagino. Você nos conhece muito bem. Apenas explique a nossa postura em relação aos católicos.

Os olhos de Oliver se encolheram em duas linhas brilhantes sob as pálpebras. Ele concordou.

Cartwright chegou logo, um velho imenso e curvado, com uma cara de pergaminho, tal como convinha ao Chefe de Justiça.

– Aliás, Oliver, o que você sabe de um homem chamado Phillips? Ele parece ter mencionado o seu nome.

– Ele era meu secretário – disse Oliver vagarosamente. – Que tem ele?

– Acho que ele deve ter enlouquecido. Ele se entregou a um juiz, rogando para ser logo interrogado. O juiz solicitou instruções sobre como proceder. Você sabe, o Ato mal começou a funcionar.

– Mas o que ele fez?

– Essa é a questão delicada. Ele diz que não pode negar Deus e que nem pode afirmá-lo. Ele era seu secretário, não é?

– Exatamente. Eu sabia que ele tinha inclinação para o cristianismo. Tive que me livrar dele por causa disso.

– Bom, ele será reencarcerado daqui a uma semana. Talvez ele possa dar um jeito na própria cabeça.

Então a conversa parou novamente. Mais dois ou três chegaram, e todos fitavam Oliver com uma certa curiosidade; espalhara-se a história de que sua mulher o tinha abandonado. Eles queriam ver como ele arcava com isso.

Cinco minutos antes da hora um sino tocou, e a porta no corredor foi aberta.

– Venham, cavalheiros – disse o Primeiro-Ministro.

A Câmara do Conselho era uma sala ampla e alta no primeiro piso; as suas paredes, do chão até o teto, estavam cheias de livros. Pisava-se um silencioso carpete de borracha. Não

havia janelas; a sala era iluminada artificialmente. Uma mesa extensa com cadeiras de braço ia pela extensão do corredor, oito delas de cada lado, e a cadeira do Presidente, erguida em um estrado, ficava na cabeceira.

Cada homem foi diretamente para o seu assento, em silêncio, e lá permaneceu, esperando.

Apesar da ausência de janelas, a sala estava agradavelmente fresca, o que era um contraste prazeroso à noite quente lá fora, de onde a maioria desses homens tinha vindo. Eles também tinham se indagado sobre o clima surpreendente e sorrido do desentendimento entre os que nunca falhavam. Mas não pensavam sobre isso agora: a vinda do Presidente era coisa que sempre silenciava os mais loquazes. Além disso, compreendiam que desta vez a situação era mais séria que de costume.

Um minuto antes da hora, de novo um sino soou quatro vezes e parou; e, ao sinal, cada homem se voltou instintivamente para a porta alta e deslizante atrás do assento presidencial. Havia um silêncio cabal tanto dentro como fora: os imensos escritórios do Governo eram luxuosamente providos de dispositivos silenciadores, e nem mesmo o passar de grandes *volors* a cem metros poderia transmitir uma vibração através das camadas de borracha nas quais as paredes se assentavam. Só havia um barulho que podia penetrar, e era o barulho de um trovão. Por hora, os especialistas não sabiam como excluir este.

Novamente, o silêncio pareceu cair em um véu mais vasto. Então a porta se abriu e uma figura veio rapidamente por ela, seguida de um Outro vestido em preto e púrpura.

II

Ele foi direto para o seu assento, seguido por dois secretários, inclinou-se ligeiramente a um e outro lado, sentou-se e fez um pequeno gesto. Ao que eles também tomaram os seus lugares, aprumados e compenetrados. Talvez pela centésima vez, Oliver, observando o Presidente, maravilhou-se com a calma e a impressionante personalidade d'Ele. Ele estava vestido no traje judicial inglês que tinha atravessado os séculos - preto e púrpura, com luvas brancas e faixa escarlate - e que acabara sendo adotado como a vestimenta presidencial inglesa daquele que está no topo da legislatura. Mas era na personalidade d'Ele, na atmosfera que emanava d'Ele, que estava a maravilha. Era como o cheiro do mar para a natureza física - animava, purificava, incendiava, intoxicava. Era inexplicavelmente atraente como um pomar de cerejeiras na primavera, tão comovente quanto o choro de instrumentos de cordas, tão fascinante quanto uma tempestade. Eles a comparavam a uma corrente de água clara, ao brilho de uma jóia, ao amor de uma mulher. Às vezes perdiam toda a compostura; diziam que se ajustava a todos os estados de ânimo, como a voz de muitas águas; chamavam-na repetidas vezes, tão explicitamente quanto fosse possível, de Natureza Divina afinal perfeitamente Encarnada...

Em seguida, as reflexões de Oliver desapareceram totalmente, pois o Presidente, de olhos baixos e cabeça voltada para trás, fez um pequeno gesto ao secretário de rosto avermelhado ao Seu lado; e este homem, sem um movimento sequer, começou a falar como um ator impessoal a repetir o seu papel.

- Cavalheiros - ele disse numa voz uniforme e ressoante -, o Presidente veio diretamente de Paris. Esta tarde Sua Exce-

lência esteve em Berlim; esta manhã, mais cedo, em Moscou. Ontem, em Nova York. Esta noite Sua Excelência precisa ir a Turim e amanhã começará o retorno pela Espanha, o norte da África, a Grécia e os estados mais a sudeste.

Essa era a fórmula habitual em tais discursos. O próprio Presidente agora só falava pouco, mas era cuidadoso quanto às informações dos seus empregados em ocasiões como essa. Os Seus secretários eram perfeitamente treinados e esse orador não fugia à regra. Depois de uma pausa ligeira, ele continuou:

– Esta é a questão, cavalheiros.

– Na última quinta-feira, como vocês estão cientes, os Plenipotenciários assinaram o Ato de Exame nesta sala e isso foi imediatamente comunicado ao mundo todo. Às seis da noite, Sua Excelência recebeu uma mensagem de um homem chamado Dolgorovski – o qual é, acredita-se, um dos cardeais da Igreja Católica. É o que ele alegava; e, numa investigação, isso se mostrou um fato. A sua informação confirma o que já se suspeitava – a saber, que existe um homem alegando ser Papa, o qual criou (é como dizem) outros cardeais, logo após a destruição de Roma, após o que a sua própria eleição se deu em Jerusalém. Parece que esse Papa, com uma grande dose de bom estadista, escolhera manter o seu próprio nome e o seu local de residência em segredo até mesmo para os seus seguidores, com a exceção de vinte cardeais; parece que ele progrediu bastante, por intermédio de um dos seus cardeais em particular e, em geral, através da sua nova Ordem, no sentido da reorganização da Igreja Católica; e parece que neste momento ele está vivendo, apartado do mundo, em completa segurança.

– Sua Excelência culpa a Si mesmo por não ter feito mais que suspeitar de algo do tipo – com a convicção errônea, Ele pensa, de que, se existisse um Papa, ter-se-ia ouvido notícia disso de outras partes, pois, como bem se sabe, toda a estrutura da igreja cristã se assenta sobre ele como sobre uma rocha.

Mais ainda, Sua Excelência acha que se deve fazer investigações no lugar mesmo onde agora se supõe que o Papa esteja vivendo.

– O nome do homem, cavalheiros, é Franklin...

Oliver sobressaltou-se incontrolavelmente, mas logo retornou à sua inteligência vigilante quando, por um instante, o Presidente, em sua imobilidade, ergueu a vista.

– Franklin – repetiu o secretário –, e ele está vivendo em Nazaré, onde, é o que se diz, o fundador do cristianismo passou a sua juventude.

– Pois então, cavalheiros, isto foi o que Sua Excelência ouviu na última semana. Ele providenciou que investigações fossem feitas e, na sexta-feira pela manhã, recebeu de Dolgorovski a informação adicional de que o Papa tinha convocado em Nazaré um encontro com os seus cardeais do mundo todo, e com outros determinados funcionários, para ponderar que passos devem ser dados em vista do novo Ato de Exame. Sua Excelência vê nisso uma extrema falta de estadismo, o que parece difícil de conciliar com a conduta anterior. Essas pessoas foram convidadas por meio de mensageiros especiais para se reunirem no próximo sábado, e elas começarão as suas discussões após algumas cerimônias cristãs na manhã seguinte.

– Sem dúvida os senhores, cavalheiros, querem saber os motivos de Dolgorovski para trazer tudo isso ao nosso conhecimento. Sua Excelência está satisfeito por serem motivos genuínos. O homem tem perdido a convicção em sua religião; em verdade, ele veio a perceber que essa religião é o obstáculo supremo à consolidação da raça. Ele considerou ser seu dever, portanto, trazer essa informação ao conhecimento de Sua Excelência. É interessante, enquanto um paralelo histórico, pensar que um mesmo tipo de incidente marcou o surgimento do cristianismo e irá marcar, acredita-se, a sua extinção

final – a saber, o vazamento, por parte de um dos líderes, do lugar e método pelo qual se pode melhor chegar ao principal personagem. Também é muito significante, certamente, que a cena da extinção do cristianismo seja idêntica à da sua inauguração...

– Bom, cavalheiros, a proposta de Sua Excelência é a que segue, cumprindo a Declaração a que todos vocês aderiram. É que uma força-tarefa vá durante a noite de sábado para próximo da Palestina e, na manhã de domingo, quando todos esses homens estarão reunidos, conclua tão rápida e misericordiosamente quanto possível a tarefa a que as Potências se dispuseram a cumprir. Até o momento, a apreciação dos Governos que foram consultados tem sido unânime e pouca dúvida há de que o resto vá se manifestar igualmente. Sua Excelência crê que Ele não poderia agir com relação a uma matéria tão grave por Sua própria conta; não se trata de algo meramente local; está em jogo uma gerência católica da justiça que terá conseqüências maiores do que se pode predizer com segurança e precisão.

– Não é necessário entrar nos motivos de Sua Excelência. Eles já são de largo conhecimento dos senhores; mas, antes de pedir a opinião dos cavalheiros, é da vontade d'Ele que eu mostre, no caso de aprovarem, qual método de ação Ele acha que deva ser utilizado.

– Propõe-se que cada Governo tome parte dessa cena final, pois isso tem um quê de um ato simbólico; e, tendo em vista tal propósito, crê-se conveniente que cada um dos três Departamentos do Mundo delegue *volors*, no número de Estados constituintes, cento e vinte e dois no total, para começar o trabalho. Esses *volors* não devem ter base de encontro, se não a notícia certamente chegará até Nazaré, pois se sabe que essa nova Ordem de Cristo Crucificado possui um sistema de espionagem altamente organizado. O ponto de encontro, por-

tanto, não deve ser outro que não Nazaré, e a hora do encontro não deve tardar mais que as nove da manhã, de acordo com o horário palestino. Tais detalhes, contudo, podem ser decididos e comunicados tão logo se chegue a uma decisão acerca de todo o plano.

– Com respeito ao método exato pelo qual levar a cabo a conclusão, Sua Excelência está inclinada a pensar que será mais misericordioso entrar em negociação com as pessoas envolvidas. Deve ser dada uma oportunidade aos habitantes do vilarejo de escaparem, se tanto desejarem, e então, com os explosivos que a força-tarefa levará, o fim pode ser quase que instantâneo.

– De Sua parte, Sua Excelência se propõe a estar lá pessoalmente e, mais ainda, que a própria descarga dos explosivos deva se dar do Seu próprio veículo. Parece no mínimo adequado que o mundo que fez à Sua Excelência a bondade de elegê-lo Presidente aja através das Suas mãos, e isso seria pelo menos um sinal de respeito por uma superstição que, embora infame, ainda é a única força capaz de resistir ao verdadeiro progresso do homem.

– Sua Excelência lhes promete, cavalheiros, que, no caso de esse plano ser levado adiante, nós não seremos mais perturbados pelo cristianismo. O efeito moral do Ato de Exame já está sendo prodigioso. Sabe-se que, às dezenas de milhares, os católicos, incluídos até mesmo membros dessa nova ordem religiosa fanática, têm renunciado às suas loucuras já nesses poucos dias; e um ataque final dado agora no coração e na cabeça da Igreja Católica, eliminando, como fará, o corpo mesmo no qual a organização inteira se assenta, tornaria a sua ressurreição impossível. Sabe-se bem que, providenciada a extinção da linhagem dos Papas, junto com aqueles necessários à sua continuação, não poderá haver mais nenhuma dúvida, mesmo entre os mais ignorantes, de que as pretensões

de Jesus deixam de ser sensatas ou possíveis. Até a Ordem que proveu os sustentáculos a esse novo movimento deixaria de existir.

– Em Dolgorovski, claro, é que está a dificuldade, pois não se sabe ao certo se um cardeal pode ser considerado suficiente para a propagação de uma linha de sucessão; e, ainda que com relutância, Sua Excelência se sente obrigado a sugerir que, quando da conclusão da questão, Dolgorovski, que evidentemente não estará com os seus companheiros em Nazaré, deva ser misericordiosamente afastado até mesmo do perigo de uma recaída...

– Sua Excelência, portanto, lhes pede, cavalheiros, que, tão brevemente quanto possível, exponham as suas opiniões sobre os pontos acerca dos quais tive o privilégio de falar.

A voz calma e oficiosa se interrompeu.

Ele tinha falado o tempo todo do mesmo modo como tinha começado; seus olhos estiveram o tempo todo baixos; sua voz fora calma e contida. Sua conduta, admirável.

Houve um instante de silêncio e todos os olhos se puseram novamente, com fixidez, sobre a figura imóvel de preto e púrpura e rosto de marfim.

Em seguida Oliver se levantou. O seu rosto estava uma folha em branco; seus olhos, brilhantes e dilatados.

– Senhor – ele disse –, não tenho dúvida de que todos somos de uma única opinião. Como representante dos meus colegas, não tenho de dizer mais que isto, que aprovamos a proposta e deixamos todos os detalhes nas mãos de Sua Excelência.

O Presidente ergueu os olhos e os passou rapidamente ao longo das faces rígidas voltadas para Ele.

E então, com uma tranqüilidade quase que sem respiração, ele falou pela primeira vez, em sua voz estranha, agora tão desapaixonada quanto um rio congelado.

– Alguma outra proposta?

Surgiram murmúrios de assentimento enquanto os homens ficavam de pé.

– Muito obrigado, cavalheiros – disse o secretário.

III

Foi pouco antes das sete horas da manhã de sábado que Oliver saltou do veículo, que o tinha levado até Wimbledon Common, e começou a subir os degraus da velha estação de *volor*, abandonada cinco anos antes. Achou-se melhor, tendo em vista o extremo segredo que se deveria manter, que os representantes da Inglaterra na expedição partissem de um ponto razoavelmente desconhecido, e essa velha estação, agora não mais utilizada, exceto para o teste de novas máquinas do Governo, fora escolhida. Até o elevador tinha sido retirado e era necessário cruzar os cento e cinqüenta degraus a pé.

Ele tinha aceitado tal função, entre os quatro delegados, com uma certa indisposição, pois nada se soubera sobre a sua esposa e lhe era terrível deixar Londres enquanto o destino dela continuava incerto como antes. No geral, ele estava menos inclinado que nunca a aceitar a possibilidade da eutanásia; ele tinha falado com algumas das amigas dela, as quais todas disseram que ela nunca sequer insinuara algo nesse sentido. Ademais, ainda que ele fosse sabedor da lei dos oito dias, mesmo que ela se tivesse determinado a dar tal passo, não havia nada a mostrar que ela ainda estivesse na Inglaterra, e, de fato, era mais que provável que, caso estivesse inclinada a tal ato, tenha ido para o exterior, onde vigem regulamentos mais frouxos. Numa palavra, parecia não haver propósito algum em permanecer na Inglaterra, e a tentação de estar pre-

sente no ato final de justiça no oriente, cuja terra, na verdade, era mais que provável que viesse a ser arrasada, assim como Franklin, entre os outros – Franklin, a paródia do Senhor do Mundo – isso, somado à opinião dos seus colegas de Governo e à sensação curiosa, agora sempre presente, de que a aprovação por Felsenburgh era coisa pela qual se deveria morrer, se necessário – essas coisas tinham finalmente prevalecido. Deixara para trás, em casa, o seu secretário, com instruções de que nenhum gasto deveria ser poupado para comunicá-lo notícias da chegada de sua esposa enquanto estivesse ausente.

Esta manhã o tempo estava terrivelmente quente, e, à hora em que chegou ao topo, notou que o monstro, em seu gradeado, já estava ajustado ao seu invólucro de alumínio branco e que os ventiladores no corredor e no salão central já estavam ligados. Ele entrou para garantir um assento no salão, pôs a sua bagagem e, após trocar algumas palavras com o guarda – o qual, é claro, ainda não tinha sido informado sobre o seu destino –, sabendo que os outros ainda não tinham chegado, saiu novamente até a plataforma para sentir-se mais frio e para ficar em paz na sua cisma.

Londres parecia estranha esta manhã, ele pensou. Aqui, sob ele, estava a terra, algo ressequida com o calor intenso da semana anterior, estendendo-se por talvez meia milha – chão desarranjado, extensões suaves de relva e as copas de árvores cerradas indo até os primeiros telhados de casas postas, parecia, em meio a cerrações de folhagem. Depois, para além disso, começava a ordenação total, linha após linha, quebrada num ponto pela extensão do rio e então, mais à frente, desaparecendo de vista. Mas o que o surpreendeu foi a densidade do ar; agora estava como os velhos livros descreviam os tempos em que havia fumaça. Não havia frescor, nenhuma translucidez de atmosfera matutina; era impossível apontar em qualquer direção para a fonte desse resplendor dissimulado, pois em

todos os lados dava-se o mesmo. Até ao céu logo acima faltava o seu azul; parecia pintado com um pincel turvo e o sol jorrava o mesmo tom fraco de vermelho. Sim, parece isso – disse cansado a si mesmo –, parece um esboço de segunda mão; não havia a sensação de mistério como que de uma cidade oculta, mas mais de irrealidade. Às sombras parecia faltar definição, contornos e o agrupar-se com coerência. Uma tempestade estava a caminho, ele refletiu; ou poderia até ser que mais um terremoto do outro lado do mundo fosse, numa demonstração maravilhosa da unidade global, aliviar a pressão deste lado. Bem, bem; a viagem valeria a pena até pelo interesse de observar as mudanças climáticas; mas estaria terrivelmente quente, meditou, à hora que se chegasse ao sul da França.

Então os seus pensamentos saltaram de volta para a sua própria miséria atormentadora.

Isso foi dez minutos antes que ele visse o veículo cor púrpura do Governo, com o teto levantado, deslizar ao longo da rua vindo da direção de Fulham, e ainda cinco minutos antes que os três homens aparecessem com os seus empregados atrás deles – Maxwell, Snowford e Cartwright, todos igualmente vestidos, tal como Oliver, em linho branco da cabeça aos pés.

Não disseram uma palavra sobre a sua tarefa, pois os funcionários estavam indo pra lá e pra cá, e era aconselhável resguardar-se mesmo contra a menor possibilidade de traição. O guarda fora informado de que o *volor* era necessário a uma viagem de três dias, que deveria haver provisões para o período e que o primeiro ponto de parada seria no centro dos montes South Dawn. Não haveria parada alguma por pelo menos um dia e uma noite.

Instruções adicionais tinham lhe chegado da parte do Presidente na manhã anterior, a cuja altura Ele já tinha terminado as suas visitas e recebido a aprovação dos Conselhos de Emergência de todo o mundo. Snowford comentou isso em

voz baixa e acrescentou umas poucas palavras sobre os detalhes, enquanto os quatro, de pé, olhavam a cidade.

Em resumo, o plano era o seguinte, pelo menos até onde dizia respeito à Inglaterra. O *volor* deveria se aproximar da Palestina vindo pelo Mediterrâneo, procurando entrar em contato, quando estivesse à distância de dez milhas do limite leste de Creta, com a França, à sua esquerda, e com a Espanha, à sua direita. O horário aproximado fora fixado em onze da noite (horário do oriente). Nesse ponto, o *volor* deveria mostrar o seu sinal, uma linha púrpura sobre uma bandeira branca; e, caso falhasse em encontrar os seus vizinhos, deveria ficar circulando naquele ponto à altura de oitocentos pés, até que os outros fossem vistos ou que se recebesse outras ordens. Com vistas a lidar com emergências, o veículo do Presidente, que por fim faria a sua entrada pelo sul, deveria ser acompanhado por um ajudante de campo capaz de se mover com grande rapidez e cujas sinalizações devessem ser tomadas como do próprio Felsenburgh.

Logo que o círculo estivesse completo, tendo Esdrelon como seu centro, com um raio de quinhentas e quarenta milhas, os *volors* deveriam avançar, descendo gradualmente até ficar na altura de quinhentos pés acima do nível do mar e diminuindo a distância entre si das aproximadas vinte e cinco milhas, de quando do momento em que se encontrarem, para até a menor distância que fosse possível em segurança. Dessa forma, o avanço no passo de quinze milhas por hora, desde o momento em que o círculo tivesse se formado, lhes poria à vista de Nazaré por volta das nove da manhã de sábado.

O guarda veio até os quatro homens enquanto estavam em silêncio.

– Estamos prontos, cavalheiros – ele disse.

– Como você acha que será o tempo? – perguntou Snowford abruptamente.

O guarda pressionou os lábios.

- Suponho que uma pequena tempestade, senhor - ele disse.

Oliver olhou para ele com curiosidade.

- Não mais que isso?

- Eu diria que uma tempestade, senhor - observou o guarda laconicamente.

Snowford se voltou para o corredor central.

- Bom, é melhor irmos indo: podemos perder tempo mais tarde, se quisermos.

Passaram-se mais cerca de cinco minutos até que tudo estivesse pronto. Da popa da nave veio um cheiro sutil da cozinha, pois o café da manhã seria servido imediatamente, e um cozinheiro de touca branca esticou sua cabeça para fora, rapidamente, para perguntar algo ao guarda. Os quatro se sentaram no suntuoso salão situado à proa; Oliver silencioso e os outros três conversando em voz baixa. Novamente o guarda atravessou esse compartimento da proa, observando, enquanto seguia, se todos estavam sentados; e um instante depois veio o estalo do sinal. Então, percorrendo a extensão da nave - pois era a mais rápida que a Inglaterra possuía -, veio o frêmito da hélice começando a ganhar velocidade, e simultaneamente Oliver, olhando para o lado através da janela de vidro, viu a grade descer e o extenso plano de Londres, pálida sob o céu tingido, surgiu repentinamente. Teve um vislumbre de um pequeno grupo de pessoas olhando para cima, lá do chão, e também elas passaram para baixo num grande giro e desapareceram. Então, com um fulgor de verde poeirento, a terra se foi e um chão de telhados de casas começou a correr embaixo, as longas linhas de ruas deste e daquele lado ficando como raios de uma roda gigante; mais uma vez esse pavimento se diluiu, sendo de novo exibido o verde entre paralelepípedos

dispostos irregularmente; em seguida também estes se foram e o país mostrou-se descerrado embaixo.

Snowford se levantou, cambaleando um pouco.

– Agora já posso contar também para o guarda – ele disse. – Depois não voltaremos a ser incomodados.

Capítulo VI

I

O padre sírio acordou, em seu canto do terraço sobre a casa, de um sonho no qual miríades de rostos olhavam para ele, apreensivos, atentos e horrendos, e sentou-se suando e arquejando para conseguir respirar. Por um instante achou que estava realmente morrendo e que o mundo espiritual já lhe estava próximo. Então, à medida que lutou, os sentidos voltaram e ele se ergueu, inspirando longos sopros do ar abafado da noite.

Sobre ele, o céu estava qual um abismo, negro e vazio; não havia sequer um cintilar de luz, embora a lua certamente estivesse alta. Ele a tinha visto quatro horas atrás, uma foice vermelha, erguendo-se desde o Thabor. Quando olhou do parapeito, não havia nada ao longo de toda a planície. Indo até poucos metros pela terra imprestável, estendia-se uma única lança curva de luz, saída de uma persiana entreaberta; e, passando disso, nada. Para o norte, também nada; a oeste havia um resplendor, pálido como asa de mariposa, vindo dos telhados de Nazaré; a leste, nada. Ele poderia estar no topo de um prédio em meio ao espaço sideral, não fossem aquela linha de luz e aquele resplendor cinza que iludiam os olhos.

Desde o telhado, contudo, era possível delinear pelo menos contornos, pois a fechadura da água-furtada tinha sido deixada aberta, no topo da escada, e de algum lugar, no interior da casa, desprendia-se uma fraca luz refratada.

Havia um amontoado branco no canto; seria o travesseiro do abade beneditino. Em algum momento ele o vira deitar lá – fora isso quatro horas ou quatro séculos atrás? Uma forma cinza se espalhava pelo muro branco – o frade, ele pensou; outros contornos irregulares interrompiam a superfície do parapeito, aqui e ali, seguindo para os lados.

Muito suavemente, pois sabia dos caprichos do sono, ele atravessou o terraço até o parapeito do lado oposto e olhou, pois ainda permanecia nele um desejo de reafirmação de que ele ainda existia em carne e osso. Sim, ele de fato ainda estava na terra; pois havia uma luz real e distinguível queimando entre as rochas tombadas e, além disso, delicados como miniaturas, a cabeça e os ombros de um homem escrevendo. E no círculo de luz estavam outras figuras, canteiros brancos e arrebentados nos quais estavam os homens; um ou dois mastros, levantados com o propósito de se erguer tendas; uma pequena pilha de bagagens com um tapete por cima; e, mais além do círculo, outros contornos e formas se perdiam na escuridão formidável.

Então o homem que escrevia mexeu a cabeça e uma sombra monstruosa passou sobre o chão; atrás dele irrompeu um ganido como que de um cão sendo estrangulado, e, quando se virou, uma figura a gemer se sentou ali, soluçando acordada. Com o som, outro se moveu e, em seguida, suspirando, o primeiro recostou-se pesadamente contra a parede, mais uma vez o padre retornou para o seu lugar, ainda indeciso quanto à realidade de tudo o que viu, e um silêncio total caiu novamente como uma mortalha.

Ele acordou do seu sono sem sonhos, e tinha ocorrido uma mudança. Do seu canto, quando ergueu os olhos pesados, chegou até estes um brilho insuportável; em seguida, enquanto olhava, este se fez um chama de vela e, além disso, uma luva branca e, mais em cima, um rosto branco e uma garganta. Ele

compreendeu e se levantou cambaleando; era o mensageiro que tinha vindo buscá-lo, conforme se planejara.

Quando cruzava o espaço, olhou uma vez ao seu redor, e pareceu que a aurora já devia vir, pois o céu apavorante finalmente estava visível. Uma abóbada enorme, colorida de fumaça e opaca, parecia ir curvar-se nos horizontes espectrais, de cada lado, onde lá longe montanhas erguiam formas rudes, como se recortadas em papel. O Carmelo estava à sua frente; pelo menos achava que estava – uma cabeça de boi e ombros vergando-se para frente e terminando numa descida abrupta, e depois havia mais do céu reluzente. Não havia nuvens nem contornos para quebrar o domo imenso, suave e negro sob cujo centro este terraço parecia estar equilibrado. Lá adiante do parapeito, quando fitou à direita, antes de descer os degraus, estendia-se o Esdrelon, colorido melancolicamente e sombrio, na distância metálica. Tudo estava tão irreal quanto um quadro fantástico que tivesse sido pintado por quem nunca vira a clara luz do sol. O silêncio era completo e profundo.

Ele passou direto em meio às sombras oscilantes, seguindo o vulto e a cabeça de capuz branco pela escada, ao longo do corredor estreito, tropeçando de novo nos pés de alguém que dormia com os membros distendidos, tal um cachorro cansado; os pés se retraíram mecanicamente e veio um pequeno gemido das sombras. Em seguida ele continuou, passando pelo criado que estava ao lado, e entrou.

Havia uma meia dúzia de homens reunidos ali, figuras brancas e silenciosas separadas umas das outras, que, entrando o Papa ao mesmo tempo, se ajoelharam e, de rosto pálido e atento, novamente se ergueram. Ele passou os olhos por eles quando parou de pé, esperando atrás da cadeira do seu mestre – havia dois que ele conhecia, recordando-os da última noite – o Cardeal Ruspoli, de semblante sério, e o magro arcebispo australiano, além do Cardeal Corkran, que estava em sua

cadeira, ao lado da mesa do próprio Papa, com os papéis já prontos.

Silvestre se sentou e, com um pequeno gesto, fez com que os outros também se sentassem. Em seguida, de imediato, ele começou a falar com aquela voz calma e cansada que o seu criado conhecia tão bem.

– Eminências – todos estão aqui, creio. Não precisamos perder mais tempo, então... O Cardeal Corkran tem algo a comunicar. – Ele se virou um pouco. – Padre, por favor, sente-se. Isso levará um tempo.

O padre foi até o assento de pedra junto à janela, de onde ele podia ver o rosto do Papa à luz de duas velas, que agora estavam sobre a mesa entre ele e o cardeal-secretário. Então o cardeal começou, erguendo a vista dos seus papéis.

– Santidade. É melhor que comece voltando um pouco atrás. Suas Eminências ainda não conhecem os detalhes apropriadamente...

– Eu recebi em Damasco, na última sexta-feira, interrogações de vários prelados, de diferentes partes do mundo, quanto à real extensão da nova política de perseguição. Primeiramente, não pude dizer a eles nada de categórico, pois não foi antes das oito da noite que o Cardeal Ruspoli, em Turim, me informou dos fatos. O Cardeal Malpas os confirmou poucos minutos depois e o Cardeal-Arcebispo de Pequim às onze da noite. Antes do meio-dia de sábado, eu recebi a confirmação final dos meus mensageiros em Londres.

– Primeiro fiquei surpreso por o Cardeal Dolgorovski não ter comunicado isso; pois, quase na mesma hora que a mensagem de Turim, recebi uma de um padre da Ordem de Cristo Crucificado de Moscou, à qual, é claro, não dei atenção. (É praxe nossa, Eminências, tratar comunicações não autorizadas dessa forma.) Sua Santidade, contudo, mandou-me investigar, e eu soube através do Padre Petrovoski e outros que os

painéis do Governo veicularam a notícia às oito horas – no nosso horário. Era curioso, portanto, que o Cardeal não tivesse visto isso; se tivesse visto era, claro, dever seu trazer ao meu conhecimento imediatamente.

– Desde então, contudo, deram-se os seguintes fatos. Sabe-se, além de toda dúvida, que no curso da noite o Cardeal Dolgorovski recebeu uma visita. O seu próprio capelão, o qual, como Suas Eminências talvez tenham ciência, tem sido muito ativo na Rússia a trabalho da Igreja, informou-me isso privadamente. Contudo, o cardeal declara, a explicar o seu silêncio, que permanecera sozinho ao longo dessas horas e que tinha dado ordens de que ninguém deveria ser levado à sua presença sem motivo de urgência. Isso, claro, confirmou a opinião de Sua Santidade, mas recebi ordens d'Ele para agir como se nada tivesse acontecido e exigir a presença do cardeal aqui com o resto do Sacro Colégio. A isso, recebi o comunicado de que ele estaria presente. Ontem, contudo, um pouco antes do meio-dia, recebi a mensagem adicional de que Sua Eminência tinha passado por um leve acidente, mas que esperava apresentar-se a tempo das deliberações. Desde então, não chegaram mais notícias.

Fazia um silêncio sepulcral.

Então o Papa se voltou para o padre sírio.

– Padre – ele disse –, foi você quem recebeu as mensagens de Sua Eminência. Você tem algo a acrescentar?

– Não, Santidade.

Voltou-se de novo.

– Meu filho – ele disse –, diga-nos publicamente o que você já nos reportou em privado.

Um homem pequeno, olhos brilhantes, saiu das sombras.

– Santidade, fui eu que transmiti a mensagem ao Cardeal Dolgorovski. Primeiro ele se recusou a me receber. Quando cheguei à sua presença e comuniquei a ordem, ele ficou em

silêncio; depois sorriu; depois me disse para trazer de volta a mensagem de que ele obedeceria.

O Papa ficou de novo em silêncio.

Então, de súbito, o australiano alto se levantou.

– Santidade – ele disse –, eu já tive grande proximidade com esse homem. Foi, em parte, através de mim que ele veio a ser recebido na Igreja Católica. Isso não faz menos de quarenta anos, quando o destino da Igreja parecia próximo da prosperidade... Nossas relações amigáveis cessaram há dois anos, e posso dizer, pelo que o conheço, que não encontro dificuldade em acreditar que...

Quando a voz dele se abalançou de paixão e faltou, Silvestre ergueu a mão.

– Não desejamos recriminações. Até mesmo a prova é agora inútil, pois o que tinha de ser feito já foi feito. Quanto a nós, não temos dúvida acerca da sua natureza... Foi para esse homem que Cristo deu o bocado de pão de suas próprias mãos, dizendo *Quod faces, fac cities. Cum ergo accepisset Me buccellam, exivit continuo. Erat autem nox.*

Novamente caiu o silêncio e, no intervalo, ressoou, vindo do lado de fora da porta, um longo suspiro a meia voz. Este veio e se foi à medida que um adormecido se virou, pois o corredor estava lotado de homens exaustos – tal como uma alma pode suspirar por ter passado da luz para a sombra.

Então Silvestre falou novamente. E, à medida que falava, Ele começou, como que mecanicamente, a ir rasgando uma longa folha, com nomes escritos nela, que estava à sua frente.

– Eminências, já se vão três horas desde a aurora. Dentro de duas horas Nós haveremos de celebrar missa em sua presença e lhes dar a Sagrada Comunhão. Durante essas duas horas, Nós os autorizamos a comunicar essas notícias a todos os que estão reunidos aqui; e, mais ainda, Nós outorgamos, a todos e cada um de vocês, jurisdição independente de todas as regras

anteriores de tempo e espaço; damos uma indulgência plenária a todos os que se confessarem e comungarem hoje. Padre – ele virou para o sírio –, você irá agora expor o Sagrado Sacramento na capela, após o que você se encaminhará ao vilarejo e informará os habitantes de que, se quiserem salvar as suas vidas, é-lhes melhor irem embora imediatamente – imediatamente, você compreende.

O sírio sobressaltou-se em seu torpor.

– Santidade – ele gaguejou, apontando com uma mão –, as listas, as listas!

(Ele tinha visto do que se tratavam.)

Mas Silvestre apenas sorriu, enquanto lançava os fragmentos sobre a mesa. Então se levantou.

– Você não precisa se preocupar, meu filho... Não precisaremos mais disso...

– Uma última palavra, Eminências... Caso haja aqui algum coração que duvide ou tenha medo, eu tenho algo a dizer.

Ele parou, com um cuidado extraordinariamente simples, correu os olhos pelos rostos tensos voltados para Ele.

– Eu tive uma visão de Deus – disse serenamente. – Eu não caminho mais pela fé, mas pela visão.

II

Uma hora depois, o padre arrastou-se de volta, no crepúsculo quente, ao longo do caminho que ia até o vilarejo, seguido de um grupo de alguns homens em silêncio, vinte metros às suas costas, nos quais a curiosidade excedia a credulidade. Ele tinha deixado uns outros tantos esperando aturdidos às portas das pequenas casas de barro e tinha visto talvez umas

cem famílias, sobrecarregadas de afazeres domésticos, verterem como uma torrente sobre o caminho de pedra que levava até Haifa. Ele foi amaldiçoado por alguns, até mesmo ameaçado; contemplado por uns, ridicularizado por uns poucos. Os fanáticos disseram que os cristãos tinham atraído a ira de Deus para aquele lugar e a escuridão para o céu: o sol estava morrendo, pois estes cães eram maus demais para que ele os visse e continuasse vivendo. Outros, ainda, pareciam não ver nada de notável no tempo...

Nenhuma mudança ocorrera no céu desde uma hora antes, exceto, talvez, que tenha se clareado um pouco mais à medida que o sol subia mais alto por trás daquela mortalha impenetrável e sombria. As montanhas, a grama, os rostos das pessoas - tudo apresentava, aos olhos do padre, a aparência de irrealidade; eram como coisas vistas em um sonho através de olhos que, com sono, deslizavam dentro de pálpebras postas sob um peso de chumbo. Até para os outros sentidos físicos essa irrealidade estava presente, e, mais uma vez, ele recordou o seu sonho, agradecido de que pelo menos aquele horror não estava presente. Mas o silêncio parecia outra coisa que não a negação do som, era algo em si mesmo, uma afirmação, imperturbável ao som dos passos, ao latir fino dos cachorros, ao murmúrio das vozes. Parecia como se a calma da eternidade tivesse descido e abraçado as atividades do mundo e como se o mundo, numa tentativa desesperada de afirmar a sua própria realidade, tivesse se empenhado em um esforço rígido, imóvel, silencioso e extenuado para se manter no ser. O que Silvestre tinha acabado de dizer estava agora começando a se tornar verdade quanto a este homem também. O toque do solo poeirento e dos seixos quentes sob os pés descalços do padre parecia algo desligado da consciência que, em geral, vê os objetos dos sentidos como mais reais e íntimos que os objetos do espírito. A matéria ainda tinha uma realidade, ainda

ocupava espaço, mas era de uma natureza subjetiva, o resultado mais de poderes interiores que exteriores. A si próprio ele parecia já ser pouco mais que uma alma, decidida e atenta, unida somente por um fio ao corpo e ao mundo com os quais ainda mantinha relação. Ele sabia que o calor apavorante estava ali; sabia até que, diante dos seus olhos, um caminho de terra batida rachava e chiava, como água que toca ferro quente, à medida que ele o trilhava. Ele podia sentir o calor sobre a sua testa e suas mãos, todo o seu corpo estava suado e encharcado; ainda assim, encarava o calor como que desde um ponto de vista exterior, como um homem com neurite que percebe a dor não estar mais em sua mão, mas no travesseiro que a sustenta. Assim também com o que os seus olhos viam e seus ouvidos ouviam; assim também com aquele sabor um pouco amargo que estava nos seus lábios e narinas. Não existia mais medo ou sequer esperança nele – ele via a si próprio, ao mundo e mesmo à oculta e tremenda Presença do espírito como fatos com os quais tinha pouco a ver. Mal estava interessado; angustiado, estava-o menos ainda. O Tabor estava à sua frente – pelo menos o que antes fora o Tabor, agora não era mais que algo em forma de domo, gigante e sombrio, que se imprimia na retina dele e informava o cérebro passivo sobre a sua existência e contorno; embora tal existência não parecesse mais nítida que a de um fantasma a se dissolver. Isso então pareceu quase que natural – ou pelo menos tão natural quanto todo o resto – quando ele atravessou o corredor e abriu a porta da capela, então vendo que o chão estava cheio de figuras prostradas e imóveis. Ali estavam, todos vestidos igualmente com o albornoz branco que lhes tinha sido dado na noite anterior; e, com a testa posta sobre os braços, tal como durante a entoação da Litania dos Santos em uma ordenação, estava aquele que ele melhor conhecia e que amava mais que a todo o mundo, os ombros e o cabelo branco, em uma pequena

elevação, sobre o único degrau do altar. Sobre o próprio altar queimavam seis velas altas; e, no meio, no pequeno trono central, estava o ostensório de metal branco, com o seu Centro Branco...

Então ele também se abaixou e assim ficou...

Ele não soube quanto tempo isso durou para a consciência dos que observavam ao redor; o fluir de imagens vagarosas e a vibração de determinados pensamentos cessaram e se pacificaram, tal como uma lagoa volta novamente à paz depois que a pedra atirada alcança o repouso. Mas finalmente chegou – aquela tranqüilidade soberba, possível somente quando os sentidos estavam fisicamente despertos, com a qual Deus, talvez uma única vez na vida, premia a alma fiel que espera – aquele ponto de completo repouso no coração da Fonte de toda a existência, com a qual, um dia, Ele premiará eternamente o espírito dos Seus filhos. Nele não havia intenção alguma de articular essa experiência, de analisar os seus elementos ou tocar neste ou naquele ponto de alegria extática. O tempo de auto-observação já era passado. Bastava que a experiência se desse, ainda que ele não tivesse sequer auto-reflexo o suficiente para dizê-lo a si próprio. Ele tinha ido além daquele círculo a partir do qual a alma olha para dentro, daquele círculo do qual também se olha para a glória objetiva, aquele centro mesmo no qual ela repousa – e o primeiro sinal que lhe veio de que o tempo tinha passado foi o murmúrio de palavras, ouvidas distintamente e compreendidas, ainda que com aquele alheamento com que um homem sonolento percebe uma mensagem vinda desde fora – ouvida como se através de um véu pelo qual nada além da mais fina essência pudesse transpirar.

Spiritus Domini replevit orbem terrarum... O Espírito do Senhor preenche todas as coisas, aleluia, e Ele, que tem unidas todas as coisas, ouve toda voz, aleluia, aleluia, aleluia. Exsurgat Deus... (e então a

voz se ergueu muito levemente). *"Levante-se Deus, e sejam dissipados os seus inimigos; fugirão de diante dele os que o odeiam."*

Gloria Patri... Então ele ergueu a sua mão pesada; e uma figural fantasmal lá se levantou, em vestimentas vermelhas, parecendo mais pairar que ficar de pé, com as mãos finas abertas e o capuz branco sobre o cabelo branco visto no brilho das chamas fixas das velas; também outro, de branco, ajoelhou-se no degrau...

Kyrie eleison... Gloria in excelsis Deo... essas coisas se deram como sombras numa parede, com movimentos e farfalhos, mas ele percebia mais a luz que se projetava neles. Ele ouviu *Deus qui in hodierna die...* mas a sua mente passiva não teve impulso algum de ação refletida, nenhuma comichão de compreender que se chegou a essas palavras. *Cum complerentur dies Pentecostes... "E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; e de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados."*

Então ele se lembrou e compreendeu... Ora, era Pentecostes! E, com a memória, um filamento de reflexão retornou. Onde então estava o vento, e a chama, e o terremoto, e a voz secreta? Contudo, o mundo estava silencioso, rígido em seu último esforço de auto-afirmação: não havia tremor algum a mostrar que Deus tinha se lembrado; nenhum ponto de luz, rompendo a abóbada enorme e pavorosa de escuridão, a se estender sobre mar e terra e a revelar que Ele reluzia na eternidade, transcendente e dominante; nem sequer uma voz; e com isso ele compreendeu ainda mais. Ele percebeu que o mundo, cuja paródia monstruosa seu sono lhe havia apresentado durante a noite, era outro que não aquele que ele temia que fosse; era doce, não terrível; amigável, não hostil; claro, não sufocante; e lar, não exílio. Havia presenças aqui, mas não aquelas coisas vorazes e luxuriosas que o encararam na última noite...

Ele pôs a cabeça novamente entre as mãos, ao mesmo tempo envergonhado e satisfeito; e novamente mergulhou nas profundezas da paz interior e reluzente...

Por um tempo, ele não veio a perceber de novo o que tinha feito ou pensado, ou o que se passou ali, a cinco metros de distância daquele baixo degrau. Num momento, uma única ondulação atravessou aquele mar de vidro, uma ondulação de fogo e som, como uma estrela ascendente que risca uma linha de luz em um lago adormecido, tal como um pequeno fio de vibração, fluindo de uma corda tremulante, a cruzar a calmaria de uma noite profunda – e sendo por instante percebido, como que em um espelho disforme, que uma natureza mais baixa tinha sido trazida à existência e ao mesmo tempo posta junto da natureza divina... E então, mais nada além da calmaria envolvente, a sensação do mais profundo coração da realidade, até que se viu ajoelhando-se junto do anteparo e soube que Aquilo, a única coisa que realmente existe na terra, se aproximava dele com a rapidez do pensamento e o ardor do Amor Divino...

Em seguida, quando acabava a missa e ele levantava a sua alma passiva e feliz para receber o último dom de Deus, houve um grito, um clamor repentino no corredor e um homem apareceu à porta, tagarelando árabe.

III

Mesmo com esse som e com essa visão, a sua alma mal apertou os fios lânguidos que a uniam, através de cada fibra do seu corpo, ao mundo dos sentidos. Ele viu e ouviu o tumulto no corredor, olhos agitados e bocas falando alto, e, em um con-

traste estranho, os rostos pálidos e extáticos daqueles príncipes que se viraram e olharam; mesmo dentro daquele tranqüilo aposento do espírito, onde dois seres, Deus Encarnado e o Homem Descarnado, estão presos num abraço, algum processo mental continuava. No entanto, tudo estava ainda tão distante dele quanto um palco iluminado e seu drama está distante de um espectador independente. No mundo material, agora tão atenuado como uma miragem, os acontecimentos se mostravam imediatos; mas para a sua alma, equilibrada agora na realidade e acordada para os fatos, essas coisas não eram mais que um espetáculo...

Ele se voltou de novo para o altar, e ali, como imaginava, em meio à luz clara, tudo estava em paz: o celebrante, visto como que através de vidro fundido, adorava enquanto murmurava o mistério da Palavra feita carne e, mais uma vez indo para o centro, caiu de joelhos.

Mais uma vez o padre compreendeu; pois o processo da mente não consistia mais no pensamento, era antes o vislumbre do espírito. Agora ele sabia tudo; e, por um impulso inevitável, a sua garganta começou a cantar, em voz alta, palavras que, à medida que ele cantava, abriam-se pela primeira vez, como flores contando o seu segredo para o Sol.

O Salutaris Hostia
Qui coeli pandis ostium...[1]

Agora todos eles estavam cantando; até o catecúmeno maometano, que tinha irrompido ali um momento antes, cantou com os demais, a sua cabeça projetada à frente e os seus braços apertados ao peito; a pequena capela tremeu com todas aquelas vozes e o mundo todo se exaltou para ouvir...

---

1 "Ó hóstia salutar, / Que abres a porta do céu"

Ainda cantando, o padre viu o véu, posto como se por um fantasma, sobre os ombros do Pontífice; houve um movimento, uma vaga de figuras desenhadas na sombra e não sendo completamente substância,

...Uni Trinoque Domino...[2]

– e o Papa ficou de pé, Ele mesmo um palor no coração da luz, com dobras espectrais de seda descendo dos Seus ombros, as Suas mãos envoltas nelas e Sua cabeça, vergada, estando escondida pelo ostensório de reflexo prateado e por Aquilo que ele sustentava...

...Qui vitam sine termino
Nobis donet in patria...[3]

Agora estavam se mexendo e o mundo da vida agitava-se com eles; de tudo isso ele estava ciente. Ele estava no corredor, entre os rostos brancos e frenéticos que, dentes à mostra, observavam aquela visão, afinal silenciados pelo estrondo do *Pange Lingua* e pela irradiação daqueles que passaram à vida eterna... No canto, ele se voltou para ver por um instante as seis chamas claras se moverem uns doze metros às suas costas, como lanças vibradas para um Rei, e no meio os raios prateados e o Coração Branco de Deus... Em seguida ele já estava fora, e a batalha já preparada...

Aquele céu, para o qual olhara uma hora antes, tinha passado da escuridão carregada de luz para a luz sobreposta à

---

2 "Ao Senhor Uno e Trino"

3 "A vida sem fim / Nos dê Ele na pátria"

escuridão – da noite brilhante para o Dia da Ira – e tal luz era vermelha...

De trás do Tabor, à esquerda do Carmelo, na extrema direita, sobre as montanhas a vinte milhas de distância, assentava-se uma abóbada imensa de cor; aqui não havia gradações do zênite ao horizonte; tudo era um único reluzir de carmesim, como o brilho do ferro. Era uma cor tal a que os homens tinham visto em crepúsculos depois da chuva, enquanto as nuvens, mais translúcidas a cada instante, transmitiam a glória que não podem possuir. Aqui também estava o sol, pálido como a Hóstia, posto como uma frágil pastilha sobre o Monte da Transfiguração, e ali, lá longe a oeste, onde os homens já tinham em vão clamado por Baal, dependurava-se a foice da luz branca. Ainda assim, tudo não era mais que a luz manchada a descer, violada, cruzando a obra esculpida em pedra...

... In suprema nocte coena,[4]

cantou a miríade de vozes,

Recumbens cum fratribus
Observata lege plena
Cibis in legalibus
Cibum turbae duodenae
Se dat suis manibus...[5]

Ele também viu, como montículos sob a luz, aquele anel de estranhas criaturas similares a peixes, brancas como leite – exceto onde a glória colérica tornava as suas costas vermelhas

---

4 “Na última ceia”

5 “Com os irmãos reunido / Observada a lei plena / Daquilo que é prescrito / Aos doze se entregou / Por suas mãos, em alimento”

– e de asas brancas, tal como mariposas planando, desde a forma pequenina lá longe no sul até o monstro logo à frente, mal à distância de quinhentos metros; e mesmo enquanto olhava, cantando enquanto olhava, compreendeu que o círculo estava mais próximo e percebeu que essas criaturas estavam como se não soubessem nada...

Verbum caro, panem verum
Verbo carnem efficit...[6]

Elas estavam mais perto, agora até junto aos seus pés deslizava sobre o chão a sombra de um pássaro monstruoso, pálido e indefinido, enquanto entre o sol apagado e ele próprio se movia a vasta forma que um momento antes estava sobre a montanha... Em seguida, mais uma vez, esta recuou um pouco e esperou...

Et si census deficit
Ad formandum cor sincerum
Sola fides sufficit...[7]

Ela tinha parado e se virado, indo no meio dos seus companheiros, ouvindo, ele pensou, o soar da harpa e o bater dos tímpanos celestiais; e, atravessando o espaço, moviam-se agora as seis chamas, firmes como se recortadas em aço naquele estupendo equilíbrio de céu e terra; e, no centro delas, a glória de raios prateados e a Brancura do Deus feito Homem...

Então, com um rugido, veio novamente um trovão, repicando, círculo após círculo daquelas impressionantes Presenças

---

6 "O Verbo encarnado, com o seu verbo / Fez realmente do pão a sua carne"

7 "E se o entendimento não basta / Para afirmá-lo ao coração sincero / Apenas a fé basta"

– Principados e Potências –, que, estando elas para o mundo como a substância para a sombra, não eram novamente mais que sombra frente à manifestação máxima e ao anel da Deidade Absoluta... O trovão esmoreceu, sacudindo a terra que agora se encolhia de medo diante do momento final e tremulante da dissolução...

TANTUM ERGO SACRAMENTUM
VENEREMUR CERNUI
ET ANTIQUUM DOCUMENTUM
NOVO CEDAT RITUI...[8]

Ah!, sim; era por Ele que Deus agora esperava – Ele que, sob a sombra tremulante de um domo, não sendo este outra coisa que o âmago piedoso de um esplendor inimaginado, veio em Seu coche veloz, cego para tudo menos aquilo em que Ele tinha fixados os Seus olhos há tanto tempo, ignorante de que o Seu mundo se corrompera em volta d'Ele, a Sua sombra se movendo como uma nuvem pálida pela planície espectral onde Israel lutara e Senaqueribe se vangloriara – aquela planície agora iluminada por um brilho ainda mais intenso, como se o céu, aceso, glória após glória, de uma chama espiritual mais feroz, ainda mantivesse o poder afinal ligado ao alívio da revelação final, e pela última vez as vozes cantaram...

PRAESTET FIDES SUPPLEMENTUM
SENSUUM DEFECTUI...[9]

---

8 O Sacramento tão grande / Veneremos curvados / E a Antiga Lei / Dê lugar ao Novo Rito"

9 A fé venha suprir / A fraqueza dos sentidos"

Agora ele estava vindo, mais ligeiro que nunca, o herdeiro das eras temporais e o Exílio de eternidade, o último e lamentável Príncipe dos rebeldes, a criatura voltada contra Deus, mais ofuscante que o sol que empalidecia e a terra que tremia; e, quando Ele veio, passando então do último estágio material para a sutileza de uma textura de espírito, o círculo flutuante rodopiou atrás d'Ele, atirando-se ao ar como pássaros-fantasmas no despertar de um navio-fantasma... Ele estava vindo, e a terra, posta mais uma vez sob a sua fidelidade, encolheu-se e cambaleou na agonia da reverência dividida...

...Ele estava vindo - e a sombra já tinha corrido fora da planície e desaparecido, e as asas brancas e reticuladas estavam se elevando ao atrevimento, e o grande sino tocou, e o longo e doce acorde soou - não mais que sussurros ouvidos em meio ao forte estrondo da adoração eterna...

....GENITORI GENITOQUE
LAUS ET JUBILATIO
SALUS HONOR VIRTUS QUOQUE
SIT ET BENEDICTIO
PROCEDENTI AB UTROQUE
COMPAR SIT LAUDATIO.[10]

...e mais uma vez...

PROCEDENTI AB UTROQUE
COMPAR SIT LAUDATIO...

Então este mundo se foi, e a glória dele.

---

10 "Ao Pai e ao Filho / Saudemos com brados de alegria / Louvando-os, honrando-os, dando-lhes / Graças e bendizendo-os / Ao Espírito que procede de ambos / Demos os mesmos louvores"